

PUCRS

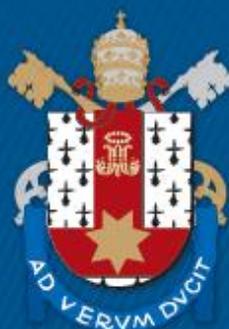
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

NIELLY DA SILVA PASTELLETTO

**EMANCIPAR-SE É CONHECER-SE, EMANCIPAR-SE É REALIZAR-SE: A EMANCIPAÇÃO  
FEMININA NA *REVISTA DA SEMANA* (1927-1934)**

Porto Alegre  
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

NIELLY DA SILVA PASTELLETTO

**EMANCIPAR-SE É CONHECER-SE, EMANCIPAR-SE É REALIZAR-SE: A  
EMANCIPAÇÃO FEMININA NA *REVISTA DA SEMANA* (1927-1934)**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção de grau de Mestre pelo Programa de  
Graduação em História da Escola de  
Humanidades da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica Karawejczyk

Porto Alegre

2021

## Ficha Catalográfica

P291e Pastelletto, Nielly da Silva

Emancipar-se é conhecer-se, emancipar-se é realizar-se : a emancipação feminina na Revista da Semana (1927-1934) / Nielly da Silva Pastelletto. – 2021.

176 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Karawejczyk.

1. Revista da Semana. 2. Emancipação feminina. 3. Trabalho feminino. 4. Voto feminino. 5. Educação feminina. I. Karawejczyk, Mônica. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

NIELLY DA SILVA PASTELLETTO

**EMANCIPAR-SE É CONHECER-SE, EMANCIPAR-SE É REALIZAR-SE: A  
EMANCIPAÇÃO FEMININA NA REVISTA DA SEMANA (1927-1934)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Karawejczyk (PUCRS) - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiana Vargas Maia (La Salle)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlise Regina Meyrer (PUCRS)

Porto Alegre

2021

Para minha eterna professora e professor, Fabiana e Salomão.

## AGRADECIMENTOS

Escrever essa dissertação foi, sem dúvidas, o maior desafio que enfrentei na vida acadêmica até então. Se em conjunturas normais já se fala sobre a solidão do processo de escrita, em meio a uma pandemia global a solidão se intensifica. Sem café no intervalo, sem confraternização após a aula, sem troca de ideias corriqueiras que alimentam o coração e mente. Escrever esse trabalho em meio a essa solidão foi uma tarefa exaustiva, exaustão essa reforçada pelo constante medo de ter aqueles que amo contabilizados como mais uma das 500 mil pessoas a morrerem no país, vítimas da COVID-19 e de uma política genocida e negacionista. Entretanto, os dois anos desse processo de mestrado não foram preenchidos apenas por sentimentos ruins, pois se as adversidades nos impactam, construímos novas pontes, novas formas de ser e estar nesse mundo, e são a essas pontes e a essas pessoas que estiveram comigo nessa trajetória que eu aqui agradeço.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por acreditar na validade desse trabalho e financiá-lo, e meus mais sinceros desejos que possamos ver a reestruturação da pesquisa brasileira em um futuro breve.

À todas as professoras e professores que tive o privilégio de dividir o espaço da sala de aula, em especial a minha orientadora, Prof. Dra. Mônica Karawejczyk, ou apenas Ori, que me acompanhou durante todo o processo, comemorando as vitórias e apoiando nos momentos complicados, sempre com uma paciência e parceria enorme. Assim como as professoras Tatiana Vargas Maia e Marlise Regina Meyrer por aceitarem compor a banca e serem profissionais inspiradoras.

Ao Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC) e todos que o integram, por ser o espaço que fez com que eu encontrasse o real sentido da minha profissão. Por fazer com que eu renove minhas esperanças no futuro, e possa dar um passo em direção a um mundo mais justo. Aos alunos e alunas do PEAC, minhas inspirações diárias para não desistir da academia e me lembrarem o real motivo desse desafio.

Agradecer a Fernanda Trentini, por estar ao meu lado todos os dias, mesmo que a distância, ao longo desses dois anos, colaborando com essa pesquisa como amiga e pesquisadora, além de me fazer rir todos os dias, obrigada pela parceria. Ao Samuel Alves, pelo incentivo no início dessa caminhada, me impedindo de postergar a inscrição, por mais um

semestre. Aos grupos de estudos da universidade e todas suas participantes, que proporcionaram ótimos debates e oportunidades de compartilhar a minha pesquisa.

À minha família, que com seu amor e suporte me proporcionaram a liberdade de me tornar o que eu quisesse. Aos meus tios e tias, Sandra, Airton, Catarina, Davi e Varela, por serem a rede de apoio mais extraordinária que eu poderia ter. Aos meus irmãos, Gabriel e Vitor, por tornarem o cargo de irmã mais velha tão divertido e de um companheirismo único, ao nosso modo. À minha irmã Camila Cunha, por tornar a minha vida, e o mundo, um lugar melhor, mais belo e humano, por dividir momentos e histórias, por caminharmos lado a lado. Ao meu companheiro, Yuan Veiga, por embarcar em todas as minhas loucuras e me convidar para tantas outras, obrigada por apoiar meus sonhos e dividir os teus comigo, enxugar as lágrimas que rolaram nesse processo de escrita e, absolutamente sempre, acreditar e me lembrar do meu potencial. Por ser um historiador que tanto admiro e me serve de inspiração, um ser humano justo e paciente e por despertar o melhor de mim.

À minha mãe e meu pai, Fabiana e Salomão, por me ensinarem pelo que vale a pena lutar, o que é comunidade, o que é amor, por me ensinarem hoje e sempre, por fazerem parte de mim como ninguém nunca poderá ser. Obrigada por serem quem são e me fazerem quem sou. Vocês sempre foram e sempre serão meus eternos e melhores professores, de toda minha vida e para sempre. Sou um pedaço de vocês, mas eu sou toda vocês.

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos “iguais na criação”. Aproxime-se. (HOOKS, 2019, p. 15)

## RESUMO

Na primeira metade do século XX, o Brasil passa por um intenso período de modernização. Essa modernização pode ser vista nas tecnologias que propiciaram uma franca expansão da imprensa brasileira, em especial no Distrito Federal, assim como foi um período de transformação social, que contou com a progressiva ocupação das mulheres aos ambientes públicos e conseqüentemente alterou seu papel na sociedade. Neste ínterim surge a *Revista da Semana*, periódico carioca fundado em 1900 que se mantém ativa até 1959, e consagrando-se como pioneira na utilização massiva de fotografias. O objetivo desse trabalho é investigar como a revista abordava as questões referentes à emancipação feminina nesse momento de efervescência nacional, especificamente entre os anos de 1927 e 1934, importantes marcadores para a conquista de direitos femininos. Ao falarmos sobre emancipação, foram considerados conteúdos que dizem respeito a questões ligadas ao trabalho, voto e educação das mulheres. Além de utilizar a *Revista da Semana* como fonte, ela será analisada enquanto objeto, para atingir esse objetivo, foi empregada a metodologia de Análise de Conteúdo.

**Palavras-chave:** *Revista da Semana*; Emancipação feminina; Trabalho feminino; Voto feminino; Educação feminina.

## ABSTRACT

In the first half of the 20th century, Brazil is going through an intense period of modernization. This modernization can be seen in the technologies that provided a frank expansion of the Brazilian press, especially in the Federal District, as well as it was a period of social transformation, which included the progressive occupation of women in public environments and consequently altered their role in society. In the meantime, *Revista da Semana* was created, a periodical from Rio de Janeiro founded in 1900, which remained active until 1959, and established itself as a pioneer in the massive use of photographs. The objective of this work is to investigate how the magazine approached issues related to female emancipation at this moment of national effervescence, specifically between the years 1927 and 1934, important markers for the achievement of women's rights. When talking about emancipation, we considered content that concerns issues related to women's work, voting and education. In addition to using the *Revista da Semana* as a source, it will be analyzed as an object, to achieve this goal, the Content Analysis methodology was used.

**Keywords:** *Revista da Semana*; Female emancipation; Women's work; Female vote; Female education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cabeçalho da edição nº 15 de 1900 .....	34
Figura 2 - Capa da edição nº 01 de 1900 .....	36
Figura 3 - Número onde consta a edição do Jornal do Brasil em 14 fevereiro de 1914.....	39
Figura 4 - Número que deixa de constar referência ao Jornal do Brasil (1915).....	39
Figura 5 - Novas instalações da <i>Revista da Semana</i> .....	40
Figura 6 - Exemplo de publicidade dos prêmios conquistados pela <i>Revista da Semana</i> .....	42
Figura 7 - Cabeçalho apresentado de 1927 até 1928 .....	44
Figura 8 - Cabeçalho apresentado de 1928 até 1930 .....	44
Figura 9 - Cabeçalho apresentado de 1930 até 1932 .....	44
Figura 10 - Cabeçalho apresentado de 1932 até 1934 .....	45
Figura 11 - Mulher proferindo discurso em praça pública .....	77
Figura 12 - Homenagem da União dos empregados do comércio para o Batalhão João Pessoa .....	81
Figura 13 - Legenda da fotografia com juízo de valor sobre Feliciano Sodré .....	91
Figura 14 - Exposição dos trabalhos da Escola Celestino Silva.....	95
Figura 15 - Turma mista do Instituto La-Fayette .....	97
Figura 16 - Turma feminina de química experimental do Instituto La-Fayette .....	98
Figura 17 - Turma masculina de química experimental do Instituto La-Fayette .....	98
Figura 18 - Celebração de aniversário da UUF na sede na FBPF .....	104
Figura 19 - “Mulher-soldado” polonesa em sentinela .....	123
Figura 20 - Inauguração da Editora Ravaro .....	128
Figura 21 - Celina Viana, primeira mulher a votar no RN .....	142
Figura 22 - Homenagem da FBPF ao governador Juvenal Lamartine .....	143
Figura 23 - Eleições no Japão.....	146
Figura 24 - Policial inglês cuidando de crianças para suas mães votarem .....	148
Figura 25 - Mulheres aguardando para votar no Meyer .....	149
Figura 26 - Tribuna feminina na instalação da comissão para o anteprojeto da Constituição	152
Figura 27 - Fotografia assinada por Ilka Labarthe .....	153

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Identificação do <i>corpus</i> documental da categoria vindicação feminina por gênero jornalístico.....	69
Gráfico 2 - Divisão por gêneros jornalísticos da categoria vindicação feminina entre outubro de 1927 a outubro de 1930.....	70
Gráfico 3 - Divisão por gênero jornalístico da categoria vindicação feminina entre novembro de 1930 a dezembro de 1934 .....	78
Gráfico 4 - Identificação do <i>corpus</i> documental da categoria educação por gênero jornalístico.....	89
Gráfico 5 - Divisão por gênero jornalístico da categoria educação entre outubro de 1927 a outubro de 1930.....	91
Gráfico 6 - Divisão por gênero jornalístico da categoria educação entre novembro de 1930 a dezembro de 1934.....	102
Gráfico 7 - Identificação do <i>corpus</i> documental da categoria trabalho por gênero jornalístico.....	116
Gráfico 8 - Divisão por gênero jornalístico da categoria educação entre outubro de 1927 a outubro de 1930.....	117
Gráfico 9 - Identificação do <i>corpus</i> documental da categoria voto por gênero jornalístico .....	138
Gráfico 10 - Divisão por gênero jornalístico da categoria voto entre outubro de 1927 a outubro de 1930.....	139
Gráfico 11 - Divisão por gênero jornalístico da categoria voto entre novembro de 1930 a dezembro de 1934.....	147
Gráfico 12 - Identificação do <i>corpus</i> documental geral por gênero jornalístico .....	158
Gráfico 13 - Divisão do <i>corpus</i> documental geral sobre nacionalidade.....	159
Gráfico 14 - Divisão do <i>corpus</i> documental geral sobre autoria.....	160
Gráfico 15 - Divisão do <i>corpus</i> documental geral sobre posicionamento.....	161
Gráfico 16 - Divisão do <i>corpus</i> documental geral sobre os quartis .....	162

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Eixos temáticos categoria vindicação feminina entre outubro de 1927 e outubro de 1930 .....	73
Tabela 2 - Eixos temáticos da categoria vindicação feminina entre novembro de 1930 e dezembro de 1934.....	79
Tabela 3 - Eixos temáticos da categoria educação entre outubro de 1927 e outubro de 1930.	92
Tabela 4 - Eixos temáticos da categoria educação entre novembro de 1930 e dezembro de 1934 .....	102
Tabela 5 - Salário dos trabalhadores adultos do Rio de Janeiro, 1920.....	113
Tabela 6 - Eixos temáticos da categoria trabalho entre outubro de 1927 e outubro de 1930.	118
Tabela 7 - Eixos temáticos da categoria trabalho entre novembro de 1930 e dezembro de 1934 .....	125
Tabela 8 - Eixos temáticos da categoria voto entre outubro de 1927 e outubro de 1930.....	139
Tabela 9 - Eixos temáticos da categoria voto entre novembro de 1930 e dezembro de 1934	147

## LISTA DE ABREVIATURAS

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FBPF – Federação Brasileiro pelo Progresso Feminino

UUF – União Universitária Feminina

ABE – Associação Brasileira da Educação

NUWSS – *National Union of Women's Suffrage Societies*

NAWSA – *National American Woman's Suffrage Association*

OIT – Organização Internacional do trabalho

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 “FOTOGRAFIAS INSTANTÂNEAS, DESENHOS E CARICATURAS”</b> .....	32
1.1 <i>REVISTA DA SEMANA</i> E SUA HISTÓRIA .....	32
1.2 UM RAIOS-X DO <i>CORPUS</i> DOCUMENTAL ENTRE 1927-1934 .....	41
1.3 A IMPRENSA COMO FONTE E O FAZER HISTÓRICO .....	52
1.4 IMPRENSA PERIÓDICA – AS REVISTAS E A MODERNIDADE .....	56
<b>2 VINDICAÇÃO FEMININA E EDUCAÇÃO: “A EDUCAÇÃO É A SALVAÇÃO, A EDUCAÇÃO UM SACERDÓCIO.”</b> .....	66
2.1 VINDICAÇÃO FEMININA .....	66
2.1.1 Vindicação feminina de outubro de 1927 até outubro de 1930.....	69
2.1.2 Vindicação feminina de novembro de 1930 até dezembro de 1934.....	77
2.2 EDUCAÇÃO.....	85
2.2.1 Educação de outubro de 1927 até outubro de 1930.....	90
2.2.2 Educação de novembro de 1930 até dezembro de 1934.....	101
<b>3 TRABALHO E VOTO: “MULHERES BRASILEIRAS, RESPONDAM AO DESAFIO QUE LHEIS FOI LANÇADO!”</b> .....	110
3.1 TRABALHO .....	110
3.1.1 Trabalho de outubro de 1927 até outubro de 1930.....	116
3.1.2 Trabalho de novembro de 1930 até dezembro 1934 .....	124
3.2 VOTO.....	132
3.2.1 Voto de outubro de 1927 até outubro de 1930 .....	138
3.2.2 Voto de novembro de 1930 até dezembro de 1934 .....	146
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	157
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	167
<b>ANEXOS</b> .....	173
Anexo A – Charge <i>O voto feminino</i> .....	173
Anexo B – Charge Situações feministas .....	174
<b>APÊNDICE</b> .....	175
Apêndice A – Exemplo de parte da tabela que mapeou as principais colunas.....	175
Apêndice B – Exemplo de parte da tabela de análise geral.....	175
Apêndice C – Tabela comparativa de valores da <i>Revista de Semana</i> 1930-1934.....	176

## INTRODUÇÃO

A *Revista da Semana*, que nesta pesquisa serviu tanto como fonte como objeto de pesquisa, foi um periódico que se autointitulava de variedades, e editado na cidade do Rio Janeiro entre os anos de 1900 e 1959, reconhecido pelo seu trabalho pioneiro na publicação sistemática de fotografias. Porém, para mim, a *Revista da Semana* vai além disso, motivo de fascínio, a revista me conquistou ainda durante o período de graduação. O primeiro contato se deu através de um ‘tropeço’, uma pesquisa solicitada pelo estágio<sup>1</sup> que efetuava na época e que me levou ao *site* da Biblioteca Nacional. A página da Biblioteca Nacional anunciava um destaque para sua Hemeroteca Digital, onde divulgava as entrevistas com as mulheres brasileiras que concorreram na eleição para a Assembleia Constituinte na década de 1930. Levei esse material para minha orientadora<sup>2</sup> na época e, em cima dele e de outros materiais da *Revista da Semana*, estruturamos o artigo do meu trabalho de conclusão, que se dedicou a compreender como a revista falava sobre questões relacionadas ao voto feminino, entre os anos de 1930 e 1933.

Foi paixão à primeira vista. A *Revista da Semana* me capturou, de múltiplas maneiras. As fotografias, mesmo que com a resolução comprometida pelo sistema de digitalização da Biblioteca Nacional, me fizeram entrar na atmosfera vivida pelas mulheres do Rio de Janeiro da época. As opiniões diversas que compunham o periódico, as belas capas, enfim, ela inteira me fascinou e capturou minha atenção. Na apresentação do trabalho de conclusão ouvi de uma professora que daquele material poderia surgir um projeto de mestrado e apoiada nisso procurei a professora Mônica Karawejczyk, que me orienta neste trabalho, e assim debatemos formas de construir um projeto com o periódico<sup>3</sup>.

Eu tinha poucas certezas, mas entre elas eu sabia que queria permanecer com a dupla análise, de fonte e objeto. Infelizmente o material relativo ao voto feminino não era numeroso o suficiente para constituir o *corpus* documental necessário para uma dissertação, então optamos por ampliar a temática da pesquisa para emancipação feminina. O recorte temporal também foi modificado, passando a abranger os anos de outubro 1927 até dezembro de 1934. O título da dissertação foi elaborado a partir da matéria<sup>4</sup> de Maria Lacerda de Moura, publicado

---

<sup>1</sup> O referido estágio foi realizado no Tribunal Regional Federal da 4ª Região, no setor de Memória da instituição, entre os anos de 2016 e 2018.

<sup>2</sup> Fui orientada pela Profª Drª Tatiana Vargas Maia, no curso de graduação em história na Universidade La Salle, Canoas/RS, em 2018/02.

<sup>3</sup> O trabalho de conclusão de curso foi adaptado e publicado na Revista Outras Fronteiras, v. 06, n. 01, 2019.

<sup>4</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 41, ano XXXI, 27 de setembro de 1930, p. 16, Rio de Janeiro.

em setembro de 1930, onde a autora analisa dois títulos que foram a ela enviados por Rachel Prado. “O trabalho feminino na Comunhão Social” e “Qual a aspiração da mulher na sociedade atual”, a partir dessas sentenças, Maria Lacerda questiona o que é ser, de fato, uma pessoa emancipada. Entre esses pensamentos é possível identificar elementos que não aparecem, ou aparecem pouco, nos demais materiais selecionados na pesquisa, como questões relacionadas a classe social, capitalismo e o que conhecemos hoje como sororidade. Entre as inferências feitas no material, a autora afirma: “Emancipar-se é conhecer-se, emancipar-se é realizar-se”, entretanto reflete sobre o quão egoísta é esse pensamento, ao questionar “todos nós pensamos na nossa emancipação individual, emancipação econômica, no nosso bem-estar, na nossa independência, no nosso conforto. E os outros?”. Optei por evidenciar essa frase e colocá-la no título do trabalho por duas razões, a primeira, é por cristalizar o conceito de emancipação, que acredito eu, tenha sido o conceito estabelecido pela revista; e a segunda razão, é por servir como um lembrete de que o conceito de emancipação vai para além daquele identificado nesse trabalho, demonstrando a pluralidade de ideias de emancipação, para uma pluralidade de mulheres.

Na época da escrita do projeto eu não tinha noção do tamanho do desafio que isso iria se mostrar, no que se referia ao objeto de pesquisa, ao tema e ao recorte temporal. Havia escolhido uma revista que mesmo sendo considerada uma das mais importantes nos trinta primeiros anos do século XX, conta com poucos trabalhos historiográficos que se dediquem a investigá-la, em especial enquanto objeto. O recorte temporal também não é o que reúne o maior número de pesquisas, quando se trata de história das mulheres, muitos são os autores e autoras que consideram as lutas políticas femininas, em especial no Brasil, apenas dos anos 1970 em diante, desconsiderando o movimento de mulheres anterior. E por fim, a própria temática da emancipação feminina, conta com poucos trabalhos que se dedicam a explorar tal questão, especialmente no início do século XX.

Nas questões do recorte temporal é possível perceber o pouco espaço que o período entre 1920 e 1930 dispõe nas obras que se dedicam a narrar a história do feminismo ou mesmo da história das mulheres. Essa defasagem pode ser constatada ao consultar, por exemplo, obras como *Uma Breve História do Feminismo no Brasil*, de Maria Amélia de Almeida Teles (1999) que dedica seis páginas sobre o período em um livro com mais de 166 páginas. O mesmo acontece em *Uma História do Feminismo no Brasil*, da historiadora Céli Pinto (2003), que de suas 109 páginas reserva apenas vinte e seis para toda a Primeira República. Porém é necessário ressaltar que Céli Pinto se diferencia por dar um enfoque especial a questões ligadas ao voto feminino. Já em *O Feminismo e a Política*, de Luis Felipe Miguel (2014), esse recorte temporal

é apenas citado como precursor do movimento dos anos 60 e 70, mesmo com toda sua relevância para as alterações da política nacional e da emancipação feminina.

As datas limites de pesquisa foram definidas a partir de eventos políticos que foram importantes para a emancipação feminina. Em outubro de 1927 temos a ocorrência do primeiro voto feminino registrado no país, com o apoio do político Juvenal Lamartine, vinte mulheres conseguem o alistamento eleitoral e voto para as eleições locais no Rio Grande do Norte. Esse fato serviu como um propulsor para a luta feminina pelo sufrágio, abrindo precedentes para a intensificação dos trabalhos para a conquista oficial dos direitos políticos (SOHEIT, 2000). Como data final, foi escolhido o ano de 1934, ou seja, um ano após a primeira eleição na qual as mulheres brasileiras haviam participado do pleito. Essa decisão foi tomada tendo em vista que um fato de tamanha relevância como a conquista do sufrágio, poderia causar repercussão posterior e, caso essa hipótese viesse a se confirmar, seria de grande relevância compreender como esse debate seria abordado pela *Revista da Semana*.

As pesquisas que utilizam como fonte a *Revista da Semana*, versam sobre os mais variados temas<sup>5</sup>. Entre eles destacam-se as fotografias, uma vez que a revista foi precursora na utilização desse recurso. Trago como exemplo o trabalho de Eliza Bachega Casadei (2013) que destaca a relevância do uso das imagens e outros fatos referentes à narração e formato das reportagens, na tese intitulada *Os Códigos e os Padrões de Narração e a Reportagem: Por uma História da Narrativa do Jornalismo de Revista no Século XX*, mas sem dar grande destaque para a *Revista da Semana*, sendo mais um estudo comparativo. Já Anderson Trevisan (2011) em *Velhas Imagens, Novos Problemas: A Redescoberta de Debret no Brasil Modernista (1930-1945)* dedica praticamente toda sua tese à investigação da revista carioca, na qual revê as obras do pintor francês, reforçando seu vínculo com o mundo imagético. Ainda dentro do espectro fotográfico temos trabalhos como *Disparos: Ensaios Sobre Fotografia de Guerra* do jornalista Lucas de Oliveira Loconte (2015), narra a cobertura feita pela revista sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Crônicas e cronistas também foram uma área explorada pela historiografia. Paulo Barreto (2001), por exemplo, dedicou-se à investigação das crônicas de João do Rio, no estudo *Crônicas Efêmeras: João do Rio na Revista da Semana*. Proposta semelhante foi elaborada em *Pinheiro Chagas, A Versatilidade do Cronista na Revista da Semana*, de Jane Adriane Gandra (2015), analisando as escritas do autor. Em *O Rio em Revista: A Reforma Pereira Passos nas Crônicas da Revista da Semana, D'o Malho e da Kosmos*, de Márcia Cezar Diogo (1999),

---

<sup>5</sup> A *Revista da Semana* será descrita com mais detalhes no capítulo 1.

elabora um paralelo entre a *Revista de Semana* e outros periódicos de grande circulação, não se aprofundando em um deles, como a maioria dos trabalhos elaborados com a revista descritos acima.

Nesses trabalhos, as mulheres são abordadas quando a temática gira em torno de algo relacionado a concepção de feminilidade, através do cuidado e da moda. Temos como exemplo o trabalho para obtenção do doutorado em enfermagem de Fernando Porto (2017), intitulado *Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)*, no qual mesmo o autor reservando dois parágrafos para comentar o momento de conquistas no espaço público através do trabalho, nada mais é citado que se possa relacionar com algum vislumbre de emancipação. Por outro lado, *Chics, Elegantes e Distintas: A Moda na Seção Jornal das Famílias da Revista da Semana (1915-1918)* tem-se um trabalho na área da história, a pesquisa produzida por Sediana Rizzo Czrnorski (2015) que investiga uma seção específica da revista, e mantém-se dentro da área comumente explorada em grandes revistas, moda feminina.

Ao falar sobre emancipação feminina, dentro do recorte temporal proposto, fiz a opção por trabalhar com um tripé de conceitos, a saber, educação, voto e trabalho. Nesta área, o trabalho mais sólido que abarca tais conceitos é o elaborado pela brasilianista June Hahner (2003), *Emancipação do Sexo Feminino: A Luta pelos Direitos da Mulher no Brasil (1850-1940)*, no qual a autora traça um amplo panorama sobre as condições das brasileiras no século XIX e XX, dando ênfase para as narrativas sobre mulheres brancas, que viviam no meio urbano. Outro material de grande relevância para a pesquisa foi a obra de Susan Besse (1999), *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*, mesmo que a autora não se proponha a investigar a temática do voto feminino, suas demais contribuições foram essenciais para a construção desse trabalho.

Outra contribuição importante para esta pesquisa foi a de Virgínia Maria Netto Mancilha (2012) em sua dissertação *Vozes Femininas: Um Estudo Sobre a Revista Feminina e a Luta Pelo Direito ao Voto, ao Trabalho e à Instrução*. A autora no seu trabalho aborda de forma muito eficaz a perspectiva que esta pesquisa se propõe, ou seja, fazer levando-se em conta o tripé da emancipação. Mancilha se debruça em um periódico feminino específico, de grande tiragem, caracterizando-se assim como a pesquisa com maior proximidade da proposta aqui explanada. Maria de Lourdes Eleutério (2012) também dedica estudos sobre a emancipação em *O Lugar da Emancipação da Mulher no Periodismo Paulista (1888-1930)*. A historiadora elabora um panorama geral sobre as revistas de maior circulação, destacando pontos importantes, como o fato de homens escreverem matérias sob pseudônimos femininos, assim

como destaca o caso de auto intitulação das próprias, que se proclamavam como femininas no seu próprio título, a fim de atrair esse público.

Ainda dentro do mesmo recorte temporal encontramos o trabalho de Karen Freme Duarte Sturzenegger (2018) *Emancipação Feminina na República Velha*, a autora se propôs, nessa obra, a fazer unicamente uma revisão bibliográfica da questão emancipatória feminina, contudo não aborda em nenhum momento a questão do trabalho feminino. Tem-se também a ocorrência de estudos que visam examinar um grupo em uma região específica, como é o caso de Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz e Alcileide Cabral do Nascimento (2014) no trabalho *O Debate em Torno da Emancipação Feminina no Recife (1870-1920)*, deslocando o olhar do eixo Rio-São Paulo. Nesse trabalho as autoras trazem uma importante reflexão, mesmo que o movimento de mulheres do período não lutasse para que houvesse uma quebra dos paradigmas do que era ser mulher, colaboraram para a alargar as possibilidades dos papéis dos quais as mulheres poderiam desempenhar na sociedade brasileira.

O que não podemos continuar afirmando, de forma quase mítica, é que essas lutas, os embates, a intensa utilização da imprensa, falada e escrita, as estratégias e táticas colocadas em ação a cada virada do jogo, o amadurecimento da consciência do lugar de submissão, em que as mulheres se encontravam, não fissuraram o papel da mulher na sociedade. (PEREIRA, NASCIMENTO, 2014, p. 364)

Tratar sobre emancipação feminina é, obrigatoriamente, falar sobre história das mulheres. O não registro das mulheres na história é uma questão que vem sendo tratada a pouco tempo se comparado com o período de existência da disciplina histórica, o próprio conceito dado por Peter Burke “[...] a história dos grandes feitos de grandes homens” (BURKE, 1997, p. 17) é um claro indicativo.

Com a emergência da história das mulheres, se expõe a diferença hierárquica que a disciplina impunha entre a história, dita universal, e a história das mulheres, trazendo à tona o questionamento de porque a história ‘dos grandes homens’ foi aceita por tanto tempo como uma norma? Nas palavras da autora Joan Scott

a história das mulheres traz à luz as questões de domínio e de objetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas. A solicitação supostamente modesta de que a história seja suplementada com informação sobre as mulheres sugere, não apenas que a história como está é incompleta, mas também que o domínio que os historiadores têm do passado é necessariamente parcial. E, o que é mais perturbador, abre à sondagem da crítica a verdadeira natureza da história como uma epistemologia centralizada no sujeito. (SCOTT, 2011, p. 79)

Assim, o surgimento da história das mulheres confronta o fazer histórico como um todo, questionando a validade dos princípios da disciplina, os seus objetos.

Além disso, o debate sobre espaço público e privado se mostra primordial para a compreensão do feminismo como um todo. O espaço público e o privado são construídos como

antagonistas, no qual apenas no primeiro existiria força política atuante. Para Flávia Biroli (2014) o espaço público é aquele que abriga a razão e a impessoalidade, é aquele se propõe como representante de todos, do ‘homem universal’, enquanto a esfera privada resguarda tudo aquilo que diz respeito a personalidade e a intimidade. E nessa divisão de espaços do mundo, a mulher ocupou, historicamente, o espaço privado, sendo assim permaneceu restrita ao que é íntimo, aquilo que não pertence ao debate público, criando a ideia de pertencimento natural a esfera privada, logo, desprovida das características que conceituam a esfera pública, uma vez que são espaços opostos. Com essas demarcações se constroem as diferenças hierarquizadas entre os sexos como algo natural (BIROLI, 2014).

Com a esfera privada ficando fora da intervenção do Estado, as mulheres lá inseridas tiveram sua autonomia limitada, além de estarem sujeitas a dominação masculina, sem terem a possibilidade de intervenção legal a seu favor. Flávia Biroli destaca ainda que

A garantia de liberdade e autonomia para as mulheres depende da politização de aspectos relevantes da esfera privada – podemos pensar, nesse sentido, que a restrição ao exercício de poder de alguns na esfera doméstica é necessária para garantir a liberdade e a autonomia de outras. (2014, p. 34)

E foi com essa politização que as mulheres da primeira metade do século XX, conseguem obter uma série de direitos, alguns dos quais alguns serão apresentados ao longo desse trabalho, em especial o direito ao voto. June Hahner já imbuída dos questionamentos trazidos pelo novo modo de ver a história, já nos alerta para que “em vez de perguntar por que a mulher detém tão poucas realizações de ‘importância histórica’, devemos questionar os padrões que foram e estão sendo utilizados para avaliar o que é efetivamente de significação histórica” (HAHNER, 1981, p. 16).

Michelle Perrot (2017) traz um questionamento sobre esse longo histórico de silenciamento das mulheres, retomando desde as escrituras bíblicas. Assim, segundo ela, formou-se uma desvalorização dos feitos, sentimentos e atividades das mulheres ao longo da história, desclassificando toda a atividade feminina, não havendo uma preservação dessas atividades. A autora classifica esse apagamento como o silenciamento das fontes, onde as mulheres acabam por não deixar nenhum registro pois, aqueles que faziam tal relato, entenderem que não eram significantes. Aqui entra em questão a própria formação da história com uma disciplina, exaltando os feitos heroicos de uma minoria masculina branca.

Um movimento de interação entre sociologia e história desenvolveu subcampos que alteraram ambas as disciplinas, sociologia histórica e a própria história social (HUNT, 1992). Outra área que interagiu com as premissas históricas foi a antropologia, sendo ela uma das principais contribuidoras para a expansão do que veio a ser conhecido como história cultural.

Com a abertura da interdisciplinaridade vieram também novas possibilidades de pesquisa, uma vez que ocorre uma ampliação do que se consideravam como fontes possíveis para o estudo histórico, o que por si só, possibilitou a formação de novas pesquisas.

Tais transformações foram tão significativas para a reestruturação das ciências no mundo que, segundo Lynn Hunt (1992), durante a década de 70, o eixo dos artigos publicados no campo histórico deixou de ter proeminência na área política, que foi o centro da disciplina por toda sua existência, para ter um maior número de trabalhos na área econômica - aqui se pode destacar a influência das teorias marxistas - e social. E foi nessa esteira que eclodem os estudos que se dedicam a investigar as mulheres na história.

Tal como destaca Rachel Soihet (1997, p. 275) essa “interdisciplinaridade, uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres. A onda<sup>6</sup> do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da história das mulheres.”, demonstrando assim que a mudança científica foi um movimento científico e social.

Entretanto, quando nos debruçamos aos estudos de histórias das mulheres, precisamos delimitar sobre quais mulheres estamos falando, uma vez que se deve entender as multiplicidades contidas dentro do conceito mulher. A *Revista da Semana* estava inserida dentro de um contexto de modernização, onde a imprensa foi diretamente influenciada pelas novas tecnologias, o que propiciou uma franca expansão no mercado editorial (BENCHIMOL, 2018). A capital do Rio de Janeiro, local onde a revista era publicada, passava por uma remodelação intensa no final do século XIX início do século XX, com o advento da república. A reestruturação do espaço físico da cidade era grande, em um claro movimento que objetivava a criação de um espaço que correspondesse ao novo *status* político da nação. Para Ana Maria Mauad “bulevares substituíram vielas, cafés e confeitarias os freges e quiosques, e o pacato cidadão deu lugar ao *dandy* ou ao *smart*; todas as instâncias do viver em cidade foram sendo adequadas a um novo padrão de comportamento.” (MAUAD, 2005, p. 152)

Conforme a pesquisa avança os anos analisados, se tem uma mudança significativa na política nacional. Após o sistema internacional ser abalado com crise gerada pela quebra da

---

<sup>6</sup> Alcileide Nascimento e Noemia Luz, ao conceituarem as ondas do feminismo, ou seja, a divisão da história do feminismo para fins didáticos, as definem como “noção de onda indica movimentos que se manifestam como ondas, que irrompem em determinados tempo e lugar, deságuam em outros e se esvaem rapidamente, reforçam a ideia de centros irradiadores e suas margens, e também indicam as formas efêmeras dos movimentos feministas que acontecem de tempos em tempos, descontínuos, e se dissipam rapidamente” (2014, p. 343). Neste trabalho me dediquei ao que se convencionou chamar de primeira onda, de acordo com Joana Maria Pedro “Na Primeira Onda (final do século XIX e início do XX), as mulheres reivindicavam direitos políticos, sociais e econômicos; na Segunda Onda (a partir da metade dos anos 1960), elas passaram a exigir direito ao corpo, ao prazer, e lutavam contra o patriarcado.” (PEDRO, 2011, p. 271)

bolsa de valores em 1929, o Brasil também se vê em uma posição econômica delicada. Uma vez que a maior parte da produção nacional, produtos agrícolas, tinha como destinatário o mercado externo, com a crise internacional esse excedente fica estocado<sup>7</sup>. Se valendo dessa instabilidade, o candidato da Aliança Nacional, Getúlio Vargas, se alça ao poder, encontrando nessa instabilidade a justificativa para instaurar um governo centralizador (SKIDMORE, 1998). Ainda em 1930, ano da chegada de Vargas ao poder, a proposta de centralização pode ser observada com a tomada do poder não apenas executivo, mas também do legislativo, dissolvendo o Congresso Nacional, além das instâncias legislativas em níveis estaduais e municipais, além da substituição dos governadores do Estado por interventores nomeados (FAUSTO, 1995).

Entre as modificações que impactaram diretamente os direitos femininos, ainda durante o Governo Provisório é possível destacar a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Com o instauro desse ministério decisões importantes foram tomadas, para legislação do trabalho feminino, entre elas o limite da jornada de trabalho, que por vezes excedia a carga horária de 16h por dia, além da carga do trabalho doméstico (MORAES, 2008). Outra legislação que causou grande impacto na vida das brasileiras foi a conquistada através da reformulação do código eleitoral, que além de uma reforma que se pretendia moralizadora da política nacional, dava acesso as mulheres a participar dos pleitos eleitorais, tanto enquanto candidata como enquanto eleitoras.

Quem são as mulheres que povoam as páginas da *Revista da Semana* entre 1927 e 1934? Quem poderia vir a ser suas leitoras? Marília Scalzo (2003) lembra que as revistas têm o poder de criar identidades e, para exemplificar tal afirmativa, a autora ressalta que, em um grupo de meninas, se estabelecem diferenças entre aquelas que leem daquelas que não leem determinado periódico. Mauad (2005, p. 153), por sua vez, destaca que tais revistas auxiliavam na “coesão interna do grupo em ascensão social. Com efeito, veiculavam comportamentos tidos como necessários para se tornar um bom cidadão, atuando como modelos a serem copiados e exemplos a serem seguidos.”. Quais impactos a leitura da revista teria entre o grupo de meninas e mulheres da cidade do Rio de Janeiro? E do país? Infelizmente não se tem como inferir sobre tais questionamentos, porém se pode investigar quais mulheres a revista representa em suas páginas. Com a leitura integral da revista fica claro para a pesquisadora quais mulheres são representadas nas suas páginas quando se aborda a questão da emancipação feminina. Mulheres

---

<sup>7</sup> Marcelo de Paiva Abreu (1995, p.15) afirma que na década de 1920, 90% das exportações do país dependiam de oito produtos primários, café (cerca de 70% do total), açúcar, cacau, algodão, mate, tabaco, borracha e couros e peles

essas que estão inseridas no meio urbano, que pertencem ou que tem proximidades com redes de contatos que exercem influência na política, fazendo parte, em sua maioria, de um círculo econômico privilegiado, o que lhes proporcionou atingir determinados graus de educação que não eram comuns para a maioria das mulheres. Essa descrição das mulheres que se destacam pode ser vista em outros trabalhos, como o apresentado por June Hahner (2003). Entretanto, acredito que seja relevante destacar também os silêncios que chamam a atenção. O grupo de mulheres que foi descrito anteriormente representa o único tipo de mulheres que foi identificado ao longo da pesquisa. Dessa forma ficaram excluídas menções que dissessem respeito a mulheres que vivam na área rural, mulheres negras e pobres<sup>8</sup>.

Para a formulação deste trabalho foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo, conforme as indicações de Laurence Bardin (1977) e Roque Moraes (1999). Moraes (1999) destaca que para a análise do material a ser investigado, podemos delimitá-lo, para fins de análise, dentro de seis possíveis categorias nas quais um objeto de pesquisa pode ser classificado, sendo elas: a) Quem fala? b) Para dizer o quê? c) A quem? d) De que modo? e) Com que finalidade f) com que resultados. De forma geral esses questionamentos serviram de base para conduzir a análise de todos os materiais encontrados na revista, tal como ficará claro ao longo dos capítulos.

Aprofundando-se nas questões metodológicas, Moraes (1999) elenca as próximas etapas necessárias para o tratamento da Análise de Conteúdo. Iniciando pela preparação do material, que consistiu em identificar as diferentes amostras de informações e iniciar um processo de codificação desses materiais. Para esse procedimento fiz a leitura integral de 365 edições da revista, o que abrange todos os números disponíveis na Hemeroteca Digital no recorte temporal aqui proposto<sup>9</sup>. Ao todo foram selecionadas 316 matérias para compor o *corpus* documental da pesquisa, que serão explanadas com mais detalhes seguir.

Dessa primeira leitura – definida como leitura flutuante - produzi uma tabela, (parte dela pode ser observada no apêndice A) com o levantamento de informações sobre a estrutura da revista. Nela identifiquei todas as colunas de cada edição, assim como suas páginas e, quando havia, a autoria das matérias. A partir desta tabela, que conta com quase 200 páginas, pude quantificar quais os colaboradores e colaboradas que tiveram o maior número de contribuições, assim como as colunas e seus autores. Uma segunda tabela começou a ser elaborada a partir

---

<sup>8</sup> Como será destacado ao longo do trabalho, mulheres pobres, trabalhadoras de fábricas, por exemplo, serão citadas apenas quando estrangeiras, não havendo menções de trabalhadoras fabris ou pobres no contexto nacional.

<sup>9</sup> O levantamento de fontes foi concluído no segundo semestre de 2020, desde então pode ter havido alterações nas edições digitalizadas pela Biblioteca Nacional em sua Hemeroteca Digital.

dessa primeira leitura dos conteúdos selecionados, parte dela está exemplificada no apêndice B. Na segunda tabela pude catalogar informações quanto à descrição das matérias, (em qual página se encontrava, data de publicação, autoria, se inserida em alguma coluna) além de definir a qual o gênero textual<sup>10</sup> que se enquadram.

Após essa primeira identificação percebi a necessidade de mais uma subdivisão no *corpus* documental, assim, através de uma leitura metódica, para que seja possível definir suas unidades de análise, acrescentando novos códigos a eles, isolar cada uma dessas unidades de análise e definir suas unidades de contexto, tal como ressaltam Roque Moraes (1999) e Laurence Bardin (1977), ao explicitarem o método da Análise de Conteúdo. Tendo em vista que as unidades de análise, que serão chamadas de categorias, já estavam definidas pelo tema do trabalho (voto, educação e trabalho), pude antecipar algumas etapas do cronograma estabelecido por Roque Moraes e Laurence Bardin. Aqui cabe uma ressalva quanto as categorias de análise definidas para esta pesquisa. Nas que foram elencadas para categoria de trabalho selecionei conteúdos que comunicassem apenas sobre atividades que poderiam colaborar para a emancipação financeira das mulheres, ficando excluídas então as matérias sobre poetisas, musicistas, entre outras atividades que dificilmente proporcionariam a independência delas. Com a leitura mais minuciosa das matérias, verifiquei que uma parte delas englobava mais de uma das categorias, tratando emancipação de forma mais integralizada, não apenas voto, ou apenas trabalho, por exemplo. Assim, optei por fazer uma análise em separado desses materiais, para compreender especificamente essa nova categoria, então adicionei a categoria de vindicação feminina.

Após essa estruturação inicial, adicionei mais quatro unidades de análises, que chamei de subcategorias, para contemplar a análise da *Revista da Semana* enquanto objeto de pesquisa, uma vez que as unidades anteriores dizem respeito apenas as investigações do tema de pesquisa. A primeira subcategoria diz respeito quanto a nacionalidade das matérias, sendo divididas entre nacionais e internacionais; a segunda aborda a autoria, dividindo-se entre feminino, masculino ou sem autoria identificada; a terceira subcategoria se refere ao posicionamento da matéria frente à emancipação feminina, se favorável, contrária ou neutra; por fim, a última subcategoria sobre colunas, se inseridas ou não em uma coluna específica, caso positivo qual seu título e qual quartil da revista se encontra.

Os quartis foram a forma que encontrei para localizar os materiais ao longo das páginas da revista. Ao analisar a tabela que exemplifiquei no apêndice A, notei que a revista seguia um

---

<sup>10</sup> Questões sobre gênero textual serão abordadas na posteriormente nessa introdução.

padrão na ordem de suas publicações. Essa conclusão partiu do trabalho de Sediana Czrnorski (2016) onde a autora afirma que a última parte da revista, intitulada *Jornal das Famílias*, comporia uma seção específica e voltada para o público feminino. Pensamos nisso dividi a revista em quatro partes diferentes, quatro quartis. Com a revista possuindo entre 40 e 52 páginas, defini que cada quartil teria dez páginas cada<sup>11</sup>.

O terceiro passo da aplicação do método da Análise de Conteúdo é o agrupamento dos dados considerando os aspectos que têm em comum, sendo necessário que siga alguns critérios, devendo ser válidas, exaustivas, homogêneas, tendo objetividade e consistência. E através desse estudo mais exaustivo dos materiais que elenquei as unidades de contexto do trabalho. Essas unidades de contexto, que serão aqui chamados de eixos temáticos, foram selecionadas a partir dos grupos temáticos que obtiveram maior destaque ao longo da pesquisa, como ficará mais claro no decorrer dos capítulos dois e três.

Após os aspectos de categorização, parte-se para a etapa de descrição, diferenciando as formas descritivas para investigações qualitativas e quantitativas. Como utilizei uma análise mista, privilegiando assim uma abordagem tanto qualitativa como quantitativa, as minhas investigações do *corpus* documental foram feitas tanto por inferência (no caso da análise quantitativa), quanto por interpretação (caso da análise qualitativa), segundo demonstram Moraes e Bardin.

Com vias a ter uma descrição mais apurada do material encontrado na *Revista da Semana* também procurei classificar o *corpus* documental de acordo com os gêneros ou tipos jornalísticos. No entanto, faço uma ressalva para o leitor, pois desde 1918 havia se instaurado um debate na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) para a criação de um curso independente que objetivava a profissionalização do jornalismo brasileiro, todavia o debate acabou por não gerar frutos naquele período. Apenas em 1935 essa iniciativa se tornaria realidade, com a abertura de um curso na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, mas foi uma experiência de curta duração, tendo em vista que apenas quatro anos depois, no auge da ditadura do Estado Novo a universidade foi extinta, e com ela o curso. Sendo assim, apenas na segunda metade do século XX o Brasil contou com um curso de jornalismo, e dessa forma estruturou os conhecimentos da área (CELESTINO, 2009)

Posto isso, os conceitos estruturados pelos manuais que foram elaborados com pelo menos uma década de diferença do recorte temporal abrangido nessa pesquisa, não poderiam

---

<sup>11</sup> Dessa forma os materiais publicados entre a primeira e décima página estaria localizado no primeiro quartil; da décima primeira à vigésima, segundo quartil; vigésima primeira à trigésima, terceiro quartil e da trigésima primeira a quadragésima ou mais, quarto quartil.

encontrar o eco nas páginas da *Revista da Semana*, uma vez que os profissionais da época não seguiam normas rígidas para publicar os textos. Os conceitos aqui apresentados foram de suma importância para orientar a compreensão de como a revista publicava os conteúdos referente a emancipação feminina. Para compreender os gêneros textuais me apoiei especialmente em dois autores, Lailton Alves da Costa e Rafe Aguiar.

Costa (2010) detalha no seu trabalho sobre a divisão das matérias em dois grandes grupos que se distinguem enquanto o formato em que são expressos, informativo e opinativo. Os gêneros textuais de formato informativo são os que resultam “da articulação que existe, do ponto de vista processual, entre os acontecimentos reais que eclodem na realidade e sua expressão jornalística por meio de um relato que visa informar o receptor do “que se passa” nessa realidade” (COSTA, 2010, p. 50). O texto opinativo, por outro lado, vai além, ele “firma seu juízo sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta [...]” (COSTA, 2010, p. 56).

O trabalho de Rafe Aguiar (2016) me orientou para compreender as divisões de cada um dos gêneros textuais. No formato jornalístico **informativo**, a *Revista da Semana* apresentou os seguintes gêneros: **nota**, que é pequeno texto que responde a três questões básicas, que, quem, quando, procurando informar o leitor; **notícia**, por sua vez é o registro de fatos, de informações, e por isso não comentários ou juízo de valor; já a **reportagem** é descrita como matéria com grande centimetragem, cobrindo integralmente determinado assunto e o último material que compõem a parte informativa é a **entrevista**, que é o relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos<sup>12</sup>. No formato jornalístico **opinativo** foram apresentados os seguintes gêneros: **artigo**, que é um texto opinativo podendo ser assinado ou não, que pode expressar opiniões diferentes das emitidas pelas publicações<sup>13</sup>; **crônica**, é um texto quase sempre com assinatura no qual não há compromisso com a realidade, tema livre, e geralmente de caráter literário; e por fim as **charges**<sup>14</sup>, que podem ser descritas como sendo uma imagem de rápida leitura que transmite múltiplas informações<sup>15</sup>.

Por compreender a *Revista da Semana* na dupla perspectiva, objeto e fonte, como comentado anteriormente, me dediquei a investigar as formas de entendê-la também como objeto. Revistas podem ser entendidas como um retrato do tempo em que estão inseridas,

<sup>12</sup> Esse conceito especificamente precisei recorrer ao trabalho de Lailton Costa (2010), pois Rafe Aguiar não elenca o gênero textual de entrevista no seu trabalho.

<sup>13</sup> Esse é um dos exemplos dos quais a definição do manual não se caixas nas matérias da revista, uma vez que diversos dos artigos aqui estudados não apresentaram assinatura.

<sup>14</sup> Esse conceito também foi retirado da obra de Edson Carlos Romualdo (2000), uma vez que os manuais de gêneros textuais não o contemplam.

<sup>15</sup> As fotografias terão um tratamento aprofundado na sequência desse trabalho.

representantes de suas respectivas épocas. De acordo com Marília Scalzo (2003, p. 16) “por isso, dá para compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas.”. Tendo isso em mente, me detive em compreender, de forma breve, o que é cultura. Utilizarei aqui o conceito desenvolvido por Geertz, onde indica que a cultura é “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepção herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida.” (GEERTZ, 1989, p. 66)

Dessa forma, a *Revista da Semana* pode ser entendida como um registro da cultura da cidade do Rio de Janeiro, das práticas sociais que engendram a sociedade, registrando as práticas sociais e, em alguma medida, as experiências desses homens e mulheres, sendo assim, a revista se configura como um artefato cultural. Para Rita Petrenas, artefatos culturais são

resultados de processos de produções culturais que contém pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais. As pedagogias culturais podem ser concebidas enquanto processos sociais que ensinam, compreendendo que o processo educacional ocorre também além da instituição escolar. (PETRENAS, 2019, p. 1240)

Essas pedagogias culturais possuem a capacidade de construir e reconstruir identidades, subjetividades que envolvam aspectos variados, tais quais os educacionais, culturais e sociais, uma vez que "o cultural se torna pedagógico e a pedagogia torna-se cultural" (SILVA, 2009, p. 139). Sendo assim, podemos entender que ao passo que a cultura da sociedade carioca era influenciada pela *Revista da Semana*, a *Revista da Semana* era influenciada pela cultura social. Ana Maria Mauad corrobora essas afirmativas ao indicar que as revistas eram um “veículo que, por meio de uma composição editorial adaptada ao seu próprio tempo e às tendências internacionais, criavam modas e impunham comportamentos, assumindo a estética burguesa como a forma fiel do mundo que representavam” (MAUAD, 2005, p. 152)

Ainda dentro dos estudos culturais, outro conceito que é importante para os estudos desenvolvidos nessa pesquisa foi o de representação. Uma vez que os conteúdos articulados nos artefatos culturais comunicam através dessas representações. As representações de mundo, de acordo com Roger Chartier (1998), trata-se de construções realizadas por indivíduos, e em grande medida, por grupos sociais diversos, criadas a partir de suas visões de mundo e expressas por meio dessas representações. O indivíduo interpreta a realidade a sua volta, ponderando sobre a mesma e posteriormente a expressando através de suas práticas e construções. Dessa forma, não se trata do real, mas uma concepção dele. Assim, os conteúdos divulgados servem

como elementos constitutivos do passado, sendo eles um isolamento de um determinado ponto no tempo e no espaço, gerando apenas uma representação; representação esta que será interpretada de acordo com aquele que a lê, bem como conforme o contexto no qual a matéria foi produzida, levando-se em conta o período e do contexto social dessa produção.

O conceito de representação também foi trabalho por Sandra Pesavento que o apresenta da seguinte forma:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2003, p. 39)

Essas construções apontadas por Pesavento reforçam a afirmativa já feita por mim de que os leitores da *Revista da Semana* entendem o mundo a partir das páginas da revista, ao mesmo tempo que a revista explica e cria uma visão da realidade da cidade. Esse conceito é importante para pensar o periódico, em especial levando em consideração o número de fotografias nela publicados, pois tal como aponta Pesavento: “Uma outra forma de compreender a representação seria dada pela exposição de uma imagem, que se substitui algo/outro, ou mesmo pela exibição de objetos ou ainda por uma performance portadora de sentidos que remetem a determinadas ideias.” (PESAVENTO, 2003, p. 40-41)

A representação é um conceito importante para compreendermos a fotografia. Ana Maria Mauad (2005) afirma que as fotografias que compõe as revistas ilustradas cariocas faziam parte de um circuito social, inseridas dentro da esfera doméstica das classes dominantes, o que contribuía para o processo de consolidação e propagação da burguesia. Boris Kossoy por sua vez, salienta que com o advento da fotografia o mundo passou a ser mais familiar

o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, [...]. Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentado em termos visuais, e portanto, contextuais. (KOSSOY, 2001, p. 26)

Mas essa realidade precisa ser compreendida como um testemunho que confirma a existência daquilo que é fotografado, um testemunho de realidade, ao mesmo tempo que é preciso entender que entre o objeto fotografado e a fotografia existem uma série de ações que são instituídas tanto de forma cultural quanto historicamente. Nas palavras de Mauad (2005, p. 139) “a fotografia é interpretada como o resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente”. Isso demonstra que a análise das

fotografias não deve ser feita com ingenuidade, necessitando de um cuidado redobrado, uma vez que demanda sua pesquisa em três frentes, autor, leitor e o texto. Com essa multiplicidade de aspectos necessários para a interpretação das fotografias, Ciro Flamarion e Ana Maria Mauad as definem como um monumento, nas quais ultrapassa o simples aspecto da descrição “ela é agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras.” (FLAMARION, MAUAD, 1997, p. 305).

Ainda que as fotografias sejam parte integrante dos materiais pesquisados, optei por não indicar na escrita da dissertação a análise pormenorizada de cada uma delas. O capítulo dois, especificamente na categoria de educação, foi o capítulo que concentrou o maior número de fotografias, então nele indiquei um exemplo dos procedimentos de interpretação de fotografia utilizados nesse trabalho, ainda que não descritos em todas as fotografias anexadas.

Com esse trabalho busquei gerar contribuições para os estudos na área de imprensa e gênero. Colaborando para suprir a incipiência de trabalhos que utilizem como fonte a *Revista da Semana*, frente a sua relevância, duração e pioneirismo. Pretendi ampliar os trabalhos que se dediquem exclusivamente a compreender esse periódico, em contraponto aos trabalhos que o fazem em caráter comparativo, assim como ampliar a análise historiográfica. Com o enfoque da bibliografia sobre a *Revista da Semana* se detendo em questões distintas, procurei construir um trabalho que até então se apresentou como inédito, de acordo com minhas pesquisas, unindo o periódico à emancipação das mulheres.

Conduzindo para o final dessa primeira parte do trabalho, vale destacar como a dissertação foi estruturada. Para além desta primeira seção introdutória que teve a intenção de apresentar a temática e a metodologia utilizada, a última parte diz respeito as considerações finais, que incluíram os resultados do trabalho, ademais foram elaborados três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “*Fotografias instantâneas, desenhos e caricaturas*”, será dividido em quatro momentos. O primeiro se dedicou a descrever a origem da *Revista da Semana* e seus anos iniciais, tencionando colaborar para lançar luz sob a gênese do periódico, tema até então pouco explorado. O segundo momento, *Um raio-x do corpus documental entre 1927-1934*, enfocou especificamente a revista nos anos de 1927 a 1934 que aqui me dediquei a investigar, e como indica o nome, me empenhei por compreender o objeto de estudo como um todo. Na sequência discorri sobre os procedimentos metodológicos específicos para a utilização da imprensa como fonte. Por fim, a quarta parte contextualizou a imprensa periódica, especificamente as revistas, dentro do contexto de transformações sociais ocasionadas pela modernidade que se alastrava com a chegada do século XX.

O segundo capítulo marca o início das análises da fonte afim de responder o problema proposto por esse trabalho, e foi dividido em dois subcapítulos, sendo cada um deles dedicados a explicar sobre uma das categorias de análise do material pesquisado. A ordem de organização de apresentação das categorias de pesquisa foi pensada para ser apresentada mediante a lógica cronológica dos acontecimentos. Tendo em vista que questões educacionais foram pioneiras na busca das mulheres por obter direitos, este foi elencado para ser apresentado primeiro, seguido pelas categorias de trabalho e voto. O primeiro subcapítulo irá investigar o material que foi definido como vindicação feminina, que conforme explicitado anteriormente, reúne materiais que falam sobre mais de uma categoria na mesma matéria. Foi escolhido trazer essa categoria no segundo capítulo para que houvesse espaço para um aprofundamento no conceito de emancipação logo nas primeiras páginas desse trabalho. O segundo subcapítulo investigará os conteúdos que se referiram a educação feminina.

O terceiro e último capítulo de análise, intitulado “*Mulheres brasileiras, respondam ao desafio que lhes foi lançado!*” teve como primeiro subcapítulo o que se dedicou a estudar as matérias referentes a categoria de trabalho feminino. O segundo subcapítulo se refere a última conquista feminina dentro das categorias de emancipação do período, o voto.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa.

## 1 “FOTOGRAFIAS INSTANTÂNEAS, DESENHOS E CARICATURAS”

atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar revistas fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título? [...] é como uma história de amor com o leitor (SCALZO, 2003, p. 12).

Buscando atingir o objetivo central dessa dissertação, ou seja, compreender como a *Revista da Semana* abordava questões referentes a emancipação feminina, o periódico será abordado de duas formas distintas, tanto como uma fonte de pesquisa, quanto o objeto de estudo da pesquisa. Para isso, esse capítulo se dividirá em dois momentos, visando compreender a revista nesses dois aspectos. O primeiro subcapítulo irá abordar a *Revista da Semana* enquanto objeto de pesquisa, traçando a história de seu surgimento, partindo para a análise de suas principais informações dentro dos anos em que essa pesquisa se debruça. Em um segundo momento será abordado questões que auxiliem em compreender a revista como fonte de pesquisa, discorrendo sobre abordagens metodológicas e o contexto social do período investigado. Para compreender o contexto social, será investigado a conjuntura da cidade do Rio de Janeiro, incluindo o processo de modernização do então Distrito Federal, uma vez que a capital servia de exemplo para o que as classes dirigentes do país almejavam para o país nas primeiras décadas da nação enquanto uma república.

### 1.1 REVISTA DA SEMANA E SUA HISTÓRIA

Ao longo da pesquisa constatei uma carência significativa de obras que tenham se dedicado a narrar a história desse periódico, embora a utilizem como objeto de estudo, em especial quando comparado aos trabalhos que investigam suas congêneres. Como dito anteriormente, a maioria dos trabalhos que se utilizam da *Revista de Semana* como fonte não foram elaborados por historiadoras e historiadores, sendo o maior número vinculados à área da comunicação, e em menor número na área da sociologia e até mesmo da enfermagem.

Informações acerca do periódico encontram-se, assim, fragmentadas por estudos que se dedicam a utilizá-lo exclusivamente como fonte, lendo-o como num vácuo, retirando-o muitas vezes de seu contexto, não levando em conta outros fatores que devem ser levados em consideração ao se utilizar a imprensa como fonte. Rosário da Cunha Peixoto e Heloisa de Faria Cruz chamam a atenção para essa problemática, que se configura não como problema pontual, mas sim de uma recorrência que se percebe quando a fonte utilizada é a imprensa

[...] a sensação que fica é a de que aparecem como objetos mortos, descolados das tramas históricas nas quais se constituem. [...] No uso corrente em monografias, dissertações e teses, nas quais vez por outra, a imprensa é apresentada como fonte subsidiária ou secundária, as publicações são tomadas como meras fontes de informação. (PEIXOTO, CRUZ, 2007, p. 256)

Um fato a se destacar, no que diz respeito a *Revista da Semana*, devido aos poucos dados encontrados na historiografia, é a inconsistência que por um período permaneceu quanto a data de estreia da *Revista da Semana*. Nelson Werneck Sodré, em sua clássica obra *História da Imprensa no Brasil* (1999) indica duas datas distintas para a criação da *Revista da Semana*, 1901 e 1900. Essas divergências podem ainda ser vistas na coletânea de textos *História da Imprensa no Brasil* (2012), onde Ilka Stern Cohen aponta a data de lançamento em 1901 e Maria de Lourdes Eleutério delimita como tendo seu início em 1906 e o término, em 1962. Contudo, uma série de pesquisadores concordam que o primeiro número da *Revista da Semana* surgiu em 1900, tais quais Andrade (2004), Scalzo (2011), Costa (2007), Barbosa (2007), Trevisan (2011), Casadei (2013), Czrnorski (2015), entre outros.

Vale ressaltar que, excluindo o trabalho de Czrnorski (2015) e Casadei (2013), os demais foram elaborados antes que a *Revista da Semana* fosse digitalizada, quase que integralmente, pela Biblioteca Nacional e disponibilizados para consulta gratuita, através do site da já conhecida plataforma da Hemeroteca Digital, no ano de 2012<sup>16</sup>. Esse recurso é extremamente valioso em diversos aspectos, incluindo o acesso ao primeiro número do periódico, que nem sempre consta nas coleções físicas onde os pesquisadores conduzem suas investigações, acervos esses que tendem a salvaguardar séries descontinuadas e fragmentadas. Colaborando assim, para um melhor e mais amplo acesso às fontes, e tornando acessível a confirmação de data de lançamento da revista em 20 de maio de 1900.

Como data de encerramento das atividades, – além de Eleutério, acima citada – Carlos Roberto da Costa (2007) indica o ano de 1959 e Marcia Cesar Diogo (1999) aponta 1955. Em consulta a Hemeroteca Digital, pude constatar que a última publicação digitalizada em seu acervo remonta a 03 de janeiro de 1959, tal fato não permite uma conclusão quanto a data correta do fim da circulação do periódico, mas serve para excluir hipóteses que sugeriram em cronologias anteriores ao ano de 1959. Tendo existido por tantos anos, a *Revista da Semana* se firmou como uma das revistas com maior longevidade entre seus pares.

---

<sup>16</sup> Para maiores informações acerca do impacto das ferramentas digitais na pesquisa histórica verificar o artigo escrito por Eric Brasil e Leonardo Nascimento BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 33, nº 69, p. 196-219, janeiro-abril 2020.

Outro ponto que se pode perceber uma discordância nas bibliografias, é quanto a sua vinculação com o *Jornal do Brasil*. A *Revista da Semana* surge na cidade do Rio de Janeiro, tendo como fundador Álvaro de Tefé, porém algumas obras, tais como: Sodré (1999), Barreto (2001), Diogo (1999), entre outros - consideram que desde sua fundação o periódico esteve vinculado ao *Jornal do Brasil*, já os trabalhos de Andrade (2004) e Buitoni (2009), por exemplo, identificam que apenas na edição de número 15, ainda em 1900, a revista passa a integrar esse jornal. Marialva Barbosa (2007) destaca que nessa data a *Revista da Semana* se transforma em um suplemento semanal do jornal. Como colocado por Andrade (2004, p. 234) “Na verdade, em seus primeiros números, não há qualquer menção ao *Jornal do Brasil*, o que só vai ocorrer a partir do número 15, quando ocorre a transformação radical em suas páginas, [...]”.

Lançando mão do recurso da Hemeroteca Digital mais uma vez, foi possível confirmar as informações quanto a esse vínculo, tendo em vista que elas não eram encontradas na edição de número 14, e já podem ser observadas na edição seguinte, constando no cabeçalho da revista, conforme figura 1, abaixo.

Figura 1 - Cabeçalho da edição nº 15 de 1900



Fonte: *Revista da Semana*, nº 15, ano I, 26 de agosto de 1900, p. 05.

Marialva Barbosa (2007, p. 32) destaca que no momento da incorporação da revista pelo *Jornal do Brasil*, este se encontrava em um ponto de prosperidade, após passar por uma série de transformações. O jornal, ainda segundo Barbosa, teria investido na utilização de imagens em suas páginas, na busca por aumentar a abrangência de suas notícias, procurando ampliar o público leitor<sup>17</sup>. Mesmo com a vinculação da *Revista da Semana*, suplementos imagéticos não

<sup>17</sup> É importante ressaltar que as taxas de alfabetização no período não eram elevadas. No ano de 1900, ano do lançamento da revista, 65,03% da população brasileira com 15 anos ou mais era analfabeta, proporção teve uma pequena melhora em um espaço de dez, quando em 1910 o país apresenta uma taxa de analfabetismo de 65% (BRAGA, MAZZEU, 2017. p. 26)

eram uma novidade para os leitores do jornal, que já contavam com o *Jornal do Brasil Ilustrado*, sendo assim, a *Revista da Semana* veio em substituição do suplemento anterior (ANDRADE, 2004, p. 234).

Ainda sobre as transformações sofridas pela revista ao passar a integrar o *Jornal do Brasil*, Tania Regina de Luca<sup>18</sup> (2021) destaca que as mudanças foram notadas tanto na parte interna quanto externa do periódico

A começar pela existência de um invólucro de quatro páginas, não numeradas e que envolvia o exemplar propriamente dito. A primeira destas páginas trazia uma imagem central, no mais das vezes a reprodução de um quadro, ladeada por propagandas; a seguinte era, frequentemente, tomada por atividades recreativas, tais como problemas de lógica, charadas, partidas de xadrez, além de estampar no rodapé romance folhetim, que se espalhava para a página três. Esta e a contracapa, por sua vez, eram reservadas para anúncios. A capa da revista, que continuou a ter oito páginas, também estampava uma imagem, mas raramente recorria-se à fotografia para compor a portada que, por vezes, também trazia texto. Nas páginas interiores, desenhos e fotografias, especialmente instantâneos, cresceram em número e dimensões, mas sem estampar temáticas de cunho sensacionalista. As charges continuaram a ocupar as páginas da revista, o que não ocorreu com as histórias em quadrinhos, que saíram de cena.

Na data de lançamento da *Revista da Semana*, o periódico trazia um subtítulo em sua capa, na margem superior a direita, acima do próprio título, “Fotografias, vistas instantâneas, desenhos e caricatura”<sup>19</sup>. Nesta mesma capa foi possível identificar que o exemplar digitalizado na Hemeroteca Digital, tal como pode ser verificado na figura 02, pertence a uma terceira edição daquele número, demonstrando que obteve uma demanda maior que a programada e corroborando a afirmativa de Costa (2007) de que foram necessárias diversas reedições desse número.

---

<sup>18</sup> Na reta final do mestrado tive o privilégio de participar de uma disciplina especial na PUCRS, ministrada pela professora Tania Regina de Luca, que muito gentilmente me cedeu acesso a esse trabalho, ainda não publicado. Aproveito para agradecer a confiança e disponibilidade da professora, assim como de suas palavras que trouxeram esclarecimentos importantes para o entendimento do meu objeto de pesquisa.

<sup>19</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 1, ano I, 20 de maio de 1900, p. 02. Para melhor fluidez do texto, as citações dos textos da revista foram transcritas de acordo com as normais atuais de escrita.

Figura 2 - Capa da edição nº 01 de 1900



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 01, ano I, 20 de maio de 1900, p. 01

Na primeira página, a *Revista da Semana* apresentou-se para seus leitores e leitoras como sendo “um órgão de informação, ilustrado e popular” que não tinha intenções políticas, nem teria predileção por alguma escola literária específica, assim como não havia sido feita para uma classe social determinada. Em suas palavras, deixou claro sua preocupação com a parte gráfica, dando destaque para o uso de gravuras e ilustrações, bem como por sua intenção de publicar temáticas identificadas como sendo de “variedades”, prometendo dispor de assuntos diversos, seja ele moda, distrações para o público infantil, notícias nacionais e internacionais, livros e contos, ressaltando que tudo isso se daria “contanto que a linguagem seja clara, acessível a todos e o entrecho nada tenha de sequer ligeiramente censurável debaixo do ponto de vista moral”<sup>20</sup>.

Desde o seu lançamento, a *Revista da Semana* foi descrita como pioneira no uso recorrente de fotografias (LUCA, 2021). Álvaro Tefé<sup>21</sup> foi o responsável por introduzir

<sup>20</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 1, ano I, 20 de maio de 1900, p. 02.

<sup>21</sup> “Filho de Antônio Luís von Hoonholtz, o Barão de Tefé, herói da Guerra do Paraguai, sua família era próxima de Hermes da Fonseca, que desposou sua irmã, a artista Nair de Tefé. Os irmãos Oscar e Otavio seguiram carreira

tecnologias que, a seu tempo, eram o que havia de mais moderno para o emprego de fotografias e gravuras. As tecnologias utilizadas por Tefé eram tão recentes, que o proprietário precisou adquirir o maquinário necessário na França, local onde também fez cursos a fim de operar os equipamentos recém adquiridos (SODRE, 1999, p. 274).

No mês de comemoração do trigésimo aniversário da *Revista da Semana*, a edição 22 de 1930 conta com um artigo assinado pelo próprio Álvaro Tefé, no qual ele relata como se desenrolou a fundação da revista. Na matéria, Tefé constrói a própria mitologia da sua história se fazendo representar como um *self-made man* (homem que faz a si mesmo), discorrendo sobre os cursos que fez, que requereram “aprendizagem penosa, longa e difícil”, sendo eles os cursos de fotografoador, zincografoador e impressor de gravura. Relata ainda que, durante a viagem, que contou com um amigo de seu pai como guia, Arthur Brand, compraram, para além das máquinas de grande porte, grandes quantidades de papel *couché* e diversas câmeras fotográficas, que ele desejava entregar para fotógrafos que estivessem dispostos a fotografar a cidade, aqueles que suplantassem “a vergonha ... e o medo que os moleques os vaiassem”<sup>22</sup>.

Segundo seu relato, também tentaram contratar mão de obra especializada para operar o novo maquinário, porém, com o surto de Febre Amarela que assolava o país, os trabalhadores estrangeiros não vieram para o Brasil. O artigo continua narrando que, ao retornar ao país, Álvaro Tefé deu início as contratações para montar a equipe da revista, tendo escolhido Medeiros Albuquerque para secretariar o empreendimento, enquanto para as crônicas foi convidado Olavo Bilac<sup>23</sup>, no trabalho de caricaturas Raul Pederneiras<sup>24</sup> e para a distribuição avulsa de exemplares, Caetano Segreto<sup>25</sup>. Tefé justifica ainda a sua saída da revista, a qual se refere como sua ‘querida filha’, por ter a política “lhe sorrido amavelmente”, o que o teria levado a assumir o posto de chefe de polícia no governo de Quintino Bocaiuva. Ao assumir esse

---

diplomática e Álvaro, que fez os estudos secundários na França, formou-se em 1898 na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Membro da Guarda Nacional, integrou o secretariado de Quintino Bocaiúva durante sua gestão à frente do Estado do Rio de Janeiro, foi secretário da Presidência da República no governo do Marechal Hermes e atuou como Oficial de Registros e Títulos no Rio de Janeiro”. (LUCA, 2001, no prelo)

<sup>22</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 22, ano XXXI, 17 de maio de 1930, p. 21.

<sup>23</sup> Nascido Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918), conseguiu uma permissão especial para iniciar os estudos na Faculdade de Medicina ainda aos quinze anos, porém não concluiu o curso, migrando para o direito, que também não foi concluído. Foi fundador da Academia Brasileira de Letras em 1896, autor do Hino da Bandeira, além de atuar como jornalista, poeta e cronista, recebendo inclusive o título de Príncipe dos Poetas Brasileiros, em 1907 pela revista *Fon-Fon* (MARIANI, 2010)

<sup>24</sup> Raul Paranhos Pederneiras (1874-1953), formado na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, atuando como professor nessa instituição e também na Escola de Belas Artes. Cooperando em diversas associações de circulação da elite carioca e nacional, como a Academia Carioca de Letras e Associação Brasileira de Imprensa, onde ocupou a presidência. Entre seus livros, publicou *Musa Travessa* e o *Direito Internacional Compendiado*, mas foram com suas charges que ganhou notoriedade (RIBEIRO, 2016; RIBEIRO, 2013).

<sup>25</sup> Até o momento da entrega desta dissertação não localizei informações referente a ele.

cargo, passou a direção da revista para os irmãos Mendes, do *Jornal do Brasil*, que, em suas palavras “a namoravam escandalosamente”<sup>26</sup>.

Todas essas inovações empregadas nas páginas da *Revista da Semana*, foram incorporadas em suas matérias, seu legado foi tão grande, que de acordo com Andrade (2004, p. 234) ainda nos seus primeiros números já se identificava características do que viria a se tornar a fotorreportagem, que transformaria não apenas a imprensa carioca, mas a imprensa nacional. Sobre a importância da fotorreportagem, Elisa Casadei (2013, p. 17) ressalta que a revista ganhou notoriedade por registrar as únicas imagens do conflito da Revolta da Vacina, em 1904, assim como o destaque de sua cobertura da Primeira Guerra Mundial. Outro aspecto marcante para a identidade visual do periódico são as reconstituições de crimes ensaiadas e fotografadas. Um dos exemplos desse tipo de conteúdo é a reconstituição de um ataque que um coronel teria sofrido, sendo encenado por Antônio Maria Teixeira, professor da Escola de Medicina, e por Medeiros Albuquerque, ambos colaboradores da *Revista da Semana* (COSTA, 2007).

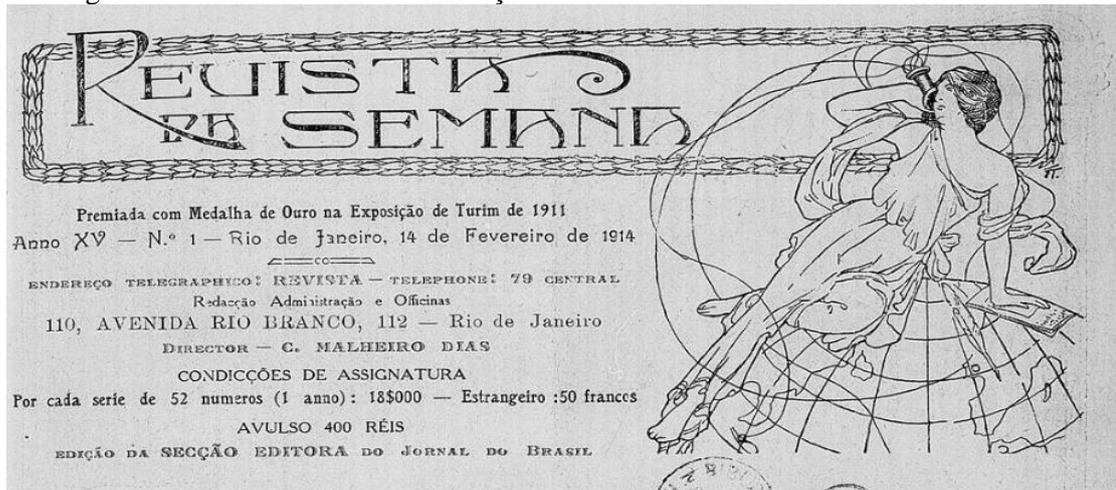
Para além da transferência para o *Jornal do Brasil*, a *Revista da Semana* passaria ainda para a tutela da Companhia Editora Americana. Na obra de Sodré, o autor defendeu que seria em 1915 que o periódico passaria para a direção de Carlos Malheiros Dias, onde teria ganho um caráter mais “leve, alegre, elegante” (1999, p. 301). No entanto, em sua tese, Anderson Trevisan (2011, p. 116) indica que essa mudança teria ocorrido em 1914, mais especificamente em 14 de fevereiro daquele ano, ao retornar após sua publicação ter sido interrompida em dezembro do ano anterior<sup>27</sup>. De fato, nessa edição da revista consta o nome de Malheiros Dias, tal como pode ser conferida na figura 03, porém é mantida a informação de “edição da seção editora do *Jornal do Brasil*”.

---

<sup>26</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 22, ano XXXI, 17 de maio de 1930, p. 21.

<sup>27</sup> Até a última edição de 1913, a revista tinha uma numeração contínua sendo que se encontrava no número 707. Após a mudança no ano de 1914, suas edições se restringem ao ano, não havendo mais uma continuidade.

Figura 3 - Número onde consta a edição do *Jornal do Brasil* em 14 fevereiro de 1914



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 01, ano XV, 14 de fevereiro de 1914, p. 11

A menção ao *Jornal do Brasil* deixará de constar apenas na data de 26 de junho de 1915, quando em seu lugar estará escrito “correspondências dirigidas a Arthur Brandão, diretor gerente”<sup>28</sup>. A primeira menção à propriedade da Companhia Editora Americana foi localizada na edição de três de julho de 1915, ou seja, um número após deixar de existir referência ao *Jornal do Brasil*, como pode ser conferida na figura 04.

Figura 4 - Número que deixa de constar referência ao *Jornal do Brasil* (1915)



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 21, ano XVI, 03 de julho de 1915, p. 11

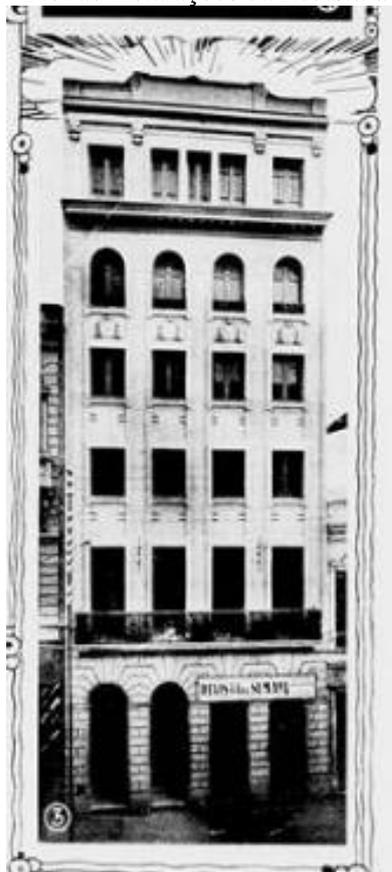
Na mesma edição de comemoração do aniversário de 30 anos da revista, datada de 17 de maio de 1930, consta um artigo sem assinatura, intitulado “O passado, o presente e o futuro”<sup>29</sup>. O artigo reforça dados quanto à história do periódico, sobre as passagens de direção, entre outras informações relevantes, relata que o *Jornal do Brasil* deixa de efetuar a impressão

<sup>28</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 20, ano XVI, 26 junho de 1915, p. 03.

<sup>29</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXI, 17 de maio de 1930, p. 22.

da revista, pois não conseguia comportar os grandes volumes de sua tiragem, passando essa tarefa para a oficina de Francisco Alves, que por sua vez também não conseguiria comportar essas impressões, o que obrigou Arthur Brandão e Aureliano Machado a montarem sua própria oficina, desvinculada da Companhia Editora Americana. Infelizmente a matéria não fornece datas para a análise de nenhum dos eventos citados<sup>30</sup>. O referido artigo comemorativo aponta que, em 1918, Arthur Brandão teria deixado a editora e, cinco anos mais tarde, Carlos Malheiro Dias. Neste período a Companhia Editora Americana expande seus produtos, lançando as revistas *Eu sei tudo* (1917) e *A Scena Muda* (1921)<sup>31</sup>. Com isso, Aureliano Machado adquire um prédio onde antes funcionava o Hotel dos Estados e o remodelou. No momento do lançamento da matéria, o prédio estava passando pelos últimos cuidados, para, então, sediar a *Revista da Semana*. A figura 05 mostra o referido prédio com as novas instalações da revista.

Figura 5 - Novas instalações da *Revista da Semana*



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXI, 17 de maio de 1930, p. 22

<sup>30</sup> Possivelmente as divergências encontradas nos trabalhos que se dedicam a investigar o vínculo entre *Revista da Semana* e *Jornal do Brasil*, transcorram pela dualidade de informações, onde mesmo já constando a direção de Malheiros Dias, ainda evocava o nome do jornal. Essa dupla informação talvez tenha relação com o fato de o *Jornal do Brasil* ter permanecido como impressor do periódico, mesmo após sua venda.

<sup>31</sup> São diversas as propagandas encontradas ao longo das páginas da *Revista da Semana* de ambos os periódicos, incluindo um aviso de lançamento do Almanaque *Eu Sei Tudo*, em dezembro de 1933.

## 1.2 UM RAIO-X DO *CORPUS* DOCUMENTAL ENTRE 1927-1934

Ao analisar de forma integral todas as edições da revista no marco temporal da pesquisa aqui apresentada, a saber, outubro de 1927 a dezembro de 1934, foi possível observar a não existência de uma página editorial no periódico - local que normalmente apresentaria a opinião da empresa - tal como referendado por Rafe Aguiar (2016). Contudo, foi possível identificar algumas manifestações pontuais feitas pelos diretores da revista que foram por mim classificadas como sendo a opinião dos proprietários. Assim, a maior parte das informações aqui apresentadas acerca da *Revista da Semana* são extraídas do cabeçalho de cada número, que se encontra invariavelmente na página de número três de cada edição. Podendo ser elencadas as informações quanto a direção, premiações ganhas, endereço e número de telefone da Companhia Editora Americana, o número de páginas do exemplar e seus valores.

Neste cabeçalho pude identificar que não houve alteração quanto a direção, no marco temporal que abrange a pesquisa, permanecendo ao encargo de Aureliano Machado, descrito como diretor responsável. Entretanto, em uma das edições<sup>32</sup> é dedicado um agradecimento especial a Randolpho Chagas, responsável que ficou à frente da direção da revista durante sete meses, na ausência de Aureliano que se encontrava na Europa, demonstrando dessa forma que, mesmo com alterações momentâneas na sua direção, não era alterado seu cabeçalho, uma vez que isso demandaria uma confecção de novos tipos para impressão dessa informação, gerando gastos desnecessários para a empresa.

Os prêmios conquistados ao longo de sua trajetória também eram anunciados de forma fixa nesse cabeçalho, sendo eles uma medalha de ouro na Exposição de Turim, em 1911 e o Grande Prêmio na Exposição de Sevilha em 1930. Em 1931 tem-se um exemplo da publicidade que a revista fazia desses prêmios, quando na edição de número 39 traz uma fotografia do diploma conquistado na Exposição Internacional de Antuérpia, assim como o verso e reverso da medalha conquistada na mesma competição, que pode ser visto na figura 06.

Excetuando os suplementos ou edições especiais, materiais esses que não fizeram parte dessa análise, a *Revista da Semana* lançava sua nova edição aos sábados, e o número de páginas dessas revistas oscilou entre 40 e 52. De outubro de 1927 até novembro de 1928, o periódico enumerava suas páginas, localizando os numerais na parte superior e ao centro da folha. Essa informação não foi apresentada novamente até abril de 1934, quando retornou e manteve-se até

---

<sup>32</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 18, ano XXIX, 21 de abril de 1928, p. 19.

a última edição analisada<sup>33</sup>, em dezembro do mesmo ano. Mesmo nos períodos em que a revista apresentava paginação, não publicava nenhum tipo de sumário dificultando assim que fosse possível identificar alguma posição fixa dos conteúdos da revista.

Figura 6 - Exemplo de publicidade dos prêmios conquistados pela *Revista da Semana*



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 39, ano XXXI, 12 de setembro de 1931, p. 25

Em relação ao preço das edições, foi possível identificar que seus valores não apresentaram alterações significativas ao longo do tempo, com exceção de junho de 1930 e maio de 1931 conforme apêndice C. Quanto aos valores dos exemplares avulsos, ocorreu apenas uma variação, de 1\$200 para 1\$500 e, para o exemplar atrasado, a mudança foi de 1\$500 para 2\$000. Ao analisar o anexo é possível inferir que as mudanças mais sutis e recorrentes nos valores dos exemplares se deram em momentos de turbulência política e econômica do país.

Martins (2001, p. 226) indica que a modalidade de venda por assinatura era essencial para a continuidade das revistas, desde sua origem, uma vez que a venda em caráter anual, por

<sup>33</sup> A numeração das páginas teve grande relevância para a pesquisa, uma vez que foram utilizadas majoritariamente fontes digitais. Nos períodos de inexistência de paginação, perdeu-se a possibilidade de confirmação de integralidade da revista, o que poderia ser mais facilmente percebido caso a pesquisa fosse efetuada a partir de exemplares físicos. Como exemplo de situação trago edições que, em seu cabeçalho informavam um total de 50 páginas, no entanto seu arquivo digital contava com 56. Outros fatores como páginas digitalizadas em duplicidade e páginas subsequentes digitalizadas em uma única imagem, alteravam a quantidade final de páginas do arquivo de digitalização, frente à anunciada no corpo do periódico.

exemplo, de uma assinatura, garantiria ao menos mais um ano de circulação. A *Revista da Semana* não fugiu dessa regra, em seu cabeçalho destacam-se os valores avulsos, como antes indicado e, também, informava os preços de assinatura, semestral e anual, sendo divididos em valores para distribuição nacional e internacional. Em julho de 1930 a revista especificou que os valores que se referiam ao Brasil valeriam também para as “três Américas”, não sendo então contemplada na tabela de valores denominada ‘Estrangeiro’.

Para traçar um paralelo de valores, trago os dados retirados da revista *Fon-Fon*, periódico de grande destaque no cenário carioca. Contemporânea da *Revista da Semana*, *Fon-Fon* tinha como público-alvo as mulheres, assim como manteve-se por um longo tempo em atividade e consolidou-se como “uma das melhores publicações ilustradas do país, seguia o modelo dos periódicos europeus.”, de acordo com Maria Cecília Zanon (2005, p. 18). Para essa comparação levei em consideração exclusivamente os valores para comercialização dentro do país, no primeiro e no último ano do recorte temporal dessa pesquisa. Em 1927 *Fon-Fon* cobrava pela assinatura anual um total de 48\$000 e pela semestral 25\$000, a *Revista da Semana*, 50\$000 e 26\$000, anual e semestralmente, respectivamente. Nesse primeiro momento a *Fon-Fon* ainda não dispunha informações sobre valores para assinatura registrada para que se possa comparar com sua congênera. Em 1934 *Fon-Fon* não apresenta alterações nos preços, mantendo o valor de 1927, enquanto a *Revista da Semana* passa a custar 63\$000 anuais e 32\$000 semestrais. Em uma comparação dos valores de assinatura registradas, a *Revista da Semana* permanece com o valor mais elevado, por um ano custava 80\$000 e por seis meses 40\$000, enquanto a *Fon-Fon* 70\$000 e 36\$000. Assim, é possível apreender que mesmo com um valor mais elevado, a *Revista da Semana* não apresentava uma grande discrepância em comparação ao segundo periódico, mesmo que tenha demonstrado aumento com maior constância durante os anos.

O cabeçalho também contava com uma ilustração, tendo sido alterada quatro vezes, por dois desenhistas distintos, neste recorte temporal. Em um primeiro momento, de 1927 até 1928, Gilberto Rios assinou a arte que decora a *Revista da Semana* e, posteriormente, Alberto Lima participou de 1928 a 1930 com uma primeira ilustração, de 1930 até 1932 com a segunda, e a terceira de 1932 até final do recorte temporal, contribuiu com uma terceira ilustração, que podem ser conferidas pelo leitor, respectivamente, nas figuras sete, oito, nove e dez.

Figura 7 - Cabeçalho apresentado de 1927 até 1928

Revista da Semana

A decana das Revistas nacionais

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

Propriedade da Companhia Editora Americana

Praça Olavo Bilac 12 e 14 Rua Buenos Aires 103

RIO DE JANEIRO

TELEPHONES Redacção e Administração, N. 3660  
Directoria, Norte 112

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

Correspondência dirigida a AURELIANO MACHADO  
DIRECTOR-RESPONSÁVEL

ASSIGNATURAS  
22 números (Brasil)  
Um anno 50\$000  
6 meses... 26\$000

REGISTRADA  
Um anno 65\$000  
6 meses... 33\$000

ESTRANGEIRO  
Um anno 65\$000  
6 meses... 33\$000

REGISTRADA  
Um anno 80\$000  
6 meses... 43\$000

Avulso... 1\$200  
Atrazado 1\$500

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

Fonte: REVISTA DA SEMANA, nº 16, ano XXIX, 07 de abril de 1928, p. 03

Figura 8 - Cabeçalho apresentado de 1928 até 1930

REVISTA DA SEMANA

A DECANA DAS REVISTAS NACIONALES

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

PRAÇA OLAVO BILAC, 12 e 14 - RIO DE JANEIRO

RUA BUENOS AIRES, 103

ASSIGNATURAS  
22 números (Brasil)  
Um anno 50\$000 6 meses 26\$000

REGISTRADA  
Um anno 65\$000 6 meses 33\$000

ESTRANGEIRO  
Um anno 65\$000 6 meses 33\$000

REGISTRADA  
Um anno 80\$000 6 meses 43\$000

Avulso 1\$200 - Atrazado 1\$500

Telephoner Redacção e Administração, N. 3660  
Directoria, Norte 112

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

Correspondência dirigida a AURELIANO MACHADO  
DIRECTOR-RESPONSÁVEL

ESTA REVISTA CONTEM 44 PAGINAS

Fonte: REVISTA DA SEMANA, nº 07, ano XXXI, 01 de fevereiro de 1930, p. 03

Figura 9 - Cabeçalho apresentado de 1930 até 1932

Revista da Semana

A DECANA DAS REVISTAS NACIONALES

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e o Grande Premio na Exposição de Sevilha em 1930

PROPRIEDADE DA COMP. EDITORA AMERICANA

RUA MARANGUAPE 15 - RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS  
22 Números (BRASIL)  
Um anno 50\$ 6 meses 26\$

REGISTRADA  
Um anno 71\$ 6 meses 36\$

ESTRANGEIRO  
Um anno 65\$ 6 meses 35\$

REGISTRADA  
Um anno 97\$ 6 meses 49\$

Avulso 1\$200 - Atrazado 1\$500

Telephones: Redacção 2-4447  
Administração 2-2550

Endereço telegraphico: REVISTA

Correspondência dirigida a AURELIANO MACHADO  
Director responsável

Este numero consta de 44 paginas

Fonte: REVISTA DA SEMANA, nº 11, ano XXXII, 28 de fevereiro de 1931, p. 03

Figura 10 - Cabeçalho apresentado de 1932 até 1934



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 39, ano XXXV, 08 de setembro de 1934, p. 03

Passo a analisar as diferenças entre tais figuras que ilustram a identidade visual da revista. A primeira figura central, a de número sete, segura um papiro e é rodeada por outros símbolos que remetem à arte e ao conhecimento, como globo terrestre, paleta de tintas, livros e uma câmera fotográfica, contudo ela não apresenta traços bem definidos que permitam uma clara identificação de gênero. Ao fundo, um círculo escuro que remonta ao céu. Em alguma medida, a mulher, que se encontra aos pés da figura central, como que remete a uma posição de passividade, como se absorvesse os conhecimentos oferecidos pela figura em pé.

Na imagem da figura oito temos apenas a presença de um corpo feminino centralizado na imagem, à frente de um gabinete, rodeada pelos mesmos objetos da imagem anterior, com a adição de que, em uma mão leva um exemplar da *Revista da Semana*, e na outra, uma pena quase tão grande quanto a mulher. Esse quadro não apresentará diferença significativa na sua composição para a figura nove, entretanto, os traços utilizados para retratar a mulher serão mais delicados, menos realistas e sua silhueta mais esguia, adquirindo assim maior suavidade.

Por fim, na figura dez, a ilustração de gabinete se mantém, assim como a representação feminina permanece levando os objetos em suas mãos, porém agora seu desenho é diferente dos anteriores. Maquiada, usa sapatos de salto alto e brincos, em vez de trajar uma túnica antiga, tal como aparecia retratada nas outras imagens, agora veste um vestido longo e estampado, a mulher transmite vivacidade e sorri. Pela primeira vez é retratada com alguma semelhança com as mulheres daquele tempo, uma mulher moderna, colocada em seu tempo e representada na revista.

As capas da *Revista da Semana* também destacam a figura feminina, das 365 consultadas nessa pesquisa, apenas 24 não retrataram ao menos uma figura feminina. Por mais

que a capa de um periódico seja considerado um dos principais atrativos para vendagem, a *Revista da Semana* não mantinha um padrão específico, contando com os mais variados tipos de gravuras, apenas em datas comemorativas, como Natal, Carnaval e Ano-Novo, e muitos foram os desenhistas que assinaram as artes que a ilustraram, como U. Della Latta, Otto Sach e M.C.<sup>34</sup>. Mesmo o periódico sendo um expoente no uso de fotografia, apenas três edições apresentaram esse recurso em suas capas. O título da revista no alto da capa também não demonstrou nenhum padrão, alterando sua forma com grande regularidade, não preocupando-se em criar uma identidade estética. Através da pesquisa efetuada no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (Porto Alegre), foi possível observar que eventualmente a revista dispunha de páginas ricamente coloridas, para além das suas capas e, por vezes, o papel que eram impressas as imagens coloridas era diferente do material utilizado ao longo das demais páginas. No museu também tive a oportunidade de determinar as dimensões da *Revista da Semana*, que nos exemplares disponíveis de 1927 até 1930 era 36cm x 26cm.

Martins (2001) coloca que nas primeiras décadas do século XX todas as revistas eram de variedades, e esse caráter de variedade perpassa as páginas da *Revista da Semana*. Ao analisar o periódico como um todo, observando as colunas com maior recorrência e suas temáticas, fica claro a multiplicidade de temas que a revista tangenciou, acompanhando as novidades internacionais, jogos de futebol ocorridos na cidade etc.

Destaco aqui algumas colunas que se fizeram presente em todo, ou praticamente todo o período analisado e que versam sobre os mais distintos temas, e conseqüentemente, seus autores e autoras, quando identificadas. Seguindo a divisão comentada anteriormente<sup>35</sup>, a primeira parte tem uma estrutura que, em grande medida, é fixa, composta pela capa; publicidade; um espaço destinado para colaboradores da revista, onde encontram-se artigos ou crônicas, sempre com a autoria identificada; na sequência um espaço exclusivo para contos, onde a autoria é sempre de escritores estrangeiros de renome, sendo os mais frequentemente traduzidos Adrien Vély, Germaine Beaumont, Albert-Jean e Maurice Renard.

Ainda nesta primeira fração do periódico, consta a única coluna que era voltada para o público masculino, *Elegância Masculina*, onde era comentado a moda parisiense e londrina, que segundo as matérias teriam como correspondentes internacionais Peter Greig (por vezes também grafado como Peter Gray) e John Sullivan. Ainda sobre tendências da moda, havia a

---

<sup>34</sup> Como conseqüência de a pesquisa ser realizada em formato digital, a qualidade das capas digitalizadas na plataforma da Hemeroteca Digital foram fortemente afetadas. Com a digitalização em escala de cinza, a imagem perde as suas cores, e em muitos momentos, seus contornos, com a perda da imagem a assinatura dessas capas também não podem ser identificadas.

<sup>35</sup> Com o periódico sendo dividido em quatro partes, de mais ou menos 10 páginas cada parte.

coluna *Crônica de Paris*, voltada para o público feminino e, na maior parte das vezes, era acompanhada de ilustrações de mulheres vestindo as roupas comentadas. A autoria de *Crônica de Paris* variava muito, tendo sido assinada por A. d'Enery; pelo pseudônimo 'X'; Jacqueline, Marinette e, por vezes, não tinha nenhuma assinatura. Assim como a coluna *Elegância Masculina*, *Crônica de Paris* também se tratava de uma correspondência internacional, como sugere o próprio nome. Finalizando a primeira parte tem-se a única coluna que ao longo do período pesquisado mudou de título. *Crianças* ou *Página das Crianças*, foi ora colocada no primeiro quartil da revista, ora no terceiro, e se dedicava a compartilhar fotografias das crianças da capital, mencionando seus nomes e de seus pais e mães. A inserção dessas fotografias, assim como as que davam destaque para mulheres da alta sociedade da cidade, se configurava como uma forma de garantir especulação comercial, já que obrigava os interessados a comprar o periódico, ou até mesmo adquirir a assinatura da revista (MARTINS, 2001, p. 226)

A segunda e terceira parte da *Revista da Semana* apresentam uma estrutura mais fluida, onde as colunas têm uma maior variação quanto às páginas nas quais são inseridas. Duas colunas mantinham-se na segunda parte da revista com relativa regularidade, sendo elas *Noticiário Elegante* e *Notícias e Comentários*. Servindo como divulgação dos eventos da alta sociedade carioca, o *Noticiário Elegante* publicava os principais fatos da próxima semana a partir da data de seu lançamento. Entre os eventos encontravam-se os aniversários, casamentos, noivados, espetáculos de música e dança, além de acompanhar quem chegava e quem partia da capital. Todos os eventos eram fortemente elogiados, destacando o nome de seus integrantes e benfeitores, dando especial ênfase para personalidades da diplomacia e frequentadores do *Rotary Club* e do Teatro Municipal, numa clara indicação de quais eram os locais de trânsito dessas pessoas. Não raro fotografias de 'senhorinhas' ganhavam destaque, seja propagandeando um recital de poesia ou formatura, além de contar com uma assinatura na maior parte das vezes, da Maria de Lourdes ou M. de D.. Já na seção *Notícias e Comentários* são noticiados eventos mais ligados a instituições, sendo um dos espaços destinados para comentários governamentais, nacionais e internacionais, associações como *Rotary Club* e Associação de Imprensa, assim como eventos que tenham a participação de algum membro da Igreja Católica.

Também dentro desta segunda parte, se tem a *Página de Eva* que, diferente das demais, parou de circular em 1930 e era assinada pela escritora Maria Eugênia Celso<sup>36</sup>, nela eram

---

<sup>36</sup> Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça (1886-?), mineira, formou-se no Colégio Sion. Atuante na imprensa carioca, escreveu para periódicos como a revista feminina *Fon-Fon*, assim como trabalhou em emissoras de rádio. Ficou reconhecida por sua atividade junto à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), onde ocupou a vice-presidência e participou ativamente na luta sufragista. Autora de diversas obras tais como o romance *Diário*

encontradas crônicas que descreviam situações problemáticas para as mulheres, principalmente nos anos de 1927 e 1928, e com o passar do tempo foi dando espaço para artigos genéricos, como inovações tecnológicas. Enquanto a *Página de Eva* termina no decorrer do recorte temporal da pesquisa, novas colunas surgem.

Outra coluna fixa era denominada *Jornal de São Paulo* teve seu início em março de 1933 e consistia em uma página repleta de fotografias e legendas, que seguia a mesma fórmula das seções de notícia da revista, comentando sobre idas e vindas dos cônsules, encontros de personalidades que compunham o Governo Provisório, bem como homenagens e encontros nos principais clubes da cidade. Disputando espaço entre essas fotografias, havia uma série de pequenos anúncios publicitários de hotéis, transporte de luxo, cabeleireiros, fábricas de imóveis, entre outros, todos eles estabelecimentos da cidade de São Paulo. Nas páginas da própria *Revista da Semana*<sup>37</sup>, tal como na edição de oito de setembro de 1934, encontram-se comentários sobre o investimento que estava sendo feito para incrementar a sucursal na cidade de São Paulo, a fim de melhor receber os clientes que procuravam informações sobre a revista e os demais periódicos da Companhia Editora Americana. Outra coluna que surgiu é a *Nossa Terra*, dedicada a fotografar os quatro cantos do Brasil, indo desde as capitais dos Estados, até os locais mais ermos do país, exibindo povos indígenas, ribeirinhos, paisagens do sertão entre outras, indicando a multiplicidade do país. Ao mesmo tempo que demonstra as múltiplas facetas do território nacional, comenta sobre como a sua unidade é importante.

Navegando entre a segunda e terceira parte do periódico, existe a coluna *O Que Vai Pelo Mundo*, que consistia em uma grande diversidade de fotografias que traziam imagens de todas as partes do mundo, cobrindo desde a vida da realeza mundial até pequenos acontecimentos cotidianos, porém com alguma peculiaridade, como por exemplo, uma caixa de água em formato de abacaxi.

A última fração da revista é uma seção específica, intitulada *Jornal das Famílias*, uma seção direcionada, com maior ênfase, para o público feminino. Nela existem colunas que se mantêm fixas durante todo o período pesquisado, sem alteração nas autorias - quando existentes -, voltadas para o cuidado do lar e da saúde. Entre essas colunas voltadas para o lar e família, há *Nossa Alimentação*, que divulgavam receitas das mais variadas, indicando cardápios para a família e *Conselhos Práticos*, onde podem ser encontrados pequenos truques domésticos, como retirar manchas e quais os melhores vasos para plantas. No âmbito de dicas de comportamento

---

de Ana Lúcia e *Síntese Biográfica da Princesa Isabel*, além do livro *Vicentinho*, uma homenagem ao seu filho falecido ainda na infância, e que foi publicado por Monteiro Lobato (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000)

<sup>37</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 39, ano XXXV, 08 de setembro de 1934, p. 27, Rio de Janeiro.

a revista publicava o *Conselhos Sociais*, ao todo foram encontradas 335 matérias não assinadas, e outras três identificadas como sendo escritas por: Mme. d'Arconville, Marieta Kendall e M.K. Os artigos que compunham o *Conselhos Sociais* tinham uma gama variada de temáticas, voltados para a educação moral de suas leitoras, como por exemplo o artigo<sup>38</sup> que critica a educação atual das crianças, deixando-as acreditar que sabem mais que seus pais, quando o certo seria instruí-las para compreenderem a importância do lar e, ao mesmo tempo que aproveitam das liberdades trazidas pela modernidade, não devem desejar a liberdade completa. Foram selecionados para essa pesquisa 25 dos artigos localizados nessa coluna, com ao menos um se encaixando em uma das categorias de análise (educação/trabalho/voto/vindicação feminina) aqui utilizadas e todos favoráveis às ideias de emancipação feminina.

No que tange aos cuidados com a saúde, são três as colunas que abordam a temática, *Preceito de Higiene* traz pequenas dicas de assuntos específicos, como por exemplo a melhor forma de se fazer gargarejo, geralmente vinculando as informações a algum médico estrangeiro. O *Consultório da Mulher* é um espaço assinado por Selda Potocka, onde a escritora responde às dúvidas enviadas pelas leitoras, relativas a cuidados corporais. A mesma fórmula de resposta às questões enviadas pelos leitores é utilizada na coluna *Consultório Odontológico*, assinada pelo médico Alexandrino Agra, sobre cuidados com a saúde bucal.

O *Jornal das Famílias* também era a seção que reunia a maior concentração de publicidades, ainda que a presença de anúncios fosse uma constante ao longo de todas as páginas, excetuando a capa. Não lhe faltavam anúncios de medicamentos, cremes dentais, itens de decoração do lar, e uma gama de cosméticos, e não raro essas publicidades vinham com cupons<sup>39</sup> de amostra grátis para que o público pudesse conhecer o produto em questão. Através dos anúncios de produtos diversos, se pode identificar que alguns anunciantes da *Revista da Semana* tinham suas sedes nas avenidas inauguradas no período de modernização do Rio de Janeiro. A Avenida Rio Branco era uma dessas principais vias da cidade, e abrigava empresas como a Pereira Carneiro de Cia LTDA que anunciavam uma caixa com doze vidros de sal para mesa por 24\$000<sup>40</sup>, e a Sociedade Anônima Martinelli, que comercializava passagens para a Europa<sup>41</sup>.

Apresentada as colunas fixas, efetuei o levantamento dos principais autores que contribuíram na revista, porém não vinculados a uma coluna específica. Entre esses nomes, com

<sup>38</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 41, ano XXVIII, 01 de outubro de 1927, p. 34-35, Rio de Janeiro.

<sup>39</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 17, ano XXXI, 12 de abril de 1930, p. 07, Rio de Janeiro.

<sup>40</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 07, ano XXXI, 01 de fevereiro de 1930, p. 13, Rio de Janeiro.

<sup>41</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 06, ano XXXI, 25 de janeiro de 1930, p. 13, Rio de Janeiro.

larga margem de superioridade em relação aos demais, Escragnolle Dória<sup>42</sup> marcou presença na maior parte dos números que compuseram a pesquisa, num total de 350, das 365 edições consultadas. Descrito nas páginas da *Revista da Semana* como “historiador [...] homem de letras [...] de caráter incorruptível”<sup>43</sup>, tinha espaço garantido para suas matérias, rememorando fatos do passado, celebrando datas comemorativas ou trazendo à tona biografias de grandes personalidades. Entre os biografados de Dória, apenas uma das pessoas era mulher, a professora Nísia Floresta<sup>44</sup>. O artigo de Escragnolle Dória ressalta que a memória da educadora não recebe a devida atenção, e se dedica a traçar sua trajetória, desde o nascimento, comentando sua participação no movimento abolicionista e indígena, bem como seus esforços pela educação das mulheres. A admiração do escritor por Nísia Floresta fica evidente ao recomendar sua obra como exemplo de obra feminista, em detrimento de trabalhos estrangeiros, além de elogiá-la como pertencente ao “grande estado-maior do Espírito” a despeito do seu sexo. Dessa forma, ao mesmo tempo que elogia o trabalho de caráter feminista de Nísia, mantém a ideia corrente da época da mulher como um ser inferior ao homem<sup>45</sup>.

Outro colaborador recorrente foi Berilo Neves<sup>46</sup>, escritor e membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), reconhecido por escrever temáticas relacionadas às mulheres, de forma controversa, tendo em torno de 135 participações no recorte temporal proposto. Como será exposto ao longo do trabalho, as matérias de Neves que abordavam a emancipação feminina o faziam de forma negativa, além de trabalhar com contos de diversos tipos. Indo ao encontro das ideias de Berilo Neves, Beatriz Delgado<sup>47</sup>, trata de assuntos diversos, e quando diz respeito à emancipação feminina, suas opiniões são por vezes conflitantes. Era a única

---

<sup>42</sup> Luiz Gastão d’Escragnolle Dória (1869-1948), nasceu em uma família nobre da cidade do Rio de Janeiro e graduou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de São Paulo, contribuindo para diversos jornais e revistas com contos, poemas e artigos. Exerceu o magistério Externato Bastos e Colégio Pedro II, além de contribuir para áreas da arquivologia e história, chegando a ocupar o cargo de diretor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (GAMA, MELLO, 2017)

<sup>43</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 16, ano XXIX, 07 de abril de 1928, p. 29, Rio de Janeiro.

<sup>44</sup> Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), nascida Dionísia Gonçalves Pinto no Rio Grande do Norte, residiu no exterior e em diferentes Estados do Brasil, aqui dedicou-se ao magistério, chegando a fundar o Colégio Augusto que funcionou por 17 anos no Rio de Janeiro. Acumulou um grande número de contribuições na imprensa nacional e internacional, além de obras como *Conselhos à Minha Filha* e *Dedicação de uma Amiga*. A escritora também ficou conhecida pela publicação *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, uma tradução livre da obra *Vindication of the Rights of Woman*, da feminista Mary Wollstonecraft (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000).

<sup>45</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 48, ano XXXIV, 11 de novembro de 1933, p. 16, Rio de Janeiro

<sup>46</sup> Berilo Neves (1901-1974) nascido no Piauí, cursou medicina da Bahia, muda-se para o Rio de Janeiro aos 23 anos de idade, onde lecionou no Colégio Militar do Distrito Federal, além de começar a trabalhar como jornalista em periódicos de grande circulação, como *Careta* e o *Jornal do Commercio*. na década de 1920 deixou de publicar textos religiosos, se dedicando a temas ordinários e ficcional e fantástico (LEMOS, 2014).

<sup>47</sup> Até o momento da entrega desta dissertação não localizei informações referente a essa autora.

mulher que tinha um espaço fora de colunas fixas, tendo a metade do número de matérias publicadas por Escragnolle Doria.

Armando Erse de Figueiredo<sup>48</sup>, é outro nome recorrente nas páginas da *Revista da Semana*, sob o pseudônimo de João Luso, despontou com um total de mais de cem matérias, crônicas diversas que se alternavam entre a terceira página e algum ponto da segunda parte da revista. Maria Aparecida Franco Pereira (2018, p. 195) indica que para além do pseudônimo João Luso, o escritor teria assinado sob um pseudônimo feminino, Clara Lúcia<sup>49</sup>, que seria responsável por assuntos de natureza feminina. Contudo, entre o material levantado para essa pesquisa, foram selecionadas matérias sobre emancipação feminina de ambos os pseudônimos. Clara Lúcia escreveu 54 vezes ao longo do recorte temporal proposto, suas contribuições foram publicadas sempre como crônica, veiculadas na terceira página da revista, ora matérias favoráveis, ora contrárias às causas feministas, enquanto João Luso mostrou-se contrário nos três materiais selecionados.

Através do levantamento sobre a história da *Revista da Semana* é possível identificar que ainda se faz necessário estudos mais aprofundados sobre a trajetória desse periódico, tendo em vista as lacunas levantadas aqui, em especial sobre os anos iniciais de sua publicação. As mudanças de donos e de direção, bem como os diferentes locais de impressão, são fatores que poderiam contribuir significativamente para a compreensão do periódico, porém poucos estudos se debruçaram nesse aspecto.

Ao efetuar a comparação das edições da *Revista da Semana* com sua congênere, *Fon-Fon*, se pode notar que os valores cobrados pela primeira não destoam muito, mas essa informação por si só não elucida sobre o real valor de um exemplar do periódico. Para ter uma dimensão do valor da revista, recorri à análise dos salários de trabalhadores adultos do Rio de Janeiro no ano de 1920, elaborada por June Hanner (2003). A faixa que abrangia o maior número de trabalhadores, 30%, recebia de 4\$000 até 5\$900, desta forma, uma edição da revista que custava 1\$200 ultrapassava um pouco mais de um quarto do pagamento diário desses trabalhadores. Agora, se levarmos em consideração a camada mais baixa de trabalhadores, que correspondia a 10% da população, o salário diário girava em torno de 2\$900 ou menos, e o

---

<sup>48</sup> Nascido em Coimbra, migrou para o Brasil com 18 anos de idade após a morte de seu pai, viu-se saindo de seus empregos no comércio carioca e partindo para a escrita em periódicos da cidade, registrando o que Pereira (p. 191, 2018) definiria como os “costumes e formas de relacionamento entre as pessoas”, e atuou como redator no *Jornal do Commercio*. Quanto a sua formação, não contou com um ensino regular, sendo autodidata (PEREIRA, 2018).

<sup>49</sup> É importante salientar que mesmo com a informação de que Clara Lúcia era apenas um pseudônimo de João Luso, para a análise quantitativa de autoria, os conteúdos assinados pelo pseudônimo será mantido a identidade feminina.

exemplar do periódico equivaleria a metade da remuneração. Desta forma, se pode inferir que para trabalhadores com salários reduzidos, a aquisição semanal da revista não seria facilmente acessível, já para a maior camada de trabalhadores adquirir um exemplar da revista não demandaria tantos gastos, seria mais acessível, portanto, acredito que não se possa entender a *Revista da Semana* como um artigo de luxo.

Depois de explicar detalhadamente sobre o objeto da minha pesquisa, a *Revista da Semana*, faço uma breve digressão sobre o uso dos periódicos como fontes nos estudos históricos.

### 1.3 A IMPRENSA COMO FONTE E O FAZER HISTÓRICO

Maria Helena Capelato (1988) afirma logo nas primeiras páginas de sua obra, sobre o fascínio de se ler a história do Brasil através das lentes dos jornais, contudo, quando a autora tece essa afirmação, esse fascínio também se dava pelo relativo ineditismo da incorporação da imprensa nos estudos históricos. Mesmo que hoje se tenha uma profusão de trabalhos acadêmicos que se dediquem à investigação histórica das mais variadas mídias, essa alternativa não se apresentava como uma possibilidade viável e, menos ainda, legitimada nos círculos de produção das ciências humanas antes da segunda metade do século XX.<sup>50</sup>

Para que a imprensa atingisse o patamar de documento histórico, um longo caminho de renovação da historiografia se fez necessário. Para a viabilidade dessa perspectiva, foi essencial a reformulação de uma das dimensões predominantes do fazer histórico que se mantinha hegemônico por mais de um século, a busca da ‘verdade’ através das fontes<sup>51</sup>. A fim de atingir essa verdade, as fontes eram vistas pelos historiadores<sup>52</sup> como objetos munidos de objetividade e neutralidade, e seus pesquisadores sujeitos que não dispunham de nenhum vínculo com as fontes (LUCA, 2005).

Com essa prerrogativa, a imprensa não se classificava como uma fonte confiável, sendo vista como algo sem valor para a escrita da história, nas palavras de Heloisa Cruz e Maria do

---

<sup>50</sup> Segundo informa Afonso de Albuquerque (2014, p.260-261): “na sua configuração atual, os estudos de mídia congregam trabalhos cujo objeto diz respeito à relação entre tecnologias da comunicação, linguagens e os processos de apropriação social e cultural de que elas se fazem *objeto em diferentes contextos*. Contudo, a *própria definição do que constituem as mídias tem variado significativamente ao longo da história e nos diferentes contextos em que sua investigação tem lugar*.” No início do século XX, ao nos referimos ao termo mídia estamos falando de periódicos, tais como os jornais e as revistas.

<sup>51</sup> Para maiores informações sobre as escolas históricas, ver BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa América, 1983, em especial o capítulo VI, sobre a Escola Metódica.

<sup>52</sup> E aqui uso o termo ‘historiadores’ no gênero masculino unicamente, uma vez que a incidência de mulheres na disciplina era quase incipiente. Bonnie Smith (2003) explana sobre a atuação das mulheres historiadoras, e as adversidades por elas enfrentadas na sua inserção no campo, especialmente no capítulo 07.

Rosário Peixoto, “[...] era considerada como fonte suspeita, [...] pois apresentava problemas de credibilidade.” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 254). Para essa questão, Tania Regina de Luca indica ainda que dentro da hierarquia existente de fontes, os periódicos não eram fontes adequadas de conhecimento, tendo em vista que se caracterizavam como “enciclopédias do cotidiano”, que continham um retrato “parcial, distorcido e subjetivo” da realidade (LUCA, 2005, p. 112). Para que esse paradigma fosse transformado, foi necessário não apenas uma renovação da disciplina de história, mas também do transcorrer do tempo para que essas mudanças ocorressem de forma ampla. Com o lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, surgia o movimento que ficou conhecido como *Annales*, e tinha como principais representantes pesquisadores como Lucien Febvre, Marc Bloch, Jacques Le Goff, entre outros autores que hoje tem significativo destaque nos círculos acadêmicos (BURKE, 1997). Esse grupo de historiadores conduziram transformações que alteraram a configuração do fazer histórico, subvertendo a ideia de narrativa de acontecimentos por uma história-problema; que incluísse todas as práticas humanas e não apenas aspectos ligados à história política, além de abrir espaço para o trabalho em cooperação com outras disciplinas, na busca por atingir seus novos objetivos (BURKE, 1997). Contudo, essas transformações propagadas pelo movimento dos *Annales* necessitariam de tempo para que atingissem o patamar de prevalência no campo histórico, Lynn Hunt indica que as pesquisas apresentadas na *Revue Historique*, periódico francês de grande conceituação, relacionadas aos campos da história econômica e social, campos esses abertos com base nos moldes historiográficos dos *Annales*, suplantaram a história religiosa e biográfica apenas em 1972 (HUNT, 1992).

Foi também entre os anos finais da década de 1960 e início dos anos de 1970 que no movimento dos *Annales* despontou uma nova geração de historiadores<sup>53</sup>, que consideravam a estrutura da longa duração, assim como questões relacionadas a economia e demografia (LUCA, 2005). Aliando essas novas alterações com o espaço conquistado pelas primeiras gerações do movimento, foram agregadas novas abordagens e problemas para a historiografia. Tania Regina de Luca aponta algumas das características dessa mudança

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. Outras menos visíveis, apesar de talvez mais profundas, apontavam para a "passagem

---

<sup>53</sup> Como uma das características da terceira geração, destaca-se a primeira inserção de mulheres entre os pesquisadores no âmbito da história, como por exemplo a francesa Michelle Perrot, uma das precursoras em história das mulheres, que juntamente com Georges Duby organizaram obras com diversos volumes sobre a temática (BURKE, 1997).

de um paradigma em que a análise macroeconômica era primordial para uma História que focaliza os sistemas culturais", a fragmentação da disciplina, o esmaecer do projeto de uma História total e o interesse crescente pelo episódico e pelas diferenças, [...]. (LUCA, 2005, p. 113)

Com essas transformações, o próprio conceito de documento se altera de forma radical, englobando novas possibilidades de fontes históricas, que extrapolam o âmbito do documento enquanto material escrito, ampliando suas dimensões para imagens e sons, por exemplo (LE GOFF, 2003)<sup>54</sup>.

Jacques Le Goff (2003) assinala que fica para trás a busca pela autenticidade e datação das fontes, herança oriunda ainda dos tempos do Renascimento e reformulada pelos historiadores positivistas, e inicia-se a nova crítica à fonte. Agora a fonte é compreendida como uma criação da sociedade que a originou, sendo atravessada pelos mecanismos de força que detinham o poder, sendo necessária a compreensão do documento enquanto monumento, na qualidade de peça pertencente a uma memória coletiva, na qual através das ferramentas científicas, propicia a quem pesquisa, dispor de consciência quanto a sua natureza. Dessa forma, o autor complementa: o documento é “uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram [...]. Resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem de si próprias.” (LE GOFF 2003, p. 538). E sendo assim, não existe a possibilidade de um documento-verdade, uma vez que todo documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso. Para compreender esse documento-monumento, Le Goff (2003) complementa que é primordial a ação do historiador sobre ele, uma vez que o pesquisador interfere na narrativa ao escolher o documento a ser trabalhado em detrimento a outros, e isso parte do próprio posicionamento do pesquisador na sociedade do qual o mesmo se encontra inserido, sendo influenciado pela mentalidade da época, fazendo com que desde o início, da escolha de seu *corpus* documental, sua investigação não seja neutra, como anteriormente a ciência histórica se propunha a ser.

Endossando esse debate sobre a ação do pesquisador em relação a suas fontes, Maria Helena Rolim Capelato (1988) afirma que, mesmo que historiadores e historiadoras tenham um comprometimento com a busca pela verdade, existem múltiplas verdades possíveis, e não apenas uma. Sendo assim, a busca por uma objetividade completa se extingue, nas palavras da autora “[...] é impossível ser completamente objetivo, a objetividade continua sendo um critério

---

<sup>54</sup> Nesta mesma obra, *História e Memória* (2003), escrita originalmente em volumes da *Enciclopédia Einaudi* entre os anos de 1977 e 1982, já traz debates sobre as primeiras inserções do uso de computadores nas ciências, auxiliando a construção da história seriada e quantitativa (SILVA; SILVA, 2016, p. 40), o que preconiza o atual debate sobre utilização da *internet* e acervos digitais nas pesquisas históricas.

fundamental da análise histórica, mas seu culto mítico já é questionado.” (CAPELATO, 1988, p. 23)

A partir dessas alterações que marcaram profundamente o fazer histórico, foi possível reverter a concepção indicada anteriormente, de que a imprensa não seria uma fonte admissível. Tânia Regina de Luca (2005) ressalta que após essa inserção da imprensa como fonte, foram necessários alguns ajustes na sua utilização, pois não raro os investigadores apenas extraíam trechos dos textos encontrados nos periódicos, e as utilizavam de acordo com suas necessidades, retirando-os por vezes de seu contexto. Dessa maneira, as fontes acabavam por limitar-se a uma espécie de confirmação do que era defendido pelo autor/a da pesquisa. Importante salientar que a autora indica ainda, que uma das obras pioneiras para essa crítica metodológica foi lançada em 1971, por Ana Maria de Almeida Camargo, tendo o debate sido acrescido pelas contribuições das dissertações de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado no ano de 1974, demonstrando assim, a relativa novidade dos estudos que se dedicam a problematizar metodologicamente o uso da imprensa, assim como o alinhamento da pesquisa nacional com os debates historiográficos internacionais.

Desde o texto pioneiro de Ana Maria de Almeida Camargo, muito se escreveu sobre a metodologia necessária para um uso adequado da imprensa, chegando a trabalhos que aliam a profundidade metodológica à didática para a inserção de novos pesquisadores na área. Tendo essa pesquisa como fonte e objeto a imprensa, atendo-se em um único periódico na busca de compreender determinada questão, trabalhos como esse foram imprescindíveis para uma melhor apreensão sobre como conduzir a pesquisa e, portanto, acredito que seja basilar descrever quais foram os métodos utilizados para essa pesquisa, para além da metodologia já descrita de Análise de Conteúdo, na introdução deste trabalho.

O trabalho de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto serviu de base para a atenção que deveria ser dada à investigação, numa espécie de passo a passo que deveria ser seguido para um melhor desenvolvimento da pesquisa, em especial quando se trata de fontes que se referem à grande imprensa. O intuito das autoras fica muito claro na própria justificativa da obra, cuja motivação foi

a prática profissional de lidar com a formação de pesquisadores e professores e com os desafios do ensino e pesquisa em história, continuamente, nos levou à indagação sobre usos que os historiadores fazem da imprensa em seu trabalho no cotidiano de sua oficina e a propor contribuições para este percurso (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 256).

As autoras elencam tópicos dos quais os pesquisadores devem ter atenção, começando pelo levantamento de dados no que diz respeito às identificações básicas do periódico, como

título, subtítulo, período de circulação, entre outros. Como segundo tópico, destacaram o projeto gráfico e editorial, onde o número de itens é sensivelmente maior. O projeto gráfico se estende por uma investigação dedicada a compreender os segmentos da revista, como capa, seções, iconografia diversas (charges, desenhos etc.), colunas e anúncios de publicidade.

No que diz respeito aos aspectos editoriais, as informações de produção (proprietários, diretores, colaboradores e redatores, assim como condições técnicas de produção e impressão) e distribuição (tiragem, valor, forma de venda, distribuição e espaço de circulação) são de grande relevância, tendo em vista que na produção se encontram as características envolvidas no processo social, onde “os grupos produtores remetem às forças sociais que conduzem a publicação e suas condições de produção.”, enquanto a distribuição e circulação “propõe a reflexão sobre públicos leitores e redes de comunicação” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 266)

Complementando a análise do projeto editorial, as autoras enfatizam a importância de se compreender o periódico como uma força ativa, ação que só é viável com a leitura de seu conteúdo, e através dessa, compreender a agenda pública, posicionamentos políticos explicitados em suas páginas, temas e campanhas gerais levantadas pelo periódico, bem como “Perspectiva Histórica; Construção de Temporalidade; constituição de Sujeitos Sociais, proposta de alinhamentos e negociação de pactos políticos.” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 267). Todas estas delimitações serviram de baliza para esta pesquisa, tal como se pode verificar na descrição da *Revista da Semana*, feita anteriormente.

#### 1.4 IMPRENSA PERIÓDICA – AS REVISTAS E A MODERNIDADE

Mesmo que os pontos de análise destacados até aqui sirvam para interpretar a grande imprensa de forma geral, se faz necessário compreender as peculiaridades presentes nos estudos que se servem de revistas como fonte. Ana Luiza Martins (2001, p.43) afirma que a revista não é um objeto de fácil definição. Afinal, como distingui-las do periódico que lhe deu origem, o jornal, que compartilha semelhanças tanto na forma quanto no conteúdo? De acordo com o dicionário *Michaelis* (2021) a palavra revista tem sua origem etimológica no termo inglês *review*, e tem como definição “Publicação periódica sobre assuntos variados, com matérias culturais, econômicas, esportivas, literárias, policiais etc., ou dedicada somente a uma área específica, como, por exemplo, moda.”, mas essa definição não abrange as complexidades desse objeto.

Para a autora de *Jornalismo em revista*, Marília Scalzo, “revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma

mistura de jornalismo e entretenimento" (2003, p.11), entretanto logo após essa afirmativa, a jornalista complementa que todas essas definições, mesmo que corretas, ainda não contemplam a totalidade dos âmbitos da revista. De todas as características próprias das revistas, a relação existente entre o periódico e o leitor ganha destaque. A conexão emocional criada através de sentimentos como confiança, expectativa, elogio e reconciliações, sendo essa conexão estabelecida através do editor e o leitor, formando um vínculo através de "um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo" (SCALZO, 2003, p. 12). Dessa forma, a autora determina que, em primeira instância, a característica de maior relevância para a definição de revistas, é o seu leitor.

Para compreender essa conexão entre a revista e quem a lê, é necessário também compreender em qual contexto seus leitores, e a própria revista, se encontram. Em sua dissertação, Marcia Cesar Diogo (1999) equipara as revistas e jornais com calendários e relógios, pois ambos os conjuntos podem ser utilizados para mensurar o tempo, porém, também podem demarcar tempos distintos. O tempo do século XVIII, por exemplo, não é o mesmo do início do século XX, acelerado, marcado por inovações tecnológicas, e por uma modernidade crescente. Ainda na metade do século XIX se desenvolve o conceito de modernidade - em especial no ocidente -, referindo-se, em grande medida, a cultura industrial, formando o par antagonista entre antigo e moderno, que pode ser entendido também como tradicional/moderno, promovendo então uma noção de ruptura com o passado (LE GOFF, 2003). Mesmo associada primeiramente em um âmbito considerado por Le Goff (2003) como de superestruturas, no século XX esse conceito se impregna em diversas áreas da sociedade, seja política, econômica ou cotidianamente, tendo na industrialização seu ponto de destaque.

O despontar do século XX no Brasil coincide com seus primeiros anos da República, servindo como mais um elemento de propulsão para a busca da modernidade. Por se tratar não apenas do Distrito Federal e ter servido de modelo para o país no que tange os projetos de modernização, mas também por sediar a editoração da *Revista da Semana*, se faz necessário compreender como se desenvolveu o processo de modernização na cidade do Rio de Janeiro na busca pelo modelo europeu descrito por Le Goff anteriormente.

Com a aceleração do tempo pela modernidade um ritmo vertiginoso é imposto, com uma forte demarcação e rotina do tempo e espaço, onde essas categorias foram organizadas em escalas precisas para sua melhor organização e aproveitamento, não apenas na vida cotidiana dos munícipes, mas também na própria estrutura física da cidade (DIOGO, 1999).

A cidade do Rio de Janeiro vai adquirindo uma nova versão de si mesma, uma versão republicana, moderna, que José Murilo de Carvalho (1987) descreveu como imbuída do espírito parisiense da França no auge da *belle époque*<sup>55</sup>. O tempo do Império seria abandonado, abrindo espaço para a modernidade tão almejada.

Em linhas gerais, era esse o contexto vivenciado pelos leitores da *Revista da Semana*, nos primeiros trinta anos do século XX, um momento de intensas modificações estruturais, comportamentais e políticas. A cidade projetada por urbanistas e ponderada por higienistas, o Rio de Janeiro da Avenida Central e dos *boulevards*, com carros nas ruas e vitrines nas calçadas, calçadas essas que recebem uma profusão de homens e mulheres que formam a sociedade carioca. Era essa a cidade que as revistas ilustradas fotografavam e escreviam a respeito, em busca sistemática para atingir os padrões que se entendia como modernidade. Essa modernidade atingiu também a imprensa.

Tecnologias oriundas ainda do século XIX, somadas com os avanços no novo século estreitam as distâncias, físicas e de informação, tendo papel fundamental para a aceleração do tempo. Novos aparelhos tecnológicos invadem as cidades, gramofones, daguerreótipos e cinematógrafos fazem circular imagem em movimento e som a velocidades nunca vistas até então, que alteram a percepção do cotidiano e do mundo. Para Marialva Barbosa “o tempo cotidiano parece estar voltado para um projeto de futuro que é construído no próprio presente” (BARBOSA, 2007, p. 27).

Entretanto, para a imprensa, em especial a imprensa diária, a difusão do uso do telégrafo, instrumento que possibilitou que informações fossem passadas entre longas distâncias em grande velocidade, transformou completamente a circulação de informação, a comunicação de ocorridos que antes levariam semanas ou mais para chegar aos meios de comunicação, dependendo do local de origem. A tecnologia da modernidade influenciou não apenas a forma de se captar notícias, mas também a sua forma de divulgação. Marialva Barbosa (2007) indica que os jornais de maior relevância utilizavam máquinas de linotipos<sup>56</sup> e que, apenas uma, era capaz de compensar o trabalho de até 12 peças do maquinário manual utilizado anteriormente, podendo produzir até 20 mil exemplares por hora, tornando-se grandes símbolos da modernidade. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, que era responsável pela publicação da *Revista da Semana* no ano de 1901, atingia um aumento de 60 mil exemplares, graças ao empenho uso

---

<sup>55</sup> Para uma análise mais detalhada dos impactos da modernidade na cidade do Rio de Janeiro, consultar o trabalho de Cláudia de Oliveira, Monica Velloso e Vera Lins (2018)

<sup>56</sup> Para saber mais sobre técnicas de produção e sistemas de composição ver Rafael Silva (1985).

das rotativas Marinonis<sup>57</sup> (BARBOSA, 2007). A explosão de surgimento de novos periódicos foi tamanha que, em 1930, as cidades com os maiores parques industriais da época, Rio de Janeiro e São Paulo, contabilizaram o lançamento de 524 e 249 novos títulos periódicos, respectivamente (COHEN, 2011).

Para que se possa captar a mudança proporcionada por essas inovações tecnológicas no objeto de estudo deste trabalho, é interessante que se remonte, mesmo que brevemente, a trajetória das revistas no Brasil. Mesmo sendo considerada a primeira aparição da imprensa periódica nacional, o *Armazém Literário* era editada em Londres, e teve sua publicação entre os anos de 1808 e 1822. São levantados motivos econômicos e políticos para que essa editoração estrangeira ocorra como, por exemplo, o fato de se liderar um empreendimento de tal magnitude ser visto como pouco vantajoso do ponto de vista econômico, tendo em vista que o país contava com baixos índices de população alfabetizada, e por consequência mercado consumidor limitado, além de uma falta de iniciativa da classe política que não se interessava por estimular a livre circulação de ideias (MARTINS, 2001).

Foi necessário aguardar mais cinco anos até o surgimento da primeira revista editada no Brasil. Em 1812, na cidade de Salvador, ocorreu o lançamento de *As Variedades* que se propunha a debater questões referentes a costumes e virtudes tanto morais quanto sociais, clássicos de obras portuguesas, assim como artigos de cunho científico (SCALZO, 2003). Em 1927 surge a primeira segmentação nas revistas, sendo destinada para quem ingressava na área médica e, no mesmo ano, o primeiro periódico destinado ao público feminino, *O Espelho Diamantino*, descrito como portador de “textos leves e didáticos sobre política nacional e internacional, trechos de romances estrangeiros, críticas de literatura, música, belas-artes, teatro e notícias sobre moda, além de crônicas e anedotas.” (SCALZO, 2003, p. 28).

Desde o surgimento das primeiras *magazines*, seja das precursoras de origem francesa ou dos exemplares britânicos, muitas de suas características foram mantidas. Como foi visto anteriormente, com a chegada da República no Brasil a imprensa ganhou forças, estruturando suas bases.

Uma das principais particularidades que descreve o objeto revista, diz respeito a sua forma e conteúdo. Ana Luiza Martins (2001) diferencia as revistas entre as *gazetas* e as *magazines*, tendo as primeiras suas folhas soltas, assemelhando-se aos jornais, enquanto as

---

<sup>57</sup> Para que se possa mensurar o nível tecnológico da capital frente a outros Estados, pode-se usar a comparação com o Minas Gerais, onde a primeira máquina Marinoni foi utilizada por um jornal privado, *Diário da Manhã*, pela primeira vez no ano 1927, tendo apenas órgãos estatais maquinário semelhante anteriormente (ANTUNES, 1995).

segundas apresentavam-se com as folhas presas entre si<sup>58</sup>, sendo esse o modelo que teve maior propagação. Ainda tentando definir-se frente às demais produções escritas, Scalzo indica uma das aproximações e oposições entre os materiais da época

havia uma população que queria ler e se instruir, mas não se interessava pela profundidade dos livros, ainda vistos como instrumentos da elite e pouco acessíveis. Com o avanço técnico das gráficas, as revistas tornaram-se o meio ideal, reunindo vários assuntos num só lugar [...] (SCALZO, 2003, p. 20).

Por consequência, cria-se um distanciamento significativo entre os tipos de impresso. Aos livros se reservava o espaço das leituras densas e profundas, aos jornais o noticiário diário e ligeiro, e entre eles, a revista. Para Monica Velloso o livro teria como traço a ideia da eternidade, enquanto nenhum material disposto nas revistas atingiria tal patamar, sendo incapaz de produzir um pensamento de forma definitiva (VELLOSSO, 2010). Aos jornais a relação direta com partidos políticos e causas públicas, enquanto as revistas vinculam-se como um complemento educacional, aliando ciência e cultura. Para Martins, os jornalistas ficaram responsáveis por comunicar as notícias de forma imparcial, vistos como paladinos que buscavam a verdade e formadores de opinião. Por sua vez as revistas seriam o “sorriso da sociedade” que lidava

com um público diverso daquele dos jornais, empenhavam-se em cooptar leitores para sucesso de seu empreendimento, experimentando as formas de comunicação técnica e visual, ensaiando novas estéticas literárias e representando grupos institucionais e sociais que buscava, sua representação (MARTINS, 2001, p. 126).

Sendo o acesso a tecnologias para disseminação de informação mais acessível para grandes conglomerados, uma vez que a aquisição de instrumentos como o telégrafo demandavam um grande investimento, converteram-se em uma ferramenta utilizada primordialmente pelos jornais. O acesso limitado das revistas a essas tecnologias, contribuiu para que elas se diferenciassem dos jornais ao não dar destaque para a informação rápida, buscando outras formas de comunicação, tal como afirma Marília Scalzo (2003), assim não seria necessário que sua publicação fosse diária, construindo outras temporalidades para a publicação, sejam elas semanais, mensais, semestrais etc.

Outro aspecto relevante para a compreensão das especificidades das revistas reside em sua segmentação temática, onde apresentavam um aprofundamento em alguma questão particular, como por exemplo os segmentos religiosos, infantis, femininos, esportivos, entre outros (COHEN, 2012). Outros segmentos foram relevantes, como o da imprensa operária, que

---

<sup>58</sup> A autora indica ainda que essa aproximação física com o jornal, era anunciada como uma semelhança que traria destaque para a revista (MARTINS, 2001, p. 73)

tinha como objetivo utilizar dessa plataforma para informar o proletariado nacional, tendo em vista que as cidades com o maior número de impressos eram justamente as cidades com grande número de trabalhadores. Contudo, esses periódicos geralmente contavam com uma trajetória efêmera, por não dispor de recursos financeiros substanciais para manter suas atividades, considerando as inovações tecnológicas que ganhavam espaço (COHEN, 2012).

Com essas segmentações vieram especificidades em outras áreas da revista. Quando se delimita um segmento no qual a revista seguirá, se delimita também, em alguma medida, quem é o público-alvo que se busca atingir. Com isso se pode selecionar também quais são os colaboradores que irão atuar nessa publicação, assim como apresentei anteriormente, ao me debruçar sobre a *Revista da Semana*. As primeiras publicações de revistas foram resultado das produções dos intelectuais modernistas que buscavam um novo espaço para divulgarem suas ideias. Analisando os nomes dos principais colaboradores nas revistas de maior prestígio do eixo Rio-São Paulo, surgem nomes como Gilberto Freyre, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Helios Seelinger, Álvaro Moreyra. Com frequência, esses intelectuais não apenas colaboram para revistas, como também se tornam proprietários ou possuem cargos de grande relevância, como a direção desses periódicos (VELLOSO, 2010).

Com a segmentação proporcionando a delimitação do público-alvo e de seus colaboradores, as revistas puderam definir quais as publicidades que teriam espaço em suas páginas. Essa venda de espaço foi primordial para manutenção da continuidade das atividades desses periódicos, uma vez que seus custos ficavam cada vez mais elevados com o incremento de novas tecnologias empregadas em suas publicações.

O valor arrecadado com a venda de publicidade em suas páginas, foi um propulsor para que assim as revistas se tornassem economicamente viáveis, não necessitando repassar o valor total de sua confecção para os assinantes (MARTINS, 2001). Durante os oito anos analisados nessa pesquisa, a *Revista da Semana* dispôs desses espaços para publicidade por toda extensão de suas páginas, com exceção de sua capa, porém concentrava uma maior quantidade de anúncios nas páginas finais, na seção *Jornal das Famílias*, como apontado.

Por maior o lucro que a publicidade conferisse, os gastos para a confecção dos exemplares eram altos e oscilavam com regularidade, uma vez que seu principal insumo era o papel *couché*. Tendo em vista que a maior parte, senão a totalidade desse material era oriundo de indústrias de fora do país, seu valor estava sujeito a uma maior variedade de taxas alfandegárias, o que resultava na oscilação de seus valores, além das questões próprias da economia do mercado internacional (MARTINS, 2001).

Outro fator de diferenciação entre os periódicos jornal e revista diz respeito ao emprego de fotografias. Este foi um dos aspectos tecnológicos de maior relevância para a definição das revistas, em oposição aos jornais, assim como tiveram grande impacto no valor final das edições. Se a *Revista da Semana* como um todo visava reproduzir a capital brasileira, as fotografias formavam o retrato cristalino do Rio de Janeiro que as elites tentavam construir, em suas imagens se absorvia o discurso do momento. As fotografias estampadas nas páginas da *Revista da Semana* no período contemplado por esta pesquisa eram repletas de carros, práticas esportivas, cinemas e moda, ainda era possível percorrer a cidade

visitando seus bairros, paisagens naturais e tecnológicas, entrando em contato com personagens do cotidiano, partilhando de seus problemas, passatempos e prazeres [e essa visualidade construída] [...] é articulada por novas experiências subjetivas e objetivas: divertimento e alienação, prazer e medo, mobilidade e confinamento, expansão e fragmentação. Tais experiências passaram a evocar as principais características da cidade-metrópole no século XX (OLIVEIRA, VELLOSO, LINS, 2010 p. 13).

Com a indústria da imprensa em pleno desenvolvimento na economia capitalista, apenas as revistas com melhores recursos financeiros conseguiam manter-se, suprimindo os periódicos menores, que passam a sobreviver apenas em localidades mais afastadas das grandes metrópoles. A consolidação desse tipo de empreendimento foi tão significativa que se trabalha com o conceito de imprensa-empresa, imprensa essa que é dominada por grandes empresas que formam conglomerados cada vez maiores. Explanando sobre jornais, Nelson Werneck Sodré indica que o cenário teve uma mudança tão significativa que se tornou “mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal, e é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar um jornal” (SODRÉ, 1999, p. 276).

E essa modernidade vinha acompanhada por uma visão científica do espaço da cidade, onde as intervenções remodelaram a capital tanto no que se refere a sua fisionomia, quanto na estrutura, pensadas de forma racional para atingir o ideal desejado (BENCHIMOL, 2018, p. 231). O colunista da *Revista da Semana*, Escragnonle Doria, por exemplo,<sup>59</sup> ao comentar sobre construções de igrejas na cidade, no ano de 1930, já comenta sobre sua percepção das mudanças que ocorrem, ao perceber a capital como órfã “de tradições e monumentos” e que foram substituídos pelo “cosmopolitismo, arranha-céus no centro urbano, pelos bangalôs nos bairros e subúrbios. E o Rio de Janeiro, à força de imitar, se impossibilita para a originalidade”

Para dar concretude a esses planos de forma racional, os mestres de obras, antigos responsáveis pela construção das edificações, são expulsos dessa posição, sendo substituídos

---

<sup>59</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 08, ano XXXI, 08 de fevereiro de 1930, p. 18, Rio de Janeiro.

por engenheiros e arquitetos. Guiados por um pensamento crítico e dominado pela ciência, os novos modeladores da cidade seriam os profissionais mais adequados, segundo a lógica imposta pela modernidade. Para Marcia Diogo a função a ser desenvolvida por esses urbanistas era projetar “[...] um conjunto de valores a serem construídos pela transformação da cidade, instaurando uma nova ordem baseada na racionalidade e na funcionalidade.” (DIOGO, 1999, p. 47). O plano que deveria ser seguido por esses urbanistas era a revitalização do centro urbano, reformulando as ruelas e vilas, criando as grandes avenidas nos moldes europeus, se desvencilhando dos obstáculos de tempos que se acreditavam passados, tornando seu espaço funcional e racional. Como destaca Oliveira,

Planejadores [...] percebiam a capital federal como um lugar cuja mobilidade e ordenamento estavam bloqueados e obstaculizados por uma cidade “arcaica”, que seguira um modelo de crescimento urbano desordenado: com suas ruas tortuosas e becos estreitos polvilhados por habitações coletivas [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 111).

A própria geografia do Rio de Janeiro era vista como algo insalubre, com os morros que circundavam a cidade, e as centenas de pequenas construções desordenadas que dominavam o espaço. O discurso higienista defendia que as construções sem planejamento e saneamento eram responsáveis pela disseminação de doenças das quais o Brasil era internacionalmente conhecido, o que não combinaria com a imagem que uma República deveria ter<sup>60</sup>. Reformas como as iniciadas por Pereira Passos remodelaram o centro do Rio de Janeiro, indo desde o porto<sup>61</sup>, visando construir dois *boulevards*, e para obter o espaço que obra de tal magnitude demandava, demoliu quase 600 prédios, sendo a maioria deles os chamados cortiços, lares de famílias de trabalhadores que ocupavam a região central, que foram deslocados para as periferias das cidades (SKIDMORE, 1998). Esse movimento de expulsão colaborou de forma expressiva para reformulação das moradias das famílias expulsas das áreas centrais da cidade, criando assim a favela, um novo modelo habitacional (BENCHIMOL, 2018, p. 265)

Benchimol (2018) enfatiza uma série de outras formas de higienização social que também foram essenciais para a remodelação do Rio de Janeiro nesse novo pensamento moderno, uma vez que foram várias as medidas implementadas pelo governo, em especial com as reformas instauradas pelo prefeito da época, Pereira Passos. O setor comercial também sofreu

---

<sup>60</sup> De acordo com Thomas Skidmore, empresas de transporte marítimo oriundas da Itália anunciavam para seus clientes quando suas viagens com destino a Argentina não contavam com escalas no Brasil, sendo esse dado visto como algo positivo para a venda de passagens, uma vez que o Brasil era conhecido pela insalubridade de seus portos (1998, p. 110).

<sup>61</sup> A reforma do próprio porto acarretou a expulsão do que Benchimol classificou como perigos dos setores populares da cidade, como as residências pitorescas de “comunidades estrangeiras, as casas de ópio dos chineses, as polacas e francesas dos prostíbulos, a Pequena África, com seus dialetos exclusivos e seus ritmos sedutores” (BENCHIMOL, 2018, p. 256)

com as novas imposições, ficou proibido a venda de artigos nos umbrais que tivessem acesso a via pública, tornando-se legal apenas a venda de mercadorias expostas em vitrines, o que impactava diretamente nos vendedores que utilizam quiosques para venda dos mais diversos gêneros (BENCHIMOL, 2018, p. 264) Tais sanções podem ter afetado a venda dos periódicos, inclusive.

Em suma, é possível perceber que a remodelação das áreas centrais do Distrito Federal ocorreu de forma abrupta, deslocando forçosamente grande parte da sua população para regiões periféricas, a fim de abrir espaços que melhor se adequassem a visão de modernidade ocidental importada das grandes metrópoles europeias. Assim como a população deslocada pode ser facilmente identificada quanto a sua origem econômica e racial, a população beneficiada com a reestruturação da cidade também é característica.

A Avenida Central apresentava suas vias em toda amplitude, claridade e grandiosidade, ladeada pelas edificações mais majestosas da capital, onde se instauraram pilares culturais que se tornaram referência de seu tempo, como o Teatro Trianon, Hotel Central e a Galeria Cruzeiro. Esses locais se tornaram cartões-postais, sendo os bastiões da elegância e opulência, e conseqüentemente alterando o público que circulava na região, sendo dominada por negociantes de grande destaque, capitalistas, militares, intelectuais e damas elegantes (OLIVEIRA, 2010, p. 132). Ao descrever São Paulo, por exemplo, Martins (2001) indica que por representar a classe dirigente e os ideais republicanos, não houve casos significativos de censura a revistas de variedades, situação bem diferente da enfrentada por outros meios de comunicação, o que também pode ser considerado para a cidade do Rio de Janeiro.

A partir do que foi debatido neste capítulo, fica evidenciado que continua a existir uma série de lacunas a serem preenchidas pela historiografia acerca da *Revista da Semana*, sendo necessárias pesquisas de fôlego que se dediquem a investigar esse periódico com a profundidade e dedicação que uma das maiores revistas ilustradas do país merece.

Entretanto, aqui se fez o esforço de aproximar a revista tanto em sua natureza enquanto fonte de pesquisa como de objeto, unindo sua história e características situadas dentro do recorte temporal de 1927 até 1934 com o contexto social do período. Dando especial atenção para o debate metodológico que serviu de orientação para a construção dessa pesquisa, esperando não incorrer em um uso leviano de fontes da imprensa, e obter o melhor resultado possível com a análise das fontes. Assim como para o impacto do processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, que proporcionou a própria existência da *Revista da Semana*, pois a partir dele as técnicas necessárias para a impressão e divulgação dos periódicos foi possível. O esforço de compreender a cidade moderna e cosmopolita se deu também por ser o Rio de Janeiro uma das

principais atrações da revista, onde a revista representava a sociedade carioca, suas agendas e seus atores e atrizes, pois apenas com a compreensão de qual sociedade o periódico estava inserido, se poderá compreender como ele atuava enquanto artefato cultural.

## 2 VINDICAÇÃO FEMININA E EDUCAÇÃO: “A EDUCAÇÃO É A SALVAÇÃO, A EDUCAÇÃO UM SACERDÓCIO.”

### 2.1 VINDICAÇÃO FEMININA

Essa categoria reunirá matérias que tratam sobre emancipação feminina, porém, por apresentarem dados sobre duas ou mais das categorias selecionadas para análise nesse trabalho – educação, voto, trabalho – foram reunidas em uma categoria separada, uma vez que seria arbitrário selecionar apenas uma delas para contemplar o conteúdo. Foi cogitado também duplicá-las e as analisar em categorias distintas, mas buscando evitar incorrer em dados quantitativos incorretos sobre o total de materiais analisados, resultando na escolha metodológica de analisar nesta categoria separada das demais.

Iniciando a investigação com fins de responder o objetivo central desta pesquisa, a primeira parte deste capítulo se debruça na investigação que remete a compreensão de como a *Revista da Semana* veiculava conteúdos referentes à emancipação feminina. Contudo, é primordial que antes se compreenda de forma mais adequada o conceito de emancipação. Não raro muitos trabalhos que investigam questões ligadas a autonomia das mulheres, deixam em segundo plano o debate sobre no que consiste essa emancipação. Para tanto é pertinente compreender o mundo em que as mulheres do período em questão (final da década de 1920 e início de 1930) viviam e o que queriam alcançar com tal emancipação.

Como foi tratado na introdução deste trabalho, ao referir-se sobre mulheres, é necessário definir sobre quais mulheres se fala, uma vez que tal expressão abrange, uma gama grande de mulheres, o que implica em múltiplos contextos que, por si só, alteram significativamente a existências desses indivíduos. Tendo em vista características da *Revista da Semana*, como valor, conteúdos e imagens veiculadas, e do provável público consumidor visado por essas características, entendo que as mulheres de classe média/alta teriam maior probabilidade de serem as consumidoras habituais. Entretanto, é importante salientar que o fato de a classe média e alta ser, possivelmente, o público de maior consumo desses periódicos, isso não descarta a possibilidade da sua circulação nas camadas mais baixas da sociedade brasileira.

O recorte de classe e etnia são marcadores sociais de extrema relevância para a sociedade brasileira, não sendo diferente no final do século XIX<sup>62</sup>. Para compreender a capital de um país com segregação étnica extrema, movimentado economicamente através de um

---

<sup>62</sup> Dentro do grupo de mulheres brancas, é possível ainda investigar as diferenças entre o que poderia ser considerado emancipação através de um recorte de classes. Para compreender como os conceitos de classe, etnia e gênero interagem entre si ver Carla Akotirene (2019).

sistema escravagista, não se pode desconsiderar que, em 1872, a cidade atingia uma taxa de 18% de sua população mantida na condição de escravidão (HAHNER, 2003). Sendo assim o que poderia ser almejado como emancipatório para um grupo de mulheres na condição de escravizadas diferiria do que era pleiteado por mulheres brancas.

A imagem da mulher no final dos anos de 1800 relatada pelos viajantes estrangeiros que aqui chegavam, narrava a existência feminina em uma condição de reclusão doméstica, que não circulava no espaço público, com exceção de saídas que tinham como destino a Igreja ou suas relações familiares. Entretanto esta realidade além de não hegemônica<sup>63</sup>, era restrita a mulheres com boas condições financeiras e estava intimamente conectada com a proteção da honra feminina, que refletiria diretamente na honra da própria família<sup>64</sup>, incluindo também uma noção de proteção da segurança da mulher contra possíveis assédios sexuais. Dessa forma, mulheres sem condições financeiras favoráveis se encontravam mais vulneráveis tanto frente a um ataque ao seu corpo quanto à sua honra (HAHNER, 2003, p. 39-40).

Para além da esfera de regras sociais, a conduta feminina era delimitada também por normas legais. A lei civil brasileira era regida como um prolongamento do Código Filipino utilizado em Portugal, que teve sua aplicação ainda em 1603, e esse regulamento colocava as mulheres como eternas menores de idade, que não poderiam exercer os direitos legais civis ou tomar decisões sobre si mesmas, incluindo a administração de seus próprios bens, ou ainda, deliberar sobre as decisões impostas sobre seus filhos e filhas (BESSE, 1999). O mesmo código estabelecia então, que o homem era o regente da família, a ele cabia tomadas de decisões sobre si mesmo, a esposa e os filhos.

O Código Filipino é suplantado no Brasil apenas após a elaboração do Código Civil de 1916, porém, no que se refere às condições femininas, para June Hahner (2003) essa alteração não acarretou mudanças substanciais para a emancipação feminina. Cláudia de Jesus Maia (2007) ressalta que a estruturação dessas novas leis sofreram intensa influência da filosofia positivista, em voga na época, que prezavam por princípios racionais e científicos, que também encontraram eco para toda reestruturação da República brasileira, disseminando o discurso que proporcionava a justificativa necessária para a intervenção física e moral do país, assim como o aperfeiçoamento social e racial da população, tendo a oportunidade de promover um modelo de conduta e responsabilidades para homens e mulheres.

---

<sup>63</sup> Alguns trabalhos que falam sobre a trajetória dessas mulheres podem ser vistos nos estudos de Miridran Falci e Hildete Melo (2012) e de Lucilia Dieguez (2004).

<sup>64</sup> Para maiores informações sobre honra feminina ver Sueann Caulfield (2000)

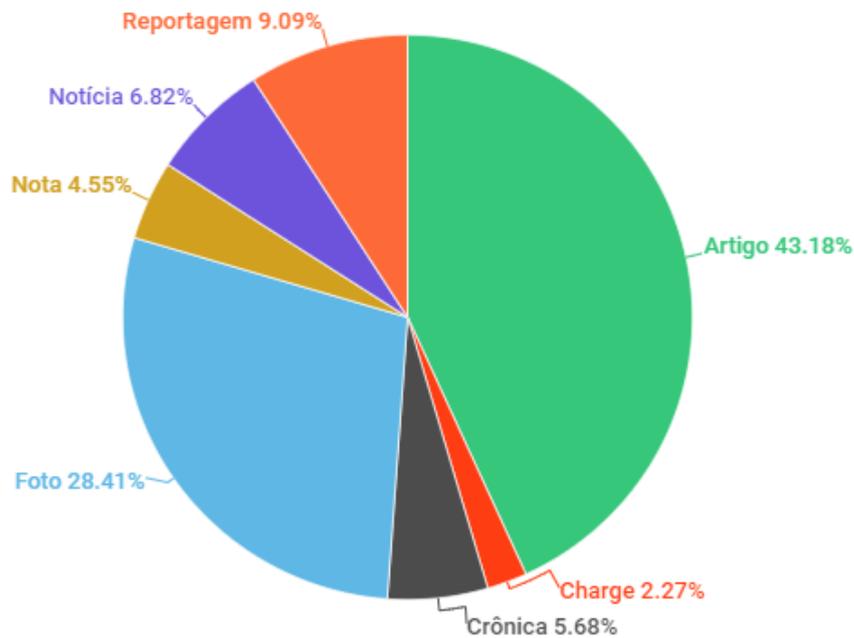
A categoria vindicação feminina abarcou um total de 88 matérias, e destas, 45 foram identificadas como sendo internacionais e 43 nacionais. Já no quesito de “matérias assinadas”, foram encontradas 62 sem assinatura e, entre as matérias assinadas, 15 com nomes masculinos e 11 femininos.

Uma diferença grande também foi identificada ao examinar as subcategorias quanto aos quartis e posicionamento. Os quartis ficaram distribuídos da seguinte maneira: o primeiro no qual identifiquei 16 matérias que tratavam do tema vindicação feminina; 19 no segundo; 22 no terceiro e, a última parte da revista, o maior número de matérias, com 31. Tal dado aponta que, no período entre 1927 e 1934, a *Revista da Semana*, ao publicar algo referente ao tema emancipação, o procura fazer, de forma, preferencial, na parte final das suas publicações, na parte nomeada como *Jornal das Famílias*, tal como destacarei mais adiante.

Por fim, quanto ao quesito posicionamento, a maior parte das matérias, 45, se posicionaram a favor das causas emancipatórias femininas, com apenas 12 registros contrários, e 31 neutros. Esse material foi disposto ao longo das páginas na revista, por vezes, em colunas específicas, sendo a mais citada *Conselhos Sociais*, localizadas quase que integralmente no *Jornal das Famílias*. Contudo, do total das 88 matérias trabalhadas na categoria de vindicação feminina, apenas 08 integraram essa coluna, ficando a maioria das matérias sem uma coluna específica, contabilizando 49 ao todo, demonstrando que os assuntos se encontravam espalhadas na revista, sem estarem fixos em uma coluna.

A divisão do *corpus* documental por gêneros jornalísticos foi um artifício empregado para melhor captar a maneira como a revista publicizou o material referente as categorias ao longo do período abarcado pela pesquisa, motivo pelo qual apresento o gráfico 01 que destaca a divisão do *corpus* documental da categoria vindicação feminina de acordo com os gêneros jornalísticos.

Gráfico 1 - Identificação do *corpus* documental da categoria vindicação feminina por gênero jornalístico



Fonte: Elaboração própria

Analisando o gráfico, percebe-se que quase metade do material da categoria vindicação feminina foi identificado como sendo pertencente ao gênero denominado artigo, seguido pelas fotografias, compondo assim a maior parte do *corpus* documental.

Passo agora a analisar, de forma separada, as inserções encontradas na revista para o período entre outubro de 1927 a outubro de 1930 e, logo após, para novembro de 1930 a dezembro de 1934, seguindo o critério relatado anteriormente.

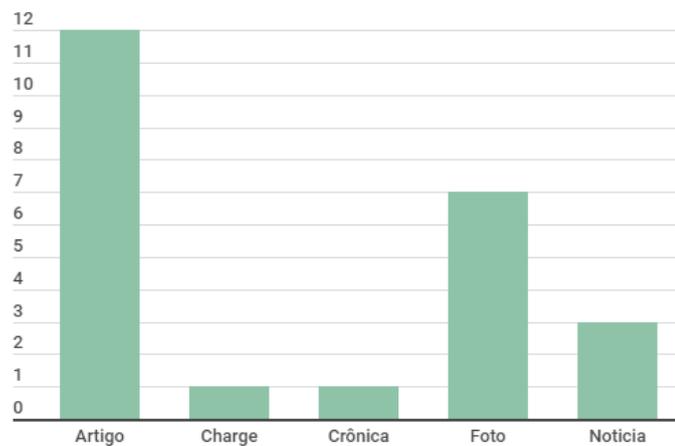
### 2.1.1 Vindicação feminina de outubro de 1927 até outubro de 1930.

A *Revista da Semana*, assim como outras de suas congêneres, exibe uma série de matérias que se dedicam a publicizar sobre acontecimentos dos mais diversos locais do mundo. Inserindo o Brasil e, conseqüentemente as brasileiras, no cenário efervescente do mundo que, com as tecnologias do novo século cada vez mais rápidas e de maior impacto social, transforma a notícia impressa com letras, um mundo ainda mais amplo, repleto de fotografias e filmes. Ao analisar as colunas existentes nas páginas da revista, conforme expostas no primeiro capítulo desta dissertação, algumas colunas já demonstram o caráter internacional que a revista dispõe, como *O que vai pelo mundo* e *Crônicas da Paris*. Para além delas, outras colunas que não dispõe no seu nome as intenções internacionais, algumas em sua assinatura demonstram que

partem de outros locais do mundo, como a *Elegância Masculina*. Buscando compreender se a característica de internacionalização da *Revista da Semana* se aplica em questões que impactam na investigação sobre vindicação feminina, me deterei agora na análise de dados quanto à nacionalidade das matérias selecionadas como ficará claro para o leitor mais adiante.

O *corpus* documental que foi analisado neste primeiro recorte temporal foi de 24 materiais, sendo que, sua distribuição por gêneros jornalísticos pode ser verificada no gráfico dois, a seguir:

Gráfico 2 - Divisão por gêneros jornalísticos da categoria vindicação feminina entre outubro de 1927 a outubro de 1930



Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar, metade do conteúdo foi expresso em formato de artigos, sendo o segundo formato mais encontrado o de fotografias. Quanto às questões de nacionalidade, das 24 fontes trabalhadas, treze delas se remetem a conteúdos internacionais. A maior concentração dos países citados integra o continente europeu - Áustria, Polônia, Itália, França e Reino Unido -, tendo também ocorrências na Ásia - Índia, China e Japão -, todos os países citados tiveram apenas uma ocorrência, com exceção da França, que em comparativo com demais apresenta uma recorrência alta, com cinco matérias. É interessante pontuar que todas as cinco citações à França se localizam entre os artigos, o gênero jornalístico que detém um dos maiores espaços, assim como dentro dos gêneros jornalísticos encontrados dentro desse recorte temporal, é, junto com a crônica, os únicos que se enquadram no gênero opinativo de imprensa. Os artigos internacionais que discorrem sobre a França comentam sobre assuntos diversos, mas dois pontos são recorrentes e concomitantes, a tradução de artigos de revistas, livros e jornais franceses que mostram o debate sobre a emancipação feminina naquele país. Independente dos conteúdos traduzidos serem favoráveis ou contrários a emancipação, os artigos da *Revista da*

*Semana* se colocam a favor do movimento feminino, ou seja, tecem uma crítica ao material estrangeiro contrário ao feminismo.

A autoria das matérias é um dos pontos de destaque da *Revista da Semana*, sendo um dos aspectos de relevância para compreensão de seus conteúdos. Em grande medida as revistas do século XX mantêm a prática de utilização de pseudônimos, fato que era ainda mais recorrente no século anterior, especialmente quando quem escrevia eram mulheres. Esse comportamento se dava em especial entre escritoras mulheres, pois “visava precisamente preservar a imagem e proteger o círculo mais íntimo da pressão social, advinda da exposição pública”, de acordo com Constância Lima Duarte (1997, p. 90). Contudo, não apenas mulheres usavam codinomes, muitas vezes masculinos, para expressar suas opiniões, escritores homens também recorriam a tal ferramenta, tal como apontado no capítulo 01, mas também como o caso de Ana Rita Malheiros, uma das escritoras mais conceituadas, símbolo da *Revista Feminina*<sup>65</sup>.

Em geral, apenas os artigos e crônicas possuem autoria definida, sendo a categoria com o maior número de matérias as que não constam nenhuma informação de autoria - sem autoria - com um total de 09, seguida das fotografias, onde não se aplica a ideia de autoria, com 07 matérias. Já nas que constam o gênero de quem as escreve, seis delas foram escritas por mulheres e duas por homens. Examinando a *Revista da Semana* no que se refere a distribuição de seu conteúdo nas colunas fixas da revista, destaco que, dez matérias abordando a categoria vindicação feminina foram ali encontradas. A disposição dos materiais nas colunas também mostrou relativa equidade, sendo *O que vai pelo mundo* a que conteve um maior número, três; seguida por *Notícias e comentários* e *Conselhos sociais*, ambas com duas matérias e, por fim, *Noticiário elegante*, *Página de Eva* e *Dois dedos de prosa*, com uma matéria cada.

A subcategoria que de forma mais clara investiga a revista é a que diz respeito ao posicionamento direto das fontes levantadas. Essas fontes apresentaram uma forte tendência a apoiar as causas que envolvem emancipação, uma vez que dezessete delas foram favoráveis, seis neutras e apenas uma contrária. O único material que teve posicionamento contrário foi, também, a única charge de dentro deste recorte, assinada pelo chargista e um dos principais colaboradores da *Revista da Semana*, Raul Pederneiras, um conteúdo que por essência tem um caráter satírico.

---

<sup>65</sup> Para ver mais sobre a *Revista Feminina* ver Mancilha (2012).

Como evidenciado no gráfico 02, o gênero jornalístico que obteve uma significativa preponderância entre os demais foi o que corresponde aos artigos, sendo então pertinente um olhar mais detalhado para seu conteúdo. Como dito anteriormente, esse gênero jornalístico apresentou um total de 12 matérias, que quanto a sua divisão de nacionalidade dividiu-se entre sete e cinco, entre internacionais e nacionais, respectivamente. Os artigos centralizaram materiais que utilizaram a França como referência, em um total de cinco, demonstrando que os acontecimentos ocorridos naquele país eram dignos de um debate mais aprofundado para as leitoras da *Revista da Semana*, sejam eles positivos ou não.

Na coluna *Conselhos sociais* um artigo<sup>66</sup> cuja autoria não é informada e intitulado *Valor feminino* destaca uma matéria “de um dos jornais mais importantes da capital francesa”, que informa sobre a proposta de um deputado daquele país de isentar as mulheres dos impostos, uma vez que elas não teriam condições de controlar as rendas públicas, já que não possuíam o direito ao voto. A matéria francesa, que também não é informada a autoria, corrobora tal afirmação, indicando que as mulheres se voltam para a leitura de romances-folhetins por não terem capacidade de lidar com leis e finanças. Posto isso, o autor/a do artigo *Valor Feminino* contra-argumenta, evocando alguns exemplos das capacidades intelectuais femininas, tais como a cientista Marie Curie, exaltando assim, por meio de figuras exemplares, que as mulheres podiam almejar igualar-se aos homens nas ciências. O artigo finaliza questionando aos leitores da revista quando deixarão de ver as mulheres que se destacam nas letras, nas ciências, como excepcionais.

A maior parte dos artigos elencados neste recorte temporal não possuem autoria identificada, assim como o exemplo acima, em um total de sete. Entre os que levam o nome do seu produtor são todos escritos por mulheres, cinco materiais. Entre as colaboradoras da revista que assinam os artigos, aparecem nomes como o Maria Eugenia Celso, Maria Lacerda de Moura<sup>67</sup> e Iracema Guimarães Vilella<sup>68</sup>. Entre as escritoras, apenas Iracema Guimarães publicou em uma coluna, *Dois dedos de prosa*, e o restante das colunas não levam nenhuma assinatura. Das seis colunas identificadas ao longo deste recorte, quatro deles estão presentes no gênero jornalístico correspondente aos artigos, ligando esses materiais opinativos a espaços específicos da *Revista da Semana*.

---

<sup>66</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 15, ano XXXI, 29 de março de 1930 p. 38-39, Rio de Janeiro.

<sup>67</sup> Maria Lacerda de Moura (1887-1945) nasceu em Minas Gerais, concluiu os estudos na Escola Normal, trabalhando como professora e jornalista. Entre suas obras destacam-se *Renovação* e *Em torno da educação* (KARAWAJCZYK, 2014)

<sup>68</sup> Até o momento da entrega desta dissertação não localizei informações referentes a ela, apenas que era autora de livros, que assinava sob o pseudônimo de Abel Juruá e filha do poeta Luís Guimarães Júnior, de acordo com Martins, 2016.

Nos que se refere aos quartis da revista, é possível identificar uma divisão menos equânime, onde o quarto quartil centraliza um maior número de fontes, cinco; enquanto o segundo e terceiro quartil apresentam três materiais, e por fim, o primeiro quartil é o que apresenta a menor quantidade, apenas uma fonte, indicando que a maior parte das fontes em formato de artigo se localizam no espaço conhecido como *Jornal das Famílias*. Os artigos apresentados na revista de forma geral possuem uma extensão considerável, tendo entre meia página e uma página inteira como padrões<sup>69</sup>, o que permite que abordem múltiplos eixos para análise, e tendo em vista que esse gênero jornalístico corresponde a metade do material aqui pesquisado, o resultado do número de eixos identificados é superior a um por matéria.

Os eixos temáticos, referente a essa parte da pesquisa, foram definidos como sendo quatro, podendo ser consultados na tabela 01.

Tabela 1- Eixos temáticos categoria vindicação feminina entre outubro de 1927 e outubro de 1930

Eixo temático	Quantidade
Organizações femininas	10
Determinismo biológico	08
Mulheres no Oriente	03
Origens feminismo	02

Fonte: Elaboração própria

Matérias referente as **organizações femininas** se configuram como o eixo mais numeroso sobre vindicação feminina entre outubro de 1927 e outubro de 1930. O critério utilizado para enquadrar os materiais neste item se baseiam em identificar coletivos de mulheres que tensionavam atingir algum ponto comum para novas conquistas femininas. Com seu caráter cosmopolita e internacional, a *Revista da Semana* recheava suas páginas com associações de mulheres ao redor do mundo além de, claro, noticiar os grupos de brasileiras que se unem por causas comuns. Neste primeiro momento, o periódico não cita nomes de associações estrangeiras, onde o protagonismo das lutas femininas se restringe a indivíduos específicos ou apenas citava exemplos do exterior da luta das mulheres. No que diz respeito às organizações nacionais, o quadro apresentado já é bastante distinto, das cinco matérias elencadas é possível identificar menções a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino (FBPF), Comissão

<sup>69</sup> O periódico não apresenta uma diagramação padrão, mesmo que as letras mantenham o mesmo tamanho, o número de colunas por páginas varia com frequência, assim como as fotografias dispostas em pontos variados da página dificultam uma mensura mais precisa do tamanho dos artigos.

Interamericana de Mulheres, Conselho Nacional de Mulheres e a União Brasileira Pró-temperança<sup>70</sup>. Entre os coletivos citados, o que obteve maior notoriedade na luta pela emancipação feminina foi a FBPF.

A Federação teve sua origem em 1922, sendo uma remodelação da *Liga Para a Emancipação Intelectual da Mulher*, fundada por Bertha Lutz<sup>71</sup>, juntamente com personalidades como Maria Eugênia Celso e Maria Lacerda de Moura (MARQUES, 2019), ambas colaboradoras recorrentes da *Revista da Semana*. Presidida por Bertha Lutz desde sua fundação, a FBPF era atuante em diversas frentes políticas pela emancipação das mulheres, com suas integrantes utilizando-se tanto de seu *status* social no Brasil como fora dele, para pleitear as modificações almejadas (MOURELLE et al., 2009). Ao analisar os locais de encontro dessas organizações, fica perceptível o caráter de transição entre os espaços públicos e privados, como quando essas mulheres oferecem chás<sup>72</sup> ao governador do Estado pioneiro do voto feminino, Rio Grande do Norte, na sede da FBPF, ou então quando os encontros entre associações ocorrem na residência das integrantes das organizações<sup>73</sup>.

Outra questão relevante no eixo de organização feminina é a divisão existente entre as que possuem fins políticos e não políticos. Importante salientar que todo movimento organizado é um ato político. Para ilustrar melhor essa divisão, resgato o exemplo de duas matérias. A primeira, que se percebe com bastante clareza o caráter político institucional, é o artigo intitulado *O Feminismo Triunfante*<sup>74</sup>, que resgata cargos políticos que são ocupados por mulheres em países estrangeiros, como Margaret Bonfield, Ministra do Trabalho na Inglaterra e Edith Klausner, que preside o Conselho de Berlim. Fora do caráter político é possível citar o grupo de mulheres polonesas que, juntas, construíram um museu onde resguardam os documentos referentes às mulheres ilustres do país. O artigo indica ainda que foram as mulheres responsáveis por “livrar a cidade dos bolchevistas” e reorganizar a vida econômica do país após

---

<sup>70</sup> Mesmo que sua nomenclatura não demonstre o caráter feminino do coletivo, a mesma se trata de uma ramificação da organização estadunidense *World's Women's Christian Temperance Union*, para o combate contra o tabagismo e o alcoolismo, entre outros vícios, sendo composta exclusivamente por mulheres (GARCIA, LEAL, ABREU, 2008)

<sup>71</sup> Nascida em 02 de agosto de 1894, ainda adolescente foi estudar na Europa, tendo contato com os movimentos sufragistas de lá. Após retornar para o Brasil foi uma das maiores representantes do movimento feminino brasileiro em encontros internacionais, tendo uma vida dedicada na busca pela ampliação dos direitos das mulheres. Esteve a frente da criação de uma série de organizações feministas, como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e a União Universitária Feminina, além de assumir como deputada federal em 1936. Com um extenso número de atos notáveis na política nacional, Bertha ainda somou uma vida acadêmica de destaque na área das ciências biológicas (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000).

<sup>72</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 25, ano XXIX, 09 de junho de 1928, p. 25, Rio de Janeiro.

<sup>73</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 52, ano XXIX, 15 de dezembro de 1928, p. 06, Rio de Janeiro.

<sup>74</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 46, ano XXX, 02 de novembro de 1929, p. 39-40, Rio de Janeiro.

a guerra, bem como a organização do museu seria uma ação justa para os trabalhos prestados pelas polonesas ao país.

O segundo eixo que teve maior repercussão foi o que chamei de **determinismo biológico**, utilizado quando o material se remete a conteúdos que defendem que as mulheres são seres que possuem um destino inato, vinculado especificamente ao seu gênero. Nesses materiais foi possível identificar a constância de uma ideia de que as mulheres, por serem mulheres, estariam fadadas a desenvolver características e comportamentos pré-definidos, de serem dotadas de uma natureza feminina. Ao reafirmar essas construções sociais de comportamento de forma sistemática, a *Revista da Semana*, assim como a imprensa em geral, em especial a imprensa feminina, colabora para a manutenção de um mito sobre o que é a mulher. Nas palavras de Dulcília Buitoni (2009) esse mito

[...] é um “reflexo” social que inverte, pois transpõe a cultura em natureza, o social em cultural, o ideológico, o histórico em “natural”. Um fato contingente, por exemplo, aparece como sempre tendo acontecido na sociedade. Apesar de formado pela cultura, apresenta-se como se fosse um fato da natureza. Ora, a imprensa feminina privilegia o ser mulher, propõe modelos culturais como sendo lógicos e naturais. “O eterno feminino sempre foi assim”.

Em alguma medida a maior parte das fontes apresenta alguma característica que evoque as características que constroem a categoria mulher, porém me detive nos conteúdos que tornam essa mensagem de forma muito nítida. Essa natureza feminina deveria ser utilizada para a melhora do mundo, engrandecendo as nações. Em um dos artigos encontrados na coluna *Página de Eva*<sup>75</sup> mulheres são classificadas como “indicadas naturais” através de sua “influência mística” para promover o apaziguamento moral, frente ao armamento no pós-guerra.

O destino inato das mulheres não é usado apenas para lhes impor responsabilidades para com a paz mundial, mas também é utilizado como argumento para justificar a sua necessidade de instrução. Através da leitura de grandes pensadores<sup>76</sup>, todos homens evidentemente, a mulher se elevaria, elevando junto seu país, sendo capaz então de acessar toda a sabedoria dos anjos. Contudo, essa mesma sabedoria e emancipação também poderia ser vista como ameaça, fazendo com que algumas das colaboradoras da revista a justificassem com frequência. Maria Eugenia Celso dedicou um artigo<sup>77</sup> a pedido da própria FBPF, onde relata sobre as mudanças do feminismo, e como agora as mulheres lutam por sem deixar para trás os “sagrados deveres” que tinham como mães, esposas e filhas.

<sup>75</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 37, ano XXXI, 30 de agosto de 1930, p. 20, Rio de Janeiro.

<sup>76</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 40, ano XXX, 21 de setembro de 1929, p. 31-32, Rio de Janeiro.

<sup>77</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 42, ano XXX, 05 de outubro de 1929, p. 21, Rio de Janeiro.

Já o artigo que leva a assinatura de Mercedes Dantas intitulado *Uma abolicionista*<sup>78</sup>, enaltece-se a luta de Maria Amélia de Queiroz<sup>79</sup> pela abolição da escravidão no país. Ao expor os feitos da ativista na esfera pública, a autora do artigo deixa claro que suas motivações eram guiadas pela sua natureza inerentemente bondosa. Endossando o caráter mítico em torno do ser mulher, Mercedes Dantas afirma que Maria Amélia mesmo tendo uma vasta produção de feitos, nunca deixou de ser uma mulher do lar, que se manteve modesta e estudiosa, defendendo então que uma mulher pode atuar fora de casa, e impelida por sua natureza, nunca deixaria o lar.

A contribuição de Mercedes Dantas é classificada não apenas no eixo que diz respeito às determinações biológicas femininas, mas também pode ser analisada sobre o viés que ressalta as origens do feminismo. Assim como o artigo que sobre o museu fundado para salvaguardar a memória das mulheres polonesas citado anteriormente, a *Revista da Semana* coloca em evidência conteúdos que rememoram mulheres que tiveram relevância na sociedade. O segundo artigo sobre as origens dos movimentos de mulheres também leva a assinatura de Mercedes Dantas, onde a autora informa que ao fazer uma pesquisa sobre Josephina Alvares de Azevedo, que acreditava ser a primeira feminista, deparou-se com informações acerca de ativistas atuantes em tempos ainda mais remotos, como Leolinda Daltró<sup>80</sup> e Narcisa Amália<sup>81</sup>, demonstrando a intencionalidade de traçar o passado do movimento de mulheres, assim como da *Revista da Semana* em divulgar essas informações.

O último eixo recorrente nessa análise foi o que pauta a emancipação das **mulheres orientais**. O periódico traz em suas páginas uma evidente diferenciação entre as mulheres ocidentais e orientais, deixando sempre pontuado nas matérias que se trata de mulheres orientais, independente do país específico que esteja se referindo, mesmo que faça referência ao nome do Estado. Entre os assuntos evocados nessa categoria é possível notar uma pluralidade, indo desde mulheres que proferem discursos políticos em praça pública<sup>82</sup>, como é

---

<sup>78</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 32, ano XXX, 27 de julho de 1929, p. 03, Rio de Janeiro.

<sup>79</sup> Maria Amélia de Queirós Sodré da Mata, ativista abolicionista pernambucana que frequentava o Clube do Cupim, importante organização da região, e posteriormente fundou uma associação de mulheres, Ave Libertas, em 1884. A Ave Libertas pregava uma militância não violenta, além da arrecadação de fundos, proteção e auxílio para fuga de escravizados. No aniversário de um ano da associação, houve o lançamento do jornal *Vinte e Cinco de Março*, com poesia e textos de homens e mulheres (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000).

<sup>80</sup> Leolinda de Figueiredo Daltró (1860-1935), baiana radicada no Rio de Janeiro, atuou como diretora da Escola de Ciências, Artes e Profissões Orsina da Fonseca, foi fundadora do Partido Republicano Feminino que pleiteava a obtenção do voto feminino, além de se candidatar a Intendência Municipal do Distrito Federal, em 1919. Antes de se dedicar às causas feministas traçou uma larga trajetória nas causas indigenistas, tendo percorrido o Brasil na divulgação de seus ideais (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000).

<sup>81</sup> Narcisa Amália de Campos (1852-1924) filha de mãe professora e pai poeta, seguiu a profissão do pai, tendo sua obra reconhecida no meio literário, recebendo reconhecimento de D. Pedro II, que a teria procurado para ouvir seus versos pessoalmente (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000).

<sup>82</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 25, ano XXXI, 07 de junho de 1930, p. 24, Rio de Janeiro.

possível ver na figura 11, até as que se organizam para fundação de um clube de xadrez para mulheres<sup>83</sup>. Pautas mais específicas para a emancipação feminina também foram identificadas, como a notícia<sup>84</sup> sobre a ativista feminista japonesa que defende o abandono das vestes típicas femininas do país, o *kimono*, pelas roupas entendidas como ocidentais, pois suas roupas tradicionais lhes restringe os movimentos, o que não é condizente com a vida da mulher moderna.

Figura 11 - Mulher proferindo discurso em praça pública



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 25, ano XXXI, 07 de junho de 1930, p. 24.

A dicotomia entre ocidente e oriente não se dá apenas com diferenças, causas em comum podem ser identificadas nas fontes. Ao falar sobre emancipação na Índia, a *Revista da Semana* divulga questões como debates sobre a legislação para casamento infantil<sup>85</sup>, assim como a luta das mulheres para alcançar os bancos escolares, assuntos em pauta no Brasil.

#### 2.1.2 Vindicação feminina de novembro de 1930 até dezembro de 1934

Esta segunda divisão temporal na investigação da categoria de vindicação feminina demonstrou um aumento sensível quanto ao número de materiais localizados. Enquanto o

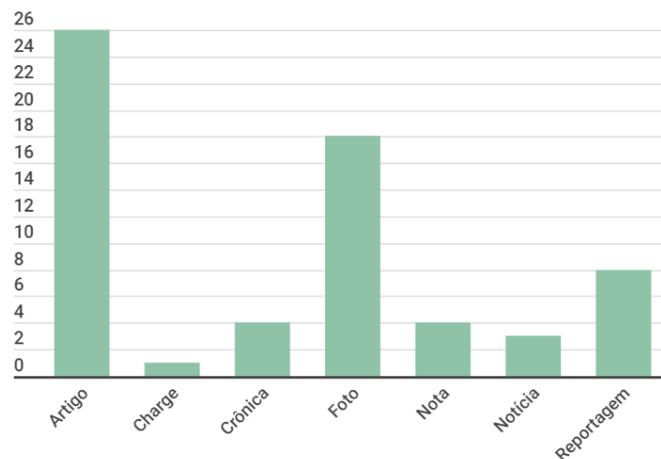
<sup>83</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 04, ano XXIX, 14 de janeiro de 1928, p. 11, Rio de Janeiro.

<sup>84</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 25, ano XXIX, 09 de junho de 1928, p. 08, Rio de Janeiro.

<sup>85</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 52, ano XXIX, 15 de dezembro de 1928, p. 47-49, Rio de Janeiro.

primeiro recorte totalizou apenas 24 fontes, nesse segundo momento foram analisadas 64 matérias, ou seja, mais que o dobro de material, demonstrando um aumento de divulgação quanto às questões emancipatórias femininas com o passar do tempo. Continuando com a segmentação por gênero jornalístico, manteve-se o padrão antes identificado, onde artigos são o gênero mais numeroso, seguido de fotografias, conforme expresso no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Divisão por gênero jornalístico da categoria vindicação feminina entre novembro de 1930 a dezembro de 1934



Fonte: Elaboração própria

Ainda perante o primeiro recorte temporal, fica perceptível o surgimento de conteúdos expressos em formatos que antes não eram encontrados, o de notas e reportagens, sendo as reportagens responsáveis por um número expressivo, oito conteúdos.

As divisões de nacionalidades permaneceram igualitárias, e neste caso divididas de forma idêntica, trinta e duas fontes, entre internacional e nacional. Entre as internacionais o país com maior destaque continuou sendo a França, com onze matérias, o que resulta em uma grande disparidade com os demais países, sendo o Japão e Inglaterra os países mais citados, com apenas duas aparições, e os demais países - Turquia, Bahamas, Finlândia, Irlanda, Estados Unidos, Itália, Polônia, Suíça, e China - com um registro apenas cada. Durante a pesquisa surgiram diversas matérias que se remetiam ao 2<sup>a</sup> Congresso Internacional Feminista<sup>86</sup>, e por ter esse caráter internacional os conteúdos que o referiam foram alocados no tópico internacional, com exceção quando se referia a comissão brasileira no evento. Instigada pela possibilidade de a multiplicidade de países ter relação com as comissões em visita ao Congresso, me debrucei

<sup>86</sup> O II Congresso Internacional Feminista foi uma iniciativa da FBPF, ocorreu no Rio de Janeiro em junho de 1931, com integrantes de diversas partes do Brasil e do mundo. As conclusões das deliberações desse encontro foram entregues a Getúlio Vargas, sendo um dos pontos mais deliberados o direito ao voto e influência da vida pública para as mulheres (SOIHET, 2013).

sobre esse aspecto, que se mostrou infrutífero, uma vez que apenas a delegação das Bahamas teve sua menção ligada ao evento

No que diz respeito a autoria também é possível identificar uma diferença da primeira análise, onde agora se vê uma inversão, com uma maioria de autores homens, 13, enquanto as mulheres assinaram apenas 05 das matérias. Já os materiais que não levam assinatura continuam sendo predominantes, 28, além das dezoito fotografias que não levam assinaturas pela natureza do gênero. Desses colaboradores o mais recorrente foi Berilo Neves, que escreveu quatro conteúdos sobre emancipação, todos contrários à emancipação feminina, divididos entre três artigos e uma crônica.

Um ponto de destaque foi a mudança de nomenclaturas das colunas onde os materiais estavam dispostos, anteriormente apenas uma coluna fazia referência ao universo feminino de alguma forma, *Página de Eva*, e nesse segundo momento apresentam-se o *Atualidades Femininas*, *Mulheres na Atualidade*. Mesmo com essas novas inserções a coluna *Conselhos Sociais* mantém um protagonismo perante as demais, agora ainda mais acentuado, abrangendo um total de oito conteúdos, sendo seguida por *Mulheres na Atualidade*, com apenas três matérias. Quanto aos quartis, o primeiro apresentou 12 matérias; o segundo, 13; o terceiro, 15; e o último e mais número 24 conteúdos.

De forma geral a *Revista da Semana* manteve-se com uma postura favorável às causas emancipatórias contudo, entre outubro de 1930 e dezembro de 1934 o aumento de produções contrárias à emancipação também pôde ser observado, sendo identificadas 28 favoráveis e 11 materiais contrários, um que se configura como um aumento considerável ao ser comparado com o recorte temporal anterior. O material com posicionamento contrário foi assinado primordialmente por autores homens, uma vez que dentre eles apenas um contou com assinatura feminina e outro não levou assinatura. Da mesma forma que a incidência sobre os assuntos pertinentes à emancipação vão ganhando volume com o passar dos anos, fica perceptível que a oposição também a acompanha, vindo de colaboradores homens, em sua maioria. Os eixos se estabeleceram da seguinte forma:

Tabela 2 - Eixos temáticos da categoria vindicação feminina entre novembro de 1930 e dezembro de 1934

Eixo temático	Quantidade
Organizações femininas	19
Conferências	11

Militar	07
Trajetória	07
Pioneirismo	06

Fonte: Elaboração própria

Assim como no recorte temporal anterior, menções às **organizações femininas** mantiveram-se no topo de aparições, assim como o protagonismo da FBPF como a organização feminina mais citada. A predileção pela *Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino* pode ser constatada por ser a única organização feminina que, no material que foi encontrado, publica detalhes sobre a organização em tom de publicidade, como no artigo assinado por Marietta Kendall<sup>87</sup>, onde a autora indica quais os foram os feitos realizados pela *Federação* até aquele momento, quais as vantagens para as sócias, além de citar o nome e cargo das mulheres que fazem parte da coordenação da organização. Ainda dentro das entidades nacionais, a fundação da Aliança Nacional das Mulheres também mereceu menções nas páginas da *Revista da Semana*, enquanto no internacional consta a *Americans Women's Club of Paris* e o grupo de *Lottas* da Finlândia. De acordo com a notícia<sup>88</sup> As *Lottas* formavam um exército feminino que prestavam serviço na guerra e mantiveram seus trabalhos após o conflito, agindo em frentes que organizavam donativos, provisões, além de serviços sanitários e costuras de fardas para o exército masculino.

Além da notícia do batalhão finlandês de mulheres, outras 07 fontes também retrataram mulheres no contexto militar. Nesse momento o Brasil havia passado por uma ruptura política grande, retratada nas páginas da *Revista da Semana* como a Revolução de Outubro, e a participação das mulheres nesse evento foi comentada. O Batalhão João Pessoa, retratado na figura 12 foi o principal coletivo feminino ligado aos conflitos gerados por esse evento político. De acordo com Cláudia Maia (2007) o Batalhão foi fundado pela mineira Elvira Komel em 1930, operando atividades de apoio na retaguarda do movimento que alçaria Getúlio Vargas ao poder, tendo destaque principalmente nos periódicos de Minas Gerais, terra natal de sua fundadora. A instituição arregimentou um número grande de associadas “O Batalhão chegou a alistar cerca de 8.000 mulheres no Estado e com o fim do movimento foi transformado em associação para lutar pelos direitos das mulheres.” (MAIA, 2007, p. 82). A *Revista da Semana* publicou fotografias do Batalhão de Komel ao visitar diferentes Estados brasileiros, recebendo

<sup>87</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 28, ano XXXIII, 25 de junho de 1932, p. 36, Rio de Janeiro.

<sup>88</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 44, ano XXXIII, 15 de outubro de 1932, p. 38, Rio de Janeiro.

homenagens<sup>89</sup> e posando<sup>90</sup> junto ao túmulo do falecido candidato à vice-presidência de quem lhe tomaram o nome para batismo do próprio batalhão.

Figura 12 - Homenagem da União dos empregados do comércio para o Batalhão João Pessoa



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 49, ano XXXI, 22 de novembro de 1930, p. 31

O tópico sobre **serviço militar** feminino ganhou destaque não apenas com o Batalhão João Pessoa, mas dentro do âmbito político, suscitando diversas opiniões sobre o tema. Berilo Neves, publica uma carta<sup>91</sup> ao então General Góes Monteiro, onde corrobora a opinião do militar de que mulheres deveriam compartilhar com os homens os deveres masculinos, e que o exército faria bem às mulheres, já que as ensinariam a obedecer. Mesmo existindo essa visão irônica sobre a inserção das mulheres na área militar, A FBPF, como uma das maiores associações femininas do país, defendia formas alternativas de trabalho militar<sup>92</sup> obrigatório, através de serviços prestados como enfermeiras, porém destaca que tal medida seria para os homens não se sentissem lesados. A FBPF trouxe essa questão e outras nas conferências que organizou ou participou.

As **conferências** permaneceram com destaque durante a pesquisa, com um total de 11 conteúdos, incluindo o debate sobre trabalho de mulheres não apenas no âmbito militar, mas também policial. Bertha Lutz, na posição de presidenta do 2º Congresso Internacional Feminista é mostrada<sup>93</sup> posando em uma fotografia ao lado de Miss Allen, da polícia feminina de Londres,

<sup>89</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 49, ano XXXI, 22 de novembro de 1930, p. 31, Rio de Janeiro.

<sup>90</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 50, ano XXXI, 29 de novembro de 1930, p. 30, Rio de Janeiro.

<sup>91</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 05, ano XXXIV, 14 de janeiro de 1933, p. 03, Rio de Janeiro.

<sup>92</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 24, ano XXXV, 26 de maio de 1934, p. 044, Rio de Janeiro.

<sup>93</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 29, ano XXXII, 07 de julho de 1931, p. 24, Rio de Janeiro.

demonstrando a relação estreita entre as feministas brasileiras e estrangeiras. Mesmo com o predomínio do 2º Congresso Internacional Feminista, a *Revista da Semana* mencionou encontros internacionais nessa época, como a Conferência Internacional Feminina realizada em Washington<sup>94</sup> e Congresso da Federação Nacional de Mulheres<sup>95</sup>.

No Congresso da Federação Nacional de Mulheres realizado na França, é levantado o fato de que as mulheres no futuro, quando atingissem a possibilidade de acessar carreiras profissionais, deveriam prestar honras às mulheres que lutaram para possibilitar que isso ocorresse. E que essas mesmas mulheres que seriam honradas, foram as responsáveis por levar pautas para o Congresso, e responsáveis por diversas lutas sociais importantes, como situações de mulheres que ficaram viúvas depois da guerra, mortalidade infantil e um dos principais pontos da época, o sufrágio feminino. Essa personificação da luta feminista através do enaltecimento de mulheres específicas se mostrou como um dos pontos de maior relevância para a *Revista da Semana*. Esse aspecto foi subdividido em dois eixos distintos, pioneirismo e trajetória.

No eixo denominado como **pioneirismo** foram abarcadas fontes que se detenham em anunciar feitos de mulheres que alargam os limites de ações femininas, que explorem novos horizontes e desafiem as normas das quais a sociedade lhes imponha. As áreas do vanguardismo dessas mulheres são diversos, indo desde normas sociais em ambientes religiosos até inserção na política institucional. Se as áreas de destaque dessas mulheres são amplas, o período em que os materiais se apresentam é restrito. De um total de seis materiais, todos são publicados a partir do ano de 1933, e apenas um deles em 1934, demonstrando que esse tipo de matéria ganhou destaque a partir de então.

Por se tratar de um grupo relativamente pequeno de fontes, seus conteúdos não apresentaram conexão adicional entre si, com exceção de dois conteúdos onde ambos tratam sobre as mulheres ocuparem posições de juradas nos tribunais brasileiros, algo até então inédito. Dessas duas fontes uma se encontra em formato de artigo, onde comenta o ingresso de Beatriz Sophia Mineiro, primeira jurada mulher, tratando com ironia o fato de as mulheres verem seus direitos políticos como algo positivo, e não como o ônus que é, na opinião do autor ou autora, uma vez que não consta assinatura. Já o segundo material é uma fotografia com a imagem de duas mulheres no banco de jurados, apenas três meses depois do artigo sobre Beatriz Sophia.

---

<sup>94</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 24, ano XXXII, 30 de maio de 1931, p. 34, Rio de Janeiro.

<sup>95</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 25, ano XXXIII, 04 de junho de 1932, p. 38, Rio de Janeiro.

O pioneirismo de mulheres no âmbito jurídico também é trazido dentro do escopo internacional, com um artigo sobre a conquista das mulheres francesas de atingirem o cargo de juízas consulares em tribunais de comércio, informa que esse é o primeiro degrau das mulheres na magistratura francesa, e espera que essa conquista auxilie no alavancamento da carreira jurídica das mulheres francesas e brasileiras, que poderia vir a atuar como juízas para julgar crianças e adolescentes, uma vez que a natureza feminina as deixariam mais preparadas para essa tarefa.

Posto isso, é possível apreender que a temática jurídica veio à tona após a aprovação dos direitos políticos femininos serem atingidos, em fevereiro de 1932, ao menos no que concerne aos direitos eleitorais<sup>96</sup>, ainda apresentando múltiplas perspectivas sobre a temática, sendo o principal aspecto vinculado ao pioneirismo feminino na *Revista da Semana*.

O eixo que enfoca as **trajetórias femininas** se distingue do pioneirismo por não se deter em narrar unicamente um episódio da vida dessas mulheres, mas por tentar abranger boa parte de suas vidas. Essa diferença também pode ser identificada quanto ao gênero jornalístico, pois todos os materiais que foram alocados como trajetórias femininas foram veiculadas como reportagens.

Das histórias de vida rememoradas nas páginas da revista, todas disseram respeito sobre mulheres estrangeiras, oriundas de diversas partes do mundo. Por mais que seja evidente que essas histórias convidem ao vislumbre de uma realidade muitas vezes distante da brasileira, apresentando a possibilidade de avanço nos limites do que na época era socialmente aceito para as mulheres, e algumas vezes, legalmente, a ideia de imutabilidade da essência feminina e da continuidade de suas obrigações como mãe e esposa permanece latente na maioria dos materiais. Indiferente de serem uma esportista aventureira<sup>97</sup>, vencedora do prêmio Nobel<sup>98</sup> ou primeira-dama dos Estados Unidos da América<sup>99</sup>, em todas essas reportagens destacam que independente das múltiplas tarefas desenvolvidas ao longo da vida dessas mulheres, o espaço para o exercício da maternidade e de seu papel de esposas permanece inalterado.

Esse ideal de mulher retratado nessas trajetórias é cristalizado na matéria sobre a vida de Maria Verona, intitulada *A moça moderna*<sup>100</sup>. Questionada sobre se as mulheres eram no passado mais ou menos ocupadas que as da época, Verona cita a si mesma como exemplo, lembrando que desde os 15 anos trabalhava em uma “Liga Internacional”, percorrendo a Europa

<sup>96</sup> Maiores informações no capítulo três dessa dissertação, na análise sobre voto.

<sup>97</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 40, ano XXXV, 15 de setembro de 1934, p. 13, Rio de Janeiro.

<sup>98</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 31, ano XXXV, 15 de julho de 1934, p. 27, Rio de Janeiro.

<sup>99</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 41, ano XXXIV, 23 de setembro de 1933, p. 40, Rio de Janeiro.

<sup>100</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 09, ano XXXIV, 11 de fevereiro de 1933, p. 35-36 Rio de Janeiro.

em atividades e conferências assim que atingiu 18 anos. Mesmo com todas as inúmeras tarefas que acumulou ao longo de sua vida, não interferiram em nada nas atividades como esposa, mãe e avó. Maria Verona continua acrescentando que em sua família o fato de as mulheres serem modernas não faria delas menos amorosas ou dedicadas à família, sabendo que cortar os laços com a família seria o mesmo que cometer um suicídio social.

Pelas ideias contidas nessa reportagem se pode compreender o jogo de equilíbrio feito pelas mulheres, onde ao mesmo tempo que intentaram expandir os limites a elas permitido, conquistando novos campos de atuação fora do ambiente privado, havia a necessidade de reforçar que essas novas vitórias não interferem naquilo que era considerado como o objetivo de ser das mulheres, o cuidado com o lar e a família.

A categoria de vindicação feminina apresentou uma grande variedade de temas, como previsto, tendo em vista sua configuração de análise que se propõe a investigar materiais que tratem sobre mais de uma das categorias. Ao tratar sobre emancipação através da categoria de vindicação feminina, foi possível perceber que a *Revista da Semana* se mostrou equânime quanto a nacionalidade das matérias, demonstrando que se dedica a divulgar sobre as lutas emancipatórias das mulheres brasileiras, sem deixar de tratar de questões internacionais, constatando assim o caráter internacional do periódico quando se refere a tais questões. A revista se expressou majoritariamente por meio de artigos, ou seja, por conteúdos opinativos, que expressaram opinião ou juízo de valor, ainda que apenas 18 dos 38 artigos tenham autoria definida. Além disso, essas opiniões se posicionaram principalmente de forma positiva às causas emancipatórias femininas, tanto quando são expressas por autores, como quando são expressas pela revista. A *Revista da Semana* deu preferência para publicar os conteúdos analisados nessa categoria no que defini como quarto quartil, ou seja, na seção intitulada *Jornal das famílias*. Através da ênfase destinada ao *Jornal das famílias*, essa característica pode indicar que ao tratar sobre emancipação de forma geral, sem se deter em um tema específico, a *Revista da Semana* o faz na seção que pode ser identificada como a seção feminina do periódico.

No primeiro momento analisado, entre os anos de 1927 e 1930, a *Revista da Semana* publicou sobre a saída da mulher do espaço privado para o público, nas quais as mulheres que se organizavam em associações, sendo a com maior destaque a FBPF, mesclam o espaço de suas casas, privados, para debater questões políticas, logo públicas. Essa inserção na vida pública também é colocada pela revista quando ela demonstra que essas organizações buscam o melhor para a nação, valendo-se de seus “dons naturais” para modernizar o país, em uma jornada altruísta. Jornada essa que além dos benefícios públicos não implicará em prejuízos aos “sagrados deveres” das mulheres nas suas condições ‘naturais’ de mães e esposas. A *Revista*

*da Semana* busca respaldo internacional para corroborar essa modernização feminina, por assim dizer. Publicando matérias sobre as mulheres japonesas, que são tidas como exemplo de ideal feminino de simplicidade, bondade etc., a revista indica as diferenças e semelhanças entre elas e as brasileiras, apontando que nas terras orientais a revolução das mulheres colabora para o desenvolvimento nacional.

Partindo para o estudo dos anos de 1930 e 1934, o índice de matérias aumenta significativamente, tornado possível que se possa inferir que nesse recorte temporal as questões ligadas a temáticas da emancipação feminina obtiveram maior destaque na sociedade brasileira. Se anteriormente as associações femininas ainda mantinham vínculo com a vida privada de suas integrantes, nesse segundo momento essas organizações passam exclusivamente para o espaço público, resultando em conferências que reúnem mulheres de diversos países. A forma como a revista pública sobre essas organizações femininas também muda, onde ganha um tom semelhante a publicidade, e não mais de mera informação de evento social. A ocupação do espaço público pelas mulheres é tamanha, que abrange inclusive as áreas militares, como deixa claro a divulgação da participação do Batalhão João Pessoa nos confrontos que culminaram com o golpe político de 1930. O serviço militar nesse momento é visto muito mais como um debate do que contar com a aprovação da revista, uma vez que é o eixo temático que apresentou o maior número de matérias contrárias.

A notoriedade das associações é seguida por uma divulgação da trajetória de vidas das mulheres que, tal como as contemporâneas ali retratadas, buscaram valer os direitos das mulheres, ainda que isso seja feito exclusivamente para mulheres de origem estrangeira. Com isso a revista se deteve também em publicar sobre as mulheres que estabeleceram novos limites para as atividades possíveis para as mulheres, se tornando pioneiras nos mais variados tipos de atividades.

## 2.2 EDUCAÇÃO

Abrem-se escolas. Escolas - laboratórios de almas - onde se produz o divino milagre do entendimento, onde a química ideal transforma valores.<sup>101</sup>

A educação é uma das bases para a emancipação de qualquer pessoa, independentemente de seu gênero, e continua sendo uma pauta de relevância para as mulheres

---

<sup>101</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 52, ano XXX, 14 de dezembro de 1929, p. 35.

até os dias de hoje. Tendo o acesso negado aos bancos escolares pela maior parte da história, a pauta educacional para as mulheres já era motivo de debates intensos e vinha de uma trajetória ascendente de busca por direitos. Ainda que legalmente o ensino primário fosse estabelecido por legislação federal desde 1827, o número de professoras era pequeno para suprir o contingente de meninas em idade escolar, uma vez que professores homens ministrarem aulas para meninas era visto de forma inapropriada (AZEVEDO, FERREIRA, 2006). Após essa legislação, foi necessário ainda meio século para que o sistema de coeducação, educação mista, fosse instituída como obrigatória para escolas públicas de ensino primário e, a partir de então, o ensino primário feminino tivesse uma maior amplitude.

Com a chegada da República, foram instituídas uma série de reformas na instrução pública nacional, ainda que os resultados variassem entre os estados no país, e de acordo com Ednéia Regina Rossi (2017) essas variações atingiram cada escola de forma diferente. A autora coloca que a finalidade dessas transformações no sistema educacional brasileiro era “Difundir a educação a toda população [...] mudar suas práticas e mentalidade, construir valores civis e republicanos e assegurar a sobrevivência em um mundo cada vez mais letrado. Tratava-se, acima de tudo, de homogeneizar as referências sociais do país.” (ROSSI, 2017, p. 163). Dessa forma poderia se construir uma identidade nacional, com coesão cultural rumo a modernização dos tempos, através de uma profissionalização e metodização do sistema escolar rígido e controlado para as camadas populares.

O ritmo de modernização foi acentuado da década de 1920, onde as transformações tecnológicas propiciaram uma rápida industrialização e urbanização, e os processos guiados pela racionalização do trabalho exigiam profissionais cada vez mais treinados para desenvolver suas tarefas, e para isso eram necessários que as escolas fornecessem as ferramentas necessárias para o desempenho de tais tarefas, e assim se desenvolvem cada vez estudos especializados na área (BESSE, 1999, p. 123). Entretanto, o papel das escolas não se encerrava aí, sendo também responsáveis por uma educação moral do povo, disciplinando também sua mente. Para além do conteúdo que era difundido nas escolas, os próprios prédios serviram como agentes do pensamento propagado para a educação nacional até 1929, assumindo inclusive uma centralidade na vida social, com suas construções suntuosas que representavam a modernidade daquele tempo (ROSSI, 2017, p. 168).

Com as mudanças no campo político nacional se alterando de forma significativa, a instrução pública também passou por uma remodelação após a implementação do governo de Getúlio Vargas em 1930. Após a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 e a crise subsequente, as economias passaram por uma desarticulação mundial, o que alavancou possibilidades de

projetos governamentais de caráter nacionalistas, como a que se desenvolveu no Brasil durante o governo provisório. Sendo assim, o país passou por um momento de incentivo e expansão do mercado interno, o que acarretou a necessidade de uma expansão educacional para abarcar as novas áreas que solicitavam, cada vez mais, por um contingente de mão de obra especializado (BRITO, 2006).

Diversos foram os debates em torno da educação durante o governo provisório, assim como a instrução pública foi reformada e institucionalizada nesse período. Logo que instituído o novo governo, em novembro de 1930, foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública, através do Decreto número 19.402, indicando a inserção do governo federal na educação. O envolvimento do governo federal na educação era, até então, inédito, uma vez que nunca houve uma política nacional que regesse os sistemas educacionais estaduais, nas palavras de Maria Célia Moraes “As reformas realizadas pela União até aquele momento limitavam-se quase que exclusivamente ao Distrito Federal e, embora fossem apresentadas como "modelo", os estados da federação não eram obrigados a adotá-las (MORAES, 1992, p. 293).

Francisco Campos figurou como o primeiro-ministro à frente do Ministério da Educação e da Saúde Pública, sendo sob sua gestão que se concebeu a estrutura orgânica da educação nacional, abrangendo os níveis educacionais secundário, comercial e superior, e cujo alcance incluía todo o território nacional (MORAES, 1992). Outro ponto de destaque da reforma Francisco Campos foi a divisão do curso secundário, que ficava então dividido entre pré-médico, pré-jurídico e pré-politécnico, sendo o último o que viabilizava o ingresso em instituições de ensino superior (FILHO, 2010).

O movimento de mulheres teve influência direta no debate sobre a organização dos níveis educacionais, em especial a ativista Bertha Lutz, personalidade que detinha um prestígio na Câmara dos Deputados e nos Congressos de Ensino. Fundadora da Associação Brasileira de Educação, em outubro de 1924, Bertha e os demais membros da associação, assim como suas companheiras da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino (FBPF), os grupos debatiam os problemas da educação brasileira e propunham soluções inovadoras, como por exemplo um projeto que visava reorganizar o ensino secundário para viabilizar o ingresso das meninas no Colégio Pedro II (LÔBO, 2010). Para isso, Bertha e demais integrantes da federação fazem um levantamento para fins de comparação entre o currículo oficial secundário e o da Escola Normal do Distrito Federal, demonstrando assim as semelhanças entre eles, para que assim se permitisse a inserção das mulheres no secundário, que viabilizava o ensino superior.

Apresenta, então, sugestão para modificar a estrutura organizacional do ensino secundário e normal. Para ela, deveria estabelecer-se para todos os Estados do Brasil um curso tronco de cinco anos, correspondendo aos cinco anos do Pedro II, com

divergências para o curso ginásial ou de preparatórios e para o normal, formando um esquema cinco mais dois anos para completar a formação do professor. Além disso, o curso normal deveria oferecer, obrigatoriamente, as matérias que correspondem ao curso preparatório, de modo a permitir que o aluno egresso prestasse esses exames sem prejuízo das matérias especiais do curso normal. Assim, o curso normal seria equivalente ao do Pedro II e seus exames seriam válidos, sendo prestados seriadamente ou parcelados. O interesse pelo ensino normal decorria do fato de ser a escola normal um estabelecimento de ensino de frequência maciçamente feminina. (LÔBO, 2010, p. 63)

Uma das maiores influências na educação foi a deflagrada pelos estudiosos do movimento Escola Nova. Tendo tecido sua influência na educação brasileira desde os tempos imperiais, onde colaborou para fomentar o debate educacional sobre questões relativas à infância e do processo de aprendizagem, de acordo com Wojciech Kulesza (2002) mesmo que esse movimento já existisse na época do império, não teve força o suficiente para se tornar uma prática continuada no sistema educacional brasileiro com o advento da República. Entretanto, a partir da década de 1920 o escolanovismo irá se impor com real significância nos debates educacionais, ocupando um lado oposto ao que ficou conhecido como uma “escola tradicional”.

A Escola Nova passa a propor uma pedagogia da existência, voltada para o indivíduo que era visto como único e diferenciado, que deveria ser preparado para lidar com o mundo dinâmico que se punha a sua frente, se negando a entender a “[...] a criança uma miniatura do adulto, um adulto inacabado. Ela vai atender a criança a partir das especificidades da sua natureza infantil” (SANTOS, PRESTES, VALE, 2006, p. 133), colaborando para transformar o sistema educacional como um todo. Para além da proposta de compreender discentes como um dos pontos centrais do sistema escolar, o movimento da Escola Nova visava centralizar os debates escolares em torno das escolas públicas, efetuando o movimento contrário de outros países que privilegiam as instituições privadas (KULESZA, 2002).

No *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* publicado em 1932, que continha assinaturas de personalidades como Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, e outros intelectuais, definiram algumas propostas que foram incorporadas à educação nacional e, entre estas, destaco as que tratavam da educação feminina. Questões como a obrigatoriedade, gratuidade e proibição de segregação por sexo<sup>102</sup>, fazem com que as barreiras impostas por condições financeiras deixem de ser um problema, assim como não caberia mais a autoridade familiar decidir se a menina iria para a escola, ao menos em teoria (SANTOS, PRESTES, VALE, 2006).

---

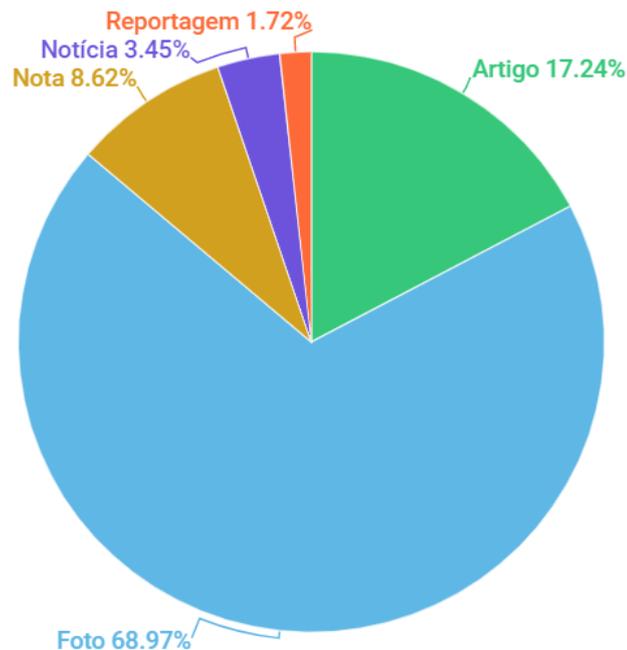
<sup>102</sup> Coloca-se aqui a expressão sexo, por ser o termo utilizado na época, em detrimento do conceito de gênero, utilizado na literatura atual.

É nesse contexto educacional de grande efervescência e renovação que o Brasil se encontrava durante o recorte temporal privilegiado nesta pesquisa, onde são perceptíveis as possibilidades que se abrem para a educação das mulheres.

As fontes alocadas na categoria de educação foram assim apuradas por retratar, em alguma medida, informações no que concerne sobre educação, não sendo necessariamente sobre educação feminina diretamente. Essa opção foi feita por compreender que a educação não se restringe à relação existente de meninas e mulheres enquanto alunas, tendo em vista que majoritariamente o corpo docente das escolas, em especial do ensino primário, no Brasil era composto por mulheres. Posto isto, circunscrever a busca por fontes apenas a questões do ensino feminino poderia resultar na perda de possíveis materiais que poderiam vir a acrescentar novas perspectivas quanto ao trabalho docente.

Tendo como orientação as diretrizes descritas acima, o material selecionado relativo à educação se mostrou majoritariamente anunciado através do recurso gráfico de fotografias, onde do total de 58 fontes alocadas na categoria, 40 delas pertenciam a tal gênero jornalístico. A divisão entre os demais gêneros jornalísticos pode ser visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Identificação do *corpus* documental da categoria educação por gênero jornalístico



Fonte: Elaboração própria

Com o gráfico fica visível a superioridade incontestável das fotografias, sendo seguida pelos artigos e, em menor escala, notas. Com essa divisão do material, ocorre um impacto direto em outros fatores de análise, como o da subcategoria que se refere à autoria, uma vez que as fotografias ocupam uma parte considerável do material e não apresentam as informações sobre quem as produziu, essa subcategoria não terá um impacto tão relevante. Apenas quatro conteúdos carregaram consigo assinaturas e dessas três se referem a mulheres e apenas uma autoria masculina, todas no escopo de artigos. Carolina Martins Etcheverry (2019) afirma que a indicação de crédito das fotografias foi uma valorização que se estabeleceu posteriormente ao período aqui investigado, ainda nos 1970.

Já no que se refere a nacionalidade, a categoria demonstrou-se majoritariamente inclinada para conteúdos que se dedicam a questões nacionais, com uma larga margem quantitativa sobre os conteúdos internacionais, 46 e 12 matérias, respectivamente. Quanto à disposição dos materiais na revista, apenas dez alocaram-se em colunas específicas, sendo a mais recorrente *Conselhos Sociais*, que reuniu 05. A distribuição de material nos quartis da *Revista da Semana* ficaram concentrados no segundo e terceiro, sendo ambos com 18 fontes, enquanto o primeiro e quarto tiveram a quantidade resumida em 10 e 12, respectivamente, demonstrando que maior parte das fotografias se concentravam no centro do periódico.

### 2.2.1 Educação de outubro de 1927 até outubro de 1930.

Nas questões referentes à educação, a *Revista da Semana* destacou majoritariamente conteúdos referentes à educação nacional, das 31 matérias trabalhadas durante esse recorte temporal, vinte e sete delas fizeram referência ao sistema educacional brasileiro, deixando então apenas 04 para a cobertura dos conteúdos internacionais. Como comentado anteriormente, por ser uma categoria que foi expressa através de fotografia, essa característica impactou nos resultados das subcategorias de forma substancial, a começar pela autoria, do total de fontes aqui destacadas, apenas uma delas traz assinatura de sua autora, Clara Lúcia.

Já nas questões de localização, as matérias não se localizaram em colunas específicas, constando apenas 02 no *Conselhos Sociais* e 01 em *O que vai pelo mundo*, demonstrando que não havia um espaço delimitado para a divulgação dessas matérias. Contudo, na divisão pelos quartis, há uma preponderância para o segundo quartil, que reuniu 13 conteúdos, o primeiro contou com 05 matérias, o terceiro 07 e por fim, o quarto com 06 conteúdos, reforçando a concentração em áreas centrais do periódico.

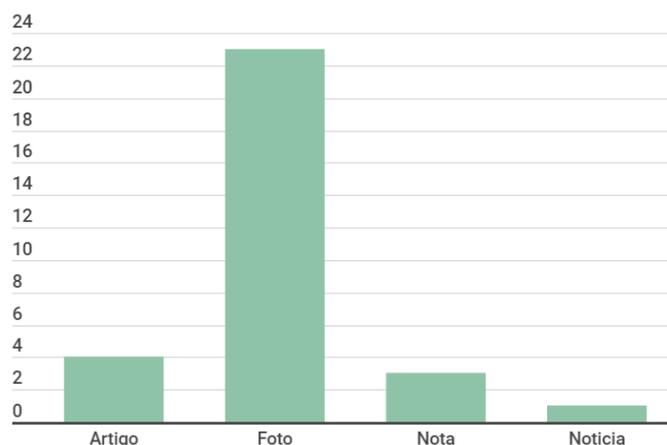
Antes do golpe de 1930 a revista, no quesito referente a educação é, em grande medida, neutro, muito influenciado pelo numeroso grupo de fotografias que compôs o *corpus* documental dessa parte da pesquisa. Para fins desta pesquisa decidi, de forma arbitrária, não fazer uma análise mais aprofundada das imagens apresentadas na revista. Saliento, entretanto, que procurei agregar na minha análise as legendas que as acompanhavam, pois nestas consegui perceber, de modo claro, o emprego de palavras que, em conjunto com a fotografia apresentada, modificavam ou mesmo davam algum juízo de valor para a cena ali retratada. Trago como exemplo, a legenda de uma imagem retratando um grupo escolar carioca, no qual se lê um claro elogio para o presidente do Estado Feliciano Sodré, o descrevendo como “eloquente” e possuidor de um “espírito altamente democrático”, conforme a imagem a seguir:

Figura 13 - Legenda da fotografia com juízo de valor sobre Feliciano Sodré ao Grupo Escolar, 1.º período. 2 — Alunos da 1a. série do Grupo Escolar recebendo instrução ao ar livre. Vê-se no primeiro plano a interessante Lia, filha do sr. presidente Feliciano Sodré, que se educa numa escola publica, o que prova mais uma vez, eloquentemente, o espírito altamente democratico do Presidente fluminense. 3 — Uma

Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 43, ano XXVIII, 15 de outubro de 1927, p. 19.

Essas legendas opinativas não são frequentes, se levar em consideração que dos quarenta materiais fotográficos da categoria educação, em apenas cinco foi possível identificar que emitiram alguma opinião, sendo todas as manifestações favoráveis à educação. Quanto aos gêneros jornalísticos, esse recorte temporal manteve a maioria de conteúdos fotográficos, como destaquei. Também foram encontrados notas, notícias e artigo, como se percebe no gráfico cinco.

Gráfico 5 - Divisão por gênero jornalístico da categoria educação entre outubro de 1927 a outubro de 1930



Fonte: Elaboração própria

Os eixos temáticos localizados na categoria de educação foram numerosos, porém a maioria deles apresentaram apenas um único conteúdo. A *Revista da Semana* deu ênfase especial para a modificação do sistema escolar enquanto sistema misto e individual de ensino, o emprego de novas pedagogias, além de publicar um número maior de matérias a respeito das alunas das escolas normais e do ensino primário. Todos os níveis educacionais recebem atenção da revista neste recorte temporal, desde o jardim infância até o ensino superior. Para auxiliar na visualização dos eixos temáticos, foi elaborado a tabela três.

Tabela 3 - Eixos temáticos da categoria educação entre outubro de 1927 e outubro de 1930

Eixo temático	Quantidade
Educação para meninas	06
Novas pedagogias	05
Normalistas	04
Educação mista	04

Fonte: Elaboração própria

Ao identificar os eixos temáticos, é possível observar como a revista reflete os temas centrais que transpassaram a educação nacional durante a virada do século de 1920 para 1930, discorrendo sobre as novidades pedagógicas que surgiam, assim como apresentava um debate em torno de questões referentes à educação feminina, tópico que vinha apresentando alterações significativas.

Conforme June Hahner (2003, p. 123), a noção de educação para as meninas no século XIX estava fortemente atrelada ao aprendizado de prendas domésticas, uma preparação para o destino que lhes cabia, a maternidade e o matrimônio. No espaço escolar as meninas aprenderiam como gerenciar o lar, aprendendo as lides domésticas, assim como aprenderiam a se tornarem companhias adequadas para eventos sociais e, obviamente, para seu destino como mães e esposas.

Para além da luta de feministas como Nísia Floresta<sup>103</sup> pela educação de mulheres, peça fundamental para a transformação do quadro educacional nacional, a inserção de novas teorias

---

<sup>103</sup> Nísia Floresta foi criticada pela formulação que dava ao currículo considerado inusitado, uma vez que o ensino de lides domésticas se restringia a uma pequena parcela da carga horária, tendo ênfase em matérias distintas, como o ensino do latim

científicas modificou gradativamente o ensino feminino. Essas modificações fomentaram um debate que inclui diversas áreas da sociedade, juristas, filósofos, médicos, entre outros. Mesmo entre os defensores da educação feminina, havia quem defendesse que o lugar das mulheres era o lar, mesmo assim deveriam aprimorar suas qualidades naturais através de uma educação diferente da educação destinada dos homens; por outro havia quem defendesse a igualdade intelectual da mulher, o que demandaria uma educação igualitária entre os gêneros (BESSE, 1999, p. 124-125).

É nesse contexto de efervescência de debates sobre a escolarização nacional, em especial a feminina, que o recorte temporal desta pesquisa se encontra. O eixo que se dedica às matérias sobre **educação para meninas** apresenta apenas uma nota, sendo o restante de fotografias. Essas fotografias são de encerramento de finais de anos letivos e formaturas<sup>104</sup>, e revelam turmas formadas apenas por garotas. A identificação do grau de instrução nas turmas em questão, seja primário ou secundário, nem sempre é possível, pois essa informação poderia apenas ser obtida na legenda da fotografia, e nem sempre aparece especificada. A única informação que sempre é reproduzida nas legendas são os nomes das escolas, o que poderia levar a uma constatação, porém demandaria um trabalho de pesquisa extenso, que não se faria relevante para a responder os questionamentos propostos por esse trabalho.

Ao examinar as fotografias de encerramento de final de ano, algumas retratam exposições dos trabalhos finais das alunas. Devido a baixa qualidade de resolução das imagens obtidas na plataforma digital da Biblioteca Nacional, por vezes não é possível identificar quais os objetos que compõem a referida mostra, porém nas oportunidades em que é viável a identificação, ficam visíveis uma série de objetos de uso doméstico, como objetos de decoração, almofadas, travesseiros e quadros, conforma a figura 12.

De acordo com o expresso na introdução desse trabalho, optei por não fazer uma análise por menorizada do material fotográfico, uma vez que as fotografias apresentam, em grande medida, semelhanças. Entretanto, para exemplificar a metodologia adotada para compreensão do material, ainda que não explicito no trabalho, utilizarei a figura 12 como exemplo de análise, antes de seguir para sua análise dentro da categoria aqui analisada.

Para além do debate metodológico, Ana Maria Maud (2005) indica duas fichas para guiar a análise fotográfica. A primeira delas, diz respeito aos elementos de forma e conteúdo, a

---

<sup>104</sup> Uma parte significativa dos conteúdos fotográficos retratam encerramentos letivos e formaturas, inaugurações de escolas, assim como visitas de alguma autoridade aos estabelecimentos de ensino.

segunda se dedica a compreender os elementos em forma e expressão. Aplicando a tabela de forma e conteúdo na figura 12, temos os seguintes resultados:

- a) quanto a agência produtora/ano: não consta informações;
- b) local retratado: uma sala, através da leitura da legenda, tem a informação de ser a Escola Celestino Silva;
- c) tema retratado: educação doméstica;
- d) pessoas retratadas: alunas da Escola Celestino Silva;
- e) objetos retratados: trabalhos desenvolvidos pelas alunas, os que podem ser identificados remetem a objetos domésticos, como almofadas, arranjos, panos bordados;
- f) atributo das pessoas: mulheres e meninas, provavelmente incluindo professoras, mediante a aparente idade mais avançada, todas usando vestidos, cabelos curtos, braços cruzados para frente ou juntos ao corpo, todas posando para a câmera;
- g) atributos da imagem: sala com exposição dos materiais desenvolvidos na sala;
- h) tempo retratado: ambiente fechado;
- i) número da foto: 62, dentro do corpo documental dessa pesquisa.

Já a segunda tabela apresentada pela autora, referente aos dados de forma e expressão, muito dessas informações se perdem, uma vez que a consulta desse material se dá através de meios digitais e não fisicamente, sendo eles tamanho da foto, formato e suporte da foto, tipo de foto, nitidez em nenhum dos aspectos elencados. Os demais elementos são a) agência produtora/ano: não consta informações; b) enquadramentos: horizontal, central, onde em primeiro plano se encontram os objetos dispostos em móveis, e ao fundo, alinhadas horizontalmente, lado a lado, as mulheres e meninas; c) produtor: não consta informações. Posto esse exemplo de análise que guiará indiretamente a interpretação das fotografias, partiremos para a análise da categoria dentro do recorte temporal proposto neste primeiro momento.

Figura 14 - Exposição dos trabalhos da Escola Celestino Silva



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 01, ano XXIX, 24 de dezembro de 1927, p. 26

Tais informações não são suficientes para que se possa afirmar que essas escolas tenham seus currículos voltados para as prendas domésticas, mas demonstra como o ensino de prendas domésticas ainda era recorrente nas instituições de ensino da capital do Brasil. Corroborando com o fato de escolas domésticas ainda serem uma realidade no cenário nacional, no ano de 1927, mesma data do material da imagem anterior, Escola Celestino Silva, a *Revista da Semana* publica uma fotografia da inauguração da Escola Doméstica Cristo Redentor, onde estavam presentes personalidades como o arcebispo-coadjutor D. Sebastião Leme<sup>105</sup> e o juiz de menores Mello Mattos<sup>106</sup>. Assim como o magistrado e arcebispo, não é raro a aparição de figuras com influência política nas inaugurações e formaturas das escolas cariocas, como o presidente Washington Luís<sup>107</sup>, o diretor de instrução pública Fernando Azevedo<sup>108</sup>, entre outros.

Ainda sobre educação doméstica, Yolanda Lôbo (2010) destaca a atuação da FBPF para a institucionalização da Escola Doméstica Agrícola, que colaboraria para a criação de

<sup>105</sup> Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882-1942) foi uma figura de relevância para a política nacional, especialmente nos anos de transição da República Velha para o Governo Provisório, sendo creditado a ele a articulação que resultou na aproximação do Estado com a Igreja Católica, bem como a influência para que o então presidente Washington Luís renunciasse de forma espontânea, a fim de evitar uma guerra civil (VASCONCELOS, 2015).

<sup>106</sup> José Cândido Albuquerque Mello Mattos (1864-1934) se destacou como juiz do Distrito Federal reconhecido por trabalhar em questões que se referiam à infância descrita como delinquente ou abandonada, sendo de sua autoria o Código de Menores implementado em 1927 (PINHEIRO, 2014).

<sup>107</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 52, ano XXVIII, 17 de dezembro de 1927, p. 27.

<sup>108</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 32, ano XXXI, 26 de julho de 1930, p. 23.

cooperativas industriais regionais para mão de obra feminina, para desenvolver trabalhos especialmente voltados para trabalhos com têxteis de rendas, visando atender as mulheres do nordeste do Brasil, que já desenvolviam trabalhos nessa área. E para isso, Bertha Lutz, como fundadora da federação, trabalhou com afinco nesse objetivo, nas palavras de Yolanda

Em 1924, o Ministério da Agricultura aprova uma subvenção à federação para o ensino doméstico agrícola e para desenvolver as indústrias regionais femininas. A federação discute meios de ação para esse ensino. A Escola Doméstica Agrícola deveria organizar um serviço de demonstradoras de economia doméstica a exemplo do que se fazia na Saúde Pública, ou então fixar conselheiras técnicas especializadas em conhecimentos gerais em diferentes pontos da zona rural e fazer propaganda ativa por meio de filmes. Deveria, ainda, procurar obter de diferentes casas importadoras americanas aparelhos para demonstrações práticas e treinar algum pessoal competente. No que se refere às indústrias femininas de rendas, propõe-se a realização de uma exposição e a instalação de postos de vendas de todo o material produzido pelas rendeiras em diferentes estados, de preferência a bordo de vapores americanos, ou no cais do porto. (LÔBO, 2010, p. 40)

Essa divisão educacional por gênero pode ser acompanhada nas páginas na revista, onde começam a surgir destaques para instituições que trabalham a partir de uma sala de aula mista. O Instituto La-Fayette foi a instituição mais citada, tendo três aparições neste intervalo de tempo. As matérias sobre a escola variam de uma página inteira a duas, ricamente ilustradas por fotografias da escola e de seus estudantes, com um tom altamente publicitário. Nelas indicam que a origem da matéria foi uma agradável visita ao local pela *Revista da Semana*, e que a mesma não poderia se furtar da possibilidade de mostrar ao seu público as vantagens da escola, tamanho seu deslumbramento. Mesmo que a baixa qualidade de reprodução mantenha-se como um fator de impacto, em uma das imagens da matéria é possível entrever uma sala de aula no sistema misto de educação, tal como aparece na figura 15.

Figura 15 - Turma mista do Instituto La-Fayette



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 05, ano XXIX, 21 de janeiro de 1928, p. 23.

Ao passo que o periódico enaltece o departamento misto do Instituto La-Fayette, onde a juventude carioca se prepara para a carreira comercial intensa exigida pela modernidade, destaca ainda que as mãos femininas que na época dos estudos portam livros, aprendem também “transformar agradavelmente os interiores, graças aos milagres das artes aplicadas”<sup>109</sup>, graças ao departamento feminino que é oferecido na mesma escola. Entretanto, o departamento feminino parece não se encarregar apenas de questões relacionadas aos cuidados do lar. Uma das fotografias que pode ser observada na figura 16 retrata uma turma de alunas assistindo uma aula, e cuja legenda enuncia “No departamento feminino trabalham em química experimental as estudantes do Curso Geral do Comércio, dessa vez assistidas pelo Inspetor do Ministério da Agricultura”, e em uma segunda fotografia, representada na figura 15 mostra uma aula de física experimental sendo destinada para os alunos do departamento masculino.

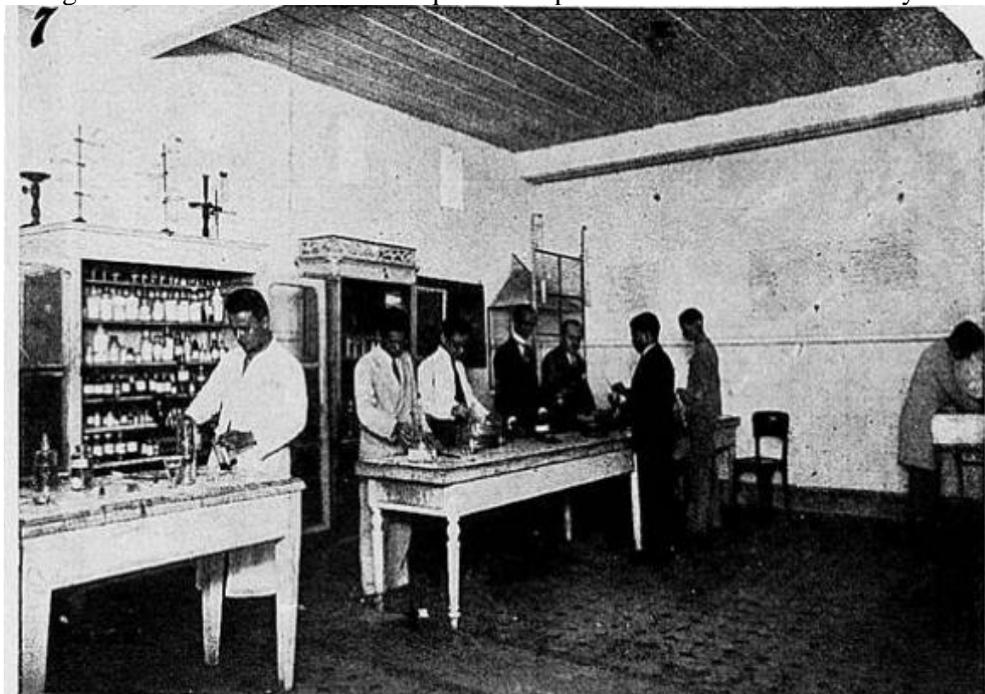
<sup>109</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 02, ano XXX, 29 de dezembro de 1928, p. 16.

Figura 16 - Turma feminina de química experimental do Instituto La-Fayette



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 02, ano XXX, 29 de dezembro de 1928, p. 16

Figura 17 - Turma masculina de química experimental do Instituto La-Fayette



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 02, ano XXX, 29 de dezembro de 1928, p. 16

As fotografias acima demonstram que os estudos de ciências como a química eram tratadas de forma muito próxima pelo Instituto La-Fayette, tanto nas turmas femininas quanto masculinas, até mesmo dentro em áreas científicas onde a presença feminina não era habitual na época. Dessa forma é plausível presumir que o departamento feminino dessa instituição não

se restringia a abordar questões unicamente domésticas, mas que também proporcionava para suas alunas disciplinas semelhantes destinadas aos alunos do departamento masculino. Mesmo que não fique claro como a rotina escolar se desenvolve, pode ser observado que mesmo nas escolas que obtiveram o maior destaque na *Revista da Semana*, a permanência de um departamento feminino a parte era uma realidade que coexistia com o ensino misto.

Dentro das transformações do ensino, outro ponto que pode ser identificado nos conteúdos da revista diz respeito à **novas pedagogias**. Pedro Fagundes (2011) indica que o debate educacional foi fomentado pela Associação Brasileira de Educação (ABE), entidade criada em 1924, que promovia uma série de congressos e conferências sobre os rumos da educação no país, o que proporcionava um clima de entusiasmo e otimismo pedagógico.

Em uma demonstração que as escolas do Rio de Janeiro estavam alinhadas com os pensamentos internacionais e recentes, a revista publicou fotografias de alunos em diversos momentos da rotina escolar, e cuja legenda<sup>110</sup> afirmava que já se remodelava o ensino através dos pensamentos de Claparède, mestre da pedagogia russa. Essas transformações eram acionadas também através de educadoras que buscavam esses conhecimentos no estrangeiro e voltavam para aplicar em suas próprias escolas, como foi o caso da professora Glaphyra Antunes Ferreira<sup>111</sup>, proprietária da escola Remington que no retorno da viagem aos Estados Unidos aplicou técnicas de estenografia. A incorporação de novas pedagogias e conteúdos vindos de outros países era destacado de forma positiva nas matérias, o Externato e Internato *British American School* foi indicado como instituição de excelência que poderia fazer frente a escolas estrangeiras, além de contar com um currículo que propiciava que suas estudantes fossem contratadas por empresas estrangeiras atuantes no Distrito Federal.

A presença de mulheres no ensino superior foi abordada de forma breve, através da fotografia<sup>112</sup> da recepção em homenagem à universitária Maria Luiza Doria Bittencourt no Comitê Central da Casa de Estudantes do Rio de Janeiro, assim como através de uma nota<sup>113</sup> que comenta sobre a vida social de uma princesa holandesa não identificada, e como manteve suas relações sociais nos espaços acadêmicos nos quais circulou, tendo em vista a diplomação em direito e teologia.

---

<sup>110</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 44, ano XXX, 19 de outubro de 1929, p. 23.

<sup>111</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 32, ano XXXI, 26 de julho de 1930, p. 16.

<sup>112</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 25, ano XXXI, 07 de junho de 1930, p. 23.

<sup>113</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 47, ano XXVIII, 12 de novembro de 1927, p. 12.

Dos níveis educacionais que foram comentados durante esse recorte temporal, o mais alto atingido por mulheres e com recorrência suficiente para a formação de um eixo temático foi o que contemplava a educação nas **escolas normais**.

As escolas normais eram as instituições responsáveis por formar profissionais para o magistério, baseadas em um modelo europeu de escolarização, inicialmente era destinado apenas para estudantes homens, tendo a primeira escola normal sido fundada na cidade de Niterói, ainda em 1835. Abertas e fechadas de acordo com decisões políticas, não se difundiram com êxito, estabelecendo-se apenas após 1880, como fruto da reforma educacional de Leôncio de Carvalho, que regulamentou o funcionamento do ensino normal<sup>114</sup> (HAHNER, 2011). Mesmo com uma origem masculina, mesmo antes do início do século XX as mulheres já eram a maior parcela das alunas das escolas normais do Rio de Janeiro, e a partir desse cenário o houve um período, de 1901 até 1907, que as matrículas para homens foram proibidas, contribuindo para a feminilização já crescente do magistério. June Hahner apresenta ainda outros dados quanto a superioridade das mulheres nas escolas normais

No Rio de Janeiro, em 1872, as mulheres representavam um terço do professorado, e essa cifra dobrar-se-ia até o começo do século XX; em 1906, as mulheres compreenderiam 70% dos professores da capital. Até o fim da década seguinte, a feminização do magistério já era fato. Mas ainda que os homens tivessem saído das salas de aula, não saíram do poder sobre o ensino. Por mais de décadas eles seriam os inspetores das escolas primárias, manteriam a superioridade na administração do ensino superior e estabeleceriam as políticas da educação em todos os níveis. A feminização do ensino primário não foi simples. (HAHNER, 2011, p. 472)

No que se refere aos conteúdos sobre a escola normal e suas estudantes a revista pouco inovou no quesito em quase nada se diferenciando do restante do material do eixo. Nele as normalistas eram retratadas jantando com personalidades importantes como o presidente do Estado<sup>115</sup>, ou mostrando algum encerramento de ano letivo, com a apresentação de seus trabalhos e, até mesmo, de um número de dança<sup>116</sup>.

Fica salientado também como o curso normal mantém a educação para o lar, quando uma das fotografias flagra a uma palestra direcionada às normalistas do Dr. Alcides Figueiredo, intitulada “Lar, escola e pátria”<sup>117</sup>, um título bem sugestivo, que deixa vislumbrar uma educação

---

<sup>114</sup> De acordo com a Câmara dos Deputados do Brasil (2021), essas regulamentações disseram respeito desde que diretores e professores das escolas normais não poderiam exercer magistério particular, até quais as disciplinas que seriam lecionadas nas instituições, como Pedagogia e prática do ensino primário em geral; Prática do ensino intuitivo ou lições de coisas. Algumas dessas disciplinas eram especificadas se para alunos ou alunas, como por exemplo as noções de economia doméstica e trabalhos de agulha para as meninas, e prática manual de ofícios, para meninos.

<sup>115</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 41, ano XXIX, 29 de setembro de 1928, p. 22.

<sup>116</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 51, ano XXX, 07 de dezembro de 1929, p. 30.

<sup>117</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 22, ano XXXI, 17 de maio de 1930, p. 07.

que englobe todos esses setores das futuras professoras. Essa combinação de ensino doméstico aliado no curso das normalistas era aprendida pois uma vez que alocados no seu nome campo profissional, como professoras nas escolas primárias, caberia a elas educar as meninas para o casamento e maternidade, perpetuando essas práticas no ensino normal (BESSE, 1999, p. 126).

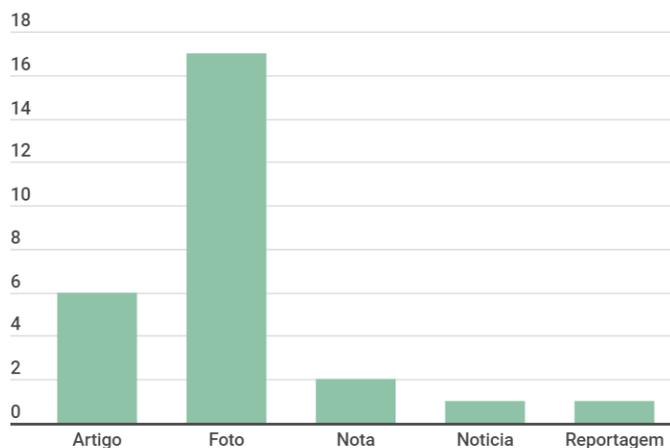
### 2.2.2 Educação de novembro de 1930 até dezembro de 1934.

De forma geral, quantitativamente a análise das subcategorias não difere muito do recorte temporal anterior, demonstrando uma equidade no momento de matérias selecionadas, um total de 27, assim como mantém um foco nas questões educacionais nacionais, ainda que demonstre uma margem um pouco maior para os conteúdos internacionais, destinando oito matérias para o material estrangeiro. As fotografias continuam predominantes, o que acarreta a falta de informações quanto à autoria, existindo apenas duas assinaturas femininas e uma masculina, com as demais sem autoria.

Quanto às questões de localização, quatro colunas abordaram questões nacionais, sendo elas *Conselhos Sociais*, *Vida fluminense*, *O que vai pelo mundo* e *Atualidades femininas*, contando com 03, 02, 01 e 01 matérias respectivamente. Os quartis mantiveram-se com uma convergência de fontes nas áreas centrais da revista, com cinco fontes tanto no primeiro quanto no segundo quartil, seis no quarto quartil e, o mais numeroso, o terceiro quartil com onze. A categoria de educação pós 1930 não apresentou nenhum material que se pronunciasse contra a temática, com a maioria neutra, 19, tendo em visto o alto índice de fotografias, conforme justificado no tópico anterior, 08 conteúdos que se posicionaram como favoráveis às questões educacionais.

A divisão por gêneros jornalísticos permite inferir que haverá um número ligeiramente mais expressivo de conteúdos opinativos, o que acarreta um número maior de possibilidades de eixos temáticos, uma vez que artigos, principal gênero jornalístico opinativo, tendem a ter uma extensão maior.

Gráfico 6 - Divisão por gênero jornalístico da categoria educação entre novembro de 1930 a dezembro de 1934



Fonte: Elaboração própria

Após a análise do *corpus* documental foi possível enquadrá-lo em quatro eixos temáticos, distribuídos de acordo com a tabela 04.

Tabela 4 - Eixos temáticos da categoria educação entre novembro de 1930 e dezembro de 1934

Eixo temático	Quantidade
Ensino Superior	09
UUF	03
Igualdade	03
Servidão	03

Fonte: Elaboração própria

Os eixos temáticos demonstraram uma pluralidade de assuntos diferente do período anterior, contudo foi mantida nas páginas da revista a ênfase em formaturas, mostras de final de ano e encerramentos de ano letivo. Entretanto é possível perceber que o foco desses eventos passa do ensino primário e secundário para o ensino superior, com um aumento significativo de publicações sobre mulheres nas faculdades. O ingresso de brasileiras no ensino superior não era uma novidade, ainda nos tempos imperiais jornais noticiavam casos como da jovem Maria Augusta Generosa Estrela, que em 1875 viajou para os Estados Unidos para buscar a diplomação em medicina, o que repercutiu nos periódicos nacionais e acabou por abrir caminhos para que se legislasse sobre a inserção das mulheres no ensino superior nacional, o que veio a se concretizar apenas em 1879 (HAHNER, 2003, p. 138-139).

Dentre os eixos temáticos selecionados, o mais numeroso foi o que trata sobre mulheres no **ensino superior**, com um total de nove materiais. Se no período anterior o mais alto nível educacional foi retratado como algo a ser atingido por mulheres da realeza estrangeira, nesse momento se percebe uma multiplicidade de exemplos de mulheres inseridas no ensino superior. Não apenas o acesso das mulheres cresceu, como começou a ser visto de forma diferente pela sociedade, contando com discurso de consentimento inclusive da maior autoridade religiosa do Ocidente, o Papa<sup>118</sup>. Pio XI, discursou na Universidade de Winona, nos Estados Unidos, onde defendeu que as mulheres deveriam se entregar à vida intelectual, corroborando para uma aceitação dos avanços femininos nas questões educacionais.

Susan Besse (1999, p. 130) traz dados relacionados ao recenseamento nacional de 1940<sup>119</sup>, ou seja, ligeiramente posterior ao recorte temporal abarcado por esse estudo, e mesmo assim fica clara a diferença de acesso ao ensino superior entre homens e mulheres, enquanto o total de homens diplomados atinge a expressiva marca de 96.846, as diplomadas correspondem apenas 10% desse montante. O mesmo recenseamento indica que os cursos que formaram o maior número de mulheres foi o de música, seguido pelos de farmácia e odontologia, que seriam as profissões no ramo da medicina indicadas para as mulheres (BESSE, 1999, p. 128-130).

Como explicitado na introdução neste trabalho, conteúdos que se referem a cursos e profissões ligadas à música e as artes de maneira geral, não foram contabilizadas nessa pesquisa, uma vez que dificilmente iria colaborar com a emancipação feminina, tendo em vista que para manter-se de forma independente economicamente com as artes não era frequente. Dessa forma, excetuando a área que incorporava o maior número de mulheres, artes, os cursos relacionados à medicina, ao cuidado, foram os mais apresentados na *Revista da Semana* através formaturas de mulheres em farmácia e odontologia, conforme indicado por Besse acima, assim como formaturas em enfermagem. Todavia, as menções a formaturas no ensino superior não ficaram restritas a áreas ligadas à medicina, contando também com outras áreas como engenharia e direito, ainda que esses cursos apresentem um número menor de formandas<sup>120</sup>.

O acesso ao ensino superior também foi abordado pela revista através das ações de organizações femininas, sendo a mais citada a União Universitária Feminina (UUF). Essa instituição foi uma das tantas entidades que faziam parte da rede da Federação Brasileira pelo

---

<sup>118</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 01, ano XXXIII, 19 de dezembro de 1931, p. 37.

<sup>119</sup> Não houve senso no ano de 1930.

<sup>120</sup> De acordo com Susan Besse (1999), o número de formandas em 1940 no curso de farmácia foi de 1841, em odontologia 1225, em direito esse número se reduz para 482 alunas e sequer contabiliza as formandas de engenharia.

Progresso Feminino (FBPF). Fundada em 1929 por Carmem Velasco Portinho<sup>121</sup>, a União Universitária Feminina funcionava como centralizadora das questões educacionais, promovendo debates e congressos, além de auxiliar as mulheres universitárias a se articularem nacional e internacionalmente. A *Revista da Semana* registra através de uma fotografia a parceria entre a UUF e FBPF, onde a primeira utiliza a instalações da segunda para comemorar o primeiro aniversário da associação, como pode ser visto na figura 18

Figura 18 - Celebração de aniversário da UUF na sede na FBPF



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 06, ano XXXII, 24 de janeiro de 1931, p. 28

Após uma semana da publicação de um artigo de página inteira, falando sobre os detalhes de funcionamento da FBPF<sup>122</sup>, a *Revista da Semana* publicou outro artigo<sup>123</sup>, agora sobre a UUF, ainda que o artigo sobre a União Universitária contemple alguns anúncios publicitários, o centro de sua página é dedicado exclusivamente para essa matéria. O artigo destaca o caráter vanguardista da instituição, que foi pioneira na América do Sul, sendo seguida pelo Chile, que teria inaugurado organização semelhante apenas recentemente. Boa parte da matéria se dedica a nomear as mulheres que ocupam os cargos mais altos da instituição, como

<sup>121</sup> Cofundadora e vice presidenta da FBPF, militando em diversas frentes pela emancipação feminina, ministrou aulas no Colégio Pedro II, formada em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil, foi pioneira na área, colaborando com a fundação a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas (ABEA), primeira entidade destinada para as profissionais da categoria, assim como criou a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), uma das poucas escolas de desenho industrial existentes em 1966, momento de sua criação (SCHUMAHER, 2000)

<sup>122</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 29, ano XXXIII, 02 de julho de 1932, p. 30

<sup>123</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 30, ano XXXIII, 09 de julho de 1932, p. 28.

Carmem Portinho, como dito anteriormente, Maria Luiza Bittencourt<sup>124</sup>, segunda vice-presidenta, citando tantas outras mulheres. A matéria dá maiores informações sobre o funcionamento da instituição, como sobre o departamento de cultura, que se dividia entre o setor de cultura física e mental, acesso a uma biblioteca, curso de idiomas, além de um departamento de assistência, onde as universitárias associadas contam com serviços importantes, de assistência médica, jurídica e econômica. Dessa forma é possível vislumbrar o impacto das medidas da UUF na vida das mulheres acadêmicas, demonstrando ser uma rede de suporte que impactava em diversas áreas da vida dessas mulheres, não apenas no que dizia respeito aos estudos no ensino superior, e a *Revista da Semana* servia de espaço para propagandear sobre essa instituição.

A **igualdade** foi um dos tópicos com maior repercussão neste recorte temporal. Com dois conteúdos internacionais, a revista publiciza sobre a educação dedicada às crianças no Japão. A realidade do país oriental foi apresentada na revista como um sistema educacional igualitário no ensino primário, não apenas entre os gêneros, mas entre as classes sociais, uma vez que essa faixa de ensino fica aos cuidados do governo japonês. Tal característica resultou, segundo o texto, em números igualitários entre os jovens em idade escolar primário, uma das projeções que a matéria traz para ilustração fala de uma proporção que de 9.680.000 de alunos, 4.600.000 são do sexo feminino. Os números do Japão se mostram bem semelhantes aos brasileiros na década de 30. O número de jovens matriculados nos ensinos pré-primário e primário em São Paulo apresenta uma diferença sutil entre os gêneros, enquanto os homens apresentam um total de 244.483, as mulheres correspondem a 210.780<sup>125</sup>.

Célia Maria Guimarães (2017) categoriza o ensino infantil brasileiro em quatro fases históricas distintas, sendo que, entre o final do ano de 1930 até dezembro de 1934, o recorte temporal aqui analisado se mostra em um entrelugar da terceira e quarta fase, fazendo a transição pré e pós o ano 1930. Com as duas primeiras décadas do século XX servindo de palco para o surgimento das primeiras instituições pré-escolares, estimuladas pelo pensamento higienista da época, que visava educar o povo desde a infância, essas instituições teriam suas ações voltadas para um caráter de cuidado preventivo e de recuperação de crianças, com o

---

<sup>124</sup> Nascida em 1910, diplomou-se no Colégio Pedro II e formou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, grande ativista pelas causas feminista, participou de diversas associações, atuando como secretária na UUF, associada da FBPF, participou do II Congresso Internacional Feminista, onde apresentou trabalho que propunha regulamentação do ensino brasileiro quanto a divisão de competência entre a União e os estados. Maria Bittencourt teve ainda intensa participação política, concorrendo a uma vaga de deputada estadual em 1934 e participou da elaboração da Constituinte estadual da Bahia, e teve sua atuação parlamentar encerrada pelo golpe de 1937 que encerrou as atividades do poder legislativo (SCHUMAHER, 2000).

<sup>125</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 20, ano XXXIII, 30 de abril de 1932, p. 39.

objetivo de tirar o país do seu atraso. Um segundo fato levantado pela autora diz respeito às necessidades da classe trabalhadora, a partir de 1922, que passa a pleitear espaços adequados para as crianças, tendo em vista o afastamento de suas mães por longas horas do dia, uma vez que se inseriam cada vez no mercado de trabalho, que será ainda mais acentuando após 1932, com a regulamentação do trabalho feminino.

Com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em novembro de 1930, o caráter higienista da educação infantil se alia ao movimento escolanovista que em seu Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova exigia

[...] dentre outras questões, a criação de jardins de infância destinados à educação da população de zero a seis anos e defendia a escola pública. O texto do manifesto difundia uma visão mais integral da criança e vinculava educação, cultura e saúde. (GUIMARÃES, 2017, p. 104)

A *Revista da Semana* traz um segundo artigo sobre a educação igualitária também no ensino primário, tal qual o exemplo da matéria citada anteriormente sobre o ensino japonês, contudo agora abordando o Brasil. Assinado por Rachel Prado, o artigo<sup>126</sup> usa o ensino infantil norte americano como exemplo para uma educação livre e igualitária onde “os *boys and girls* se parecem, porque são educados do mesmo modo, sem restrição, praticam a coeducação que fraterniza elevando-os a um mesmo nível de aperfeiçoamento moral, intelectual e físico”, o que deveria ser incorporado no ensino brasileiro. Rachel também chama a atenção para as diferenças do ensino brasileiro entre as diferentes camadas sociais com diferentes poderes aquisitivos, onde as classes mais abastadas têm os recursos necessários para se desenvolver com plenitude e as pobres “moram, muitas vezes, em quartos sem luz e sem higiene, nas habitações coletivas, esquecidas dos poderes públicos. E se não fosse a iniciativa das damas de caridade, não teriam leite, doces, brinquedos e diversões no dia da sua festa.”. Tal descrição de descuido com as crianças pobres em discrepância com as de classe mais altas encontra eco no trabalho de Guimarães onde afirma que “Os parques infantis de Mário de Andrade, ambientes destinados às crianças das classes populares, continuaram com propostas de trabalhos educacionais diferenciados do que havia sido proposto pelos escolanovistas.” (GUIMARÃES, 2017, p. 105)

O eixo de igualdade na categoria de educação não diz respeito apenas ao acesso igualitário entre meninos e meninas no sistema educacional, mas aborda também as capacidades femininas em pé de igualdade com os homens. O artigo intitulado *Uma linda e curiosa vitória feminina*<sup>127</sup> relata sobre a premiação conquistada por uma estudante no Concurso Geral dos Liceus e Colégios da França. O artigo indica a reação de um dos juízes do concurso ao saber que o

<sup>126</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 01, ano XXXII, 20 de dezembro de 1930, p. 10, Rio de Janeiro.

<sup>127</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 38, ano XXXIII, 03 de setembro de 1932, p. 08, Rio de Janeiro.

trabalho vencedor fora feito por uma estudante de 17 anos, “Para ser obra de uma moça, é boa demais!”, deixando evidente que havia um pensamento pré-concebido da qualidade possível para o trabalho de autoria feminina. Entretanto, o periódico pleiteia sobre a igualdade entre os gêneros, questionando se “não prova ela, com seu próprio exemplo, que as mulheres são dignas de igualar e até, de vez em quando, se sobrepujar os homens?”, dessa forma apoiando a ideia de igual capacidade entre homens e mulheres.

Se por um lado se pleiteava a educação em um discurso de igualdade, para o bem da nação e edificação da mulher enquanto mãe, é possível localizar um discurso menos pacífico. Um debate que se mostrou recorrente nas páginas da revista foi quanto a condição de **servidão** feminina, em diversos aspectos. A educação foi colocada como um dos elementos de libertação feminina perante a condição de sujeição que se encontravam. Um dos artigos<sup>128</sup> da coluna *Conselhos Sociais* se dedicou a apresentar essa visão, onde refuta uma obra que fala contra a obtenção de educação para as mulheres e indica que todos aqueles que ainda se alinham a esse tipo de pensamento, ecoam de uma forma ou outra o autor. A justificativa para tal comportamento é dada como um medo masculino de perder seus privilégios, evitando assim que as mulheres atinjam a emancipação, e as mantendo como eternas servas. A revista reforça a ideia de que a educação retira as mulheres da posição de servas dos homens, ao afirmar que com a inauguração da primeira escola superior para mulheres na Turquia, as retiraria desta condição, ainda mais com o agravante de que naqueles país a poucos anos as mulheres poderiam ser subjugadas a hárens, e ter sua morte decretada por deixarem seu rosto à mostra.

Ao tratar sobre educação feminina, a *Revista da Semana* deu preferência para divulgar conteúdos através de fotografias, abarcando quase 70% do material aqui analisado. Porém, o material fotográfico mesmo que numeroso, não apresentou uma igual diversidade. Com certa homogeneidade em seus conteúdos, boa parte representa mulheres e meninas em solenidades de formaturas, mostras escolares de final de ano e, menos recorrentes, em espaços de salas de aulas. Com a prevalência do material fotográfico, que não expressa um posicionamento claro sobre questões de emancipação feminina através da educação<sup>129</sup>, a maioria do material teve um posicionamento neutro, assim como diminui o número de autorias identificadas no material.

---

<sup>128</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 10, ano XXXII, 21 de fevereiro de 1931, p. 28-29.

<sup>129</sup> Ainda que seja notório que nenhuma fotografia é neutra, por não expressarem uma clara posição sobre emancipação feminina, as fotografias foram consideradas neutras, salvo se identificado um juízo de valor quanto a temática investigada. As razões pelas quais optei por entender esse formato de conteúdo como neutro foram explanados na introdução desse trabalho.

A localização das matérias ao longo do periódico também sofreu influência pela grande incidência de fotografias, uma vez que o conteúdo fotográfico tende a ser publicado no centro da revista, logo, o segundo e terceiro quartil foram os que contaram com o maior número de matérias nessa categoria. Diferente da categoria analisada anteriormente, nas questões referentes à nacionalidade das matérias, a revista se dedicou, em grande medida, a representar ocasiões nacionais, pouco tratando de questões educacionais internacionais.

Com a análise da *Revista da Semana* foi possível perceber as implicações que a educação teve sob a emancipação das mulheres. No primeiro recorte temporal analisado, 1927 – 1930, a revista transmitiu conteúdos que se referiam a educação doméstica e exclusivamente feminina, com fotografias de mostras dos trabalhos que se dedicavam a confecção de objetos de decoração, por exemplo. Entretanto, ainda no mesmo recorte temporal, a revista publica matérias que anunciam as novas pedagogias educacionais possíveis para as meninas cariocas. Uma das principais transformações educacionais representadas pelo periódico diz respeito ao sistema educacional misto, onde meninos e meninas dividiriam a sala de aula, ainda que, segundo as imagens que contidas na revista, essa união do ambiente escolar se valesse de uma clara separação física entre os gêneros. A divulgação dessas novas pedagogias é acompanhada por publicidade das instituições que as aplicariam, retratando esses institutos como os locais de mais alta qualidade educacional do Distrito Federal, que dispunham das técnicas e do currículo mais avançados. Com isso, ao passo que a revista permite compreender o momento histórico pela qual a educação de meninas e mulheres passava, ela mostra a sua própria atualização quanto às questões educacionais.

A educação feminina é vista como positiva não apenas para as mulheres, mas para a nação como um todo, uma vez que as mulheres são as responsáveis por educar as crianças, ou seja, são responsáveis pelo futuro na nação. Essa responsabilidade feminina através da educação se dá através de dois aspectos, o primeiro cabe ao papel da mulher enquanto mãe, responsável pela educação familiar, e que para cumprir esse papel com desenvoltura precisa ela mesma ser provida de conhecimento; e o segundo é o de educadora, responsável pela educação formal das crianças. O aspecto da mulher enquanto educadora é tangenciado pela revista através da divulgação dos cursos normais, nos quais ressalta a responsabilidade dessas profissionais também para com a educação doméstica, uma vez que elas também seriam responsáveis as meninas, que necessitariam de uma educação voltada para o lar.

A partir de dezembro de 1930, a *Revista da Semana* apresenta uma transformação nos conteúdos que se referem a educação feminina. As escolas domésticas praticamente deixam de ser comentadas, abrindo espaço para a inserção das mulheres no ensino superior. Ao citar sobre

as mulheres que se inserem no ensino superior, aproxima esse grau educacional de suas leitoras. Não apenas a revista indica a recorrência de mulheres ocuparem vagas nas universidades, como indica sobre as mudanças de pensamento desses feitos femininos. Em uma sociedade profundamente marcada pelos preceitos religiosos, o fato de a *Revista da Semana* citar que o Papa Pio XI, autoridade máxima da religião predominante no país e no Ocidente de forma geral, corroborava os avanços educacionais femininos, pode ser interpretado como um fato de magnitude para a validação da educação feminina. A inserção das mulheres ao ensino superior também fica evidenciado com o destaque dado à UUF, dessa forma a revista destaca não apenas que as mulheres estão ocupando o mais alto nível educacional, mas que formam uma organização que tem por objetivo o auxílio mútuo entre as estudantes. O periódico demonstra o seu apoio a essas instituições quando dedica espaço em suas páginas para divulgar os benefícios de associação na UUF.

Por contar com apenas dois materiais que se posicionaram de forma contrária a educação feminina, é possível inferir o apoio da revista às causas emancipatórias das mulheres a partir da educação. Isso é reafirmado quando se observa a publicidade de textos que exaltam a igualdade proporcionada a meninos e meninas em outros partes do mundo, especialmente levando em consideração que o Brasil passava pela estruturação do ensino pré-escolar. Com uma igualdade escolar entre os gêneros, mais exemplos de mulheres conquistando posições e premiações nos espaços acadêmicos poderia ser visto, como a própria revista enfatiza.

Da mesma que forma que a *Revista da Semana* apoia uma igualdade educacional, ela publiciza críticas contra aqueles que insistem em manter as mulheres em condição de servidão, demonstrando pela primeira vez um discurso mais incisivo a esse respeito. Essas críticas incluem na aberta classificação daqueles contrários a educação feminina como medrosos, uma vez que temem a perda de seus privilégios.

### 3 TRABALHO E VOTO: “MULHERES BRASILEIRAS, RESPONDAM AO DESAFIO QUE LHEM FOI LANÇADO!”

Seja qual for o gênero de trabalho, ele vale por si mesmo. Cada um deve utilizar, para seu próprio proveito e dos outros, os dons naturais, as suas aptidões especiais<sup>130</sup>.

#### 3.1 TRABALHO

Falar sobre trabalho feminino nas décadas de 1920 e 1930 como um direito que se buscava atingir pode parecer, em um primeiro momento, contraditório. Afinal, até esse momento as mulheres não faziam parte do mundo do trabalho? Claro que não! O trabalho das mulheres sempre existiu, seja ele no campo ou na esfera doméstica<sup>131</sup>. A questão é sobre qual conceito de trabalho se tem em mente. Mesmo tomando por exemplo os centros urbanos brasileiros, as mulheres se dedicavam a trabalhos como lavadeiras, costureiras, além de trabalho domiciliar. De acordo com June Hahner (2003), muitas dessas atividades eram desenvolvidas nas casas dessas mulheres, tomando mais de doze horas por dia e, não raro, com auxílio de seus filhos, de acordo com June Hahner (2003). A autora indica ainda que sem a renda oriunda do trabalho dessas mulheres e crianças, a sobrevivência das famílias pobres não seria possível. Sobre as questões de trabalho domiciliar, Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (2013) discorrem que mesmo com a produção sendo feita dentro do âmbito privado, isso não isentava as mulheres de passarem por um pressões de prazos de entrega e controle de qualidade do trabalho entregue.

Para compreender o que significava essa luta pelo direito de trabalhar para as mulheres no Brasil da década de 1920 e 1930, é preciso ponderar sobre dois fatores determinantes, o primeiro diz respeito ao que era entendido como trabalho naquele momento e quem pleiteava a possibilidade de trabalho como um direito, levando em conta ainda a mediação feita pela *Revista da Semana*, objeto e fonte dessa pesquisa. Ambos os fatores estão conectados entre si.

Para entendermos o que é trabalho, é preciso colocar em perspectiva a realidade produtiva do Brasil poucas décadas antes do recorte temporal aqui dedicado, como sendo um país sobretudo agroexportador, em especial com o cultivo de latifúndios de café e dependente de mão de obra escravizada. Glauca Fraccaro (2018) estima que a maior parte da massa trabalhadora nacional ainda se encontrava no campo até 1937, fato que colabora com a perspectiva de que quando nos referimos ao trabalho urbano, estamos falando de uma parcela não tão ampla da sociedade.

<sup>130</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 42, ano XXVIII, 08 de outubro de 1927, p. 33, Rio de Janeiro.

<sup>131</sup> Vide, por exemplo, os trabalhos de Silvia Federici (2017) e Gerda Lerner (2019)

Entretanto, como o objetivo central da pesquisa é compreender o trabalho feminino veiculado na *Revista da Semana*, é necessário recordar o que a revista se detinha em expressar a cidade do Rio de Janeiro, a sociedade carioca, o centro urbano na sua efervescência moderna. Desta forma ficavam omitidas as vivências de quem não pertencia a esses marcadores buscados pelo periódico, ficava omitida a realidade da grande maioria não só do país, mas do próprio Distrito Federal, já que existia a predominância de áreas centrais da cidade. Desta forma, o que será compreendido como trabalho para a *Revista da Semana*, será dentro do espectro urbano, moderno e cosmopolita. E dentro dessa realidade, a revista tinha olhos apenas para a sociedade detentora de prestígio social e/ou capital, no qual poucas mulheres efetivamente trabalhavam fora de casa. Mulheres de uma classe economicamente mais elevada na qual a sociedade percebia o trabalho como sendo um dever dos homens que deviam ser os provedores do lar.

Outro ponto importante para compreender o conceito de trabalho feminino no período é esclarecido por Teresa Marques, para ela a atividade laboral ia muito além de apenas uma atividade remunerada

Enfim, na prática política que as ativistas desenvolviam no período aqui examinado, defender o trabalho feminino era defender o reconhecimento jurídico das numerosas atividades produtivas que as mulheres realizavam, coerentemente com a pauta da igualdade jurídica que motivava as lideranças feministas a ocupar espaços públicos. (MARQUES, 2016, p. 671)

Mesmo que a *Revista da Semana* se remetesse ao trabalho de uma camada específica e minoritária de mulheres, é importante salientar que diversas e importantes legislações já ocorriam no parlamento nacional relacionada aos direitos trabalhistas das mulheres. Giselle Martins Venancio (2001) aponta que o projeto nº 125 de 1917<sup>132</sup> foi um dos pioneiros a argumentar sobre o trabalho feminino, nas empresas no ramo industrial, agrícola e comercial, debatendo especificidades femininas como a licença maternidade, onde previa a manutenção da sua vaga de trabalho além do descanso remunerado de 60 dias antes e outros 60 dias após o parto (VENANCIO, 2001). O caráter de defesa da moral dessas mulheres pode ser observado em dois artigos distintos, o primeiro que restringia o trabalho de mulheres menores que ocasionassem a elas danos à saúde, a moral ou as deixasse vulnerável ao atentado ao pudor, assim como indicava a absoluta separação entre trabalhadores e trabalhadoras e, se não houvesse essa possibilidade de forma nenhuma, o próprio Departamento do Trabalho deveria ser informado de tal incidência (VENANCIO, 2001).

---

<sup>132</sup> O ano que ocorre o debate do projeto não é ocasional, uma vez que o Brasil, e o mundo, é agitado por diversas greves de trabalhadores que atingiram grandes proporções, causando revoltas urbanas significativas, como mostra o trabalho de Edilene Toledo (2017).

O debate foi tão intenso, que ainda naquele mesmo ano de 1917 dois outros projetos foram discutidos, e argumentam sobre instalação de creches próximas a fábricas com mais de 10 mulheres empregadas, assim como estabeleciam a idade mínima para que trabalhadores menores necessitassem da autorização de seus responsáveis legais para trabalharem, colocando o limite para as meninas em 18 anos, dois a mais que os meninos (VENANCIO, 2001).

Já nas classes médias e altas urbanas, os fatores que levavam as mulheres a busca por empregos se transformaram gradativamente. Susan Besse (1999) afirma que a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho se deu por uma junção de fatores, entre eles o declínio do valor econômico do trabalho de produção doméstica feito pelas mulheres<sup>133</sup>; a precariedade econômica crescente da classe média, que sofria os impactos de uma economia desequilibrada, que acarretava em altas taxas de juros; procura por mão de obra feminina, e uma transformação no valor que a burguesia começa a dar ao trabalho, que implicou também no trabalho das mulheres.

Mesmo com todas essas necessidades justificando o aumento de mulheres no mercado de trabalho, sua participação era vista como um mal necessário, fruto das transformações dos novos tempos. Por ser visto por muitos como algo transitório e temporário não deveria ser entendido pelas mulheres como algo relevante em suas vidas, e menos ainda deveria interferir nas atividades que de fato lhes cabia, os serviços domésticos (BESSE, 1999). Por esse motivo o trabalho das mulheres era compreendido como complementar ao trabalho masculino, logo, sua remuneração seria de acordo com essa diretriz, servindo de justificativa para seus salários consideravelmente mais baixo que o dos homens, além de sua mão de obra ser vista como inferior, logo, não valeria menos (VENANCIO, 2001).

---

<sup>133</sup> Ou seja, a prática comum de mulheres trabalharem diretamente de seus lares, seja costurando, lavando ou produzindo peças para fábricas.

Tabela 5 - Salário dos trabalhadores adultos do Rio de Janeiro, 1920

Trabalhadores		
Renda diária	Homens	Mulheres
2\$900 ou menos	2.129	3.268
3\$000 - 3\$900	1.101	2.795
4\$000 - 5\$900	9.619	5.297
6\$000 - 7\$900	9.893	2.006
8\$000 ou mais	12.339	1.331

Fonte: Hahner (2003)

A diferença salarial fica evidenciada no trabalho construído por June Hahner (2003), onde é possível identificar a comparação do pagamento entre homens e mulheres cariocas. A faixa com maior número de mulheres se encontra na faixa diária entre 4\$000 e 5\$900, já a renda masculina de maior concentração está em 8\$000 ou mais. Outro fator que pode ser identificado por essa amostra, é que nas duas faixas que indicam os menores salários, 2\$900 ou menos e entre 3\$000 e 3\$900, a presença feminina é superior à masculina com uma vantagem considerável, sendo a segunda faixa a mais expressiva, onde atinge quase o dobro do número de trabalhadores homens. Para ter uma dimensão da diferença entre os salários das mulheres com ocupações distintas, o trabalho de Glaucia Fraccaro (2018) afirma que, entre mulheres que pertenciam a famílias operárias e o salário base de mulheres que trabalhavam no comércio havia uma equivalência, ganhando em torno de 6\$000 por dia, atingindo uma renda mensal de 126\$000<sup>134</sup>.

Essa rápida inserção das mulheres de mulheres com níveis de instrução secundária e de classe média em estabelecimentos de franca expansão nesse novo modelo urbano, ocupando posições em escritórios, bancos e comércio é vista socialmente como uma ameaça ao estilo de vida da família burguesa. Se de um lado a mulher trabalhadora era vista como necessária para os tempos modernos, sua presença no lar para manter a organização familiar intacta era cobrada. As mulheres não “podiam descuidar de suas obrigações domésticas, a indiscutível prioridade de suas vidas. Especialmente até meados dos anos 1960, verificamos a ênfase no discurso de que o melhor lazer para as mulheres casadas seria estar no lar com os filhos e maridos, distraíndo-se, por exemplo, na cozinha ao fazer pratos mais elaborados, bolos e outros quitutes

<sup>134</sup> Esses dados podem contribuir também para a levantar hipóteses sobre quais mulheres poderiam mais facilmente ter acesso a exemplares da Revista da Semana, conforme as reflexões do capítulo deste trabalho.

[...]. A imagem da família contente reunida em torno da mesa [...] povoava o imaginário social, ocultando o fato de que, para torná-la real, foi preciso que uma mulher investisse tempo e trabalho no preparo daquela refeição” (MIGUEL; RIAL, 2012, p.150). A mulher fora da esfera doméstica ameaça a estrutura familiar patriarcal, erigida sobre uma rigorosa divisão sexual do trabalho, onde o homem é o provedor da família, enquanto a mulher cuida de todos no lar. Tal impasse foi resolvido mediante a restrição do trabalho assalariado feminino a funções que remetessem ao ideal de feminilidade esperado delas, de cuidadoras delicadas e abnegadas (BESSE, 1999).

Assim como em outros âmbitos que compõe a luta pela emancipação feminina, a FBPF foi uma das associações que se dedicaram com afinco para a questão do trabalho feminino fosse devidamente regularizado. A argumentação da FBPF a respeito do

trabalho feminino era defender o reconhecimento jurídico das numerosas atividades produtivas que as mulheres realizavam, coerentemente com a pauta da igualdade jurídica que motivava as lideranças feministas a ocupar espaços públicos. (MARQUES, 2016, p. 671)

Dessa forma, podemos entender o trabalho dessa associação, assim como de outras, em uma luta ampla, de várias frentes, pela emancipação da mulher, o que fica claro quando se analisa a temática emancipatória e em todas, temos a presença da FBPF como uma constante nas páginas da *Revista da Semana*.

Com a chegada da Aliança Liberal ao poder, liderado por Getúlio Vargas, o novo governo efetuou mudanças drásticas no sistema político brasileiro (MARQUES, 2016). As medidas tomadas durante o Governo Provisório no que se refere as legislações trabalhistas foram inspiradas, em grande medida, nas determinações publicadas durante a OIT – *Organização Internacional do trabalho*<sup>135</sup>, sendo utilizada na produção dos estudos feitos por uma série de juristas e consultores (FRACCARO, 2018).

O Decreto do Trabalho das Mulheres, assinado em maio de 1932, estabelecia regulamentação das condições de trabalhos que se encontrassem apenas nos setores comerciais e industriais e, como comentado anteriormente, todos as demais áreas de trabalho ficaram excluídas. Entre os pontos abordados no decreto, Glauca Fraccaro afirma que

O decreto estabelecia a proibição do trabalho noturno delas entre 22 horas e 5 horas, e a licença-maternidade de quatro semanas antes e depois do parto, com vencimentos de metade dos rendimentos calculados a partir dos salários dos últimos seis meses e

<sup>135</sup> A OIT tinha como objetivo facilitar as relações de trabalho ao redor do mundo, tendo em vista a reorganização necessária pós-guerra, assim como a crescente interação global propiciada pelas inovações tecnológicas “Esta internacionalização das relações comerciais, industriais e financeiras gerará novos tipos de interdependência entre os países nas suas relações recíprocas. Uma nova diplomacia visará a criação das “primeiras organizações internacionais” (ou “uniões administrativas” internacionais) que terão sobretudo como objetivo resolver, através de cooperações multilaterais específicas, problemas “técnicos e econômicos”” (LEITÃO, 2016, p. 03)

assegurava o retorno ao posto de trabalho ao fim da licença. É possível que o Decreto do Trabalho das Mulheres não fosse um dos mais cumpridos do Código do Trabalho, embora os registros de aplicação deles fossem baixos, mas não nulos. (FRACCARO, 2018, p. 181)

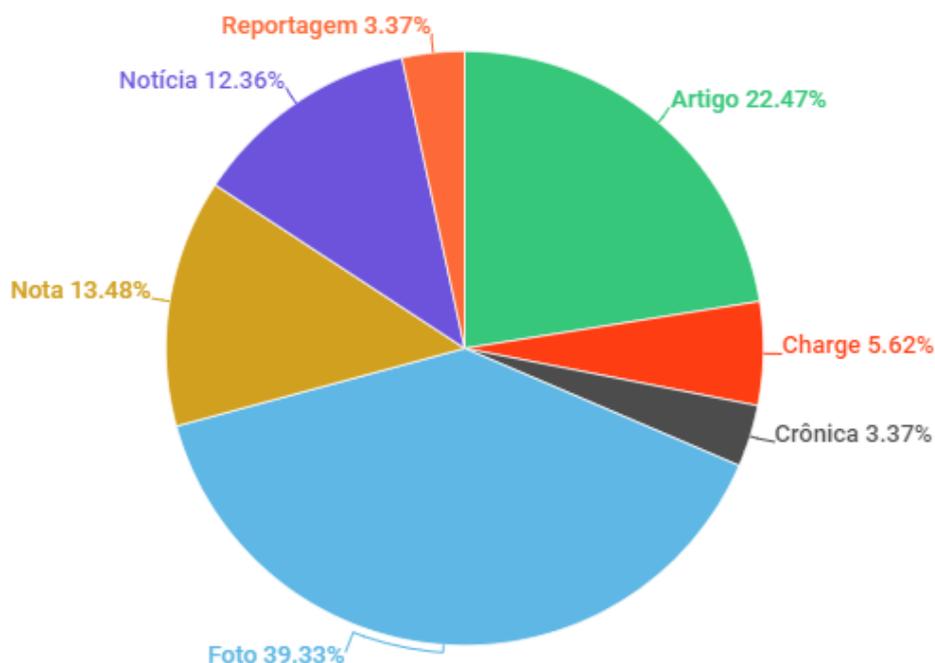
De acordo com Teresa Marques esse decreto foi possível pelo amplo trabalho da FBPF, que

fez chegar aos deputados relatores um documento contendo sugestões ao texto em preparação. No tocante ao trabalho, o documento das feministas insistia no direito das mulheres à subsistência, restringido por práticas de mercado (e institucionais) que vinham limitando seu acesso a vários ofícios. (MARQUES, 2016, p. 672)

As ações da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, assim como de outras associações pelos direitos das mulheres serão expostas ao longo da análise que se segue.

A categoria de trabalho enquadrava matérias que mencionam mulheres ocupando empregos de qualquer tipo, contudo, optei por excluir as profissões ligadas às artes, uma vez que dificilmente poderiam ser economicamente independentes nesse ramo, além de se configurar como uma área que era culturalmente aceitável que as mulheres ocupassem. O corpo documental selecionado para a categoria teve um total de 89 matérias, sendo elas divididas por nacionalidade com 53 conteúdos internacionais e apenas 36 com ênfase nos acontecimentos nacionais. Entre os países estrangeiros mais citados estavam a Inglaterra, com 16 matérias, sendo seguido pela França com 10 e os Estados Unidos da América com 07, demonstrando assim em quais países o debate sobre trabalho feminino estava ocorrendo, ou então que efetivamente as mulheres já estavam ocupando postos de trabalho.

Os gêneros jornalísticos dessa categoria mostraram uma diversidade acentuada, conforme se pode observar no gráfico sete.

Gráfico 7 - Identificação do *corpus* documental da categoria trabalho por gênero jornalístico

Fonte: Elaboração própria

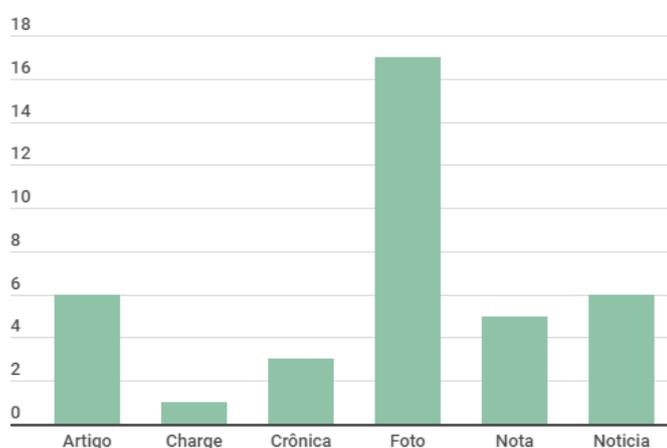
A partir da análise do gráfico é possível afirmar que nos conteúdos referentes ao trabalho, a *Revista da Semana* manifestou-se a partir de diversos gêneros jornalísticos, sobretudo a fotografia, o que acarreta uma diminuição de assinaturas, o que coloca os conteúdos sem autoria em uma maioria relevante de 79 conteúdos, em oposição as cinco matérias assinadas por mulheres e cinco assinaturas masculinas. A divisão espacial no periódico separado por quartis indicou que o primeiro abarcou 18 materiais, o segundo 23, o terceiro quartil 19 e o quarto e mais numeroso, totalizou 29 materiais. O corpo documental teve 55 conteúdos que não se estabeleceram em nenhuma coluna, sendo os demais inseridos nas seguintes colunas: *O que vai pelo mundo*, com 11; *Conselhos sociais*, 07; *Atualidades femininas*, 06; *Notícias e comentários*, 04; *Mulheres na atualidade*, 02; *Figuras e fatos do estrangeiro*, 02; *Pelo mundo a fora* e *Noticiário elegante*, cada uma delas com 01 único conteúdo. E, por fim, o posicionamento percebido foi sobretudo neutro, com um total de 53 materiais, enquanto 28 se colocaram de forma favorável ao trabalho feminino, e apenas 08 dos conteúdos expressaram-se de forma contrária.

### 3.1.1 Trabalho de outubro de 1927 até outubro de 1930.

Adentrando o corpo documental específico desse recorte temporal, foram reunidas 38 matérias que se dividiram quanto à nacionalidade entre 26 internacionais e 12 nacionais. A autoria manteve-se com a maioria sem identificação, 33, e cinco com assinaturas, sendo dessas cinco três femininas e duas masculinas. Apresentando uma divisão parcialmente mais equânime entre conteúdos separados em colunas específicas ou não, apenas vinte deles não estavam inseridos em nenhuma, e as que se alocam em alguma coluna o fazem da seguinte forma: *O que vai pelo mundo* com 11 matérias; *Conselhos sociais*, 02; *Figuras e fatos do estrangeiro*, 02; *Notícias e comentários*, *Noticiário elegante* e *Pelo mundo afora* apresentaram 01 matéria cada. A análise dos quartis identificou a divisão de forma que o primeiro quartil conteve 06 matérias; o segundo, 13; o terceiro, 08 e por fim, o quarto, 11. E a última subcategoria a ser estudada é quanto ao posicionamento desse corpo documental, que se manteve em maioria de forma neutra, 27, enquanto os favoráveis somaram 08 e, em menor quantidade, os elementos contrários, que reuniram apenas 03 matérias.

Observando essa documentação pelo viés de gêneros jornalísticos, se tem o seguinte resultado

Gráfico 8 - Divisão por gênero jornalístico da categoria educação entre outubro de 1927 a outubro de 1930



Fonte: Elaboração própria

As fotografias são ainda o principal gênero jornalístico utilizado pela *Revista da Semana* para comunicar questões de trabalho, mesmo neste recorte temporal. Os eixos temáticos que foram expressos com mais frequência foram organizados na tabela a seguir

Tabela 6 - Eixos temáticos da categoria trabalho entre outubro de 1927 e outubro de 1930

Eixo temático	Quantidade
Fábrica	06
Pioneirismo	05
Funcionalismo público	04
Militar	04
Determinismo	03

Fonte: Elaboração própria

Durante a seleção inicial do corpo documental da pesquisa, baseada em uma leitura fluante da revista, um futuro eixo que se referisse ao trabalho fabril foi sequer cogitado, ainda mais levando em consideração as representações de mulheres trabalhadoras que a revista aparentemente possuía. Ao chegar na classificação do material, a existência desse eixo me surpreendeu, em especial por se destacar como um dos eixos mais numerosos, com seis conteúdos. Afinal, por que uma revista que transmitia o estilo urbano burguês se deteria em questões de trabalho em fábrica?

Ao me deter nesse conteúdo, a primeira característica que chamou a atenção foi referente a nacionalidade dessas matérias, todas elas faziam referência a países estrangeiros. Duas delas apresentavam mulheres como donas de empresas, com histórias de superação que se levantaram de situações pouco promissoras, e conseguiram se restabelecer. Ambas as mulheres haviam herdado as empresas, uma fabricante de tintas<sup>136</sup> que ao ouvir um cliente, mudou-se de cidade, mas fez questão de levar seus funcionários, obtendo então o sucesso, a segunda, a viúva que assume as fábricas *Krupp*<sup>137</sup> e deixa de fazer armamentos após a guerra e se dedica a paz.

O restante dos conteúdos traz mulheres operárias e todos os conteúdos são expressos através de fotografias. Essas fotografias não demonstram ambientes fabris, mas sim retratam as mulheres em espaços abertos<sup>138</sup>, ou então em ambientes construídos para a fotografia, mostrando uma versão artificial desses ambientes<sup>139</sup>. O material que mais se aproxima de retratar um ambiente fabril, é o que expõe uma criação de bicho de seda<sup>140</sup>, na China, ou seja,

<sup>136</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 45, ano XXXII, 24 de outubro de 1931, p. 38, Rio de Janeiro.

<sup>137</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 14, ano XXXII, 21 de março de 1931, p. 32, Rio de Janeiro.

<sup>138</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 22, ano XXX, 18 de maio de 1929, p. 16, Rio de Janeiro.

<sup>139</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 41, ano XXVIII, 01 de outubro de 1927, p. 13, Rio de Janeiro.

<sup>140</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 17, ano XXXI, 05 de abril de 1930, p. 16, Rio de Janeiro.

um local não industrial, onde a mulher que é colocada em primeiro plano senta-se a uma mesa onde trabalha com o material delicado.

Com a análise desse eixo se pode compreender que a *Revista da Semana* constrói uma representação particular do que se passava dentro de fábricas ao redor do mundo. Trouxe também informações sobre mulheres que ocupavam cargos de propriedade dessas empresas e as levaram ao sucesso, independentes de uma figura masculina, contribuindo para uma ideia de que mesmo esses espaços poderiam ser ocupados por mulheres, gerando uma ideia de um ambiente positivo e acolhedor para mulheres. Um dos exemplos que pode ser destacado que evidencia essa ligação do mundo feminino e a fábrica, é a fotografia<sup>141</sup> de uma manicure que é contratada para atender as funcionárias de uma empresa onde toda mão de obra é feminina. Um elo entre o espaço industrial e a feminilidade<sup>142</sup>. Dessa forma, a revista não teve intenção de retratar a fábrica brasileira nesse eixo, não fomentou o debate sobre a massa trabalhadora nacional, mas descreveu uma fábrica feminina e internacional.

Questões referentes ao **pioneirismo** atravessam a categoria do trabalho em diversos eixos, pois são numerosos os casos trazidos pela revista, seja dentro ou fora do país. Ao longo da pesquisa foram dezenas de profissões ocupadas por mulheres que foram citadas nas páginas da revista, desde profissões mais comuns como telefonista, datilógrafa, operária, até algumas menos usuais, como faroleira, taxista e piloto de avião. Muitas dessas mulheres foram descritas por vezes como pioneiras em tais funções.

Todas as menções feitas ao pioneirismo dessas mulheres são colocadas ora de forma neutra, através de uma nota ou notícia, ora de forma positiva, mas nunca de forma negativa, demonstrando um apoio do periódico a essas realizações. As áreas que envolvem as atividades destacadas são das mais diversas, indo desde a medicina, direção de instituições financeiras, até posições de destaque no clero.

Trago como exemplo, Mercedes Dantas uma das figuras que a revista celebra como pioneira por ser a primeira mulher a ocupar o cargo de conselheira na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), ainda em 1927. Ponderando a íntima relação de um veículo de imprensa com a associação que a rege<sup>143</sup>, e a ênfase nas questões femininas que a *Revista da Semana* apresenta, é fácil compreender os motivos pelos quais a nova conselheira é celebrada. Apesar disso, Rosemeire dos Santos Amaral (2019) em uma recente pesquisa sobre a vida de Mercedes

---

<sup>141</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 08, ano XXX, 09 de fevereiro de 1929, p. 15, Rio de Janeiro.

<sup>142</sup> Entretanto, na legenda indica que tal solicitação foi feita pelo diretor, pois ele não queria ver mãos malcuidadas quando as trabalhadoras iam entregar documentos para ele.

<sup>143</sup> Em uma busca na Hemeroteca Digital por palavra-chave, foram localizadas em torno de 145 menções à Associação Brasileira de Imprensa, no período que esse trabalho compreende.

Dantas, identifica que nenhum material a respeito dessa conselheira foi salvaguardado nos arquivos da instituição.

Ao visitar a ABI, fiquei por demais surpresa, pois não me foi disponibilizado documento algum sobre sua passagem por lá, nem ao menos registros de abertura da entidade ou da cerimônia de posse, [...]. No acervo da professora, um recibo de pagamento da “Joia”, referente à aquisição de participação como associada e que remonta ao ano de 1918. (AMARAL, 2019, p. 66)

Além de ser a primeira mulher a ocupar uma posição no conselho, Mercedes foi uma das vinte primeiras pessoas a efetuar a inscrição, tornando-se membro da instituição (AMARAL, 2019). Casos como o descrito deixam evidente que mesmo mulheres que ocuparam posições de certo prestígio social não recebiam tratamento igualitário em comparação com seus colegas homens que desenvolveram a mesma função, nem mesmo o seu *status* de pioneira foi o suficiente para que obtivesse um tratamento digno da posição a ela conferida.

O pioneirismo também pode ser visto em jornadas duplas, como o caso<sup>144</sup> da médica estadunidense que aliou a carreira médica com a licença para pilotar aviões. Tornando-se a primeira médica que, para atender seus pacientes, se utilizava de transporte aéreo pilotado por ela mesma. No Brasil, no entanto, o acesso a carreiras médicas a mulheres era bem precário, uma vez que apenas em 1879 tiveram acesso ao ensino superior, como comentado anteriormente. Marcia Regina da Silva e Isabella de Oliveira (2013) efetuaram um estudo onde analisam a presença das mulheres nas revistas científicas do país no período da Primeira República, identificando dois pontos importantes, um sobre vinculação do trabalho feminino nas áreas da saúde ao cuidado materno - o que será debatido no eixo sobre determinismo - e o segundo, sobre como as qualidades das mulheres deveriam ser empregadas para a melhoria da nação, para a higienização que era almejada para a nova caracterização do que se esperava do Brasil republicano.

A ideia de uma nova nação também se fará presente no eixo sobre o emprego de mulheres no **funcionalismo público**. Endossando a ideia de construção de uma nova pátria, o trabalho de mulheres no Estado já era visto nesses primeiros anos, com uma concentração maior no ano de 1928, que abarca 3 das quatro matérias, restando apenas um no ano de 1929. A inserção das mulheres no funcionalismo público tem como um dos marcos temporais 1917, ou seja, apenas dez anos antes do início do recorte temporal desse trabalho.

De acordo com June Hahner (2003) essa data se baseia na autorização excepcional obtida por Maria José de Castro Rebelo Mendes, filha de proeminente político, que ao alegar a necessidade de ter um trabalho estável para sustentar sua mãe viúva, tem autorização lavrada

---

<sup>144</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 34, ano XXX, 10 de agosto de 1929, p. 38-39, Rio de Janeiro.

por um juiz para participar de um concurso para uma vaga no Ministério das Relações Exteriores. A autora afirma ainda que tal decisão foi possível, uma vez que o juiz julgou que não havia nenhuma prerrogativa, tanto no Código Civil, quanto na Constituição, que vedasse o acesso às mulheres em concursos públicos, logo, ao trabalho como funcionárias públicas. Um dos argumentos utilizado por aqueles que iam contra a inserção da mulher no funcionalismo público dizia respeito sobre o comando da casa, na hipótese de que se uma funcionária pública se casasse com um colega de trabalho, porém de nível inferior, questiona quem teria o comando doméstico (MARQUES, 2004).

Entre o material deste eixo, destaco um deles que notícia sobre um dos eventos de âmbito internacional que colaborou em grande medida para o debate sobre questões trabalhistas, assim como debateu especificamente o trabalho feminino, a XI Conferência Internacional do Trabalho. A *Revista da Semana* no mês de agosto publicou dados sobre a conferência citando o nome e cargos de mulheres de diversas nacionalidades que ali estavam participando, sendo esses cargos diversos, indo de conselheiras técnicas dos governos até deputada, como no caso da enviada do parlamento polonês. Demonstrando a inclinação da revista para as questões femininas, ela destaca na notícia<sup>145</sup> alguns dos debates sobre o trabalho feminino na Conferência,

Acaba de adotar um projeto de convenção referindo-se aos métodos de fixação de salários-mínimos nas indústrias (sobretudo nas indústrias em domicílios) onde não existe ainda uma fixação eficaz de salários, conservando-se estes excessivamente baixos. As medidas tomadas interessam sobretudo as mulheres, pois tendem a suprimir os salários baixos na indústria a domicílio, onde a mão de obra feminina é muito empregada.

Citar os debates ocorridos na XI Conferência Internacional do Trabalho estava de acordo com os posicionamentos que a *Revista da Semana* apresentava, uma vez que as mulheres que estavam nessas reuniões eram, por vezes, as mesmas mulheres que participavam do movimento feminino majoritário entre as mulheres de sociedade carioca, sendo a maior representante dela, Bertha Lutz, que participou desde a primeira Conferência Internacional para o trabalho.

O eixo de trabalho conta também com uma crítica que se apresenta em formato de crônica<sup>146</sup>, onde simula uma sessão destinada ao debate sobre questões trabalhistas e contava com parlamentares homens e mulheres. No início da crônica o autor, J.C. Dias Costa, descreve o que a presença feminina causava no local

<sup>145</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 35, ano XXIX, 18 de agosto de 1928, p. 49, Rio de Janeiro.

<sup>146</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 28, ano XXIX, 30 de junho de 1928, p. 03, Rio de Janeiro

A bancada feminista comparecera em peso. As galerias cheias de senhoras, com vestidos e chapéus multicores, vestindo corpos e cabeças inquietas, dispostas em círculo, em torno do recinto atulhado de sobrecasacas, davam a impressão de que toda uma passerada bizarra viera pousar ao redor de um congresso de corvos.

Com essas palavras o posicionamento de que as mulheres que ali estavam eram intrusas, ‘pássaros bizarros’ em meio aos ‘corvos’ que ali já habitavam, indicando que aquele não era o local natural das mulheres. Essa ideia é reforçada quando na cena se desenrola um debate, e a líder feminina demonstra uma inabilidade em compreender, ou o não desejo de seguir, os procedimentos da sessão, tendo sua atenção chamada pela autoridade maior, uma vez que interrompe seu colega sistematicamente, não permitindo que o mesmo se manifeste. Entre os argumentos apresentados pela congressista, o principal se concentra na questão de que todos os seres possuem alguma contribuição para a sociedade e que com as mulheres não poderia ser diferente. Quando o congressista se pronuncia, ele afirma que se tivesse sido ouvido, sua colega saberia que concordam com a necessidade de se estender os direitos trabalhistas as mulheres, desde que houvesse a restrição para alguns ramos, a fim de preservar a graça feminina. Quando isso é posto, o texto segue indicando:

[...] não teve tempo para dizer mais nada. Das galerias, simultaneamente com gritos de protesto, partiu uma saraivada de bolsas, *trousses*, *porte-monnaies*, que veio atingir em cheio o orador. [...] A confusão atingiu o vórtice da desordem. Todas falavam. Uma senhora idosa repetia numa obsessão monomaniaca: “abaixo o comunismo! Viva o feminismo!”. Repetiam-se as rajadas de projéteis.

Ao fim da crônica pode-se entender que, mesmo com argumentos corretos, as mulheres não atingem seus objetivos pela forma como se colocam. Não sendo dotadas das habilidades necessárias para o debate público, movidas por seus impulsos e paixões, não estariam habilitadas para alguns ramos, como indicado pelo congressista, sendo a carreira política uma delas.

A carreira militar também foi comentada nesta categoria, tendo sido abordada predominantemente no âmbito internacional, com apenas um conteúdo nacional. É sempre importante relembrar que em um contexto internacional, a menos de uma década a Europa, principal referência encontrada na revista quando retratava terras estrangeiras, se via em um conflito armado de proporções inéditas. A Primeira Guerra Mundial proporcionou um debate do trabalho feminino de forma geral, mas também nas questões militares.

A primeira matéria encontrada nesse recorte temporal sobre **mulheres militares** é uma fotografia retratando uma ‘mulher-soldado’, que pode ser observada na figura 18.

Figura 19 - “Mulher-soldado” polonesa em sentinela



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 04, ano XXIX, 14 de janeiro de 1928, p. 11

A legenda que acompanha a fotografia descreve a mulher como uma amazona da Europa oriental, e informa que ela fazia a sentinela de uma cidade. Em posição de sentinela, armada e em plena atividade, a ‘amazona’ é fotografada na mesma posição em que tantos soldados homens são flagrados quando cumprem seus deveres militares.

Assim como nesse material, os demais citam mulheres que ocupam cargos ativos nas forças armadas de seus países, como nota<sup>147</sup> sobre Christina Bottcher, primeira mulher a ocupar o cargo de capitã da marinha mercante de Hamburgo, ainda que ressalte que a ocupação de mulheres em tal posição ainda é pioneira em alguns países, como na Noruega<sup>148</sup>.

Ainda que as matérias não expressem claramente um posicionamento concreto sobre o serviço militar feminino, a *Revista da Semana* introduz esse debate em suas páginas. Nesse primeiro momento analisado, o periódico acaba por indicar que na esteira de novos ramos em que as mulheres estão se inserindo, existe a possibilidade de entrada na carreira militar, ainda que aplique exemplos exclusivamente estrangeiros.

<sup>147</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 17, ano XXIX, 14 de abril de 1928, p. 27, Rio de Janeiro.

<sup>148</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 14, ano XXIX, 22 de março de 1928, p. 08, Rio de Janeiro.

Por fim, o último eixo aqui encontrado diz respeito ao **determinismo** biológico natural das mulheres. A maioria das matérias encontradas durante esse trabalho, de uma forma ou outra, abordam as questões da natureza biológica implícita nos seres humanos, em especial das mulheres, entretanto algumas delas deixam mais evidente a relação entre as categorias aqui estudadas e a natureza feminina.

O artigo sem autoria intitulado *As mulheres que dirigem os destinos públicos*<sup>149</sup>, se dedica a relatar casos de diversas mulheres de diferentes nacionalidades em cargos públicos, entre eles de cônsul, prefeita e rainhas. Nele se destaca a fala de Mss. Landes, ex-prefeita da cidade de Seattle, nos Estados Unidos. No discurso que pronunciou na sua saída do cargo de prefeita de Seattle, Landes afirmou que a administração da cidade havia sido gerida de acordo com o gênero de quem ocupava a prefeitura.

Os homens, afirmou ela, ocupam-se mais com os negócios comerciais e administrativos. Dirigem-se ao cérebro. As mulheres voltam-se para um ideal mais elevado, e falam ao coração.

As diferenças de desempenho nas mesmas profissões guiadas exclusivamente pela natureza biológica baseadas no gênero daqueles que a desenvolve é retratada em um segundo momento no mesmo artigo. Ao falar sobre a primeira mulher a exercer as funções de juiz<sup>150</sup> no Japão, o artigo afirma que

Sua voz clara, sua doçura comove os corações corrompidos. Faz muito mais a redenção de numerosas almas que o fariam às severas condições. Um olhar triste, uma palavra de censura, a criança arrepende-se sinceramente e, porque prometeu a uma mulher, saberá cumprir muito melhor sua promessa que ao mais eloquente dos juízes.

Dessa forma a revista reforça a ideia de que as mulheres não só poderiam exercer cargos que antes lhes eram restritos, como seria proveitoso para a sociedade que o fizessem. Tendo em vista que elas, guiadas pelos instintos de sua natureza, poderiam contemplar aspectos que trariam benefícios sociais que jamais poderiam ser atingidos por profissionais homens.

### 3.1.2 Trabalho de novembro de 1930 até dezembro 1934

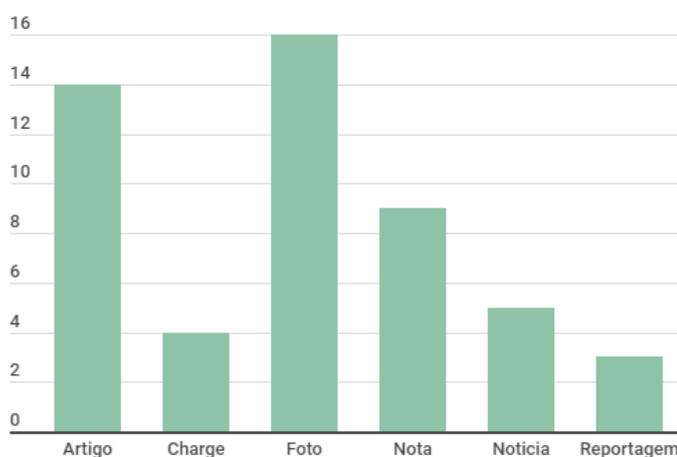
Nesse segundo momento da pesquisa o total de materiais levantados foi de cinquenta e um, que quando analisadas conforme a nacionalidade, se mostrou segmentada de forma mais

<sup>149</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 25, ano XXX, 08 de junho de 1929, p. 40-41, Rio de Janeiro.

<sup>150</sup> Não raro foi possível encontrar matérias que ao citar mulheres ocupando cargos majoritariamente masculinos, citem as funções dessas mulheres como se descreveria para um homem, como nesse caso foi usada a palavra 'juiz' e indica que Junko exercia a função de juiz, não havendo recorrência na sua terminologia feminina, juíza, ainda que essa palavra tenha sido usada em outras matérias localizadas nessa pesquisa.

equilibrada com 27 conteúdos internacionais e 24 nacionais. A destinação desses conteúdos em colunas ficou distribuída nas colunas da seguinte forma: *Atualidades femininas*, com 06 conteúdos; *Conselhos sociais*, 05; *Notícias e comentários*, 03 e *Mulheres na atualidade* com 02, e 35 sem nenhuma coluna. O primeiro quartil da *Revista da Semana* condensou 12 conteúdos, o segundo 10, o terceiro 11 e o último quartil 18. Os gêneros jornalísticos se estabeleceram conforme o gráfico abaixo

Gráfico XXX- Divisão por gênero jornalístico da categoria trabalho entre novembro de 1930 a dezembro de 1934



Fonte: Elaboração própria

Mesmo com uma equivalência entre os dois principais gêneros jornalísticos, artigo e fotografia, isso não refletiu em uma maior igualdade entre o número de matérias assinadas, contando com apenas uma assinatura e feminina e três masculinas, resultando em quarenta e sete sem nenhuma identificação de autoria. Já o posicionamento desses conteúdos foi de maioria neutra, com 26 matérias, 20 favoráveis e apenas 05 delas manifestaram-se de forma negativa.

Os eixos temáticos mais comentado na *Revista da Semana* podem ser analisados na tabela abaixo

Tabela 7 - Eixos temáticos da categoria trabalho entre novembro de 1930 e dezembro de 1934

Eixo temático	Quantidade
Funcionalismo público	15
Determinismo biológico	10
Pioneirismo	06
Congressos	04

Fonte: Elaboração própria

O eixo temático que se refere as mulheres no **funcionalismo público** mostra uma maioria de matérias que se remetem a informações internacionais, onze delas, enquanto apenas quatro se focam em acontecimentos nacionais. A partir dessa observação, a análise será conduzida com essa divisão, a fim de identificar semelhanças ou diferenças entre elas.

O trabalho feminino em cargos ligados aos seus respectivos governos é um tópico que aparenta ser mais desenvolvido nos países estrangeiros. Ao relatar sobre o cargo de datilógrafas<sup>151</sup> que prestavam serviço para a coroa inglesa, a *Revista da Semana* questiona, que outro emprego seria o emprego dos sonhos, se não esse? Arregimentando mulheres que já trabalhavam em outras repartições públicas, indicando que as mulheres escolhidas para trabalhar para o rei vinham de trabalhos desprezíveis. O que deixava esse emprego tão atraente? Uma pensão após determinado tempo de serviço e, o grande privilégio, um “apreciável dote, se casarem. E isto basta naturalmente, para tornar o emprego desejável.<sup>152</sup>”. Com isso o periódico demonstra que o emprego mais ambicionável era aquele que lhe proporcionaria para a mulher um dote para o casamento, demonstrando que o trabalho era uma atividade temporária, até o momento do casamento.

O número de mulheres que estavam assumindo cargos públicos é tão elevado que um artigo<sup>153</sup> indica a cidade de Northampton era o paraíso do feminismo. Cidade sob o comando de uma prefeita, com os serviços de assistência pública sendo dirigido por mulheres, assim como associações comerciais, industriais e operárias contam na presidência com figuras femininas. Porém, ao mesmo tempo que Northampton é a cidade onde mulheres ocupam muitos postos de trabalho de relevância, prefeitas, diretoras e chefes de indústrias, a matéria destaca que foi a única cidade que obteve por três anos seguidos – 1930, 1931, 1932 - o diploma de honra para as cidades cujas mães de família se destaquem.

Questões relativas à maternidade também são comentadas no eixo de funcionalismo público no artigo *Marcelle Tinayre, a celebre escritora francesa*<sup>154</sup>. O artigo inicia o texto com um questionamento que seria debatido por feministas e antifeministas: “Uma mulher que trabalha, uma mulher que tem uma personalidade própria pode ser uma mulher como as outras?” Interessante notar a escolha de palavras, onde estabelece que as mulheres que trabalham são vistas como diferentes, que podem ser vistas como distintas das mulheres

---

<sup>151</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 05, ano XXXIV, 14 de janeiro de 1933, p. 11, Rio de Janeiro.

<sup>152</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 05, ano XXXIV, 14 de janeiro de 1933, p. 11, Rio de Janeiro.

<sup>153</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 39, ano XXXIV, 09 de setembro de 1933, p. 07, Rio de Janeiro

<sup>154</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 33, ano XXXV, 28 de julho de 1934, p. 43-44, Rio de Janeiro

‘comuns’. Marcelle Tinayre, é autora de livros utilizados pelo governo da França para instrução pública, que se dedicou desde muito jovem a escrita. Mesmo com uma vida agitada pela profissão que escolhera, criou três filhos que se orgulham da mãe e ratificam seu excepcional trabalho materno. Matérias como essas demonstram a percepção de que a maternidade não era incompatível com uma vida laboral fora de casa, onde as mulheres que trabalham conseguem conciliar seu destino ‘natural’, de mãe e esposa, com altos cargos.

Entre os materiais nacionais apenas um deles fala sobre mulheres trabalhando para o governo em um cargo público<sup>155</sup>, especificamente Hermelinda Paes como promotora da justiça militar e a primeira prefeita eleita em Lage. Os demais materiais estão diretamente ligados com conteúdos que também dizem respeito aos congressos dos quais as brasileiras estiveram presentes, representando o governo brasileiro, que compõem, por si só, um eixo específico. Entre os congressos citados o primeiro é a XVIII Conferência Internacional do Trabalho, no qual a primeira matéria<sup>156</sup> publica uma fotografia da delegação brasileira enviada ao congresso, que conta com a presença de uma única mulher, Odette de Carvalho<sup>157</sup>, no cargo de conselheira técnica. A segunda matéria<sup>158</sup>, também fala sobre a XVIII Conferência Internacional do Trabalho, ainda destacando Odette de Carvalho como única representante feminina entre todas as delegações da América Latina.

A inserção feminina em espaços de conferências e **congressos**, mesmo que tenha se mostrado numeroso nas categorias de análise apresentadas anteriormente nesse trabalho, eram até então restritas a reuniões específicas de grupos de mulheres, em reuniões organizadas por entidades civis. Agora, a *Revista da Semana* apresenta a inserção das mulheres em eventos nos quais participam na condição de representantes do Brasil, envolvidas diretamente com a administração governamental. Tal grau de singularidade pode ser observado na homenagem<sup>159</sup> feita para Natércia da Silva no Automóvel Club em comemoração à sua nomeação como adjunta do procurador do Conselho Nacional do Trabalho.

<sup>155</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 28, ano XXXII, 27 de junho de 1931, p. 16-17, Rio de Janeiro

<sup>156</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 35, ano XXXIV, 12 de agosto de 1933, p. 25, Rio de Janeiro

<sup>157</sup> “Odette de Carvalho e Souza, carioca de nascimento, iniciou sua carreira no MRE [Ministério das Relações Exteriores] em 1931, como Conselheira técnica governamental da XV Conferência Internacional do Trabalho, em Genebra. Seguiram-se participações como arquivista da Delegação do Brasil na Conferência do Desarmamento, em 1932; conselheira técnica da XV e XVII Conferências Internacionais do Trabalho, em 1932 e 1933; prestou serviços como adida no gabinete do ministro Macedo Soares, em 1934: fez parte da comitiva do presidente Vargas na viagem que realizou ao Prata (Argentina e Uruguai) em 1935; representante do Brasil na Intente Internacional de Genebra, em 1934. Em 1935, foi contratada pelo MRE destacando-se por exercer a representação do Brasil em vários eventos políticos internacionais. Participou das conferências panamericanas como membro da representação do Brasil, em especial, na Conferência de Paz, pouco antes da II Guerra, em Buenos Aires.” (NEPOMUCENO, 2018, p. 177)

<sup>158</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 24, ano XXXIII, 28 de maio de 1932, p. 26, Rio de Janeiro

<sup>159</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 11, ano XXXIII, 27 de fevereiro de 1932, p. 20, Rio de Janeiro

Com isso, se desenha uma clara divisão entre o material nacional e internacional no eixo sobre funcionalismo público, onde as mulheres estrangeiras já se mostravam inseridas em trabalhos públicos, ocupando cargos como ministras e prefeitas, enquanto as mulheres brasileiras recém iniciavam suas carreiras, com cargos técnicos e consultivos.

O eixo temático **pioneirismo** teve um baixo número de ocorrências, mas coloca as mulheres ocupando postos de trabalho de relevância. Além do exemplo já citado de Odette de Carvalho, a *Revista da Semana* divulga sobre a inauguração da Editora Ravaro, empresa chefiada por Rachel Prado<sup>160</sup>, primeira mulher a dirigir um empreendimento de tal espécie. Infelizmente os trabalhos que se dedicam a investigar a vida da escritora e editora são escassos, não tendo muitos materiais a respeito. A figura 19 retrata a inauguração da editora, que contou com a presença de representantes da ABI.

Figura 20 - Inauguração da Editora Ravaro



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 20, ano XXXV, 28 de abril de 1934, p. 10.

Outras profissões citadas enaltecem as qualidades aventureiras das mulheres nas novas áreas que se inserem, indicando que esses empregos oferecem reais aventuras. A arqueóloga Mme. de Bomberghen é indicada como a primeira mulher que explorou desertos, sendo uma das membras da Sociedade de Geografia e do Aero clube de França, une as habilidades

<sup>160</sup> “Rachel Prado era o pseudônimo de Virgília Stella da Silva Cruz (1891- 1943), jornalista com intenso trabalho na grande imprensa. Colaborou com periódicos como o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Gazeta de Notícias*, *Fon-Fon* e *O Cruzeiro*. Utilizou-se de sua profissão para reivindicar mais direitos às mulheres, ajudou a organizar e manter agências de publicidade e propaganda, além do Clube de Jornalismo Profissional e o Clube das Mulheres Jornalistas” (RAMOS, 2016, p. 72)

adquiridas nesses dois espaços, para efetuar esse trabalho. Ao longo da matéria são descritas as dificuldades enfrentadas por caravanas que tentaram explorar aquele deserto, onde homens desertaram da aventura e apenas Bomberghen permaneceu, o que leva a revista a afirmar: “E há ainda quem diga que a mulher é inferior aos homens em coragem e cumprimento do dever”

A aventura e coragem feminina também são evocados no artigo<sup>161</sup> que comenta sobre Eliane Basse, primeira mulher a fazer estudos topográficos em determinada região da África, a matéria descreve a aventura como tendo se passado em um país “bárbaro, com uma escolta de cinquenta indígenas, no meio do mato cheio de perigos, dotada de uma energia de ferro, soube se fazer obedecer e respeitar.”. A partir dessa descrição e do excelente trabalho desempenhado por Basse, o artigo afirma que com esse “exemplo de tenacidade dado por uma jovem deixará certamente bem pensativo mais de um adversário do feminismo”. Tal afirmação se soma a da matéria anterior, construindo uma narrativa de independência feminina, que desafia a natureza e os desafios que ela impõe até os mais bravos dos homens.

Se no recorte temporal anterior o eixo que comunica sobre determinismo biológico foi um dos que apresentou uma das menores quantidades de material, entre os anos de 1930 até 1934 isso se inverte, e ele passa a ser um dos eixos mais citados. O cargo de juíza é novamente citado como uma profissão em que a inserção de mulheres seria benéfica para a sociedade. O artigo *Mulheres que trabalham*<sup>162</sup>, sem autoria, elogia a iniciativa do governo da Turquia, que emprega mulheres para presidir tribunais, entretanto, coloca uma ressalva que isso se aplica apenas para os tribunais que se dedicam a julgar demandas que envolvam crianças. A matéria indaga seus leitores

Quem, melhor que ela, poderia encontrar as palavras que suavizam, que acalmam, que adormecem um sofrimento, uma revolta? [...] A mulher tem um instinto muito mais sutil que o homem; sente mais a palavra que vai dizer, que fará brotar as lágrimas de arrependimento daqueles olhos que só viram misérias e corrupções da existência.

Os sentimentos e graça ditos femininos são as características mais citadas como úteis, a fim de justificar a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Seja pela sua sutileza, sua abnegação e gentileza, as mulheres serviriam à sociedade em funções que se assemelhavam a uma extensão de seu trabalho de mãe e esposa, cuidando e gerindo. Da mesma forma que esses sentimentos eram entendidos como uma característica positiva, que traria benefícios caso estimulados, eram também considerados como imperfeições que deveriam ser trabalhadas, como trazido no exemplo da crônica citada acima. Pretendendo disciplinar esses sentimentos

<sup>161</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 20, Rio de Janeiro

<sup>162</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 04, ano XXXII, 10 de janeiro de 1931, p. 35-36, Rio de Janeiro.

femininos, para extrair todos os benefícios possíveis dessas características entendidas como pertencentes a natureza da mulher, em especial buscando por uma melhoria que contribua na sua inserção no mercado de trabalho, a *Revista da Semana* apresenta uma notícia, *O curso de oradoras*<sup>163</sup>, que indica a existência de um curso de oratória na França, destinado para aquelas mulheres que desejavam se inserir na política, ocupando cargos no Parlamento. No curso as alunas aprenderiam a expor um assunto e como interromper um orador quando necessário, mas destaca que seria ensinado a elas como “manter a calma ou retrucar quando interrompidas”, indicando que essas mulheres precisariam ter aulas para controlar suas emoções, caso quisessem se dedicar a questões políticas.

Apesar dessa construção social ser notória, muitas mulheres não apenas identificavam que esse **determinismo** baseado em gênero era uma construção, como questionavam sua validade. A coluna *Conselhos Sociais*<sup>164</sup> abordou a tentativa de restrição ao trabalho feminino de forma direta

Os homens são diversos, e eles criaram mil ramos de atividade capazes de contentar suas múltiplas aspirações. As mulheres também são diversas, mas a sociedade fabricou, durante muito tempo, um tipo único, a esposa. Conforme a posição social, a esposa-criada ou a esposa dama de sociedade. [...] Nossa sociedade, ansiando por mais justiça, procurou estabelecer a fórmula: a cada um o lugar que merece. Verdade bem relativa, porque nem sempre a justiça é feita quando se trata das mulheres. Mas enfim, estão livres de estudar, de desenvolver sua personalidade, de trabalhar.

Nos dois primeiros parágrafos aqui transcritos fica evidente o tom de crítica do artigo, indicando o tratamento injusto destinado às mulheres, assim como a intencionalidade da restrição das mulheres à posição de esposas. A posição social questionada no trecho acima, retorna no mesmo artigo, agora como argumento para liberdade de trabalhar das mulheres burguesas “Ninguém se preocupa com a questão do feminismo nas classes populares onde os homens e as mulheres sempre trabalharam: porque razão não dão o mesmo direito à mulher da burguesia?”

Ainda que artigos com igual contundência não tenham sido recorrentes entre as matérias localizadas durante essa pesquisa, a publicação desses materiais, ainda que eventualmente, pode indicar que a *Revista da Semana* abordava a questões sobre a emancipação por diversas perspectivas, tendo conteúdos que não apenas se posicionavam de forma contrária ou favorável às questões emancipatórias das mulheres, mas trazia reflexões mais aprofundadas, que

<sup>163</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 35, ano XXXIII, 13 de agosto de 1932, p. 06, Rio de Janeiro.

<sup>164</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 45, ano XXXIV, 21 de outubro de 1933, p. 34, Rio de Janeiro.

questionam a própria organização social e das determinações elaboradas a partir do gênero de cada indivíduo.

Ao analisar a categoria trabalho, foi possível apreender que a *Revista da Semana* o fez através de múltiplos gêneros textuais, demonstrando uma maior diversidade nas abordagens ao tema. Além disso, a revista trouxe um maior número de matérias relacionadas à causa trabalhista internacional, em detrimento do debate nacional. Com um alto índice de conteúdos informativos, ou seja, sem que expressassem juízo de valor e, em segundo instância, demonstrou um posicionamento favorável a emancipação feminina através do trabalho. Mesmo que as matérias tenham sido distribuídas de forma semelhante entre os quartis, ainda pode ser observado uma ligeira superioridade no quarto quartil, ou seja, na seção *Jornal das Famílias*, espaço destina predominantemente a assuntos tidos como femininos.

Ainda que a *Revista da Semana* focasse na representação de mulheres da sociedade carioca, em detrimento da classe popular da cidade, a temática fabril ocupou a posição de eixo temático mais numeroso entre os anos de 1927 e 1930. No entanto, essa representação não foi sobre as trabalhadoras das fábricas brasileiras, mas sim estrangeiras. Tal posicionamento pode ser explicado pelo longo período de instabilidade que resultou em greves históricas, tornando a temática do trabalho em fábricas no Brasil um tópico de grande complexidade.

A *Revista da Semana* novamente recorreu a matérias que exaltaram o pioneirismo feminino em trabalhos das mais diversas áreas, com mulheres estrangeiras e brasileiras. Essas matérias ressaltaram que a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, em especial nas áreas da saúde e cuidado, pois dessa forma estariam colaborando para a elevação do país. Essa ideia que vincula as conquistas femininas como necessárias para o melhor andamento do país e não para a sua emancipação, são reforçadas no eixo temático que se dedica ao determinismo biológico das mulheres, outra forma que se mostra recorrente ao tratar das categorias elencadas para a análise nesse trabalho. Nesse eixo temático a revista vincula a ideia de que as mulheres podem ocupar novas posições no espaço privado por serem “naturalmente aptas” para tais funções, fazendo sua contribuição para sociedade através do seu trabalho.

Entre as possibilidades de carreira que são destacadas pela revista, duas se colocam com destaque, o serviço militar e o funcionalismo público. O serviço militar nesse momento da análise é colocado unicamente na perspectiva internacional, diferente do eixo trabalhado em vindicação feminina, onde traz conteúdos nacionais, com o exemplo concreto do Batalhão João Pessoa. Por fim, o funcionalismo público endossa a ideia de que as mulheres podem, e devem, contribuir com a construção de uma nação mais qualificada, e para isso seria necessário que estivessem inseridas no serviço público.

Já durante 1930 e 1934 foi possível identificar o número crescente de matérias que se dedicam aos eixos que se referem ao funcionalismo público e ao determinismo biológico, tendo um dos maiores índices de conteúdos no mesmo recorte temporal. As funcionárias públicas são descritas como mulheres que são altamente capazes de manter seu ‘destino natural’, em especial seu papel de mãe, e ainda podem contribuir ativamente com a sociedade. Não apenas indicando essa carreira como uma opção válida e indicada para as mulheres, a *Revista da Semana* elenca motivos atrativos para as mulheres no funcionalismo público, ainda que utilizando como exemplo um trabalho em países do estrangeiro. A revista indica ainda o crescente número de mulheres que trabalham prestando serviços para o governo nacional, a exemplo Odette de Carvalho.

Congressos e o pioneirismo das mulheres são novamente elencados como eixos temáticos, porém apresentam um número reduzido de conteúdos. A única diferença encontrada entre o primeiro e o segundo recorte temporal é que de 1930 a 1934 a superioridade de matérias que tratam sobre mulheres aventureiras.

### 3.2 VOTO

Para que se possa compreender o papel das mulheres e seu envolvimento na busca pelo voto é importante que se tenha em mente como a própria ideia do sufrágio universal surge no mundo. Com a queda dos grandes impérios europeus e suas realezas, como a Revolução Francesa, e também a emancipação dos Estados Unidos, ideais de igualdade entre os indivíduos são difundidas com velocidade, ultrapassando os oceanos e se espalhando pelo mundo. Embora esses eventos sejam marcados por lemas como *liberdade, igualdade e fraternidade*, a exclusão foi uma constante, seja da população negra dos EUA que continuou sob o jugo da escravidão ou das mulheres, que a despeito de sua participação ativa nesses movimentos não obtiveram direitos iguais aos homens. A resposta a essa exclusão veio rápida e contundente, dois anos após a *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, documento balizar da nova condição política francesa após a revolução em 1789, a Olympe de Gouges publica a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, onde denunciava a exclusão das mulheres dos direitos da cidadania, atitude essa que lhe custa a vida, ao ser sentenciada a guilhotina (MARQUES, 2019).

Desde então uma série de movimentos sociais colocaram as questões de igualdade em debate, através das mudanças políticas e econômicas que se desenrolavam, em especial a consolidação do sistema liberal, culminando no que ficou conhecido no ocidente como

Primavera dos Povos. É nesse contexto de reformulação das nações que o conceito de sufrágio universal vem à tona, em especial em uma assembleia francesa em 1848, cujo um dos tópicos de debate é o questionamento se o sufrágio seria um direito e se seria universal, independente da renda (KARAWAJCZYK, 2013). Entretanto, ainda permanece a exclusão feminina.

Não sendo exceção à regra, o Brasil mantém a lógica de exclusão feminina dos direitos políticos e civis, segundo a definição de Jaime Pinsky (2008)<sup>165</sup> desses conceitos. E da mesma forma que as mulheres dos países antes citados, as brasileiras articulam respostas rápidas a essa exclusão. Se a França teve sua Olympe e Mary Wollstonecraft, o Brasil contou com figuras como Nísia Floresta, já comentada anteriormente, e Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que pugnava pela possibilidade do voto feminino ainda na Assembleia Constituinte de 1890<sup>166</sup>.

Com as reformulações constitucionais do período, foram apresentadas propostas de inserção de direitos políticos para as mulheres. De acordo com Karawajczyk, duas emendas foram sugeridas nesses debates, retificando artigos anteriores, sendo a primeira

são eleitores: 1º os cidadãos maiores de 21 anos, que se alistarem na forma da lei; 2º as cidadãs solteiras ou viúvas, que são diplomadas em direito, medicina ou farmácia e as que dirigirem estabelecimentos docentes, industriais ou comerciais (KARAWAJCZYK, 2013, p. 94)

Sendo a segunda

1º Fica garantida às mulheres a plenitude dos direitos civis, nos termos do art. 72; 2º Fica conferido o direito eleitoral às mulheres diplomadas com títulos científicos e de professora, às que estiverem na posse de seus bens e às casadas, nos termos da lei eleitoral. (KARAWAJCZYK, 2013, p. 94)

Longos e por vezes calorosos debates permearam o Congresso nas sessões que puseram em pauta o sufrágio feminino, onde entre argumentos contrários e favoráveis a pauta, foram levantados argumentos diversos, quer seja pela defesa ou negação da proposta. Questões como riscos a estabilidade do lar e da sociedade, igualdade de direitos perante a igualdade de deveres, supremacia da santidade doméstica e maternal das mulheres, capacidade intelectual, entre outros tantos pontos, foram levantados entre os congressistas brasileiros, que decidiram pela não inclusão das emendas, ao final do processo (KARAWAJCZYK, 2013).

<sup>165</sup> Jaime Pinsky (2008, p. 09-10) define que ser cidadão é ter assegurado seus direitos civis (liberdade, igualdade, propriedade), políticos (votar, ser votado) e sociais (educação, saúde, salário justo), configurando assim a cidadania como o exercício de todos estes direitos. Contudo esta definição é mais complexa que isto, uma vez que se trata de um conceito histórico, tendo variações de acordo com o tempo e espaço no qual o investigamos.

<sup>166</sup> Evidentemente que existe a possibilidade de debates anteriores aos citados aqui, como o exemplo trazido por Noêmia Maria Luz e Alcileide do Nascimento (2014) que cita uma matéria publicada no periódico *A verdade*, de autoria de Severino Cardoso que identifica em novembro de 1872 uma crítica a constituição imperial por não conceder o direito ao voto as mulheres, assim como não concede o direito a sucessão do trono.

Neste momento o debate sobre o sufrágio feminino já estava instaurado no país e fora dele. Os anos de 1920 foram repletos de inovações tecnológicas e culturais, especialmente para as mulheres, as “jovens brasileiras de ‘boa família’ tornavam-se mais ousadas a ponto de, ao invés de só passear nas avenidas, também irem à praia, jogar tênis, andarem de bicicleta, e se deixarem fotografar por reportes dos jornais.” (HAHNER, 2003, p. 272).

Além das transformações sociais, a política brasileira se transformava. A política nacional era comandada basicamente pelos estados mais ricos da nação, como São Paulo e Minas Gerais, onde os privilégios econômicos e o clientelismo político se sobressaíam, contando ainda com o apoio do exército. Dessa forma o voto popular não se configurava como um ponto crucial para o andamento da jovem democracia brasileira, uma vez que de acordo com June Hahner (2003) apenas três por cento da população tinha direito ao voto.

Desde a Assembleia Constituinte de 1890, a organização feminina para a conquista do voto foi tomando forma cada dia mais. Aproveitando-se da ambiguidade da constituição que não negava o sufrágio, mulheres como Myrthes de Campos, primeira advogada licenciada pela Ordem dos Advogados do Brasil, fez uma requisição para o alistamento eleitoral, o que lhe foi negado. Leolinda Daltro, outra personalidade influente nos direitos femininos no Brasil, teve seu alistamento eleitoral negado, o que lhe levou para uma busca institucionalizada, criando o Partido Republicano Feminino em 1910. Com a criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, sob o comando de Bertha Lutz, o feminismo foi ganhando novos contornos, que colaboraram para fortalecer a ideia de que ativistas como a Leolinda eram uma versão dos trópicos das *suffragetes* inglesas, tidas como radicais (MARQUES, 2004).

Os novos contornos que foram se desenhando para o movimento sufragista com a ascensão da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, fundada por Bertha Lutz, são descritos como sendo parte de um

processo de ampliação [...] e de expansão de suas bases de apoio na classe alta, o movimento pelos direitos da mulher no Brasil tornou-se mais conservador, e, tal como ocorrera nos Estados Unidos, no início do século XX, tendeu a enfatizar a luta por uma reforma constitucional e legal, em vez de mudanças muito radicais. (HAHNER, 2003, p. 278)

Esse pode ser visto como um dos motivos pelos quais Céli Pinto (2003) caracteriza esse período como sendo a primeira vertente do feminismo brasileiro e sendo caracterizado por ser “face bem-comportada”, que buscavam apenas a inclusão das mulheres enquanto cidadãs.

Bertha Lutz é incontestavelmente a maior representante da luta feminista brasileira, exercendo essa liderança no país e fora dele, servindo como enviada para diversos congressos internacionais como representante do Brasil. Yolanda Lôbo descreve que o feminismo de

Bertha Lutz era em primeiro lugar uma reforma social, e em segundo “uma luta das mulheres por direitos iguais, à educação, ao trabalho digno e bem-remunerado” (2010, p. 31).

Assim como a Bertha, as outras integrantes das associações pelos direitos das mulheres são descritas por Rachel Soihet como pertencentes a

segmentos elevados da sociedade; intelectualizadas (como a engenheira Carmem Portinho, a advogada Myrthes de Campos e a cientista Bertha Lutz), parentes de políticos importantes (como Jerônima de Mesquita) ou de outras figuras nacionais de relevo (como Berta, que era filha do renomado cientista Adolpho Lutz). Além disso, a capacidade e o brilho intelectual que muitas apresentavam, subsidiando os parlamentares que defendiam suas demandas, contribuíram igualmente para abrir caminhos. (SOIHET, 2013, p. 267)

Outros dois elementos foram primordiais para que o feminismo de Bertha e suas companheiras conseguissem atingir o sucesso que atingiram, o primeiro deles é a utilização da imprensa para divulgar suas ideias, assim e também a aproximação estratégica com políticos, que iam além de laços de parentesco. Elas utilizaram a imprensa para promover resenhas e conceder entrevistas, com o objetivo de transmitir suas ideias através de argumentos razoáveis, buscando fazer com que o maior número de pessoas entendesse e aprovasse as ações, destacando que as contribuições de seus atos seriam importantes para a construção da nação. Ao mesmo tempo investiam na aproximação com personalidades políticas, através de “telegramas com elogios aos políticos que assumissem posições públicas favoráveis ao voto feminino, assim como mensagens de apoio aos esforços do Estado em favor do voto local para as mulheres” (HAHNER, 2003, p. 305)

A partir dessa afirmação de June Hahner, é possível entender a *Revista da Semana* como uma das plataformas de imprensa utilizada pelo movimento de mulheres da época para promover suas ideias de emancipação feminina. Dentro do recorte temporal abarcado nessa pesquisa, nenhuma das matérias teve a assinatura de Bertha, mas foram vários os conteúdos que citaram a ativista, nos mais variados gêneros jornalísticos. Yolanda Lôbo (2010) indica uma matéria escrita por Bertha e publicada na *Revista da Semana* em 1918, na qual Bertha responde a um jornalista que defendia a ideia de que os avanços conquistados por inglesas e estadunidenses não influenciariam na vida das mulheres brasileiras.

Um caso de grande significância para o sufrágio feminino brasileiro foi a participação feminina nas eleições do Rio Grande do Norte, em 1928. Com o suporte de Juvenal Lamartine senador e posteriormente Presidente daquele Estado, foi adicionado na legislação estadual um dispositivo que estabelecia a possibilidade de voto das mulheres. Como resultado, foram contabilizados 20 alistamentos femininos, porém, os votos foram anulados. Isso abriu

precedentes para que as associações pelo voto das mulheres intensificassem os esforços para atingir seus objetivos (SOHEIT, 2000).

Foi através dessa movimentação intensa das mulheres que com a chegada do Governo Provisório as mulheres conquistariam o direito ao voto. Getúlio Vargas enquanto candidato a eleição, tinha como plataforma a instauração de uma reforma eleitoral, que seria baseada na busca por uma moralização política, para deixar no passado a velha política calcada no coronelismo e voto de cabresto. Indo ao encontro das promessas feitas durante a campanha, se institui o decreto 21.076 de fevereiro de 1932 que entre uma série de modificações, instaura a Justiça Eleitoral, sendo centrado neste órgão todo o processo eleitoral, como “a fixação definitiva do voto secreto, a instituição do sistema representativo proporcional e a regulação em todo país das eleições federais, estaduais e municipais” (CAJADO; DORNELLES; PEREIRA, 2014, p. 36).

Entre as alterações o decreto definia sobre o tão aguardado voto feminino. De acordo com a nova legislação seria eleitor todo o cidadão com mais de 21 anos, sem distinção de sexo. Dessa forma a questão feminina é pontuada diretamente. Entretanto não foram todas as mulheres que obtiveram esse direito, uma vez que “[...] o princípio que orientou sua admissão à cidadania política foi evolutivo, ou seja, concedia-se o direito de voto à mulher *sui juris* (solteira, viúva, separada ou abandonada) e que tivesse economia própria (casada).” (FAUSTO, 1981, p. 16). Além das questões acima tratadas, o voto feminino não era obrigatório.

Com essa legislação, o Brasil se colocava na vanguarda da extensão dos direitos políticos às mulheres. Quando comparado a países tidos como mais desenvolvidos de maneira geral, como França e Itália, o Brasil é pioneiro, já em um comparativo de legislações entre os países que compõe a América Latina, o país ocupa o segundo lugar, ficando atrás apenas do Equador (SOIHET, 2013).

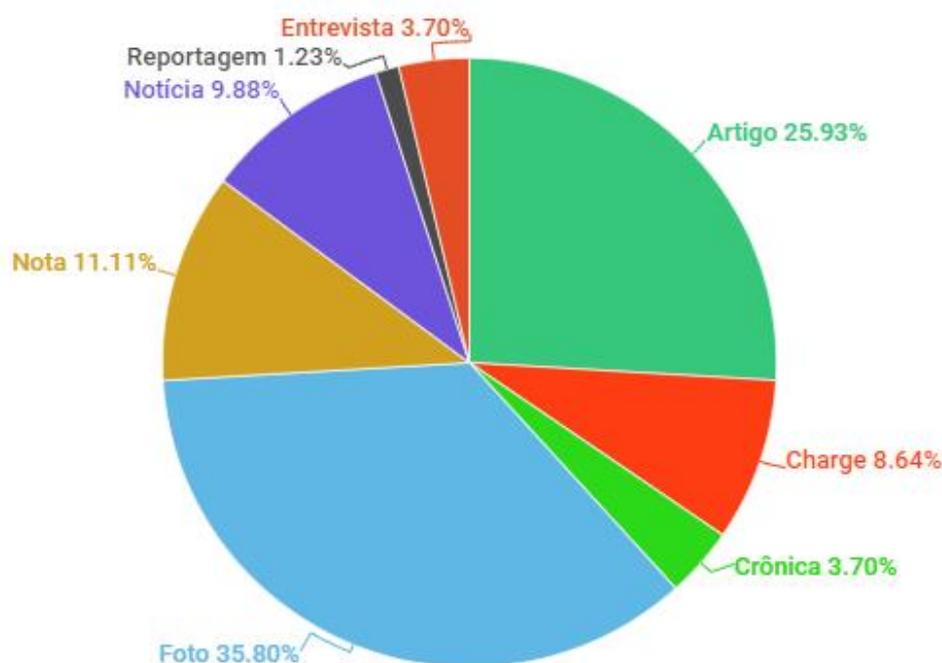
Ainda que fosse uma vitória significativa, ainda era necessário que tais legislações fossem incluídas na Constituição. Como era de se esperar, a FBPF acompanhou com atenção os tramites para a conclusão desse processo, a fins de evitar que os direitos conquistados após tantas décadas de luta fossem deturpados. Sobre a validade do receio de Bertha Lutz e suas companheiras, Rachel Soheit afirma

Na verdade, os seus temores não eram infundados, pois ainda havia representantes que combatiam ferrenhamente o voto feminino. Graças às pressões feministas, e coroando uma luta de décadas, o sufrágio feminino foi finalmente garantido, com a inclusão do artigo 108 na Constituição de 1934. (SOHEIT, 2013, p. 269)

Posto isso, é possível compreender que a conquista do sufrágio feminino no Brasil teve um percurso longo, enfrentando barreiras de diversos níveis e contando com mulheres que dedicaram boa parte de suas vidas para obtê-lo.

A categoria voto apresentou um total de 81 matérias dentro do recorte estabelecido nessa dissertação. Entre eles, dividiram-se quanto a nacionalidade com 36 materiais internacionais e 45 deles abrangendo questões nacionais. A divisão entre o gênero dos autores que assinam os conteúdos se mostrou equânime, com nove nomes femininos e nove masculinos, sendo os demais sessenta e dois sem nenhuma autoria. Já os quartis nos quais foram distribuídos foram 15 no primeiro quartil, 19 no segundo, 29 no terceiro e mais numeroso quartil, e com 18 conteúdos, o quarto e último quartil. No que se refere as colunas onde foram alocadas, a que teve uma maior abrangência foi *Notícias e comentários*, com 05; *O que vai pelo mundo*, 03; *Conselhos sociais*, 02; *Noticiário elegante*, 02; *Jornal de São Paulo*, 02; e por fim as colunas com apenas uma matéria cada, *Mulheres na atualidade*; *Figuras e fatos estrangeiros*; *Variedades*; *Colcha de retalhos* e *Atualidades femininas*, além de outros 62 que não se encontram em nenhuma coluna. Por fim, a última subcategoria a ser analisada diz respeito ao posicionamento dos conteúdos, com 43 deles se posicionando de forma neutra, 22 de forma favorável e, por fim, 16 assumiram um posicionamento contrário ao voto feminino.

Fazendo uma análise no total de conteúdos de acordo com os gêneros jornalísticos, o resultado foi expresso no gráfico nove.

Gráfico 9 - Identificação do *corpus* documental da categoria voto por gênero jornalístico

Fonte: Elaboração própria

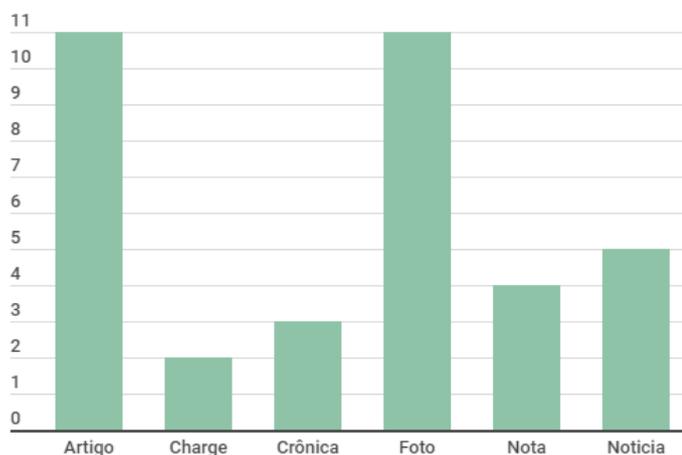
A partir do exposto no gráfico destaca-se que a maioria dos conteúdos foram expressos através de fotografias, sendo seguido por artigos e ainda contam com outros seis gêneros jornalísticos com porcentagens menores.

### 3.2.1 Voto de outubro de 1927 até outubro de 1930

O conteúdo deste recorte temporal da categoria voto, reuniu um total de trinte e seis conteúdos. Quanto à subcategoria de nacionalidade, mais uma vez foi possível observar mostrou uma superioridade nos conteúdos internacionais, com 23 matérias, e 13 nacionais. Nas questões autorais, foram encontrados cinco nomes femininos e seis nomes masculinos nas matérias assinadas, e 25 sem nenhuma assinatura. Quanto as colunas onde o material foi distribuído apenas quatro colunas foram identificadas, sendo elas *Notícias e comentários*, com quatro matérias; *O que vai pelo mundo*, com três; *Noticiário elegante*, dois e *Figuras e fatos estrangeiros*, 01, e os 26 restantes não se localizaram em nenhuma coluna. Já os quartis ficaram divididos da seguinte forma: o primeiro com onze; o segundo com oito; o terceiro com treze e quarto com quatro. A última subcategoria analisada, posicionamento, indicou uma preponderância de matérias neutras, 21, seguidas por 09 contrárias e apenas 06 favoráveis.

Ao observar os gêneros jornalísticos, a divisão se mostrou conforme o expresso no gráfico dez.

Gráfico 10 - Divisão por gênero jornalístico da categoria voto entre outubro de 1927 a outubro de 1930



Fonte: Elaboração própria

Ao se analisar a distribuição do *corpus* documental sobre o voto feminino nos gêneros jornalísticos é possível identificar uma igualdade de distribuição entre artigos e fotografias, o que não refletiu em um maior número de matérias assinadas, como seria de se supor. As possibilidades de eixos temáticos neste recorte temporal se mostraram menos numerosos, o que acabou por gerar eixos com um maior número de matérias, como pode ser visto na tabela oito.

Tabela 8 - Eixos temáticos da categoria voto entre outubro de 1927 e outubro de 1930

Eixo temático	Quantidade
Pioneirismo	10
Determinismo	07
Organização	06
Eleições	06
Inabilidade	05

Fonte: Elaboração própria

O eixo com o maior número de materiais foi o que comenta sobre o **pioneirismo** das mulheres na busca e conquista do voto, com nenhum desses materiais sendo contrários às causas emancipatórias, e apenas dois desses conteúdos dedicando-se ao cenário nacional. Dentro da

esfera internacional a *Revista da Semana* destaca o pioneirismo das mulheres estrangeiras em diversas esferas da política, desde prefeituras nos EUA, até o parlamento holandês.

O pioneirismo dessas mulheres é reforçado por uma construção histórica dos direitos políticos femininos, remontando o passado da participação das mulheres. Um dos exemplos é visto na notícia *Cartazes eleitorais*<sup>167</sup>, que contextualiza historicamente a fixação de cartazes de propaganda política desde o período da Roma antiga e aproveita para destacar que o primeiro desses cartazes que contém um nome feminino é de 1848, localizando dessa forma as mulheres no campo político europeu em pelo menos oitenta anos antes da publicação no periódico. Outro exemplo dessa construção histórica é visto na notícia *A primeira prefeita*<sup>168</sup>, que ao mesmo tempo que comenta sobre a eleição de uma prefeita nos Estados Unidos ainda em 1927, relembra que em 1887 nas eleições municipais, foi eleita uma prefeita para a cidade de Argonia, também nos EUA.

Entre esses exemplos de mulheres pioneiras uma delas aparece de forma recorrente nas páginas da revista, Emmeline Pankhurst<sup>169</sup>. Um dos símbolos da luta pelo sufrágio feminino da Inglaterra, que foi uma grande influenciadora das pautas femininas no Brasil, seja como exemplo a ser seguido ou não. De acordo com Mônica Karawejczyk (2013), Emmeline fez parte da segunda fase do movimento sufragista inglês, reconhecido pela fundação da *Women's Social and Political Union* – União Social e Política das Mulheres (WSPU), agremiação fundada pela própria Pankhurst e suas filhas, em 1903, na cidade de Manchester. A fase e as táticas da WSPU foram as que mais marcaram o imaginário popular sobre o movimento pelo sufrágio feminino, sendo inclusive reconhecidas as mulheres que dela participavam pela alcunha de *suffragettes*.

Já a primeira fase foi encabeçada pela organização *National Union of Women's Suffrage Societies* – União Nacional das Sociedades de Mulheres pelo Sufrágio (NUWSS), formada ainda em 1897. Ambas as associações, ou seja, ambas as fases do sufrágio inglês, compartilhavam dos mesmos argumentos “a exaltação das qualidades da mulher, da sua força moral em oposição ao pragmatismo masculino, além de também contestarem o papel da mulher na nova sociedade. O que diferenciava uma associação da outra eram as estratégias de luta empregadas, e não o argumento discursivo”. (KARAWEJCZYK, 2013, p. 131). Entrando em

<sup>167</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 24, ano XXIX, 02 de junho de 1928, p. 06, Rio de Janeiro.

<sup>168</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 47, ano XXVIII, 12 de novembro de 1927, p. 06, Rio de Janeiro.

<sup>169</sup> In 1903, Emmeline Pankhurst had founded the Women's Social and Political Union (WSPU), the most notorious of the groupings campaigning for the parliamentary vote for women on the same terms as it is, or shall be, granted to men. For the eleven years of the suffragette campaign, from 1903 until the outbreak of the First World War in August 1914, she had been a widow, commonly known by her married name, 'Mrs. Pankhurst'. But it is less frequently commented upon that, when her husband died on 5 July 1898, Emmeline Pankhurst became an impoverished single parent with four dependent children to support—the seventeen-year-old Christabel, sixteen-year-old Sylvia, thirteen-year-old Adela, and eight-year-old Harry. (PURVIS, 2011, p. 87-88)

detalhes sobre essa diferença, que é importante para compreender o próprio sufrágio brasileiro,

WSPU era uma “organização ativa com objetivos bem definidos e uma ética especial”, sendo que essa seria a sua principal diferença e influência, ou seja, ser uma organização ativa, pois suas militantes escolheram apostar no uso de táticas não convencionais para fazer pressão junto ao governo para a causa sufragista e, desse modo, chamar a atenção do público para as suas demandas, representando assim uma ruptura com a fase anterior que apostava na moderação dos seus atos. Com o lema *Deeds not words* – Ações e não palavras, as militantes aplicavam todos os métodos ao seu alcance para obter alguma vitória, utilizando-se desde passeatas até o uso da violência e da intimidação. (KARAWEJCZYK, 2013, p. 131).

Além de Pankhurst ter sido uma figura exponente na luta pelos direitos políticos das mulheres, e esse ser um tema em evidência no Brasil neste momento, a *Revista da Semana* evoca a líder *suffragette* para anunciar a morte da ativista, o que suscitou opiniões distintas em suas páginas. Através de cinco fotografias que ocupam meia página<sup>170</sup> da revista, a matéria cobre como foi o funeral de Emmeline Pankhurst, denominando-a como célebre líder do movimento sufragista. No entanto, no artigo<sup>171</sup> escrito por Clara Lúcia, que foi contrária na maioria de seus escritos as pautas relativas à emancipação feminina, assume um posicionamento bem contundente contra Emmeline. Em suas primeiras linhas coloca que “Para mim, Mrs. Pankhurst nunca foi senão uma inimiga das mulheres.”. Clara Lúcia responsabiliza a ativista inglesa pela masculinização das mulheres, que transformaram a revolução feminina que havia começado em uma arruaça.

Com suas ideias e sentimentos, Mrs. Pankhurst tendia a suprimir o nosso prestígio máximo – que é a elegância. Era uma senhora sem maneiras, isto é: o contrário de uma senhora. Converteu o feminismo – que já antes dela começara a triunfar e continuou a triunfar, sem ela – num sistema de conquista pelo barulho e pela turbulência. Duma evolução fez uma arruaça. As sufragistas, que ela chefiou, apresentaram-se aos olhos do mundo como um bando de solteironas ressequida e despeitadas, de chapéu furiosamente à banda sobre os cabelos em revolta, a boca escancarada de gritar, o punho fechado e arremetendo na gesticulação duma série de insultos e palavradas<sup>172</sup>.

Esse discurso de Clara Lúcia é um reflexo do debate recorrente no período. Mônica Karawejczyk indica que a questão da masculinização feminina foi um dos principais pontos que surgem ao analisar o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre

Os principais aspectos negativos evocados para se negar a concessão do voto à mulher foram: a suposta fragilidade, doçura e despreparo feminino para exercer qualquer atividade fora do ambiente doméstico. Também foi salientado o perigo de a mulher se masculinizar ao adquirir os mesmos privilégios que os homens. (KARAWEJCZYK, 2008, p. 139)

<sup>170</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 33, ano XXIX, 04 de agosto de 1928, p. 37, Rio de Janeiro.

<sup>171</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 30, ano XXIX, 14 de julho de 1928, p. 03, Rio de Janeiro.

<sup>172</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 30, ano XXIX, 14 de julho de 1928, p. 03, Rio de Janeiro.

Entre 1927 e 1930 duas matérias que se concentram em falar sobre o eixo de pioneirismo no Brasil. As duas matérias citam a conquista do voto pelas mulheres do Rio Grande do Norte, em especial falando sobre a primeira mulher a votar. A matéria informa que as mulheres inseridas na política da Alemanha foram as primeiras a felicitar as mulheres potiguares, além de indicar que a primeira mulher a votar naquele Estado foi a professora Celina Viana, professora da Escola Normal de Mossoró. Juntamente com a notícia, a *Revista da Semana* publicou uma fotografia da professora normalista, que pode ser observada na figura vinte.

Figura 21 - Celina Viana, primeira mulher a votar no RN



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 06, ano XXIX, 28 de janeiro de 1928, p. 29.

O segundo eixo a ser comentado neste recorte temporal diz respeito as **organizações femininas** que se dedicaram na busca pelo voto. Mesmo com a maioria das matérias dizendo respeito a organizações internacionais, com cinco dos seis conteúdos do eixo, a União Interamericana de Mulheres foi a organização com maior destaque, mostrando assim que não houve uma explanação sobre organizações de países específicos. As únicas exceções foram um encontro do “Exército Vermelho”<sup>173</sup> em Londres, e a “Liga Sufragista Japonesa”<sup>174</sup>.

A União Interamericana de Mulheres foi fundada com o nome de Associação Pan-Americana de Mulheres<sup>175</sup>, durante a Primeira Conferência Interamericana de Mulheres na cidade de Baltimore, no ano de 1922, na qual Bertha Lutz participou como representante

<sup>173</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 19, ano XXIX, 28 de abril de 1928, p. 13, Rio de Janeiro.

<sup>174</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 20, ano XXIX, 05 de maio de 1928, p. 26, Rio de Janeiro.

<sup>175</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 44, ano XXX, 22 de agosto de outubro, p. 23, Rio de Janeiro.

brasileira, e ocupou o cargo de vice-presidenta da associação. Rachel Soihet (2000) afirma que a partir desse encontro na Conferência Interamericana, o feminismo brasileiro ligou-se intimamente ao feminismo internacional

O feminismo brasileiro torna-se, a partir daí, intimamente ligado ao norte-americano, no caso, à NAWSA – *National American Woman's Suffrage Association* –, vertente conservadora que assumira a liderança naquele país. Terminada a Conferência, as representantes latino-americanas fundaram a Associação Pan-Americana de Mulheres, estabelecendo-se que em cada país latino-americano haveria uma Associação Nacional subdividida em associações estaduais, de acordo com a constituição dos referidos países. (SOIHET, 2000, p. 101)

Essa ligação entre o feminismo brasileiro e internacional, em especial dos Estados Unidos, vai ser realizado especialmente através da figura da bióloga Bertha Lutz, e por consequência, com a FBPF, que das associações brasileiras é a mais citada dentro deste eixo. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino aparece neste eixo vinculado com a União Interamericana de Mulheres, como se esperava, tendo em vista a conexão indicada pelo trabalho de Soihet anteriormente, mas também se vinculado com uma personalidade política nacional específica, Juvenal Lamartine. A *Revista da Semana* indica a ligação do político com a associação feminina ao publicar sobre as homenagens prestadas ao governador do estado do Rio Grande do Norte, por ser considerado o pioneiro do voto feminino e apoiador do feminismo. Um desses encontros pode ser visto na figura 20.

Figura 22 - Homenagem da FBPF ao governador Juvenal Lamartine



Fonte: REVISTA DA SEMANA, nº 30, ano XXXI, 12 de julho de 1930, p. 26, Rio de Janeiro.

O eixo temático sobre **determinismo** biológico se vincula estreitamente com eixo temático inabilidade, onde a características ditas naturais das mulheres habilitam ou não suas atividades, incluindo a possibilidade de exercer os direitos políticos com sabedoria. Esses dois eixos concentram três dos sete conteúdos contrários ao voto feminino, indicando que questões

sobre as características femininas serem um dos pontos que suscitavam debate na imprensa. Para compreender melhor os dois lados dessa discussão, a análise será feita em cada um dos eixos, determinismo e inabilidade, primeiro dos materiais que se apresentam de forma favorável, e depois de forma contrária.

Quando se estuda o eixo de determinismo<sup>176</sup> de forma positiva, a revista afirma<sup>177</sup> que com a inserção das mulheres no Ministério do Exterior, que a posição delas no Palácio do Itamaraty seria o primeiro passo para a ascensão política da população feminina, demonstrando por fim que não seria, sobretudo, o sexo fraco. Em um raro artigo favorável ao feminismo, Clara Lúcia indica que com a inserção das mulheres na política, o ambiente ganharia a graça feminina, que contagiaria os outros membros das Câmaras, tornando tudo mais civilizado.

Os oradores mais impetuosos e desabusados deixarão, diante das senhoras, de berras as frases e atirar os gestos que tão gravemente comprometem as instituições parlamentares. As mulheres levarão, não só os seus vizinhos de bancada, mas toda a assembleia, a apurar a forma literária, a medir e equilibrar o jogo dos acionados. Sob qualquer regime político, a Mulher é hoje, dentro do Poder Legislativo, uma espécie de Poder Moderador<sup>178</sup>.

Agora, o argumento mais contundente sobre os motivos que fazem a mulher ter direito políticos fica a cargo de Maria de Lourdes, onde indica que se às mulheres cabem todas as exigências de um cidadão, como “responsáveis pelos seus delitos, se paga impostos [...]”<sup>179</sup> por que não poderia votar? A autora indica ainda que os homens não deveriam temer essa inserção feminina, pois esse passo progressista não impactaria o encanto feminino, que tal condição inflaria as características femininas o amor, assim como o prazer da amizade e companhia feminina.

Já o debate que se apresenta de forma contrária é colocada no eixo temático do determinismo pela crônica de João Luso, intitulada *Um feminista sincero*<sup>180</sup>, onde indica, entre outros elementos, que as mulheres, se obtivessem direitos políticos, votariam em outras mulheres apenas pelo fato de serem bonitas. Beatriz Delgado<sup>181</sup> advoga que “A mulher é uma criancinha caprichosa que aprecia as futilidades, através de todos os tempos e de todas as decepções que a vida impõe.”, sendo assim essa futilidade se estenderia também para o sufrágio, que assim que as mulheres o obtivessem, o deixariam de lado como um brinquedo quebrado,

<sup>176</sup> O eixo de inabilidade não demonstrou um posicionamento sobre emancipação, contando com materiais neutros e negativos, apenas.

<sup>177</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 40, ano XXIX, 22 de setembro de 1928, p. 26, Rio de Janeiro.

<sup>178</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 40, ano XXX, 21 de setembro de 1929, p. 03, Rio de Janeiro.

<sup>179</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 48, ano XXVIII, 19 de novembro de 1927, p. 26, Rio de Janeiro.

<sup>180</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 51, ano XXVIII, 10 de dezembro de 1927, p. 03, Rio de Janeiro.

<sup>181</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 27, ano XXIX, 23 de junho de 1928, p. 20, Rio de Janeiro.

como seria habitual das mulheres, por sua natureza. Parte do conteúdo contrário ao voto feminino foi expresso através de charges, pelo caráter satírico desses conteúdos, foram elencadas como contrárias à causa emancipatória. Todas as charges foram assinadas por Raul Pederneiras e serão anexadas nos anexos desse trabalho.

Em *O voto feminino*<sup>182</sup>, anexo A retrata a diversas situações em que as mulheres demonstram que dedicariam seus votos por motivos não políticos, seja por interesse matrimoniais, ou seja, quererem usar o voto como estratégia para conseguir casamento, assim como utilizar dessa possibilidade para proteger as mulheres na política, votando apenas entre si, independente dos candidatos disponíveis. No *Situações feministas*<sup>183</sup>, anexo B, Raul Pederneiras parece afirmar que o que faria uma mulher uma grande eleitora, seria sua beleza física. Ao passo que uma candidata independente, tal como aponta a charge é vista como reclusa e fora de forma.

Outro eixo temático levantado neste recorte temporal é o referente aos pleitos eleitorais, ou seja, as **eleições** que ocorreriam no Brasil no ano de 1930. Aproveitando o ensejo a revista publica algumas matérias sobre o tema eleições. Esse eixo se liga com o eixo do pioneirismo, uma vez que comenta sobre as primeiras mulheres a participar de pleitos eleitorais, ou simplesmente comenta o resultado dessas votações. No artigo sem autoria *Campanhas eleitorais de ontem e hoje*<sup>184</sup>, a *Revista da Semana* traça um paralelo entre as eleições dos tempos da Antiga Roma com a atualidade, indicando que naquelas eleições mulheres participavam apenas de forma indireta, tal como no momento da escrita do artigo. Isso levaria a acreditar que mesmo se transpondo dois mil anos entre um momento e outro, pouco progresso foi feito na política. Os debates legislativos pelo direito ao voto também são articulados em outro artigo sem autoria, *Os direitos cívicos da Eva*<sup>185</sup>, no qual o articulista, além de exaltar o voto feminino no Rio Grande do Norte, questiona que se mesmo com essa vitória, descrita como estrondosa, o Senado Federal permitiria “condenar a mulher à incapacidade política.”

Enquanto as questões políticas permanecem no campo das ideias ou restrita a localidades específicas no país, as únicas fotografias possíveis para esse eixo dizem respeito a acontecimentos internacionais. Esse material fotográfico se restringiu então ao acompanhamento de um pleito municipal no Japão, onde as mulheres estão sendo inseridas que pode ser acompanhada na figura 22.

<sup>182</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 10, ano XXIX, 25 de fevereiro de 1928, p. 32, Rio de Janeiro.

<sup>183</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 48, ano XXIX, 17 de novembro de 1928, p. 37, Rio de Janeiro.

<sup>184</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 43, ano XXX, 12 de outubro de 1929, p. 18, Rio de Janeiro.

<sup>185</sup> REVISTA DA SEMANA, nº 17, ano XXIX, 14 de abril de 1928, p. 29, Rio de Janeiro.

Figura 23 - Eleições no Japão



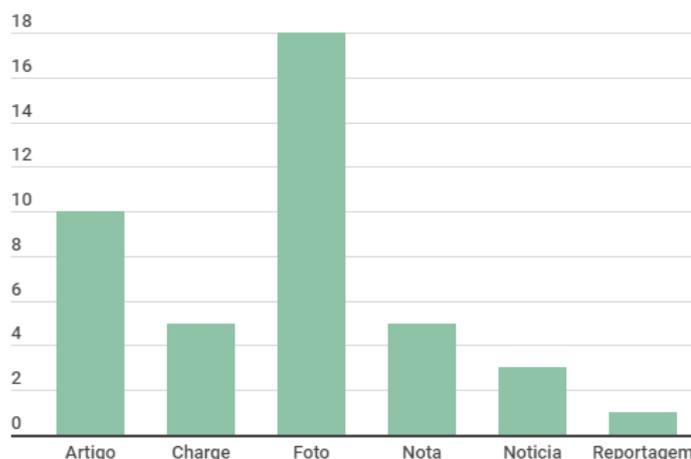
Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 29, ano XXX, 06 de julho de 1929, p. 17

### 3.2.2 Voto de novembro de 1930 até dezembro de 1934

Entre novembro de 1930 e dezembro de 1934 a categoria voto arregimentou um total de 45 matérias, entre elas, apenas treze tratavam de conteúdos internacionais, dando um maior destaque para os assuntos que ocorriam no território nacional. Das assinaturas que se fizeram presentes, quatro eram de autoria feminina, três masculinas e as demais 38 não apresentaram o nome de quem as redigiu. As colunas se mostraram diversas, porém com um baixo número de materiais, sendo as mais volumosas *Jornal de São Paulo* e *Conselhos sociais*, com duas matérias cada, e as demais com apenas um conteúdo, *Variedades*, *Colcha de Retalhos*, *Atualidades femininas*, *Mulheres na atualidade*, *Notícias e comentários*, as demais matérias não se inseriram em nenhuma coluna específica. Na divisão espacial, o primeiro quartil apresentou apenas quatro conteúdos; o segundo quartil, onze; o terceiro, e mais numeroso, 16; e por fim, o último quartil com 14 matérias. Quanto aos posicionamentos sobre a temática da emancipação feminina, a maioria deles se posicionou de forma neutra, em um total de 22, já as matérias favoráveis totalizaram 16, e as contrárias, 07.

Com a divisão por gêneros jornalísticos, demonstra, mais uma vez, uma maioria de fotografias, sendo seguido do gênero jornalístico de artigos, conforme fica claro no gráfico 11 que pode ser visto abaixo.

Gráfico 11 - Divisão por gênero jornalístico da categoria voto entre novembro de 1930 a dezembro de 1934



Fonte: Elaboração própria

Tabela 9 - Eixos temáticos da categoria voto entre novembro de 1930 e dezembro de 1934

Eixo temático	Quantidade
Eleição	08
Reformas	06
Candidaturas	06

Fonte: Elaboração própria

Assim como no recorte temporal anterior, matérias que se dedicaram a comentar sobre **eleições** obtiveram destaque na categoria sobre voto. Utilizando a mesma lógica anterior, que verifica conteúdos nacionais e internacionais distintamente, foi possível observar que os conteúdos internacionais, um total de cinco, quatro deles foram publicados entre 1931 e 1932. No ano de 1933, ano das primeiras eleições que contaram com a participação feminina no país, apenas conteúdo nacionais foram publicados na revista, com a última matéria internacional sendo publicada em 1934. Dessa forma é possível inferir sobre a importância que essa votação teve, uma vez que foi o único conteúdo citado naquele ano, quando a revista se dedicava a falar sobre eleições.

Os materiais internacionais publicados entre 1931 e 1932 se detiveram em mostrar que as mulheres estavam elegendo e sendo eleitas mundo a fora. A ideia de naturalidade e colaboração da sociedade como um todo para as causas do sufrágio podem ser vistas na fotografia que mostra um policial cuidando de crianças na rua para que suas mães pudessem votar, conforme pode ser visto na figura 23.

Figura 24 - Policial inglês cuidando de crianças para suas mães votarem<sup>186</sup>



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 10, ano XXXIII, 20 de fevereiro de 1932, p. 40

A *Revista da Semana* não apenas indica que as mulheres eram eleitas, mas também se detém em nomear essas mulheres, falando sobre quais postos elas passaram a ocupar, assim como ocupando suas páginas com pequenas biografias de suas vidas<sup>187</sup>. Em uma dessas matérias que elenca quais as mulheres ganharam as eleições, ganha destaque a publicada em *Uma grande vitória para o feminismo*<sup>188</sup>, nela afirma que a vitória de uma mulher, no caso a primeira senadora a ser eleita nos EUA, representa não apenas uma vitória pessoal, mas uma vitória para todas as mulheres, e que todas as mulheres deveriam sentir orgulho. Ainda que a vitória eleitoral seja dada como uma vitória universal, a matéria faz questão de diferenciar geograficamente o bom e mau feminismo. As mulheres dos Estados Unidos seriam responsáveis por uma visão feminista movida por um interesse egoísta, o que não seria compartilhado pelas mulheres da América Latina

O feminismo americano é agressivo, exige. Quando não obtém, toma; o marido assumiu compromissos, se não os cumpre abandona-o como um mau associado; daí o número considerável de divórcios. Se o feminismo delas é agressivo o nosso é apenas defensivo: defensivo contra as dificuldades crescentes da vida, defensivo contra as injustiças da sorte; mas tão desejoso de colaboração no pé de igualdade com o homem, com o marido; tão desejoso de não precisar defender-se!<sup>189</sup>

<sup>186</sup> A figura 24 é um dos poucos exemplos do uso de fotografias sobrepostas localizadas dentro desse recorte temporal, logo, a imagem de uma mulher segurando um cachorro não faz parte da imagem que interessa nessa análise.

<sup>187</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 03, ano XXXIII, 02 de janeiro de 1932, p. 02, Rio de Janeiro.

<sup>188</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 28, ano XXXIII, 25 de junho de 1932, p. 35, Rio de Janeiro.

<sup>189</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 28, ano XXXIII, 25 de junho de 1932, p. 35, Rio de Janeiro.

Ao analisar os conteúdos publicados em 1933, ou seja, os conteúdos que falam sobre as eleições nacionais, os principais gêneros jornalísticos que se apresentam são os de fotografia, que cobriam as eleições. Os quatro materiais que compõem esse grupo foram publicados todos na mesma edição da revista, no dia 13 de maio, segundo sábado após as eleições para a Assembleia Constituinte, que ocorreram no dia 03 daquele mês, em uma quarta-feira. Essa edição da *Revista da Semana* faz uma cobertura do dia da eleição nas cidades do Rio de Janeiro<sup>190</sup>, Niterói<sup>191</sup>, e até mesmo em São Paulo<sup>192</sup>. Nas fotografias que apontam a participação feminina, colocam as mulheres no centro da fotografia, depositando o voto na urna ou aguardando o momento de depositarem seu voto nas urnas em grupo.

Um artigo de Saul de Navarro ganha destaque nessa edição, com uma página inteira que conta com três fotografias de zonas eleitorais cariocas, sob o título *O voto de Eva*<sup>193</sup>, se constituiu como o principal artigo que tem como objetivo discorrer sobre as impressões registradas na cidade naquele dia atípico. Nele o autor comenta sobre as transformações nesse pleito, marcando a presença das mulheres como fator decisivo, especialmente para a motivação de todos irem votar, afinal, deixariam os homens de cumprir seus deveres políticos enquanto as mulheres o iriam fazer peso? O comparecimento das mulheres, de acordo com Saul, foi decisivo também para os ânimos que se instalaram nos locais de votação, tornando o ambiente mais agradável, com a doçura que caracterizaria todas as mulheres, como a fotografia que acompanha o artigo demonstra e pode ser vista na figura 24.

Figura 25 - Mulheres aguardando para votar no Meyer



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 18

<sup>190</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 20, Rio de Janeiro.

<sup>191</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 24, Rio de Janeiro.

<sup>192</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 15, Rio de Janeiro.

<sup>193</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 18, Rio de Janeiro.

Entre os elogios tecidos por Saul de Navarro para as eleitoras cariocas, sua paciência e determinação são louvadas, uma vez que aguardaram pacientemente e com grande alegria as longas e demoradas filas para o momento tão esperado.

A campanha feminista foi sagrada pelo voto, não só aqui como em toda a nação que se renova e redime. Em São Paulo a mulher foi sereia de um milagre cívico. A gaúcha também aproveitou o grato ensejo para revelar a flor do seu élan patriótico. A mineira, discreta e meiga, votou como se cumprisse um ex-voto. Não menor foi o prodígio da nortista vibrante, que surgiu num dengue de brasilidade amorável. Mas a carioca foi, por tudo, a graça superlativa do pleito memorável e edificante; botou por si, ora escolhendo nomes lavados em água benta, ora sufragando um candidato diabolicamente irresistível – o causídico Heitor Lima, campeão do divórcio.<sup>194</sup>

Além dos elogios elegantes de Saul de Navarro, o autor aproveita o espaço para tecer críticas ao sistema eleitoral anterior, censurando a prática do voto a cabresto, onde “os defuntos ressuscitavam por um passe mediúnico” para votarem. E essa modificação eleitoral seria um “influxo benévolo da Revolução e por efeito mágico do Código Eleitoral”. Mesmo com a ideia de que a transformação eleitoral tenha sido fruto direto da reforma do Código Eleitoral, Saul não indica em nenhum momento que o voto feminino tenha sido uma benesse dessa reformulação das leis, mesmo que não indique a luta feminista em nenhum momento do seu artigo.

Os conteúdos que se dedicaram a comentar sobre a reforma eleitoral do período foram suficientemente numerosos para que formassem um eixo temático específico. Acompanhando as tramitações das novas leis eleitorais do país, a revista informa aos seus leitores as publicações parciais da reforma. O artigo *A reforma eleitoral*<sup>195</sup> se detém nas questões que dizem respeito a inserção das mulheres na esfera política, ao descrever quais as condições necessárias para a habilitação das mulheres de todo país para que possam usufruir dessa conquista.

São admitidas a inscrever-se eleitoras, desde que preencham as demais condições legais: a) a mulher solteira *sui juris*, que tenha economia própria e viva de seu trabalho honesto, ou do que lhe rendam bens, empregos ou qualquer outra fonte de renda lícita; b) a viúva em iguais condições; c) a mulher casada, que exerça efetivamente o comércio ou seja chefe ou gerente de estabelecimento industrial ou firma comercial, e bem assim a que exerça efetivamente qualquer lícita profissão, com escritório, consultório ou estabelecimento próprio ou em que tenha função devidamente autorizada, ou que se presuma autorizada pelo marido, na forma da lei civil; d) as operárias ou empregadas em estabelecimento fabril ou comercial, casadas ou não, contanto que tenha economia própria.<sup>196</sup>

<sup>194</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 22, ano XXXIV, 13 de maio de 1933, p. 18, Rio de Janeiro.

<sup>195</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 40, ano XXXII, 19 de setembro de 1931, p. 25, Rio de Janeiro.

<sup>196</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 40, ano XXXII, 19 de setembro de 1931, p. 25, Rio de Janeiro.

Após detalhar quais as condições para o voto feminino, o artigo sem assinatura afirma que tal vitória é parcial, uma vez que não se permite que as donas de casa tenham esse direito garantido, assim como todas as mulheres. Afirma ainda que perde a nação com essa exclusão, uma vez que com a experiência feminina as donas de casa contribuiriam em grande medida para, pelo menos, um orçamento equilibrado.

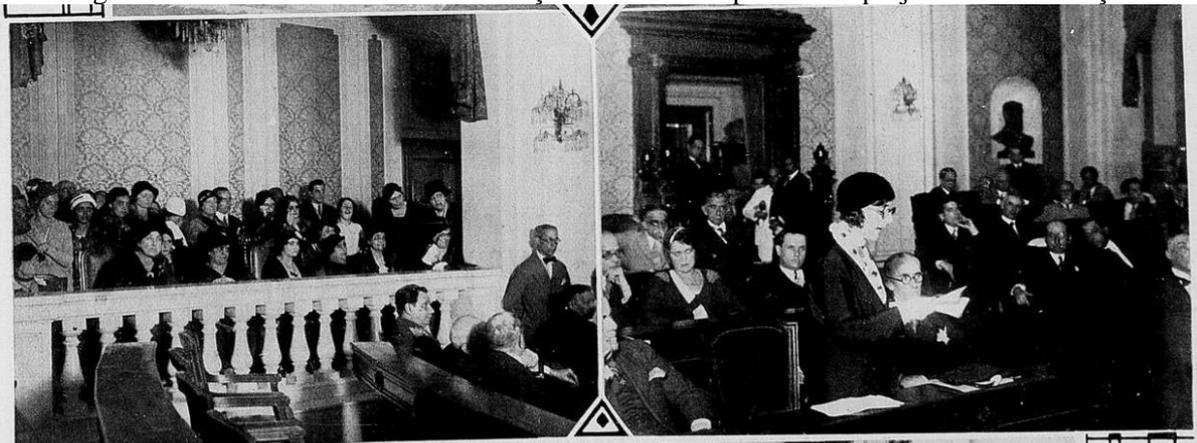
Ainda no acompanhamento dos processos legislativos da **reforma eleitoral**<sup>197</sup>, o periódico fez questão de citar os responsáveis por essas alterações, elencando nomes como Assis Brasil e João Cabral, indicando que ambos seriam os incumbidos de erigir o novo processo democrático, definido como o primeiro passo para a normalidade do regime constitucional. Não deixa de citar também que ambos citados estariam dando continuidade ao trabalho de Mauricio Cardoso, demonstrando assim que a *Revista da Semana* não apenas se dedicava a noticiar fatos isolados, como comentava sobre as personalidades responsáveis pelas mudanças políticas que ocorriam no país naquele período. Mesmo a maior parte da matéria comentando sobre as personalidades que tocavam o processo da nova legislação, novamente em suas partes finais ressalta que as mulheres iriam obter o voto. Dessa nova possibilidade se coloca uma grande expectativa na nova função feminina, a melhoria geral do regime político, deixando o processo eleitoral uma “delícia de regime”, em vez da democracia rudimentar que seria até então.

Entretanto, a presença feminina nas eleições não é colocada unicamente na posição de eleitoras. Ao dar continuidade a seu papel de noticiar o passo a passo dos trabalhos das reformas políticas que se instituem no país, a revista trata sobre o estabelecimento da nova Constituição Nacional. Neste interim dá destaque para a participação feminina na sessão de instalação dos trabalhos da Comissão instituída pelo Governo Provisório para elaborar o anteprojeto da Constituição. Além de representar as duas indicadas, Bertha Lutz e Natércia da Silveira em meio ao grupo de homens que constituem o grupo de trabalho, traz fotografias específicas de Bertha Lutz discursando, assim como uma reprodução da tribuna destinada a delegação feminina, como pode ser vista na figura 25.

---

<sup>197</sup> REVISTA DA SEMANA, n° 07, ano XXXIII, 30 de janeiro de 1932, p. 24, Rio de Janeiro.

Figura 26 - Tribuna feminina na instalação da comissão para o anteprojeto da Constituição



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 49, ano XXXIII, 19 de novembro de 1932, p. 15

Na fotografia é possível inferir que a tribuna feminina se localizava ao fundo do espaço onde ocorre o evento, uma vez que as cadeiras que estão no primeiro plano da fotografia. Também é possível perceber que a tribuna conta com uma lotação considerável, com muitas mulheres em pé, muito próximas umas das outras, sendo que, da direita para a esquerda, as duas primeiras mulheres não tem espaço para conseguirem ver o que se passava, precisando se curvar para enxergar. Sendo assim é válido concluir que o número de interessadas era maior do que era comportado por apenas uma das tribunas do espaço.

Entre os conteúdos difundidos nas páginas da *Revista da Semana* foi possível ver destaque nos conteúdos que trazem das mulheres que são **candidatas** em eleições do período. Os gêneros jornalísticos que mais se destacam neste eixo são os de entrevista. Como comentado anteriormente no texto introdutório desta categoria, umas das ferramentas para a conquista do sufrágio foi a divulgação massiva das ideias das associações feministas, e o que melhor que a divulgação das palavras dessas próprias mulheres? Com as eleições para a Assembleia Legislativa, a opinião das candidatas, assim como a opinião de figuras de relevância na sociedade carioca sobre essas candidatas, obteve, em alguma medida, destaque entre as publicações da revista.

A primeira característica que chama atenção é que dos seis materiais selecionados para esse eixo, três levam a palavra feminista ou feminismo em seus títulos, fato que não foi observado com tanta frequência em outros conteúdos. Assim é possível inferir uma vinculação proposital dos materiais onde as mulheres expressam suas opiniões e a identificação desses discursos com a causa feminista, mesmo que não necessariamente se encontre essa expressão nos conteúdos.

Acredito que a entrevista<sup>198</sup> intitulada *O feminismo triunfante! A mulher na Constituinte*, seja a matéria mais relevante deste eixo. Assinada por Rachel Prado, inicia com uma pequena biografia de cada uma das candidatas. Leolinda Daltro é descrita como pioneira do feminismo que foi injustiçada pelas ideias do tempo. Bertha Lutz como responsável pela aproximação internacional das brasileiras, tendo reunido esforços para obtenção do sufrágio. Natércia Cunha sendo uma líder eficaz de um feminismo construtor e discreto. Ilka Labarthe seria a candidata socialista com um plano de ação em favor da liberdade de consciência. Anna Cesár é descrita como antiga feminista, que luta pela alfabetização e cultura. E por fim, Georgina de Azevedo Lima é uma desconhecida, sem pautas feministas, e o que se sabe é o exposto na matéria, mas ao mesmo tempo indica que é a candidata com o maior número de votos. Ao longo das duas páginas que compõe essa matéria foram distribuídas fotografias de todas as candidatas, algumas com as assinaturas das respectivas mulheres<sup>199</sup>, como pode ser observado na figura 26.

Figura 27 - Fotografia assinada por Ilka Labarthe



Fonte: *REVISTA DA SEMANA*, nº 23, ano XXXIV, 20 de maio de 1933, p. 20

Mesmo que na matéria não informe as perguntas que foram feitas, através das falas das candidatas ficam claras ao menos quatro das questões, suas opiniões sobre as eleições que passaram, como se tornaram candidatas a constituinte, se acreditam que seriam eleitas e sobre suas plataformas eleitorais. Fica evidente que o espaço dedicado para cada uma das mulheres é

<sup>198</sup> *REVISTA DA SEMANA*, nº 23, ano XXXIV, 20 de maio de 1933, p. 20-21, Rio de Janeiro.

<sup>199</sup> Como a resolução das imagens da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional não são de boa qualidade, em algumas das fotografias não é possível observar a imagem com clareza, dessa forma não posso confirmar se todas tinham ou não assinaturas.

bastante desigual, a ordem de distribuição é decrescente, na mesma ordem de apresentação que aqui foi exposto.

Quanto as opiniões sobre as eleições, foi possível perceber uma pluralidade de pontos de vista. Candidatas descrentes com um possível voto consciente das mulheres, outras esperançosas com o futuro, e outras animadas com a possibilidade que se abre. As plataformas eleitorais dizem respeito a edificação da nação, promoção de educação e algumas comentam sobre serem ou não partidárias da instituição do divórcio no país.

Porém existem perguntas cujas respostas são muito próximas. Quando questionadas sobre como lançaram suas candidaturas, todas afirmam que não foi por iniciativa própria, e sim conhecidos que indicaram seus nomes, por vezes associações. Outra pergunta que teve consenso entre as candidatas foi sobre suas esperanças de eleições, onde todas relataram saberem que não iriam se eleger.

As entrevistas não ficaram restritas as candidatas cariocas, em São Paulo foram entrevistadas, também por Rachel Prado, as candidatas Olivia Guedes Penteado e Carlota Pereira de Queiroz. Nessa matéria também pode ser observado uma desigualdade de distribuição de espaço dos conteúdos, com Carlota Pereira de Queiroz tendo quase três vezes mais espaço que Olivia Penteado, além da primeira ser a única que tem seu retrato estampado na página. O roteiro e respostas são muito próximas das anteriores, por não ser o objeto central dessa pesquisa, não irei me deter.

De forma geral o eixo se dedicou a dar espaço para que as mulheres que concorreram a constituinte pudessem expor suas plataformas políticas, com o divórcio sendo umas das pautas. Mostrou uma pluralidade de ideias entre as candidatas, ainda estivessem alinhadas quanto a falta de esperança de conquistar a vitória naquele pleito.

O voto feminino teve uma repercussão considerável nas páginas da *Revista da Semana*, levantando opiniões distintas a respeito dos direitos políticos das mulheres. Se apresentando como uma das categorias que demonstrou uma maior diversidade no que se refere aos gêneros jornalísticos pelos quais publicita suas matérias, também se destaca por ter charges adicionadas aos conteúdos analisados. Quanto a nacionalidade das matérias, a revista privilegiou conteúdos do âmbito nacional, tendo em vista o momento de transformação dos direitos políticos do país. Esse debate efervescente colaborou para que a categoria trabalho registrasse 18 conteúdos com autoria identificada, um número maior de assinaturas se comparado com as demais categorias analisadas. Ratificando a afirmação de que a categoria de voto suscitou intenso debate na revista, além do alto número de materiais opinativos que compuseram o *corpus* documental, essa categoria foi a que apresentou o maior número de conteúdos contrários ao sufrágio

feminino, indicando assim que a *Revista da Semana* pode ser vista como uma plataforma que apresenta múltiplos pontos de vista, ainda que de forma geral, mantenha uma maioria de conteúdos neutros, seguidos por conteúdos favoráveis à categoria.

Dentro do recorte temporal de 1927 até 1930, a revista demonstrou a recorrência de eixo observados em outras categorias, como o pioneirismo e determinismo que foram as categorias mais numerosas neste primeiro momento. O pioneirismo se destacou por traçar uma linha histórica muito antiga, se comparado com os demais exemplos situados nesse mesmo eixo temático em outras categorias de análise. Mas como não poderia deixar ser diferente, o grande destaque no eixo de pioneirismo foi o fato de Celina Viana, se consagrar como a primeira mulher eleitora no país, no Rio Grande do Norte.

Já em determinismo, a revista apresenta um enfoque mais combativo, onde surge a ideia de que o sufrágio feminino deveria ser visto não apenas por ser uma ferramenta para a melhoria do país, mas por se configurar como um direito das mulheres, que tal os homens é alguém que deve responder por seus atos e paga seus impostos, logo não teria motivos para não usufruir dos direitos políticos. Já as opiniões que se colocam de forma contrária ao voto feminino, se apoiam na inabilidade política feminina, afirmando que as mulheres não seriam guiadas pela lógica, se deixando levar pelas emoções e assim, não sendo aptas para exercer o voto. Questões sobre a inabilidade feminina, seja como característica natural ou não, foi numerosa o suficiente para constituir um eixo próprio, que em grande medida não se difere dos demais, além do já citado acima,

No que se refere as organizações femininas nessa categoria, a *Revista da Semana* reforça a publicização de matérias sobre a FBPF e suas atividades por todo Brasil, assim como se detém nas conferências pelas quais a FBPF e suas integrantes participando, demonstrando assim uma preferência pelo ‘tipo’ de feminismo da FBPF.

As eleições, ainda que se mostre um dos eixos temáticos com menor número de matérias, foi relevante para esse trabalho, uma vez que demonstra uma evolução entre o primeiro e o segundo recorte temporal aqui analisado. Se o primeiro momento as eleições abordadas são estrangeiras, as questões nacionais se restringem ao acompanhamento do debate legislativo a respeito do voto feminino. Entre 1930 e 1934, o eixo sobre eleições dá enfoque para matérias nacionais, cobrindo as eleições na cidade do Rio de Janeiro, sendo em grande medida através de fotografias. Com esses materiais podemos identificar que o bairro do Meyer, subúrbio carioca, foi um dos que teve a atenção dos jornalistas, podendo ser um indicativo do público que a revista objetivava atingir. Os debates legislativos da comissão para o anteprojeto para a Constituição também foram incluídos nesse eixo temático, com uma forte presença das

mulheres. Sendo assim, a *Revista da Semana* indica que a presença feminina na política se colocava com uma constante.

Esse segundo recorte temporal se mostrou completamente envolvido nas questões eleitorais. As reformas que estavam sendo feitas entre os anos finais da década de 1920 e o início dos anos de 1930, foi acompanhado com proximidade suficiente para constituir um eixo de análise próprio, deixando clara as intenções da revista em acompanhar, ainda que de forma não aprofundada, os debates políticos em torno não apenas do sufrágio feminino, mas também da Constituição brasileira. A candidatura das mulheres a constituinte, assim como seu papel de eleitoras foi amplamente divulgado. Enquanto candidatas, a revista deu preferência para matérias que divulgassem a opinião dessas mulheres, onde pudessem falar sobre suas plataformas, da mesma forma que possibilitou que mulheres proeminentes expressassem suas opiniões a respeito das candidatas. Sendo assim fica a revista pode ser vista como uma ferramenta para as mulheres divulgassem suas opiniões e plataformas políticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que guiou essa pesquisa se manteve quase inalterado desde o projeto inicial<sup>200</sup>, compreender como a *Revista da Semana* abordava questões referente à emancipação feminina entre outubro de 1927 e dezembro de 1934. Na inocência de uma pesquisadora iniciante, acreditei que o trabalho seria mais simples do que se apresentou. Além das leituras evidentes, sobre metodologia e levantamento bibliográfico sobre o objeto de pesquisa, precisei recorrer a leituras das quais não tinha familiaridade e que compunham as categorias de análise, trabalho, educação e voto, sendo o último o único no qual já havia me inteirado de forma mais expressiva, devido meu trabalho de conclusão de curso da graduação. Com isso, ao longo desse curto período do mestrado, precisei pesquisar sobre esses temas, compreendê-los não apenas no recorte temporal no qual me detive, mas entender como era no período anterior, para assim distinguir o que as mulheres queriam mudar quando pediam transformações nessas áreas. E só depois disso, conseguir condensar essas leituras em um pequeno espaço destinado para cada uma das categorias.

Para atingir o objetivo central da pesquisa, primeiramente foi necessário conhecer a própria revista, uma vez que o periódico foi analisado em duas instâncias, fonte e objeto. Como demonstrado ao longo desse trabalho, foram poucos os estudos que se dedicaram a pesquisar sobre a *Revista da Semana*, em especial seus anos iniciais, isso pode ser constatado ao observar as pouquíssimas informações sobre as transações de compra e venda que permearam a empresa. Como esforço para transpor essa barreira, me detive em analisar alguns pontos, baseados nos trabalhos metodológicos citados ao longo da dissertação, que acreditei que colaborariam para essa tarefa. Para isso, analisei informações essenciais contidas no cabeçalho da primeira edição, assim como fiz a leitura das edições correspondentes aos meses de aniversário da revista, período no qual a revista poderia rememorar sua história. Como resultado, confirmei algumas informações nas quais encontrei divergência na bibliografia consultada, e levantei informações que não localizei em nenhum dos materiais que tive acesso, como por exemplo as informações extraídas do artigo de Alvaro Tefé.

A *Revista da Semana*, na sua primeira edição, em 1900, se auto classifica como sendo de variedades, e Sodré (1999) a rotula como o que podemos considerar ‘feminina’ a partir de 1914. Até o momento da entrega dessa dissertação não localizei nenhum trabalho que se

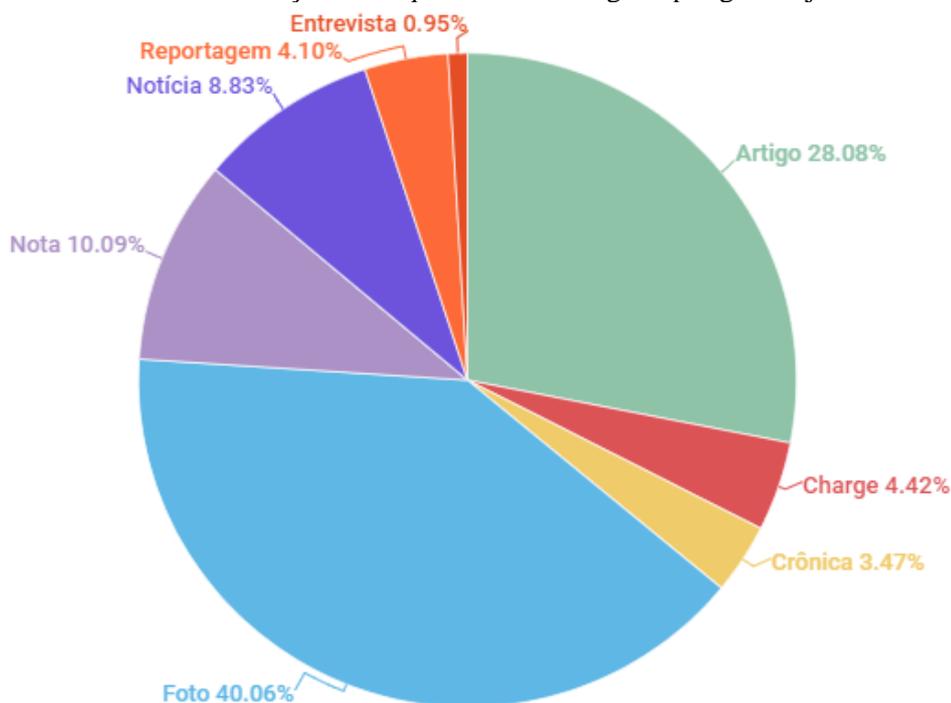
---

<sup>200</sup> Ainda nos primeiros momentos da pesquisa um ajuste foi feito quanto ao recorte temporal da pesquisa, que inicialmente havia sido pensado para ter início no ano de 1922, entretanto como seria feita a leitura integral das edições da revista, não seria possível abordar um período tão longo.

dedique a estudar essa transição de forma aprofundada. No entanto, se for levado em consideração os critérios estabelecidos por Dulcília Buitoni (2009) vemos que a revista não se enquadra em vários dos aspectos levantados pela autora que contemplariam uma revista feminina, com exceção da seção *Jornal das Famílias*. Posto isso acredito que, pela análise dos anos de 1927 até 1934, a *Revista da Semana* não pode ser enquadrada como uma revista feminina, e sim como uma revista de variedades que dedica uma seção específica para as mulheres, da mesma forma que contempla temas ligados ao universo feminino em suas páginas, como um dos elementos da variedade de temas nos quais se propõe.

Seguindo a mesma lógica que foi utilizada ao longo desse trabalho, apresentarei primeiramente os dados relacionados as subcategorias, onde impera uma análise de cunho quantitativo. Em cada um dos capítulos os dados quantitativos das categorias foram analisados individualmente, se fazendo necessário então uma compreensão de todo o conjunto, como pode ser analisado através do gráfico 12

Gráfico 12 - Identificação do *corpus* documental geral por gênero jornalístico



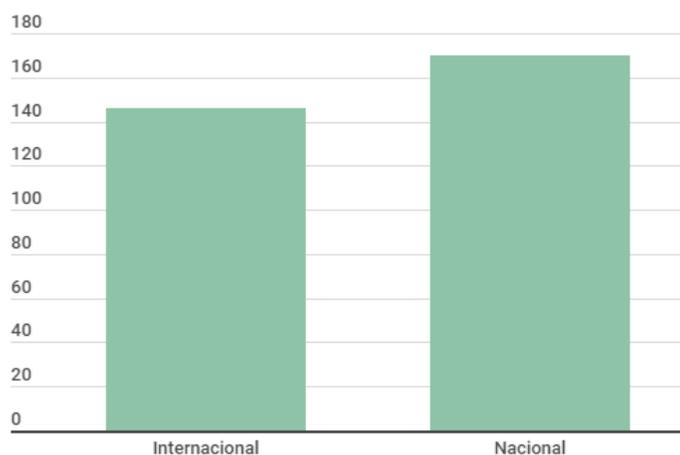
Fonte: Elaboração própria

O gráfico demonstra que ao se referir sobre o montante dos conteúdos reunidos nessa pesquisa, a *Revista da Semana* priorizou transmitir os conteúdos referente à emancipação feminina através de fotografias e, em segundo lugar, através de artigos. Através da preleção imagética se corrobora o *status* que a revista foi uma das principais revistas a utilizar em larga

escala fotografias como recurso visual, não sendo diferente para a temática emancipatória, utilizando-as para divulgar as conquistas femininas ao redor do mundo. Já a utilização de artigos indica que o periódico divulgava conteúdos opinativos, de longas extensões que poderiam ou não contar com a assinatura de seus autores e autoras. Fato que também merece destaque foi sobre o uso de crônicas, um gênero textual que foi identificado apenas nos recortes temporais das categorias entre 1927 e 1930, demonstrando que com a virada para a década de 1930 esse gênero cai em desuso no discurso da revista sobre a emancipação, deixando um dos poucos traços de literatura para trás. As charges por mais que tenham atingido um pouco mais de 4% do material analisado, apenas duas compuseram os eixos principais aqui analisados. Dessa forma, a *Revista da Semana* informava suas leitoras e leitores através de imagens, que poderiam ser lidas também por pessoas não alfabetizadas, ampliando o escopo de consumidores da revista, e facilitando a circulação das ideias que veiculava. Assim como também dispunha primordialmente de artigos de opinião de colaboradoras e colaboradores que, muitas vezes, eram personalidades reconhecidas da sociedade carioca.

Diferentemente da hipótese que eu havia levantando ainda nas primeiras etapas de divisão das unidades de análise, o *corpus* documental arregimentou um número maior de matérias nacionais que internacionais, como pode ser compreendido através do gráfico a seguir.

Gráfico 13 - Divisão do *corpus* documental geral sobre nacionalidade



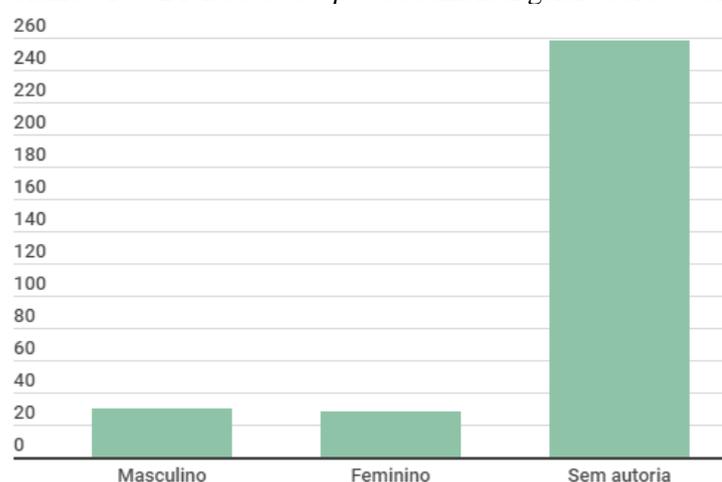
Fonte: Elaboração própria

A superioridade dos conteúdos nacionais, que em muito foi alavancado pela categoria relativa à educação e a publicização dos encerramentos letivos das escolas cariocas, não demonstrou uma grande disparidade, mas ainda assim se sobressaiu. Pude observar também que muitos dos conteúdos internacionais foram trazidos como exemplos que deveriam ser seguidos pelas mulheres brasileiras, sendo essas referências especialmente dos Estados Unidos

e de países orientais, como o Japão. A Inglaterra também teve destaque entre os países estrangeiros, entretanto, a divisão entre dois grupos de ativismo feminino nesse país, que poderíamos elencar como grandes protagonistas tais como Lady Astor e Emmeline Pankhurst, fez com que por vezes elas fossem citadas como referência positiva ou negativa, dependendo de qual vertente se publicava. Os conteúdos nacionais têm ênfase nas conquistas femininas, estando mais alinhadas com uma publicidade dos feitos das mulheres brasileiras, e por vezes com um caráter comemorativo. Assim, o periódico usava os exemplos internacionais como uma espécie de medida para validar as ações referente a emancipação das mulheres brasileiras.

A divisão entre os conteúdos assinados ou não é expresso no gráfico 14.

Gráfico 14 - Divisão do *corpus* documental geral sobre autoria



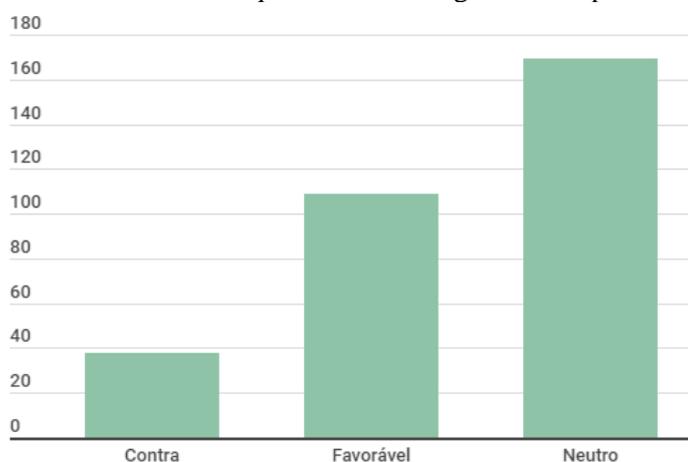
Fonte: Elaboração própria

Com o gráfico, fica visível a superioridade do número de matérias que não possuem a assinatura de seus autores e autoras. Cabe lembrar que esses números são influenciados diretamente pelo material fotográfico, que representou 40% do total do *corpus* documental, e que não apresentam autoria. Todos os conteúdos que tiveram autoria identificada se configuraram como opinativos, dos conteúdos escritos por homens, apenas dois se manifestaram favoráveis às causas emancipatórias femininas, enquanto os textos das autoras mulheres, vinte deles foram positivos. Dessa maneira se pode notar que os colaboradores homens da *Revista da Semana* foram, em sua maioria contrários aos temas que abordam a emancipação das mulheres, tendo destaque entre eles o escritor Berilo Neves, já entre as colaboradoras, a mulher que se destaca por suas ideias contrárias foi Clara Lúcia. Porém é necessário lembrar que Clara Lúcia era um pseudônimo utilizado por João Luso, também colaborador da revista. Com isso, a revista demonstra um posicionamento característico entre os autores e autoras que ali publicam, onde as mulheres convidadas para utilizarem as páginas

da revista como forma de expressão, o fazem de forma a defender a emancipação, enquanto os homens se colocam contra. Da mesma forma, fica claro que a *Revista da Semana* publicou um número semelhante de matérias de autoras e autores, nas questões de emancipação, não havendo uma preferência entre um dos gêneros.

Conforme pode ser observado ao longo de todas as categorias, a maioria das matérias não omitiu opinião, sendo classificadas como neutras, essa proporção é mais bem visualizada no gráfico abaixo.

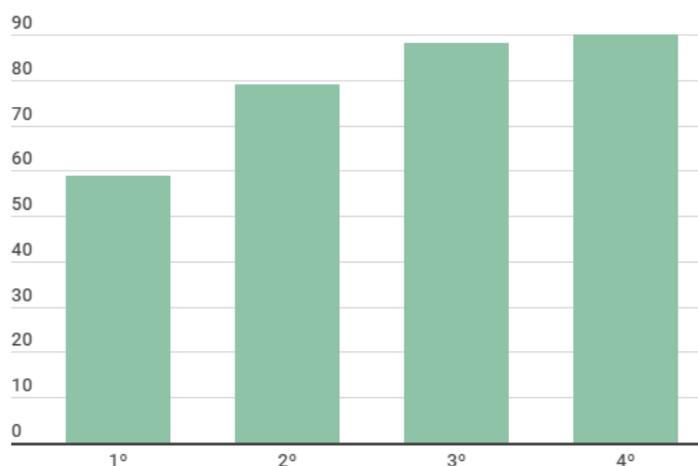
Gráfico 15 - Divisão do *corpus* documental geral sobre posicionamento



Fonte: Elaboração própria

Excluindo então as matérias que não se posicionam claramente sobre questões relativas à emancipação das mulheres, a revista se colocou sobretudo de forma positiva. Sobrepondo os gráficos 15 e 14, se percebe que a diferença entre os materiais assinados por homens e os materiais contrários têm uma proporção semelhante, diferentemente dos favoráveis. Assim, se pode constatar que os materiais contrários foram, em sua maioria, assinados e de autoria masculina. Além disso, tal característica serve como indicativo de que foram poucas as matérias que a revista publicou, sem autoria, que foram negativas a emancipação, deixando a encargo dos seus colaboradores essas opiniões minoritárias, colaboradores esses que por vezes já eram reconhecidos na sociedade carioca pela defesa desses ideais.

A última subcategoria a ser analisada se propõe a identificar em qual posição da revista esses materiais se encontram, e para isso elaborei o gráfico 16.

Gráfico 16 - Divisão do *corpus* documental geral sobre os quartis

Fonte: Elaboração própria

Um dos primeiros pontos de atenção que se precisa salientar na análise do gráfico sobre quartis é sobre a baixa incidência do primeiro quartil. Se deve considerar que nesse primeiro quartil temos o espaço da capa, a página posterior a capa (que, salvo raras exceções, eram dedicadas a publicidade), além de um espaço reservado para algumas publicidades. Tais características contribuem para que no gráfico acima se tenha um menor índice de matérias no primeiro quartil. Este último quartil foi o que apresentou uma superioridade na quantidade de materiais, ainda que não demonstre uma diferença significativa se comparado com o segundo e terceiro quartil. O quarto quartil possui duas particularidades, a primeira delas é referente ao número de publicidades que existem nessa sessão, o que diminui consideravelmente o espaço para publicações; a segunda é sobre a variável de páginas, uma vez que a divisão de páginas é fixa (uma parte a cada dez páginas) e quantidade de páginas por edição variável (entre 40 e 52 páginas). Dessa forma eu entendo que, essas particularidades que de um lado aumentam a possibilidades de espaço para publicações, de outro os diminuem, tornando assim os espaços equânimes.

Da minha perspectiva, essa quase igualdade de distribuição dos conteúdos referentes a emancipação feminina reforçam a hipótese de que mesmo havendo uma seção específica para os conteúdos que se remetem a questões femininas, o *Jornal das Famílias* no quarto quartil, questões sobre emancipação perpassam todas as páginas da *Revista da Semana*, demonstrando que emancipação das mulheres era um debate da sociedade como um todo, portanto, pertinente em qualquer um dos espaços de uma revista de variedades, não apenas da seção dita feminina.

Colocadas as inferências possíveis sobre os resultados quantitativos da pesquisa, darei sequência com as considerações finais, retomando as inferências de cada um dos recortes temporais estabelecidos como critérios de análise.

Entre outubro de 1927 e outubro de 1934 a *Revista da Semana* através das matérias reunidas na categoria de vindicação feminina representou a saída das mulheres do espaço privado para o público. Com um período de transição inicial, as mulheres aparecem ainda em seus espaços domésticos debatendo questões públicas. Envolto em um discurso que se preocupa em demarcar que a inserção das mulheres nos espaços públicos acarretaria melhorias para o país como um todo, uma vez que elas estariam utilizando para o benefício da pátria seus ‘dons naturais’, e que tal ação não implicaria em nenhum prejuízo para seus ‘sagrados deveres’, enquanto mães e esposas. Essa ideia da mulher como um ser dotado de características específicas mediante seu gênero, são colocadas ao longo de todo o recorte temporal, contando com um reforço ao trazer o exemplo das mulheres orientais, em especial as japonesas, como exemplos do ideal feminino como exemplos de bondade, caridade e simplicidade, características que deveriam ser compartilhadas pelas mulheres brasileiras.

Nestes primeiros anos de análise, a revista se concentrou na educação feminina em seus ensinamentos primários, com ênfase na educação doméstica, publicando fotos das formaturas e encerramento dos anos letivos das escolas, incluindo mostras de trabalho onde garotas posam com diversos objetos de decoração. A revista acompanha as modificações pelas quais a educação das mulheres passa, indicando a transição dos espaços escolares dessa educação segmentada e específica para garotas, para um sistema de ensino misto, onde meninas e meninos dividem o mesmo espaço em sala de aula, ainda que com claras divisões espaciais. Apoiando-se em novas pedagogias, a educação como um todo é reestruturada no país, e um dos pontos de apoio para essa transformação se dá através do ensino das normalistas. Entretanto, ao mesmo tempo que as normalistas são inseridas na sociedade para contribuir para um maior acesso à educação, tendo em vista o baixo índice de educadoras da época, o que levaria a maior inserção das meninas nas escolas, elas são educadas para perpetuar alguns estereótipos educacionais destinados às mulheres.

Nas questões referentes ao trabalho feminino, a *Revista da Semana* retrata as mulheres inseridas nos mais diversos setores. Nesse quesito se destacam o pioneirismo no qual as mulheres protagonizaram, destacando seus feitos corajosos, além de serem responsáveis por estabelecer novos limites para todas as mulheres. Além disso, a revista reforça as questões de determinismo das mulheres perante seu gênero, demonstrando que seriam ‘naturalmente aptas’ para ocupar uma série de trabalhos, que antes lhes era negado o acesso. Entre as novas possibilidades de trabalho feminino, a revista destacou o funcionalismo público, como uma das oportunidades para que as mulheres pudessem contribuir para a elevação da nação, trabalhando diretamente para os governos. A *Revista da Semana* também trouxe para debate a inserção das

mulheres nas áreas militares, trazendo como exemplo concreto o Batalhão João Pessoa, que atuou durante o Golpe de 1930. O único exemplo que a revista apresenta em suas páginas que não faz referência as questões nacionais diz respeito as trabalhadoras de fábricas, assunto sensível no país, com as crescentes greves que o país via se desenrolar.

Organização feminina é uma constante que também se apresenta entre os anos de 1927 e 1930 nas questões relativas ao voto das mulheres, não havendo diferença entre eixos nessa categoria e nas demais. O pioneirismo das mulheres nas questões eleitorais se deu principalmente pelo voto precursor de Celina Viana, no Rio Grande do Norte. No eixo relativo ao determinismo é possível identificar uma mudança, exibindo um caráter mais combativo, onde o sufrágio não é visto como uma possibilidade de melhoria da nação, mas sim como um direito feminino. Da mesma forma que a defesa dos direitos ao voto são mais combativos, as críticas contrárias também o são, indicando não apenas que as mulheres deixariam suas tarefas domésticas para se dedicarem ao espaço público, mas também que elas seriam inaptas para isso, não tendo essa capacidade. Por fim, as eleições se mostram como um dos assuntos em destaque ainda no primeiro recorte temporal dessa pesquisa, mesmo que o faça retratando as eleições e participações femininas nos pleitos internacionais.

A escolha por efetuar essa divisão temporal na análise dessa pesquisa se deu, em grande medida, por entender que a ruptura causada pelo golpe político de 1930 poderia acarretar transformações na sociedade que impactariam as questões relacionadas a emancipação feminina. Essa suposição se mostrou uma realidade, como poderá ser visto adiante.

Nas questões de vindicação feminina no segundo recorte temporal, novembro 1930 até dezembro de 1934, há um aumento do número de matérias, indicando um destaque da temática sobre emancipação na sociedade. Nesse momento as mulheres já ocupam o espaço público, no qual as matérias passam a ter um tom de publicidade. O debate sobre o militarismo ganha força, se tornando um debate na sociedade, com a revista publicando opiniões contrárias e afirmativas. A trajetória de vidas das mulheres também ganha destaque, colocando em evidência a vida delas, assim como os limites que ultrapassaram.

A divisão entre os recortes temporais fica mais evidente dentro da categoria educacional. Se a revista antes apresentava quase unicamente o ensino primário, após 1930 a inserção das mulheres no ensino superior se destaca nas páginas do periódico, fazendo questão de salientar que a educação feminina era aprovada por diversos setores da sociedade. A organização feminina ganha uma nova representante de destaque, com a UUF, que atuará como ponto focal para compartilhar informações e auxiliar as universitárias brasileiras. Nesse recorte temporal também foi observado um aumento das críticas aqueles que se manifestam contrários a

emancipação feminina. Essas críticas são mais incisivas nessa categoria do que identificadas até então, acusando os homens de quererem manter as mulheres na condição de servidão, para preservar privilégios ditos como naturais e incontestáveis. Ao mesmo tempo que as críticas aumentam, as declarações sobre a necessidade de igualdade entre meninos e meninas, a começar por uma educação igualitária, sofrem um acréscimo considerável, a ponto de criar um eixo temático próprio.

Já nas questões relativas ao trabalho feminino, o funcionalismo público ganha novos contornos, e a *Revista da Semana* não apenas promove o debate sobre o tópico, mas também dá exemplos de mulheres que estão ocupando os cargos públicos. Ao analisar as matérias que se colocam positivamente às questões emancipatórias no eixo de determinismo biológico, é possível observar a defesa da ideia de que as mulheres, mesmo ocupando empregos no espaço público, conseguiriam manter seu ‘destino natural’, em especial o papel de mãe e esposa, quando positivo as questões emancipatórias. Por fim, congressos e o pioneirismo feminino são elencados novamente, com menor número de matérias, agora dando destaque para as mulheres que foram as primeiras, segundo a revista, a ter uma vida repleta de aventuras. Assim, entendo que a revista poderia intencionalmente destacar que essas mulheres atingiam a liberdade de desbravar lugares inóspitos, muitas vezes sozinhas, o que por si só já desafia os padrões da época, como também demonstrava o desafio físico enfrentado por elas, ao atravessar desertos, por exemplo.

A última categoria, voto, também demonstra uma variação significativa nesse recorte temporal, sendo um dos pontos principais a elaboração do novo Código Eleitoral, que selou a conquista do voto feminino. As eleições passam a representar os pleitos nacionais, com especial destaque para a cobertura fotográfica da votação, de maio de 1933, na cidade do Rio de Janeiro e participação das mulheres. Os debates constitucionais para a comissão do anteprojeto da Constituição também foram itens importantes nesse eixo temático, demonstrando que a *Revista da Semana* se mantinha atualizada, em alguma medida, com as reformas políticas que aconteciam nesse momento ímpar na história do país. A candidatura de mulheres para a Constituinte demonstrou que a participação das mulheres no mundo político continuou sendo uma pauta apoiada pelo periódico mesmo após a conquista do sufrágio.

Em síntese, entendo que a *Revista da Semana* abordou as questões referente à emancipação feminina de forma positiva, ainda que tenha dado espaço em suas páginas para a construção de um debate entre opiniões diversas, de homens e mulheres. Esse debate por vezes se fez mais ou menos intenso, acompanhando as transformações pelas quais a sociedade brasileira, representada pelo Distrito Federal, passava. Ainda que muitas vezes a revista não delimitasse com clareza a data nas quais os acontecimentos que noticiava tinham se passado,

se mostrou, ao longo de todos os anos pesquisados, como um periódico em consonância com eventos que se desenrolavam, demonstrando uma preocupação em deixar seus leitores e leitoras a par das novidades. Através da leitura de suas edições, foi possível perceber as transformações pelas quais os direitos femininos passaram, com um impacto especial nos anos após a instauração do governo de Getúlio Vargas, que promoveu uma série de mudanças significativas para os direitos das mulheres, estabelecendo novas legislações trabalhistas e eleitoras, assim como remodelou questões educacionais, ainda que em menor medida.

Ao final desse trabalho entendo como válida a opção de compreender o periódico como um artefato cultural, por acreditar que foi possível, através dessa pesquisa, compreender como a vida cotidiana da sociedade carioca era representada em suas páginas, da mesma forma que, em contrapartida, a revista transmitia valores e modos de ser e estar no mundo, que presumivelmente eram absorvidos por essa sociedade e por seus demais leitores.

A metodologia de análise de conteúdo foi primordial para atingir os objetivos estabelecidos para a dissertação, uma vez que me permitiu organizar e categorizar os conteúdos do *corpus* documental de forma que sua interpretação fosse facilitada. No que se refere à emancipação feminina, acredito que essa pesquisa tenha demonstrado as transformações das lutas das mulheres na busca por seus direitos, acompanhando as alterações que surgiram com o passar dos anos estudados nesse recorte temporal.

Entendo também que as possibilidades de pesquisa sobre emancipação vão além do aqui exposto, existindo possibilidades de aprofundamento em outras questões que percebo como importante, mas que tendo em vista a delimitação das possibilidades pela natureza do trabalho de dissertação e o tempo limitado para conclusão do trabalho, não foi possível aqui abarcar. Considero que esse trabalho tenha colaborado com os estudos a respeito da emancipação feminina, assim como da imprensa no período da primeira república, colaborando também como um alerta para as possibilidades ainda inexploradas, e aqui apenas tangenciadas, sobre a história das mulheres e a história desse periódico rico e pouco explorado que é a *Revista da Semana*.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rafe. **Dicionário Jornalístico**: entenda todos os jargões. Coisas de Jornalista, 2016.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. Estudos de Mídia. In: CITELLI Adilson et all (orgs.). **Dicionário de comunicação**. Escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p. 260-266.
- AMARAL, Rosemeire dos Santos. **Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do norte/Brasil (1930)**. 2019. 185f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, 2019.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ANTUNES, Elton. **Um jornal no meio do caminho**: Os arquitetos da imprensa na Belo Horizonte dos anos 20 e 30. 1995. f. 135 Dissertação (Mestrado em sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1995.
- AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. **Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil**: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. Cadernos Pagu, São Paulo: Campinas, nº 27, p.213-254, out. 2006.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa Brasil: 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, Paulo. **Crônicas Efêmeras**: João Do Rio na Revista da Semana. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo oligárquico**: da Proclamação da República à Revolução de 1930 - Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: Uma introdução - São Paulo: Boitempo, 2014.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa América, 1983.
- BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. **O analfabetismo no Brasil**: lições da história. Revista online de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v.21, n.1, p. 24-46, jan. 2017.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **História digital**: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. Estudos Históricos Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, vol 33, nº 69, p. 196-219, jan. de 2020.

BRITO, Silvia Helena Andrade de. A educação no projeto nacionalista do primeiro governo Vargas (1930-1945). In: LOMBARDI, J. C. (Org.). **Navegando na história da educação brasileira**. São Paulo: EDFE-UNICAMP, Campinas, vol. 1, p. 1-24, 2006.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAJADO, Ane Ferrari Ramos; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. **Eleições no Brasil**: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/704>. Acesso em 17 junho. 2021

**CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em 24/06/2021.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASADEI, Eliza Bacheга. **Os códigos e os padrões de narração e a reportagem**: por uma história da narrativa do jornalismo de revista do século XX. 2013. 467f. Tese (Ciência da Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

CELESTINO, Mônica. **Notas sobre os primórdios da formação para o ofício de informar no Nordeste Republicano**. Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Sétimo Encontro Nacional da História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas. 2009. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Notas%20sobre%20os%20primordios%20da%20formacao.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2021.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. 2007. 291f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

COSTA, Lailton da Costa. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CZRNORSKI, Sediana Rizzo. Chics, elegantes e distintas: **A moda na seção Jornal das Famílias da Revista da Semana (1915-1918)**. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2015.

DICIO, Michaelis Moderno **Dicionário da Língua Portuguesa**. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/la4om/revista-2/>. Acesso em: 14/02/2021

DIEGUEZ, Lucilia Maria Esteves Santiso. **Dona Leonarda Maria da Silva Velho: Uma Dama da Corte Imperial (1754-1828)**. 2004. 147 f. Dissertação (História Social). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.

DIOGO, Marcia Cezar. O Rio em revista. **A reforma Pereira Passos nas crônicas da Revista da Semana, d'O Malho e da Kosmos**. 1999. 176 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1997.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. **O fotojornalismo gaúcho dos anos 1970**: Jacqueline Joner e Eneida Serrano. Revista História: Debates E Tendências, Porto Alegre, vol.19, nº 1, p. 19-48, set. 2019.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **Da colônia à Reforma Francisco Campos (1931)**: análise histórica do ensino secundário no Brasil. História & Ensino, Londrina, v. 2, n. 17, p. 327-338, jul./dez. 2011.

FALCI, Miridran Britto; MELO, Hildete Pereira de. **A sinhazinha emancipada: a paixão e os negócios na vida de uma ousada mulher no século XIX: Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930)** – Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.

FAUSTO, Bóris. (Org.) **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1981. t.III, v.1.

FILHO, João Cardoso Palma. **A educação brasileira no Período de 1930 a 1960**: a era Vargas. In: Caderno formação de Formação de Professores Educação, Cultura e Desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FRACCARO, Gláucia. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917 - 1937)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

GAMA, Zadig Mariano Figueira; MELLO, Celina Maria Moreira. **Luiz Gastão d'Escragnolle Dória: um polígrafo das Letras brasileiras**. SOLETRAS, Rio de Janeiro, nº 34, jul. 2017.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; LEAL, Fabíola Xavier; ABREU, Cassiane Cominoti. **A política antidrogas brasileira: velhos dilemas**. In: Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, vol.20, nº 02, mai. 2008.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARÃES, Célia Maria. **A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola**. In: Revista Linhas, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, dez. 2017.

HAHNER, June Edith. Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres/EDUNISC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX**. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 2, p. 467-474, Out. 2011.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KARAWEJCZYK, Mônica. **Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura** - Uma parceria inusitada. *GÊNERO*, Niterói, v.14, n.2, p. 105-124, fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **O Feminismo em Boa Marcha no Brasil!** Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. *Revista Estudos feministas*, v. 26 n. 2, 2018, p. 1-17.

KULESZA, W. A. **Genealogia da Escola Nova no Brasil**. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 83-92, fev. 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/061.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020

LEITÃO, Augusto Rogério. **A Organização Internacional do Trabalho (OIT)**: quase um século de ação em contextos históricos diversos. *Laboreal*, Volume 12 N°1 | 2016

LEMONS, Aline de Castro. **Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves**. Dissertação (mestrado em História). 2014. 111f. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2014.

LÔBO, Yolanda. **Bertha Lutz**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 148 p.

LOCONTE, Lucas de Oliveira. **Disparos**: ensaios sobre fotografia de guerra. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2005.

\_\_\_\_\_. **Revista da Semana**: trajetória em 1900. Uberlândia: ArtCultura, no prelo. 2021

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do Nascimento. **O debate em torno da emancipação feminina no Recife (1870-1920)**. *Cadernos Pagu* (42), janeiro-junho de 2014, 341-370.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948). 2007. 319 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MANCILHA, Vírginia Maria Netto. **Um estudo sobre a revista feminina e a luta pelo direito ao voto, ao trabalho e à instrução**. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Elas também desejam participar da vida pública**: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. *Gênero*, Niterói, v. 04 n. 02 p. 149-169, 1 sem. 2004.

\_\_\_\_\_. **O voto feminino no Brasil**. Brasília: Edições Câmara / Câmara dos Deputados, 2019.

\_\_\_\_\_. **A regulação do trabalho feminino em um sistema político masculino**, Brasil: 1932-1943. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol. 29, no 59, p. 667-686, setembro-dezembro 2016.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / FAPESP, 2001.

MARTINS, Milena Ribeiro. **A prosa literária dos anos 1920**. Revista Diálogos Mediterrânicos, Curitiba, p. 153-175, nº 11, dez. 2016.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, nº 13, p. 133-174, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo E Política**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MIGUEL, Raquel; RIAL, Carmen. Programa de Mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012;

MORAES, Roque. Educação: epistemologia e ciências da educação, família e educação. **Cadernos do PPG em Educação da PUCRS**, Porto Alegre, n. 37, ano XXII, 1999.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Educação e Política nos Anos 30: a Presença de Francisco Campos**. Revista de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.73, nº 174, p.291-321, jun. 1992.

MOURELLE, Rodrigo Cavaliere; TORRES, Aline Camargo; MONTEIRO, Beatriz Moreira; OLIVEIRA, Carolina; FONTES, Leonardo Augusto Silva; LIMA, Sergio Miranda de. **A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e o governo de Getúlio Vargas na década de 1930: estratégias e paradoxos do movimento feminista no Brasil**. al Gênero, In: Colóquio Internacional de Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.  
[https://www.researchgate.net/publication/280303297\\_Brazilian\\_Federation\\_for\\_Women's\\_Progress\\_-\\_FBPF\\_and\\_Getulio\\_Vargas's\\_government\\_strategies\\_and\\_paradoxes\\_of\\_the\\_feminist\\_movement\\_in\\_the\\_1930's\\_A\\_Federacao\\_Brasileira\\_pelo\\_Progresso\\_Feminino\\_e\\_o\\_gove](https://www.researchgate.net/publication/280303297_Brazilian_Federation_for_Women's_Progress_-_FBPF_and_Getulio_Vargas's_government_strategies_and_paradoxes_of_the_feminist_movement_in_the_1930's_A_Federacao_Brasileira_pelo_Progresso_Feminino_e_o_gove). Acesso em 31/07/2021

NEPOMUCENO, Margarida. **A criação de uma Diplomacia Anticomunista no governo Vargas, em 1937**. Em tempos de história, Nº. 33, Brasília, p. 176-189. Ago – Dez 2018

PURVIS, June. **Emmeline Pankhurst (1858–1928): Suffragette Leader and Single Parent in Edwardian Britain**. Women's History Review Vol. 20, No. 1, February 2011, pp. 87–108.

OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. Introdução. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea**. Topoi, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan./ jun. 2011.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura Luso-brasileira, no século XX (primeira metade)**. Pontes entre a Europa e América Latina (XIX-XXI), v. 1, n. 1, p. 190-203, dez. 2018.

PETRENAS, Rita de Cássia. **Artefatos culturais e a abordagem obre gênero e sexualidade:** a revista Nova Escola. Ensino Em ReVista, Uberlândia, v. 26, n. Especial, p. 1238-1260, dez/2019.

PINHEIRO, Luciana de Araújo. **O magistrado paternal:** o Juiz Mello Mattos e a assistência e proteção à infância (1924-1933). 2014. 231 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz Fundação, Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTO, Fernando Rocha. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925).** 2017. Doutorado em Enfermagem - Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

RAMOS, Alessandra da Silva **A vida (des)fazendo-se:** estética da existência de uma poetisa infame (1898-1939) 2016. f. 177 Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

RIBEIRO, Pedro Krause. **Raul Pederneiras viajante:** as transformações da década de 1920 através do livro Nós pelas costas: notas soltas de um caderno de viagem. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 157 - 184. maio/ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Prof. Dr. Raul Pederneiras:** a invenção do homem “plurivocacional”. Revista Ars Histórica, ISSN 2178-244X, nº 8, Anais da VIII Jornada Discente do PPGHIS/UF RJ - 2013, p. 264-283.

ROSSI, Ednéia Regina. **A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929).** Série-Estudos, Campo Grande, MS, v. 22, n. 45, p. 159-171, jul. 2017.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. **BRASIL. 1930 - 1961:** escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.22, p.131 –149, jun. 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 4. ed., 2011.

SCOTT, Joan Wallach. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história.** Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011

SKIDMORE, Thomas E. Uma história do Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOIHET, Rachel. **A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz.** Revista Brasileira de Educação. 2000, n. 15, pp. 97-117.

\_\_\_\_\_. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.

STURZENEGGER, Karen Freme Duarte. **Emancipação Feminina Na República Velha.** Caderno Humanidades em Perspectivas - I Simpósio de Pesquisa Social e I Encontro de Pesquisadores em Serviço Social - Edição Especial Julho/2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Uma breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

TREVISAN, Anderson Ricardo. Velhas imagens, novos problemas: A redescoberta de Debret no Brasil Modernista (1930-1945). Tese. 2011. USP, São Paulo, 2011.

ANEXOS

Anexo A – Charge *O voto feminino*

Revista da Semana

32

25 de Fevereiro de 1928

O VOTO FEMININO

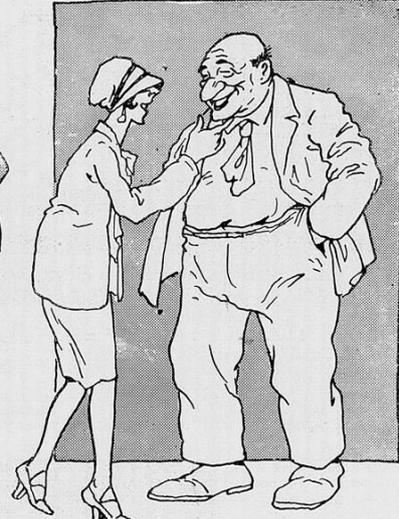
QUASI VENCEDOR NAS BANDAS DO VELHO CONTINENTE.



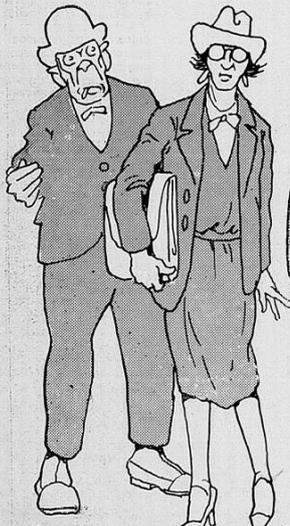
- Só voto em meu noivo.  
- A Sra não tem noivo...  
- Mas fico esperando.



- Votar em marmarço?  
Nunca! Acima de tudo,  
o sexo fragil!



- Dá-me teu voto, meu bem.  
- Ah! Por ti sou capaz de  
votar "de coaixão"!



- Votar em meu marido?  
Jamais! É voto suspeito.



- Não é mais candidato?  
- Não. Agora prefiro ser  
cabo eleitoral.



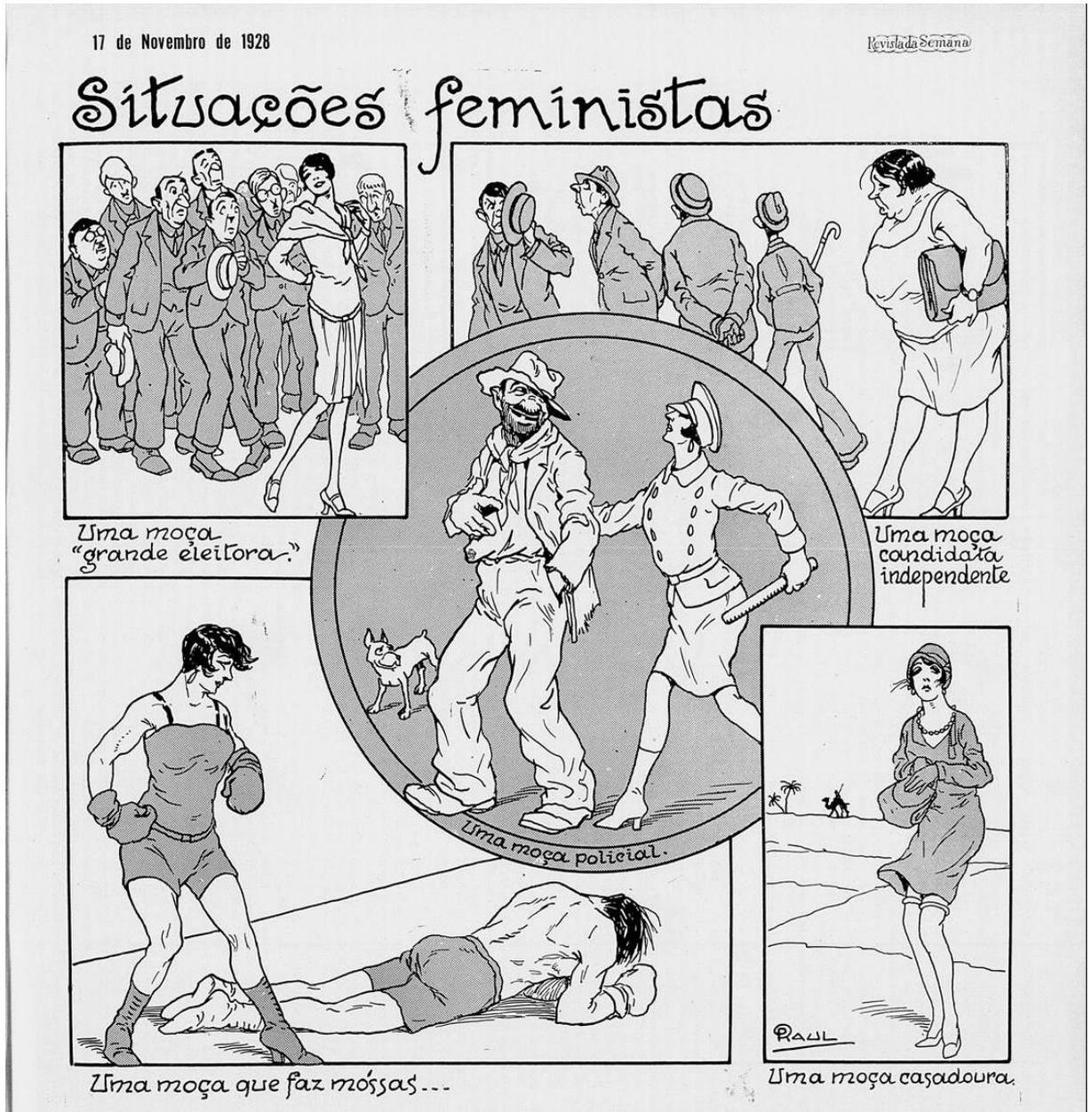
- O mal é o voto em separado...



PAUL

A INFLUENTE. - Perdem seu tempo. Meus votos são para mim só!

Anexo B – Charge Situações feministas



Fonte: REVISTA DA SEMANA, nº 48, ano XXIX, 17 de novembro de 1928, p. 37

## APÊNDICE

Apêndice A – Exemplo de parte da tabela que mapeou as principais colunas

36	A 'revista' infantil	--	28	<a href="#">Paginas de Eva</a>	Mª Eugenia Celso
37	Conselhos <a href="#">sociaes</a>	--	28	<a href="#">Crianças</a>	--
41	Nossa alimentação	--	29	<a href="#">Filigranas</a>	Paulo <a href="#">Nerey</a>
46	Preceitos de hygiene	--	31	O corujão conto	Aurelio Pinheiro
47	<a href="#">Consultorio de mulher</a>	Selda Potocka	34	Jornal das <a href="#">familias</a>	--
47	<a href="#">Consultorio odontologico</a>	Alexandrino Agra	35	A 'revista' infantil	--
<b>02.MAR.1929 número 11</b>					
01	Capa	Sem identificação	37	Conselhos <a href="#">sociaes</a>	--
02	Publicidade	--	39	<a href="#">Variedades</a>	--
03	A questão romana 11 fevereiro	D. Joaquim Mamede	40	Nossa alimentação	--
04	A canção do Solveig conto	Claude Orval	41	Preceitos de hygiene	--
06	Pelo mundo <a href="#">fôra</a>	--	45	<a href="#">Variedades</a>	--
08	Jóias	Beatriz Delgado	46	<a href="#">Consultorio odontologico</a>	Alexandrino Agra
10	<a href="#">Cronica de Paris</a>	Paris Fev A. d'Enery	<b>09.MAR.1929 número 12</b>		
12	<a href="#">Elegancia masculina</a>	Lon Fev Peter Greig	01	Capa	<a href="#">Porciuncuta Moraes</a>
16	O que <a href="#">vae pelo mundo</a>	--	02	Publicidade	--
20	A rainha Maria Christina	Escragnolle Doria	03	Luiz VI e o Amor conto	Thomas Murat
22	A questão romana	Ulysses de Aguiar	04	Claro-escuro conto	Adrien Vély
27	<a href="#">Noticiario elegante</a>	Mª de Lourdes	06	Pelo mundo <a href="#">fôra</a>	--
			08	A morta elegante	Raul

Apêndice B – Exemplo de parte da tabela de análise geral

Cód	Data	An	Autoria	Coluna	Descrição	Formato	Categoria Tr	Posicioname	Abraçgênci	Classificaçã	Cli
40	19.NOV.1927	1927	Maria de Lourdes	***	Carta para "Amigo", Comissão de justiça do Senado aprova parecer favoravel ao projeto para o voto. Advoga sobre o voto feminino, apoiando-se que se temos as mesmas capacidades e obrigações, necessário o mesmo direito. E ademais que as características femininas, a intuição, lhes daria vantagem. Acalma os homens dizendo tais tarefas não lhe retiraram os encantos femininos.	crônica	voto	Favorável	Nacional	igualdade determinismo homenscontra	
41	19.NOV.1927	1927	***	***	o feminismo: Indica o atraso do Brasil em relação ao ingresso da mulher na na administração e diplomacia, talvez por egoismo, ao comentar o direito ao voto no Rio Grande do Norte. E caso o o Brasil tomar essa iniciativa, será graças ao Rio Grande do Norte.	artigo	Voto	Favorável	Nacional	egoismo pionerismo homenscontra	
50	10.DEZ.1927	1927	João Luso	***	Um feminista sincero: Narrativa sobre direito feminino ao voto. Homem quer que as mulheres assumam cargos, para dividir os deveres, e diz que as mesmas não desejam isso de coração, pois deveriam ter que assumir responsabilidades. Mulheres votariam nas mais bonitas para serem bem representadas, assim como os homens votariam nas mais bonitas.	crônica	voto	Contra	Nacional	determinismo inocencia homenspro inabilidade	
70	31/12/1927	1927	***	Noticia e Commentarios	- A obra grandiosa e ignorada : Fala sobre como em tempos em que as mulheres buscam seus direitos politicos, ( o que aparentemente é visto como algo negativo) haja um movimento para as mulheres edificarem os lares, através de suas visitas aos necessitados (possivelmente para uma	nota	Voto	Neutro	Nacional	determinismo caridade	

Apêndice C – Tabela comparativa de valores da *Revista de Semana* 1930-1934.

		Brasil e três Américas		Estrangeiro	
Data	Período	Normal	Registrada	Normal	Registrada
02.05.1931	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	33\$000	41\$000	38\$000	53\$000
30.05.1931	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	40\$000	38\$000	53\$000
13.06.1931	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	41\$000	38\$000	53\$000
17.09.1932	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	40\$000	38\$000	53\$000
24.09.1932	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	41\$000	38\$000	53\$000
22.10.1932	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	40\$000	38\$000	53\$000
29.10.1932	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	41\$000	38\$000	53\$000
05.11.1932	Ano	63\$000	80\$000	75\$000	105\$000
	6 meses	32\$000	40\$000	38\$000	53\$000